



CARTAS DE

JOÃO DO RIO

A JOÃO DE BARROS E
CARLOS MALHEIRO DIAS

Organização: CRISTIANE D'AVILA

Prefácio: ZUENIR VENTURA

BRASIL
PORTUGAL
AGORA



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

CARTAS DE
JOÃO DO RIO

DÃO DO RIO
20, REZENDE
TELEPHONE 4389

31, março

Presidenta da República
Dilma Rousseff

Ministra da Cultura
Marta Suplicy

Secretária Executiva do Ministério da Cultura
Jeanine Pires

Meu João,

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES – FUNARTE

Presidente
Antonio Grassi

Diretora Executiva
Myriam Lewin

Diretora do Centro de Programas Integrados
Ana Claudia Souza

Gerente de Edições
Oswaldo Carvalho

dia. Um certo bilhete
para fazer-te adeus. Quão não
a carta - negocio e não quero falar
q. continue de pé, a espera da tua
H respeito da Vargas escreve-me
-a chave. necessarias modificações de
o Normal. E cita por exemplo:

CARTAS DE
JOÃO DO RIO

A JOÃO DE BARROS E
CARLOS MALHEIRO DIAS



Organização, introdução e notas

CRISTIANE D'AVILA

Prefácio ZUENIR VENTURA

BRASIL
PORTUGAL
AGORA



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Copyright©2013 by Cristiane d'Avila
Todos os direitos reservados
Fundação Nacional de Artes – Funarte
Rua da Imprensa, 16 – Centro – Cep.: 20030-120
Rio de Janeiro – RJ – Tel.: (21) 2279-8071
livraria@funarte.gov.br – funarte.gov.br

Edição

Oswaldo Carvalho

Produção editorial

Jaqueline Lavor Ronca

Produção gráfica

João Carlos Guimarães

Produção executiva

Suelen Teixeira

Capa e projeto gráfico

Miriam Lerner

Transcrição e revisão técnica

Celimar de Oliveira

Pesquisa iconográfica

Monica de Souza

Revisão

Maria José de Sant'Anna

Créditos de Imagens

Imagens de capa

João do Rio, Acervo Iconographia
Av. Central, Augusto Malta / Museu da
Imagem e do Som

Cartas originais

Acervo da Biblioteca Nacional de Portugal

Imagens da revista Atlântida

Hemeroteca Digital

Periódicos O Paiz, A Patria e Gil-Blas

Fundação Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
FUNARTE / Coordenação de Documentação e Informação

Rio, João do.

Cartas de João do Rio : a João de Barros e Carlos Malheiro Dias.

Introdução, organização e notas: Cristiane d'Avila ; prefácio: Zuenir Ventura. –
Rio de Janeiro : FUNARTE, 2012.

400 p. : il. color. ; 26 cm.

Originalmente apresentada como tese da organizadora (doutorado)—
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

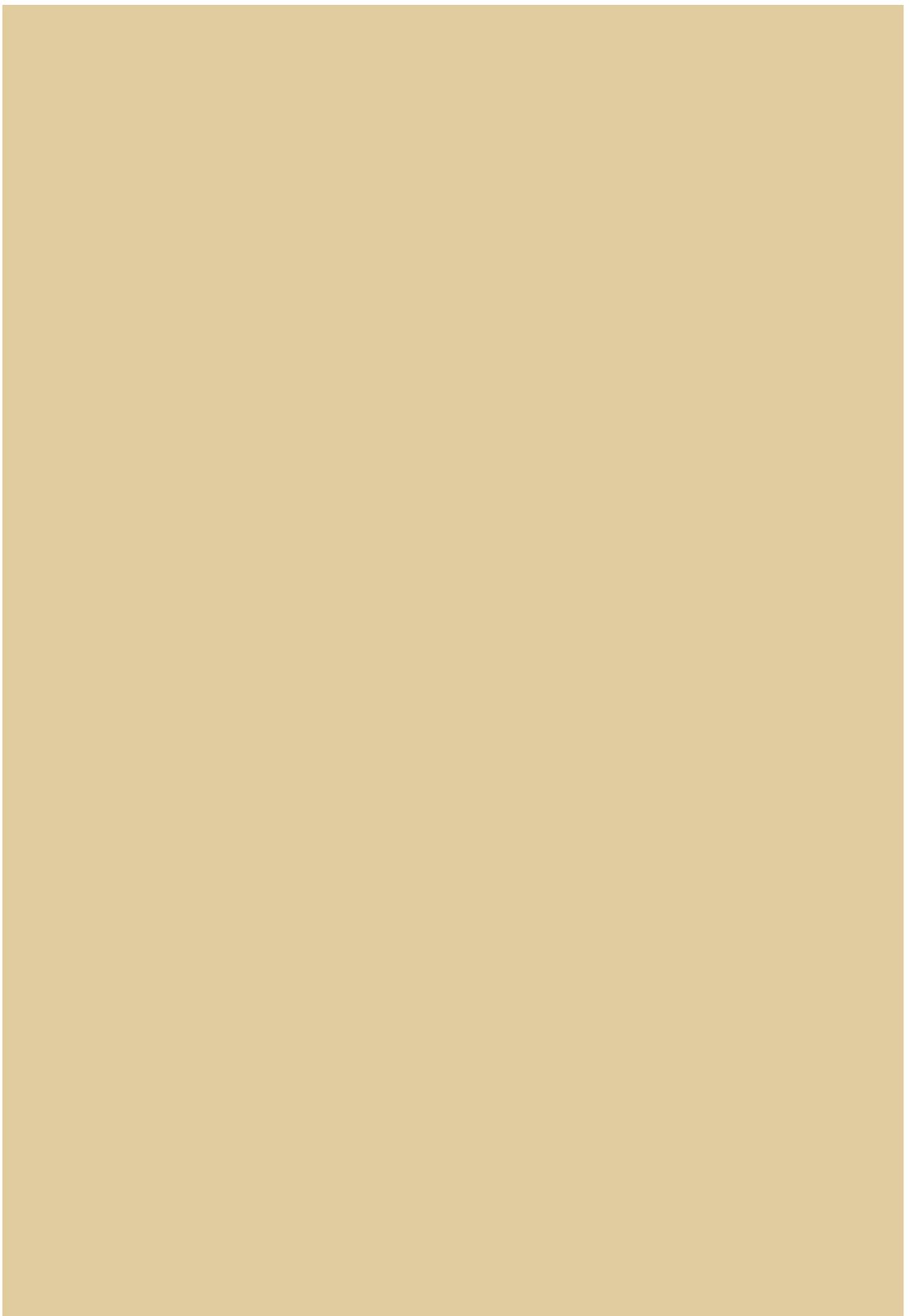
Bibliografia: p. 394-397.

ISBN 978-85-7507-152-6

1. Escritores. 2. Correspondência. 3. Barros, João de, 1881-1960. 4. Dias,
Carlos Malheiro, 1875-1941. I. d'Avila, Cristiane. II. Ventura, Zuenir. III. Título.

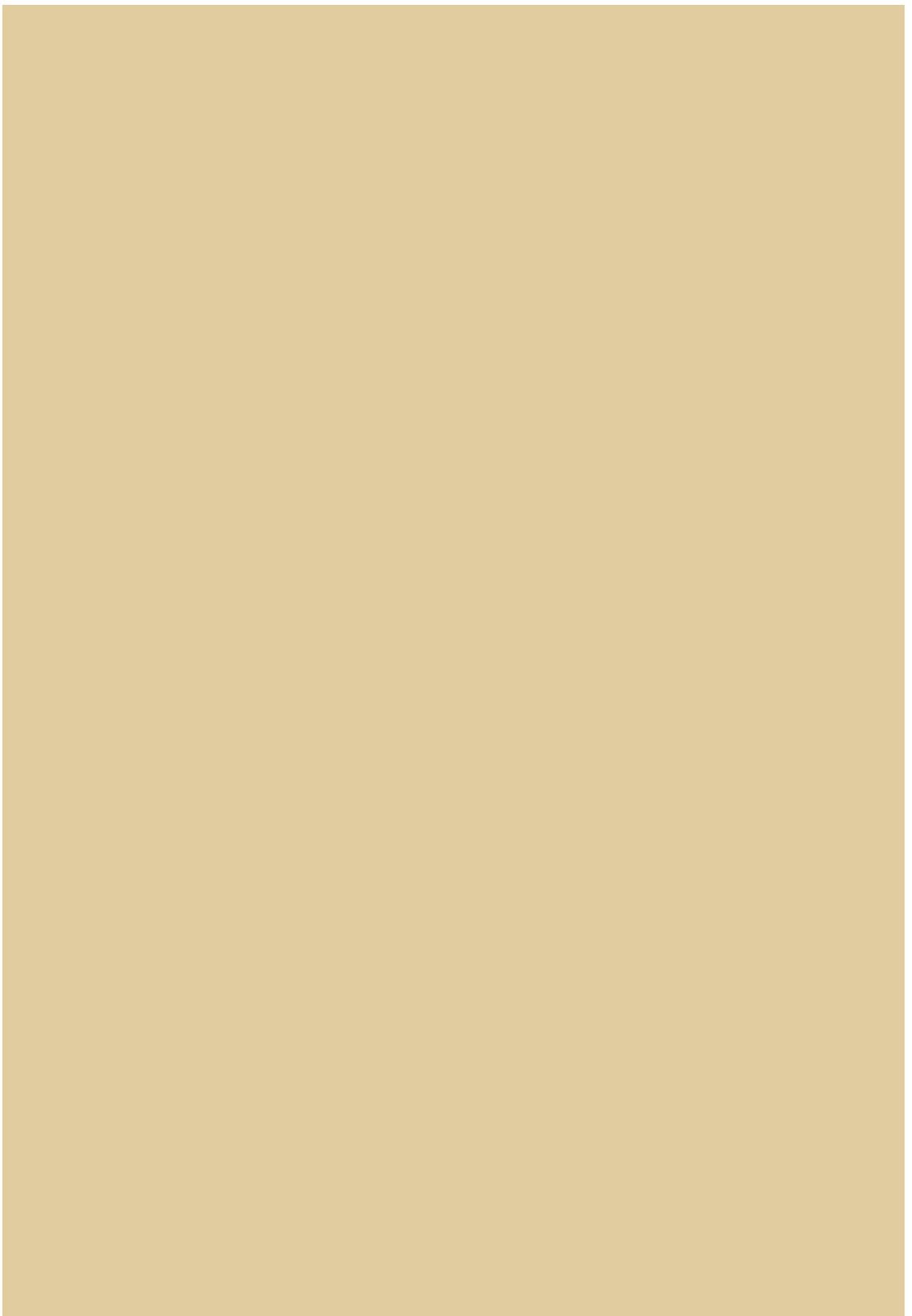
AGRADECIMENTOS DA ORGANIZADORA

Agradeço imensamente à professora e diretora da Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses da PUC-Rio, Izabel Margato, pelo constante incentivo e apoio financeiro na digitalização das cartas, cujos originais foram pesquisados pela primeira vez em setembro de 2008. Não posso deixar de citar o exemplar trabalho da equipe do Setor de Reproduções da Biblioteca Nacional de Portugal, que digitalizou todo o epistolário de João do Rio a João de Barros e Carlos Malheiro Dias. À Capes, pela bolsa-sanduíche de doutorado, que proporcionou a pesquisa na Biblioteca Nacional de Portugal. À Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que disponibilizou as imagens digitalizadas dos jornais publicadas neste livro. Agradeço também a Celimar de Oliveira, pela exaustiva e criteriosa transcrição deste epistolário, também custeada pela Cátedra António Vieira de Estudos Portugueses. Ao querido professor Renato Cordeiro Gomes, meu orientador no mestrado e também no doutorado, que sugeriu a pesquisa sobre a relação de João do Rio com homens de letras portuguesas. Por fim, agradeço à Funarte, que acreditou neste projeto, trazendo a público um aspecto da vida de um homem brilhante, sensível e generoso, que amou Portugal tanto quanto amou o Rio de Janeiro e todos os brasileiros.



“Eu sou o primeiro (tanta gente é agora!) cavalheiro que
tratou com sinceridade dessa coisa de união dos dois países.”

João do Rio em carta a João de Barros, 1916



À memória de João do Rio,
cuja genialidade e paixão me conduziram
até aqui. À minha família e aos amigos,
imprescindíveis sempre.

Praça XV de Novembro,
Rio de Janeiro, 1906

AUGUSTO MALTA / MUSEU DA
IMAGEM E DO SOM



SUMÁRIO

Prefácio **13**

João do Rio e de Portugal | Zuenir Ventura

Nota da Organizadora **19**

Sobre a transcrição das cartas **25**

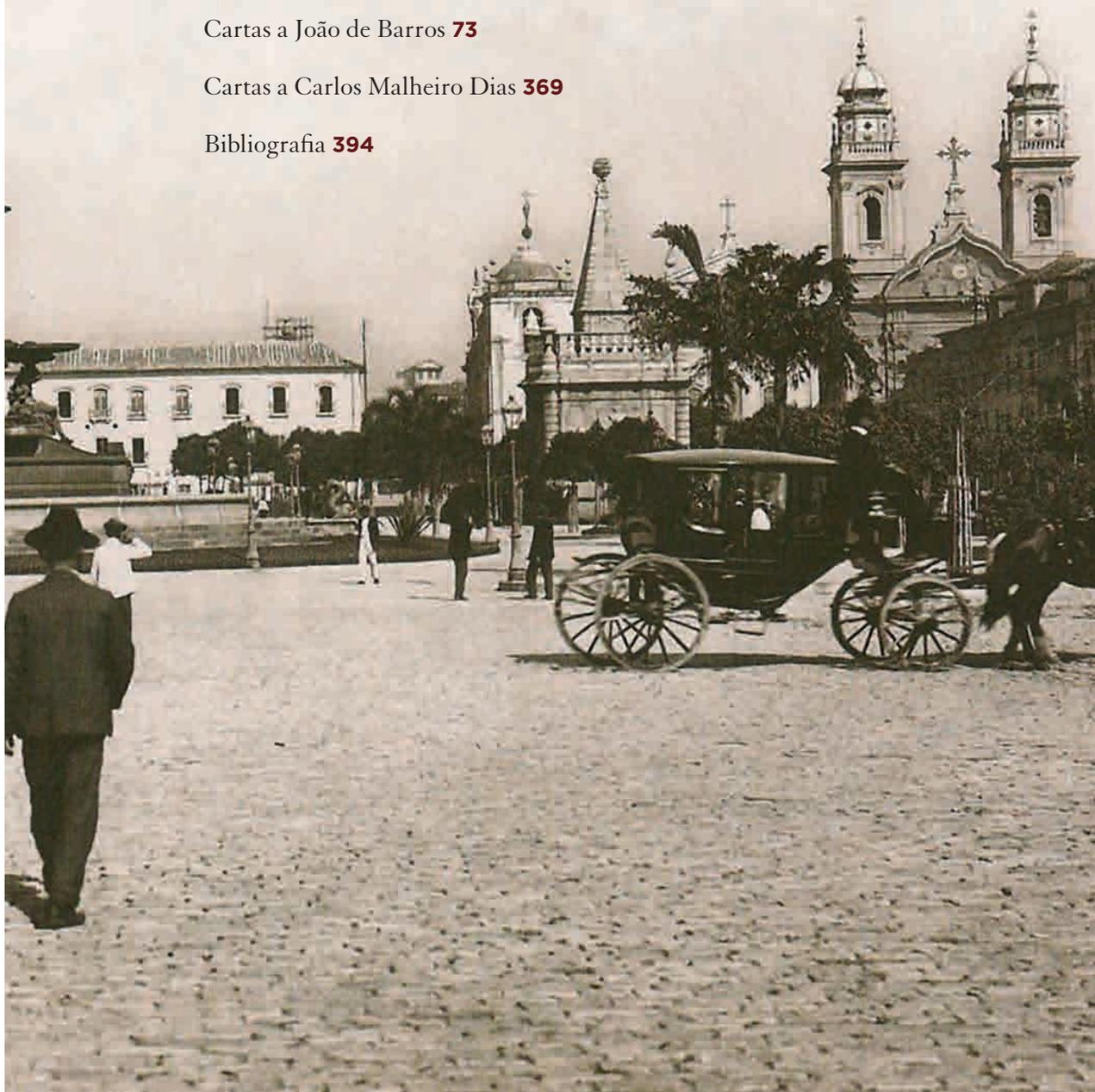
Minibiografias **28**

O sonho da Atlântida **31**

Cartas a João de Barros **73**

Cartas a Carlos Malheiro Dias **369**

Bibliografia **394**





Há neste livro, disputando a atenção do leitor e se complementando, duas constantes: a obsessão do cronista João do Rio e a persistência da pesquisadora Cristiane d’Avila. Ele, procurando a todo custo implantar o seu projeto de uma aliança luso-brasileira; ela, investigando durante mais de quatro anos, aqui e em Portugal, um aspecto inédito da bibliografia do cronista: as cartas que ele enviou a dois colegas portugueses dos quais se tornou amigo, os jornalistas e escritores João de Barros e Carlos Malheiro Dias. Eles foram seus parceiros na luta pela aproximação dos dois países num momento de forte anti-lusitanismo, ou seja, de afirmação da nossa identidade nacional pela negação da herança cultural portuguesa.

“De antemão”, diz ela, “eu sabia que o contato de João do Rio, no início do século XX, com estes e outros jornalistas e homens de letras portugueses havia culminado – não só, mas principalmente – em três publicações, advindas desse estreitamento político, pessoal: o livro *Portugal d’agora*, a revista *Atlântida* e o jornal *A Pátria*”.

Diferente de *A correspondência de uma estação de cura*, romance epistolar que se passa em Poços de Caldas, em 1917, com situações e personagens fictícios num universo de preocupações apenas mundanas – os namoros, as jogatinas, as traições adúlteras – as cartas agora descobertas têm valor documental e histórico. Por meio delas, é possível reconstituir muito da atmosfera e dos hábitos da

nossa *Belle Époque*. Na “Nota da Organizadora”, Cristiane detalha como foi a exaustiva investigação aqui e lá dos espólios desses três escritores. Só a do brasileiro continha 3.176 documentos, arquivados em 17 caixas.

Para se ter ideia do zelo e do trabalho de pesquisa e organização, basta dizer que quando necessário, e é quase sempre, notas de pé de página trazem esclarecimentos sobre episódios e personagens pouco conhecidos ou esquecidos que aparecem no corpo do texto. Se surge numa carta ou bilhete uma referência meio vaga como “após o desastre de minha vida, mudamos de casa”, o leitor encontra a seguir a explicação: “Após a morte do pai, Afonso Coelho Barreto, em 20 de março de 1909, ele e a mãe se mudam da Rua Senador Dantas para duas casas próximas. Ela para a Rua do Resende n. 20, ele para a Avenida Mem de Sá, 91, esquina com Gomes Freire. João do Rio fica sabendo da morte do pai ainda no regresso de Lisboa, de onde parte de volta ao Brasil, por telegrama, na parada do navio em Recife”.

Nada fica sem elucidação, nem mesmo pequenas novidades como a de que “o Rio havia adotado a moda, trazida da Europa por Medeiros e Albuquerque, das conferências literárias para público pagante”. Como decifrar num rápido bilhete a enigmática frase: “O sítio estragou tudo e mais alguma coisa”? É fácil: “Estado de sítio instaurado pelo governo, em dezembro de 1910, em razão da Revolta da Chibata (...)”. E por aí vai. Cristiane quase se desculpa quando não consegue revelar a identidade de um casal “amigado” de uma foca contada pelo cronista. “Carlitos e Maria Fonseca, nomes não descobertos até o final desta pesquisa” (aliás, esse bilhete termina com um pungente desabafo do autor: “Eu sofro de não amar ninguém e de ser um pobre infeliz d’alma”).

Emerge dessa correspondência um João do Rio inédito sob vários aspectos, mas também o mesmo observador

atento aos costumes e à alma encantadora das ruas. Divertida a carta de 3 de novembro de 1912, em que relata, sem modéstia ou pudor, o “indescritível” sucesso de sua peça “A bela madame Vargas”. No ensaio geral, ele ficou “tão doido que à 1 da noite esbordeei na Avenida três homens e levei-os à delegacia. A fúria redobra a força. Espanquei-os com a mão esquerda e os pés – porque tinha a mão direita ferida por um desastre de automóvel que quase leva desta para melhor eu e a senhora minha mãe”.

Sabia-se que João do Rio fora o primeiro em muitas coisas, inclusive em usar o fardão ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras, aos 29 anos de idade. A ele se deve também a introdução do hábito das entrevistas, além das crônicas de rua. Ao contrário de Machado de Assis e Olavo Bilac, que não saíam de casa para escrever, ele ia buscar o assunto fora das quatro paredes do gabinete. “Frequentando os salões”, conta o crítico Brito Broca, “farejava também as baiucas e as tavernas, os antros do crime e do vício. Subia o morro de Santo Antônio pela madrugada com um bando de seresteiros e ia aos presídios entrevistar os sentenciados”.

Outro exemplo de seu gosto pela novidade foi a descoberta de Ipanema, feita por ele e por sua amiga, a bailarina americana Isadora Duncan, a “musa do século”, quando aqui esteve em 1916. Numa roda, Isadora exaltava a beleza de uma praia desconhecida, e alguém perguntou: “O Leme?” “Não”. “Copacabana?” também não. Era outra. Resolveu então comandar uma expedição noturna até lá, guiada pelo motorista que a servia.

“Já era mais de meia-noite na noite de inverno e luar”, conta o próprio cronista. “Como é belo! Como é belo! Dizia Isadora em êxtase. Que pena não podermos cear.” Como Ipanema não tinha luz elétrica, João do Rio voltou ao bair-

ro um ano depois, “não na bruma de um luar de inverno, mas ao sol, com detalhes de belezas maravilhosas”. Ficou tão impressionado que escreveu em *O Paiz* a crônica “A praia maravilhosa”, quando a cidade ainda não tinha recebido o mesmo epíteto.

O artigo não economizou elogios ao bairro e à Companhia Construtora responsável pelo loteamento da área. Foram tantos que as más línguas espalharam que o autor recebera dois terrenos em troca do merchandising. Também disseram que o propalado “flerte” com a amiga bailarina, que ele conhecera em Lisboa, não passava de uma jogada para disfarçar seu homossexualismo. Com sua figura “volumosa, beicuda, muito morena, lisa de pelo”, como o descreveu Gilberto Amado, João do Rio não convencia seus rivais de que poderia conquistar uma das mais deslumbrantes mulheres de sua época, que em sua autobiografia escreveu: “Quando passeávamos juntos, éramos seguidos pela rapaziada que gritava: ‘Viva Isadora! Viva João do Rio’”.

Os desafetos não queriam acreditar que ele fosse capaz da proeza, da mesma maneira que costumavam duvidar de seus feitos jornalísticos, como a série de reportagens publicadas na *Gazeta de Notícias*, em 1900, e que depois foram reunidas no livro intitulado *Religiões do Rio*. Diante da enorme repercussão, não faltou quem atribuísse à “fantasia” do autor o que era comprovada verdade.

Pioneiro em tantos aspectos, fica-se sabendo agora o quanto ele o foi também nesse tema da colonização portuguesa, sobre o qual ainda persistem resíduos preconceituosos de um antilusitanismo retrógado que se manifestam em raciocínios hipotéticos do tipo “Se o Brasil tivesse sido colonizado pelos ingleses (ou pelos holandeses ou franceses) seria muito melhor”. Os que usam esses argu-

mentos se esquecem de olhar para o lado, para os vizinhos das Guianas, que não chegam a ser um modelo de progresso e desenvolvimento.

Por suas atitudes provocativas, sua vaidosa excentricidade e suas audácias comportamentais, João do Rio sempre atraiu a inveja e a homofobia. Mas muito da hostilidade que despertava no meio literário e político tinha a ver também com essas suas ligações com a colônia lusitana no Brasil, numa época de xenofobia e intensa propaganda nacionalista através de ligas e associações de defesa dos valores cívico-patrióticos e da moral religiosa. Alguns de seus detratores, como o panfletário Antônio Torres, militavam nessas organizações.

João do Rio foi original na vida e na morte – morreu como viveu, na rua, num táxi, a caminho de sua casa em Ipanema. Como diz Cristiane d’Avila, a homenagem popular em seu enterro, ao qual compareceram 100 mil pessoas, “celebrou a alma do escritor que soube tocar o coração dos leitores”.

ZUENIR VENTURA



Rua do Riachuelo

NOTA DA ORGANIZADORA

Rua do Riachuelo,
passagem de um
bonde sobre os arcos
de Santa Teresa.
Rio de Janeiro, 1915

AUGUSTO MALTA / MUSEU DA
IMAGEM E DO SOM

Este livro resultou da pesquisa do doutorado realizado no Departamento de Letras da PUC-Rio, entre 2006 e 2010, quando decidi, por sugestão de meu orientador, Renato Cordeiro Gomes, investigar dois aspectos relevantes e até então pouco estudados da trajetória pessoal e profissional de João do Rio. O primeiro aspecto seria a relação dele com a colônia portuguesa no Rio de Janeiro e em Lisboa, em especial com jornalistas, homens de letras e editores lusitanos; o segundo, sua luta pela aproximação entre o Brasil e Portugal em momento de afirmação da identidade nacional pela negação da herança cultural portuguesa. Esta proposta mostrou-se rica e vigorosa, principalmente por abordar um tema inédito nos estudos sobre João do Rio.

Diante das inúmeras possibilidades de investigação, detive-me à discussão que João do Rio introduziu na cena intelectual brasileira e portuguesa em prol da aproximação luso-brasileira e cheguei a dois jornalistas e literatos portugueses que lutaram com vigor pela aproximação entre o Brasil e Portugal: João de Barros e Carlos Malheiro Dias.¹ De antemão, sabia que esse estreitamento político, pessoal e intelectual havia culminado – não só, mas principalmente – em três publicações: o livro *Portugal d'agora*,² a revista *Atlântida*³ e o jornal *A Pátria*.⁴

O primeiro contato com as cartas de João do Rio a João de Barros aconteceu no segundo semestre de 2007, no local

1. Estes dois jornalistas e homens de letras foram citados por João do Rio no livro *Portugal d'agora* (1911), como também outros jornalistas e literatos com quem travou contato em suas duas primeiras viagens a Portugal. A pesquisa revelou o intenso envolvimento de ambos nessa aproximação, com discursos, conferências e a publicação de livros sobre o tema. Os dois jornalistas foram amigos pessoais de João do Rio, principalmente João de Barros, sócio de João do Rio na revista *Atlântida*. Malheiro Dias foi colaborador da revista.

2. Publicado em 1911 pela editora Garnier, reúne diversas reportagens feitas durante a primeira viagem de João do Rio a Portugal, em 1908. O livro seria publicado em 1910, mas naquele ano foi proclamada a República portuguesa. É quando o jornalista vai pela segunda vez a Portugal e presencia um quadro totalmente

diferente no país, daí a decisão de lançar *Portugal d'agora* em 1911, com novas observações, principalmente sobre Lisboa. O livro, raro e esgotado, foi encontrado no Real Gabinete Português de Leitura e na Fundação Casa de Rui Barbosa.

3. Editada em Portugal, entre 1915 e 1920, tinha como diretores João do Rio, no Brasil, e o poeta português João de Barros, em Portugal.

4. Em 15 de setembro de 1920 Paulo Barreto funda o jornal *A Pátria*, do qual era sócio majoritário e assina, como João do Rio, a coluna diária "Billhete".

que guarda o maior acervo de obras de autores portugueses fora de Portugal, e que também abriga a biblioteca pessoal de João do Rio, doada por sua mãe, Florência Barreto, logo após a morte do filho: o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Lá, investigando a bibliografia de João de Barros, consultei o livro *Cartas a João de Barros*, de Manuela de Azevedo. Para minha grata surpresa, o livro traz três cartas de João do Rio ao poeta, enviadas entre os anos de 1909 e 1919. Até então, estes documentos não haviam sido citados nas duas biografias do autor, a precursora, de Raimundo de Magalhães Junior, de 1978, e a de João Carlos Rodrigues, lançada primeiramente em 1996, sendo reescrita e relançada em 2010. Já as cartas a Carlos Malheiro Dias seriam "encontradas" somente em 2008, pois não havia qualquer referência a elas na bibliografia pesquisada no Real Gabinete, ou mesmo nas biografias de João do Rio.

Passsei então a investigar a bibliografia de João de Barros e Carlos Malheiro Dias em que eram abordados temas referentes à aproximação luso-brasileira. Do poeta e pedagogo João de Barros analisei os livros que o próprio autor define como integrantes da "campanha atlântica", por ele criada: *A energia brasileira* (1913); *Adeus ao Brasil*, s/data; *Oração à Pátria* (1917); *Caminho da Atlântida* (1919); *A aproximação luso-brasileira e a paz* (1919); *Sentido do Atlântico* (1921); *Heróis portugueses no Brasil* (1922); *Portugal, terra do Atlântico* (1923); *Palavras ao Brasil* (1936); *Alma do Brasil* (1937); *Vida vitoriosa* (1937); *Presença do Brasil* (1946); *Hoje, ontem, amanhã* (1950). De Carlos Malheiro Dias avalei *Portugal-Brasil: discursos pronunciados no banquete em homenagem ao ilustre escritor brasileiro Sr. Paulo Barreto* (1919) e os livros: *Relações luso-brasileiras: quimeras e realidades* (1924) e *Rumo à terra* (1917), além da *Carta aos estudantes portugueses* (1923).



Theatro Municipal,
Rio de Janeiro, 1910

MARC FERREZ / INSTITUTO
MOREIRA SALLES

5. BARROS, João de
(1881-1960). BNP Esp. N11,
ACPC, 1985.

6. DIAS, Carlos Malheiro
(1875-1941). BNP Esp. D4,
ACPC, 1988.

O desdobramento da pesquisa revelou a necessidade de que fosse complementada em Portugal, principalmente no que concerne à investigação sobre os dois autores portugueses, em função de seus acervos pessoais estarem depositados em bibliotecas daquele país. Em Lisboa, de setembro a dezembro de 2008, com auxílio de uma bolsa-sanduiche da Capes e apoio da instituição na qual trabalho como jornalista, a Fundação Oswaldo Cruz, pude consultar na Biblioteca Nacional de Portugal, principalmente, o *Espólio de João de Barros*,⁵ no qual, para minha surpresa, encontrei 63 cartas de João do Rio, e o *Espólio de Carlos Malheiro Dias*,⁶ que guarda alguns manuscritos de obras de ficção, artigos, conferências, cadernos de notas, documentos biográficos e familiares, recortes de imprensa e iconografia, além de um extenso epistolário recebido, em que constam oito cartas de João do Rio. Não investiguei a extensa bibliografia destes dois escritores, tampouco suas biografias. Ative-me às obras deles que fazem referência ao tema Portugal-Brasil.

O *Espólio de João de Barros* (17 caixas, onde estão arquivados 3.176 documentos) é formado por textos do autor (poesia e prosa), um conjunto de cartas recebidas pelo poeta (parte delas, classificadas pelas organizadoras do espólio como “cartas políticas”, foi entregue à Casa-Museu João de Deus, também em Lisboa), documentos biográficos e manuscritos de terceiros. Outra parte do acervo (manuscritos do autor, de terceiros, correspondência e documentos biográficos) encontra-se no Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz.

O *Espólio de João de Barros* e o *Espólio de Carlos Malheiro Dias* contêm ao todo 71 missivas de João do Rio. Ao tê-las em mãos, ver a grafia do autor, suas ideias e sentimentos mais íntimos, me emocionei. Infelizmente, não encontrei – no Rio ou Lisboa – qualquer carta de João de Barros e Carlos Malheiro Dias a João do Rio. Prova de que existiram foi uma carta do poeta e jornalista catarinense de *A Pátria*, Diniz Júnior, enviada a João de Barros em 1925, também incluída no espólio. Nela, Diniz Júnior afirma que enviara a João de Barros algumas cartas remetidas pelo poeta a João do Rio, para que as guardasse em segurança. Acredito que, por uma decisão pessoal, João de Barros as tenha guardado, ou mesmo destruído. É importante destacar também que as três cartas publicadas por Manuela de Azevedo em seu livro não pertencem ao *Espólio de João de Barros*, por isso não estão publicadas neste livro.

A digitalização das cartas, cujos originais foram pesquisados pela primeira vez em setembro de 2008, foi realizada pelo Setor de Reproduções da Biblioteca Nacional de Portugal, a meu pedido, em abril de 2010. Pude retirá-los somente em outubro de 2010, quando retornei a Lisboa. Entre os meses de abril e junho de 2011, dei prosseguimento ao trabalho passando à transcrição das 71 cartas digitalizadas. Finalmente, entre 2011 e 2012, dediquei-me à redação das notas explicativas.

Esta última etapa de um trabalho iniciado em 2007 demandou não só uma pesquisa aprofundada sobre a vida do autor pesquisado – apoiada basicamente em duas biografias e na leitura dos textos que João do Rio publicou em livros e jornais – bem como sobre o momento político-econômico-cultural por que passava o Brasil e, principalmente, sua capital. Em um contexto em que a circulação de homens de letras brasileiros em Portugal e de portugueses no Brasil era comum (a eleição de sócios-correspondentes portugueses na Academia Brasileira de Letras e de brasileiros na Academia de Ciências de Lisboa comprova a assertiva), a identificação de todos os nomes e episódios citados nas cartas revelou-se um intrincado quebra-cabeça, o que deixa um terreno fértil para futuros estudos. A leitura deste epistolário também deixou ver que as cartas de João do Rio a João de Barros são permeadas de trechos que comprovam a intimidade entre ambos, ou seja, são cartas de um amigo a outro. Já as cartas de Malheiro Dias mostram a natural troca de gentilezas entre homens de letras que compartilhavam interesses comuns.

Longe de ser uma obra finalizada, este livro traz a público aspectos inéditos da vida do cronista e jornalista João do Rio, e mesmo da história do Brasil e das relações luso-brasileiras. Há, evidentemente, lacunas temporais,⁷ palavras ilegíveis, personagens não identificados, trechos incongruentes, comentários de difícil interpretação e compreensão, mesmo porque desconhecemos o que comentaram, perguntaram ou responderam os destinatários. Portanto, estas cartas, mais do que revelar uma emocionante história de amor, amizade, perdas, lutas e glórias de um homem notável, comprovam o brilhantismo do cronista, somando ainda mais elementos a uma já extensa e inquietante – porém ainda pouco explorada e minimamente publicada – bibliografia.

7. As datas da maioria das cartas são fruto de meu processo de pesquisa, uma vez que poucas João do Rio datou. As datas sugeridas estão no canto superior direito, em itálico.

Meu caro João.

ma carta sobre as creanças para
o meu meio é admirável. Merci pelos
motos de azas e de vigor q. me pr
conven.

As suas cartas para a Guilherme e
João. Devo dizer q. não é trabalho
para matar. Nada de excessos. O
estará seguro.

Se o governo não mudar, é possível
 q. dentro em pouco a horrachá tá
ali. Conheço ea' umas coisas, q.
Palharas.

SOBRE A TRANSCRIÇÃO DAS CARTAS

A transcrição das cartas de João do Rio a João de Barros e a Carlos Malheiro Dias foi feita a partir dos arquivos digitalizados do espólio dos autores depositados na Biblioteca Nacional de Portugal. Foram transcritas 63 cartas a João de Barros e oito dirigidas a Carlos Malheiro Dias.

Em uma de suas cartas a João de Barros, João do Rio fala de um “jantar de intimidade íntima”. Essa é uma das facetas reveladas pelos escritos que aqui são apresentados. Aqui é João do Rio “por ele mesmo”, nas suas angústias, lutas, nos seus sentimentos mais íntimos. São cartas para amigos. Aqui ele fala de si e é também o homem que se mistura à figura pública e atuante, é o ser humano João do Rio que se confunde com a cidade onde vive e com o mundo a que pertence.

Estas cartas de João do Rio são todas manuscritas, embora ele tenha sido um dos primeiros escritores a utilizar a máquina de escrever em seu ofício.

A escrita de João do Rio tinha características muito próprias: estilo telegráfico, abreviações, grifos, cartas que terminam e recomeçam, entre outras coisas. Mas, sobretudo, lê-se nesta caligrafia a sensibilidade do autor e ainda a paixão pelo fazer literário e jornalístico que sempre foram sua marca.

O desenho das letras, os papéis de carta utilizados, as anotações marginais, havia nesse transcrever um sen-

tido de descoberta. Foi preciso ler e reler, entender o sentido do dito e do não dito para captar o que ele escrevia com visível frenesi.

Apesar da caligrafia em grande parte clara, não foi possível identificar todas as palavras. Entre as dificuldades encontradas, está a semelhança entre as letras h/b/k; m/n/u; e t/d. Especialmente no caso de nomes próprios de pessoas, amigos e colegas de trabalho citados por João do Rio, algumas vezes foi impossível decifrá-los com precisão. Essas lacunas foram marcadas com reticências entre colchetes.

Como se pode observar pelas reproduções de algumas páginas dos originais, as cartas foram escritas em tipos variados de papel: papéis timbrados de hotéis, outros do jornal *A Pátria* e da revista *Atlântida*, bem como papéis pessoais com o timbre “João do Rio”. Outras, ainda, foram escritas nos chamados linguados – folhas estreitas, quase tiras, utilizadas na época nas redações dos jornais para escrever à mão os textos a serem impressos.

Os termos sublinhados nos originais pelo autor foram destacados em itálico, assim como palavras estrangeiras e nomes de obras artísticas, revistas e jornais. No caso das expressões e palavras estrangeiras, foi fornecido em nota o termo equivalente em português, exceto quando consideradas de conhecimento geral.

A grafia das palavras foi atualizada de acordo com a ortografia vigente, exceto os nomes de publicações, cuja grafia original permaneceu inalterada.

As palavras abreviadas, como, por exemplo, “que” (q.) e “você” (v.), foram escritas por extenso. Já a pontuação original foi mantida, exceto quando havia prejuízo à compreensão do texto. A maioria das cartas não traz data.

João do Rio costumava fazer comentários soltos após despedir-se e assinar as cartas. Assim, algumas delas contêm anotações atravessando a página, nos cantos das páginas ou na dobra da folha de papel. Todos esses comentários devidamente transcritos revelam uma escrita que perseguia a rapidez e astúcia de seu pensamento.

A experiência de transcrevê-las foi a de ser atingida pelo brilho de seu estilo e de sua existência avassaladora e bela.

CELIMAR DE OLIVEIRA

MINIBIOGRAFIAS

JOÃO DO RIO

João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (5 ago. 1881 – 23 jun. 1921) foi cronista, contista, repórter. Em 1903, no jornal *Gazeta de Notícias*, surge então o pseudônimo João do Rio, com o qual se consagraria literariamente. Nos diversos jornais em que trabalhou, como colaborador, redator, diretor, fundador, granjeou enorme sucesso, sagrando-se como o maior jornalista de seu tempo. Deixou obra vasta, mas efêmera, que de modo algum corresponde à imensa popularidade que desfrutou em vida. Aliando talento singular de jornalista à refinada personalidade literária, as qualidades do homem de letras estavam sempre presentes no periodista, daí o êxito de sua atuação expressa na imensa popularidade que conquistou, a ponto de seu enterro se ter realizado com um cortejo de cerca de cem mil pessoas.

(COUTINHO, Afrânio, SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*.)

JOÃO DE BARROS

Nascido em Figueira da Foz, em 1881, e formado em Direito na Universidade de Coimbra, ocupou cargos superiores no funcionalismo público ligados ao ensino, desde os primórdios da República, cargos estes que culminaram, em 1924, no de Ministro dos Negócios Estrangeiros. Foi um apaixonado impulsor do estreitamento das ligações culturais entre Portugal e Brasil e durante 59 anos se dedicou a esta aproximação. Democrata, cultivou a poesia e

a pedagogia, marcando um lugar destacado no campo da política e do pensamento. Esteve por quatro vezes no Brasil em missões intelectuais, e na Bélgica e Grécia, onde pronunciou várias conferências sobre literatura portuguesa. Fundou e dirigiu, com outros intelectuais, as revistas *Arte e vida* e, com João do Rio, a *Atlântida*. Morreu em Lisboa, em 1960. Escreveu poesia e prosa – artigos e conferências sobre a aproximação entre Brasil e Portugal, com o título genérico de *Uma Campanha Atlântica*, sete volumes de pedagogia e vários de viagem e formação política e literária.

(BOAVIDA, Maria Filomena; FRAZÃO, Fernanda. *Pequeno Dicionário de Autores de Língua Portuguesa*.)

CARLOS MALHEIRO DIAS

Carlos Malheiro Dias nasceu no Porto em 1875 e era filho de mãe brasileira e pai português. Monarquista militante, se exilou no Brasil logo após a Proclamação da República portuguesa, permanecendo no país de 1913 a 1935. Durante a Primeira Guerra tornou-se um expressivo colaborador da Comissão Pró-Pátria, obra de assistência da colônia portuguesa radicada no Brasil aos órfãos de soldados portugueses que atuaram na guerra. Fundou, no Rio, a revista *Cruzeiro* e foi também diretor da *Revista da Semana*, além de colaborar em inúmeros jornais do Rio e de São Paulo. Jornalista, historiador e romancista, sua obra de maior envergadura foi a *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, escrita entre 1921 e 1924, financiada pela colônia portuguesa para celebrar o Centenário da Independência.

(BOAVIDA, Maria Filomena; FRAZÃO, Fernanda. *Pequeno Dicionário de Autores de Língua Portuguesa*.)



ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

*Nada me devem os portugueses por amar e defender portugueses,
porque assim amo e venero e quero duas vezes mais a minha pátria.*

João do Rio

A *sonata de Lisboa ao luar* era o título do livro que Paulo Barreto planejava escrever sobre Lisboa, segundo afirmou o escritor Ribeiro Couto na Academia Brasileira de Letras, em discurso de posse da cadeira até então ocupada pelo amigo, subitamente morto.¹ Talvez o jornalista pretendesse homenagear a cidade que aprendeu a amar e a admirar nas quatro viagens que fez a Portugal. Infelizmente, nunca saberemos o que faria João do Rio, pois o suposto livro não foi escrito. Era um sonho, um projeto, que se configuraria como mais uma etapa de uma trajetória de narrativas dedicadas à aproximação com Portugal. Conjeturas à parte, o certo é que as cartas a amigos portugueses, nas quais incentivou firmemente a amizade luso-brasileira e teceu o imaginário de um período da vida nacional, provocaram em mim a vontade de olhar detidamente este aspecto de sua carreira.

Passei então a investigar o fascinante caminhar do jornalista João do Rio em sua campanha pela aproximação entre o Brasil e Portugal nas duas primeiras décadas do século XX e, ao perscrutar esses “rastros”, percebi que ele, imbuído da ideia de fazer emergir pela linguagem um continente mítico, tencionou transformar em projeto político a recria-

1. Academia Brasileira de Letras. *Discursos acadêmicos*. Tomo II, 1920-1935. Rio de Janeiro, 2006, p. 1106.

2. Refiro-me à Atlântida, continente mítico, que inspirou o nome da revista homônima criada por João do Rio e João de Barros em 1915, com o objetivo de promover a aproximação entre o Brasil e Portugal. A expressão “civilização marítima” foi retirada de PAIVA, Janise de Souza. “Atlânticamente Atlântida: em busca de mares já navegados”. In: *Convergência Lusíada* 18. Rio de Janeiro: revista do Real Gabinete Português de Leitura, 2001, p. 188. Para João do Rio, “Atlântida é a ilha onde está o pomo d’oiro da felicidade; Atlântida é a terra abstrata do conhecimento, do saber, da adivinhação; Atlântida é o elo dos sentimentos que se harmonizam à música onde as nove musas se debruçam para o sorriso da humanidade, o grande abraço mental entre a Europa e a América”. In: RIO, João do. *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar*. Rio de Janeiro: Villas Boas & C., 1916, pp. 231-2.

3. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 176.

4. KNOPFLI, Francisco. “Aliança Lusófona”. In: *Brasil e Portugal: 500 anos de enlaces e desenlaces*. Rio

ção da civilização marítima.² Daí porque, parafraseando Michel de Certeau, essa é “uma história que começa ao rés do chão”, com passos, pois “os jogos dos passos moldam espaços, tecem os lugares”.³

Assim como Certeau, fiz um paralelismo entre o ato de caminhar e o ato enunciativo: compreendi ambos como performativos, ou seja, construídos no processo de sua própria feitura. Em outras palavras, avaliei as pegadas desse caminhante como marcas rascunhadas em uma página em branco, preenchida à medida que ele, ao longo de sua trajetória intelectual, profissional e pessoal, inscreveu a lusofilia (ou a lusofonia, entendida como um espaço multicultural linguístico de aliança, comum aos países lusófonos)⁴ no contexto da construção de uma identidade luso-brasileira.

Neste sentido, a “enunciação pedestre”⁵ de João do Rio, convertida em cartas que abordaram a problemática da luso-brasilidade, não seguiu passos predeterminados por “espaços” de antemão desenhados. Fez-se à medida que o escritor adotou e assumiu a condição de perito, de especialista na defesa dos dois países como pátrias irmãs que, juntas, deveriam buscar, pela aproximação política, econômica e cultural, maneiras outras de colocar-se no mundo de então.

Por essa razão, pensar a relação entre o Brasil e Portugal no momento em que João do Rio defendeu a aproximação de ambos e combateu o antilusitanismo no Brasil demandou uma pesquisa sobre os fatos que embasaram tal comportamento intelectual e político. Consequentemente, se tornou necessário a meu ver averiguar como práticas sociais relativas à presença do elemento português no Brasil geraram representações ora positivas, ora negativas deste imigrante, cristalizadas no imaginário social – principalmente nas duas primeiras décadas do século XX, especificamente na capital da República.

Desta forma, analisar a relação do jornalista com a “colônia” lusitana do Rio de Janeiro e de Lisboa – em cartas enviadas para João de Barros, principalmente, e Carlos Malheiro Dias, com os quais lutou por uma aproximação política, econômica e cultural entre o Brasil e Portugal no período citado –, significou igualmente pensar como João do Rio assimilou, modificou ou reinventou essas representações. Enfim, como as “consumiu” e as devolveu para o meio social em que foram geradas. Da mesma forma, compreender como se construiu a relação dele com estes homens e sua luta pela aproximação entre o Brasil e Portugal, em um momento de afirmação da identidade nacional pela negação da herança cultural portuguesa e pela retaliação à presença do imigrante português no cotidiano da capital da República, exigiu a contextualização do período no qual este epistolário foi redigido e intercambiado.

de Janeiro: Revista
Convergência Lusíada 18
- vol. 2, 2001, p. 140.

5. CERTEAU, Michel de.
Op. cit., p. 32.

O Rio de 1900

Estamos na América, mãe do reclamo.

João do Rio em carta a João de Barros, 1910.

No alvorecer de 1900, o Rio de Janeiro era uma cidade em conflito com a contemporaneidade, na acepção das elites. Se, por um lado, convivia-se com práticas sociais consideradas anacrônicas, típicas de um centro urbano ainda colonial, as reformas empreendidas por Pereira Passos espelhavam um cotidiano tributário de uma incipiente modernidade. No furor do progresso, a antiga cidade de feitio português veio quase toda abaixo (e com ela mais de duas mil habitações), para a abertura da esplendorosa Avenida Central – rua com

Av. Central, atual Av. Rio Branco. À esquerda, Palácio Monroe e ao centro, Teatro Municipal ainda em construção. Rio de Janeiro, 1906.

AUGUSTO MALTA / MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

6. Em 1894 forças da Marinha contrárias ao Presidente da República Floriano Peixoto refugiaram-se em duas corvetas portuguesas fundeadas na Baía de Guanabara.

O comandante Augusto de Castilho deu-lhes asilo e os levou para Buenos Aires, de onde foram juntar-se às tropas revolucionárias no Rio Grande do Sul. Floriano rompeu relações diplomáticas com Portugal.

7. Jeffrey Needell explica o que se seguiu entre a Proclamação da República e o início do governo de Campos Sales: “em 1889, após o golpe militar, instalou-se um Governo Provisório. Dois anos depois, uma Assembleia Constituinte elaborou uma Constituição Federal e obediamente elegeu Deodoro como Presidente e Floriano como vice. No mesmo ano, Deodoro tentou um golpe contra o primeiro Congresso, desarticulado por um contragolpe de Floriano, que assumiu a Presidência. Em 1893, uma guerra civil no Rio Grande do Sul



33 metros de largura e 1.800 metros de extensão, dimensão espantosa para a época. A grande imprensa saudava a nova fase com a sugestiva alcunha de “Regeneração”. Afinal, a capital se reerguia à imagem e semelhança do mundo civilizado europeu, que chegava aos borbotões com o comércio ultramarino e a conseqüente importação de modismos copiados de Paris. As autoridades, sôfregas por uma cidade em compasso com seus modelos externos, faziam da força e da ordem os instrumentos para operar, a sangue-frio, o corpo da capital do país.

Com as reminiscências da Revolta da Armada⁶ e da Reação Florianista de 1893⁷ já distantes do cenário político, recomposto o quadro econômico com Campos Sales (1898-1902), extirpadas as ameaças de retorno da Monarquia,⁸ e realizadas as reformas urbanas de Rodrigues Alves (1903-1908), o Rio de Janeiro torna-se mundano e cosmopolita e as classes aburguesadas embriagam-se dos modelos de prestígio trazidos da Europa. No caldeirão de anseios de uma elite concatenada às tendências externas mais recentes, importava-se e consumia-se de tudo – de figurinos, mobiliários e roupas, a opções de lazer, escolas filosóficas e mesmo comportamentos.

A nova ordem burguesa demandava estratégias contundentes e pontuais que iguallassem o Rio às cidades modernas da Europa, a fim de angariar para a capital, e mesmo para o país, investimentos e credibilidade. Afinal, em consequência do aparelho administrativo, o Rio se abria como maior centro financeiro do país, sendo a sede do Banco do Brasil e da maior parte dos grandes bancos, e também da Bolsa de Valores. Segundo Nicolau Sevckenko, “a expressão ‘regeneração’ era por si só esclarecedora do espírito que presidiu esse movimento de destruição da velha cidade, para complementar a dissolução da velha sociedade imperial, e de montagem da nova estrutura urbana”.⁹

O desfrute das ruas, praças e jardins, apagada do meio físico a lembrança da era colonial, era o que de mais moderno havia. À classe alijada de suas moradias e, consequentemente, afastada da zona *chic*, pertenciam as reminiscências culturais do antigo regime. O prefeito do Rio

Pereira Passos atacou algumas tradições cariocas. Proibiu a venda ambulante de alimentos, o ato de cuspir no chão dos bondes e a exposição de carnes na porta dos açougues, assim como uma série de outros costumes ‘bárbaros’ e ‘incultos’.¹⁰

Nascia a *Belle Époque* na capital da República. Nesse período, a recente e ainda precária industrialização estimulava a importação de produtos e artigos de luxo estrangeiros. Paralelamente, a magnitude da economia cafeeira tornava as atividades a ela ligadas atraentes para os capitais estrangeiros. Em pouco tempo, britânicos, franceses e belgas começaram a dominar o setor ferroviário, de portos, as transações financeiras e os serviços urbanos de iluminação, transportes e saneamento. A força com que as economias europeias se lançaram no país refletiu-se também nos em-

antecedeu uma revolta naval no porto do Rio de Janeiro, os líderes dos dois levantes se aliaram, e combateram ferozmente a República até 1895. Em 1896, uma rebelião no interior da Bahia transformou-se, em virtude das repetidas derrotas republicanas, em ameaça de grandes proporções, exigindo enorme esforço do Exército para ser sufocada em 1897. No mesmo ano, o primeiro presidente civil escapou por pouco de ser assassinado por um oficial subalterno”.
NEEDELL, Jeffrey.
Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 29.

8. A Revolta da Armada, a Revolta Federalista do Rio Grande do Sul e a Guerra de Canudos foram tomadas como ameaças à afirmação do regime republicano por uma suposta tentativa de restauração da Monarquia.

9. SEVCENKO, Nicolau.
Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 31.

10. *Idem, ibidem*, p. 57.

préstimos concedidos ao governo brasileiro, na segunda metade do século XIX.

A República crescia assim em um palco de economia aberta ao capital estrangeiro, porém prisioneira da política econômica do Império, que no contexto da divisão internacional do trabalho situara o Brasil como produtor de gêneros agrícolas para exportação. Sendo a mão de obra fator abundante, o investimento em tecnologia – que precisava ser importada – era deixado em segundo plano. Consequentemente, a baixa produtividade, em função do emprego de técnicas rudimentares em sua maioria, gerava baixos salários e renda *per capita* igualmente reduzida, e impedia o país, principalmente sua capital, de se tornar fortemente industrializado e atrativo para o estabelecimento de indústrias voltadas para o mercado interno.

Em contrapartida, se nesse novo contexto o “atraso” brasileiro não estava mais relacionado ao domínio colonial ou à ameaça monárquica, era a presença do estrangeiro, principalmente do português, que significava a usurpação cotidiana das potencialidades do país. Isto porque havia em todas as

Comércio Parc Royal, Rio de Janeiro, 1920

AUGUSTO MALTA / ARQUIVO
GERAL DA CIDADE DO RIO DE
JANEIRO





Inauguração do Café do Rio, Rio de Janeiro

AUGUSTO MALTA / ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

11. RIBEIRO, Gladys Sabina. "Antes sem pão do que sem pátria: o antiportuguesismo nos anos da década de 1920". In: *Brasil e Portugal: 500 anos de enlaces e desenlaces*. Convergência Lusíada, n. 18, 2001, pp. 147-162.

12. CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 79.

camadas da população, mesmo que com inúmeras exceções, um profundo ressentimento quanto à presença de imigrantes portugueses no Brasil e ao monopólio que exerciam sobre o pequeno comércio, sobretudo mercearias, padarias, restaurantes, casas para aluguel etc.¹¹ No Rio de Janeiro, onde as oligarquias cafeeiras não controlavam as práticas comerciais, o contexto urbano era marcado pela presença portuguesa em vários segmentos da economia citadina:

De acordo com o censo de 1890, 30% da população da cidade eram compostos de estrangeiros. Destes estrangeiros, 70%, ou seja, 106.461, eram portugueses. A presença portuguesa era particularmente forte em alguns setores da população. Em 1890 eles compunham 40% dos artesãos, 51% dos empregados no comércio e 53% dos empregados em transportes. Certas profissões eram quase monopólio português.¹²

A atitude das classes dominantes brasileiras em relação ao português era em geral ambígua, pois ainda que chegassem a sugerir que os portugueses fossem os responsáveis pelo atraso nacional, relativizavam as críticas pelo fato de que

Cena urbana no Rio de Janeiro, década de 1920

AUGUSTO MALTA / MUSEU DA
IMAGEM E DO SOM

13. LESSA, Carlos. "Rio, uma cidade portuguesa?". In: LESSA, Carlos (org.). *Os Lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2002, pp. 44-45.



dentro das próprias elites parecia haver um número considerável de abastados comerciantes portugueses. Já

entre os populares, os portugueses carregavam, sem dúvida, o estigma de serem avarentos e exploradores, o que na verdade apenas refletia a situação real de predominância portuguesa no pequeno comércio da cidade.¹³

Para Carlos Lessa, todavia, mesmo que nas classes desfavorecidas financeiramente o português fosse estigmatizado pelo estereótipo da avareza e da exploração, havia nestas mesmas classes a ideia do luso como solidário, integrado étnica e culturalmente.

A historiadora Gladys Ribeiro, no trabalho em que investiga processos criminais ocorridos no final do século XIX e na segunda década do século XX, sugere que o antilusitanismo no Rio de Janeiro operou como instrumento de controle social para a construção e a manutenção de uma nova ordem burguesa, sendo a nacionalidade e a modernização do país o pano de fundo deste discurso. Segundo ela, em todo o material coletado há processos em que não é só a população pobre que alimenta a perseguição aos lu-

sos, por sentir-se explorada. Uma pequena burguesia nacional, também detentora de casas comerciais, estalagens e cortiços, prestadora de serviços, mostra seu vigor e poder contestatório quando se sente ameaçada pela presença de portugueses nestes mesmos ramos da atividade urbana. As classes dominantes, para a autora, de certa maneira aprovavam o discurso nacionalista e racista do antilusitanismo, propagado pelas camadas populares, como forma de controle político. “Em parte era ela a incentivadora da propaganda na imprensa pela nacionalização do comércio e pela propagação da imagem das casas portuguesas como ‘exploradoras’”, explica a pesquisadora.¹⁴

O que tornava a questão ainda mais delicada era que em Portugal, onde os pensadores da Geração de 70 se auto-denominavam “Vencidos da vida”,¹⁵ cristalizara-se a ideia de decadência e de desonra da nação portuguesa, levada à ruína pela monarquia retrógrada e atrasada, pela subserviência aos interesses ingleses e pelo atraso econômico e moral em que estava mergulhada a sociedade portuguesa. Daí ser natural que no Brasil “o sentimento de identidade que pudesse haver baseava-se mais em fatores negativos, pela oposição ao português”,¹⁶ ainda que essa negação não resultasse em sentido de pertencimento a todos os brasileiros. Naquele momento, argumenta José Murilo,

Portugal e Monarquia lembravam o domínio colonial, a força ainda atuante da presença portuguesa na economia, a tradição absolutista, a cultura retrógrada da antiga metrópole. De início um tanto abstrata, a ideia de América identificou-se aos poucos e cada vez mais com os Estados Unidos. A identificação da América com os Estados Unidos teve como consequência também a rejeição da tradição cultural ibérica vista como responsável pelo atraso do País.¹⁷

14. RIBEIRO, Gladys Sabina. “Cabras” e “Pés-de-chumbo”: os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro, 1889-1930. Dissertação de mestrado. Niterói, UFF, 1987. p. 108.

15. A consciência crítica quanto à condição “inferior” de Portugal perante, principalmente, França e Inglaterra, é grande entre os escritores da Geração de 70 (Eça de Queiroz, Antero de Quental e Guerra Junqueiro).

16. CARVALHO, José Murilo de. “Brasil: nações imaginadas”. In: *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, pp. 236-43.

17. *Idem, ibidem*, p. 243.

18. REGO, A. da Silva.
Relações luso-brasileiras (1882-1953). Lisboa:
Edições Panorama, 1966.

19. *Idem, ibidem*, p. 72.

A. da Silva Rego, no livro *Relações luso-brasileiras (1882-1953)*,¹⁸ explica que o recrudescimento do antilusitanismo no Rio de Janeiro, principalmente nas décadas de 1890 e 1910/20, consubstanciado nos ataques à colônia portuguesa na imprensa e em *meetings* organizados nas ruas por aca-lorados nacionalistas xenófobos, era fruto da incontestável preponderância comercial e industrial destes imigrantes e de outros europeus, principalmente italianos e espanhóis. Nessa conjuntura, desfavorável aos brasileiros, de fato ocorriam abusos por parte dos portugueses. Um exemplo teria sido o de “a Junta Comercial do Rio de Janeiro, em mãos de portugueses, se recusar a admitir empregados não portugueses”,¹⁹ explica Silva Rego. Tais atitudes, segundo ele, fomentaram a organização de uma forte corrente nativista no Rio, causa esta abraçada por inúmeros literatos e jornalistas nacionalistas. A questão, em geral, remontava ao quase monopólio comercial dos portugueses, principalmente na capital.

Diante de todos os estereótipos que estigmatizavam o português e alimentavam o preconceito para com esses imigrantes, torna-se compreensível que os pensadores brasileiros no final do século XIX a início do XX se perguntassem sobre como lidar com a incômoda herança e superar o “atraso” brasileiro. Quem seriam os responsáveis e o que poderia ser feito contra o sentimento de inadequação? Motivados por essas indagações, muitos literatos e políticos, principalmente nos anos que antecederam e presenciaram a Primeira Guerra Mundial, e mesmo depois, revelaram uma efetiva preocupação em valorizar o sentimento patriótico como estratégia para fomentar no povo a ideia de que poderíamos superar o nosso sentimento de inadequação por meio de ações pontuais organizadas para esse fim.

Na tentativa de responder às questões que revelavam um país frágil perante tantos desafios, nascem os movimen-

tos nacionalistas dispostos a levar o Brasil ao progresso e à modernidade, salvando-o da estagnação. Para os integrantes destes grupos, fortalecer as incipientes iniciativas em programas de saúde e de educação públicas, de um lado, e lutar por um governo forte, que praticasse o intervencionismo econômico do Estado, de outro, eram metas a serem alcançadas, se pretendíamos de fato superar o nosso “anacronismo”.

Na opinião desses intelectuais, a falta de consolidação da brasilidade era também fruto do estilo de colonização aplicado no Brasil e dos persistentes laços culturais com Portugal, mantidos pela presença atuante da colônia portuguesa no Rio, bastante organizada do ponto de vista econômico, social, cultural e mesmo esportivo, como o confirmam as obras emblemáticas resultantes desse poder associativo.²⁰ Os movimentos nacionalistas decorrentes destas indagações vão atuar a fim de combater essa presença, pois se percebia que “a preocupação em fundar tais instituições encontrava-se ligada também à necessidade de interferência política da comunidade portuguesa na cidade do Rio de Janeiro”.²¹

Assim, surgem no Rio de Janeiro e em São Paulo associações políticas como a Ação Social Nacionalista (ASN), a Propaganda Nativista e a Liga da Defesa Nacional, além de periódicos de propaganda nacionalista. Tanto as associações políticas como os periódicos apresentam programas semelhantes, baseados na educação cívico-patriótica, na defesa da moral, da religião católica e da soberania nacional, e deles fazem parte nomes como os de Jackson de Figueiredo, Afonso Celso, Álvaro Bomilcar, Alcibíades Delamare, Arnaldo Damasceno Vieira, Antônio Torres, entre outros.

Segundo a historiadora Lucia Lippi, a Liga da Defesa Nacional, fundada no Rio em 7 de setembro de 1916, apoiava-se no patriotismo de Olavo Bilac e propagava o serviço

20. O Real Gabinete Português de Leitura, o Liceu Literário Português, a Beneficência Portuguesa, além de clubes, escolas, casas e associações. Sobre as associações portuguesas ver o interessante ensaio de Hiran Roedel “Comunidade portuguesa na cidade do Rio de Janeiro: mobilidade e formação de territórios”. In: LESSA, Carlos (org.). *Op. cit.*, pp. 117-143 e também SARAIVA, Arnaldo. *O modernismo brasileiro e o modernismo português: subsídios para seu estudo e para a história das suas relações*. Porto: s. ed., 1986, pp. 90-91.

21. ROEDEL, Hiran. *Op. cit.*, p. 124.

22. Dirigida por Álvaro Bomilcar e Arnaldo Damasceno Vieira, *Brasiléia* contava com a colaboração de Jackson de Figueiredo e de Afonso Celso. Criada durante a Primeira Guerra Mundial, a revista circulou de janeiro de 1917 a junho de 1918, sendo relançada em agosto de 1931.

23. Lançada em 13/2/1919 por Alcebiades Delamare, a revista era a porta-voz da Ação Social Nacionalista e o antilusitanismo latente em seus artigos revelam um tom ainda mais inflamado e radical do que aquele veiculado em *Brasiléia*. Nomeada “panfleto de combate” na edição de inauguração, alterando essa denominação para “panfleto nacionalista” meses depois (a partir da edição de 2/10/1919), mantém os ataques ao monopólio português na imprensa, no comércio e mesmo nas letras e parte para a investida pessoal contra João do Rio, considerado pela revista como “grande amigo do querido Portugal”, cujo maior interesse era nos “aproximar ainda mais da esquina do planeta” por ver nesta aproximação, “com seu faro de cavador”, um “fíla de ouro”. Expressa aí a acusação de que a aproximação de Portugal capitaneada por João do Rio seria unicamente movida por interesses financeiros e de autopromoção.

militar, a educação e a defesa nacional. A Liga Nacionalista de São Paulo, criada em 1917, nasceu da Liga da Defesa Nacional e tinha como mote a alfabetização e o direito ao voto. Uma terceira tendência, que nasceria no Rio em 1919, ganharia expressão na Propaganda Nativista, chefiada pelo jornalista Álvaro Bomilcar, que em 1917 fundara um periódico de propaganda nacionalista, a revista *Brasiléia*.²²

Bomilcar divulgará sua “campanha” nacionalista e lusófoba tanto na *Brasiléia* quanto na *Gil Blás*,²³ que será lançada em 1919, sob a direção de Alcebiades Delamare. Como decorrência desse movimento, o ano de 1920 verá o surgimento da ASN, cujo presidente e fundador será Afonso Celso e o presidente de honra, Epitácio Pessoa. O conteúdo programático destes movimentos como também a linha editorial dos periódicos estavam baseados, grosso modo, na religião católica como sustentáculo do ideário nacionalista; na nacionalização do comércio, da imprensa, do teatro brasileiro e na defesa da língua, contra qualquer estrangeirismo.

Textos publicados por diferentes autores em ambas as revistas chegam inclusive a propor que o Brasil, como integrante do Novo Mundo, passasse a considerar a descoberta como um empreendimento do navegador genovês Cristóvão Colombo, e que a chegada de Cabral ao Monte Pascoal dera-se por um erro de roteiro. Tanto os movimentos políticos como as publicações que os apoiavam sustentavam o lema dos jacobinos e florianistas: “O Brasil para os brasileiros!”.

A entrada de João do Rio na cena luso-brasileira

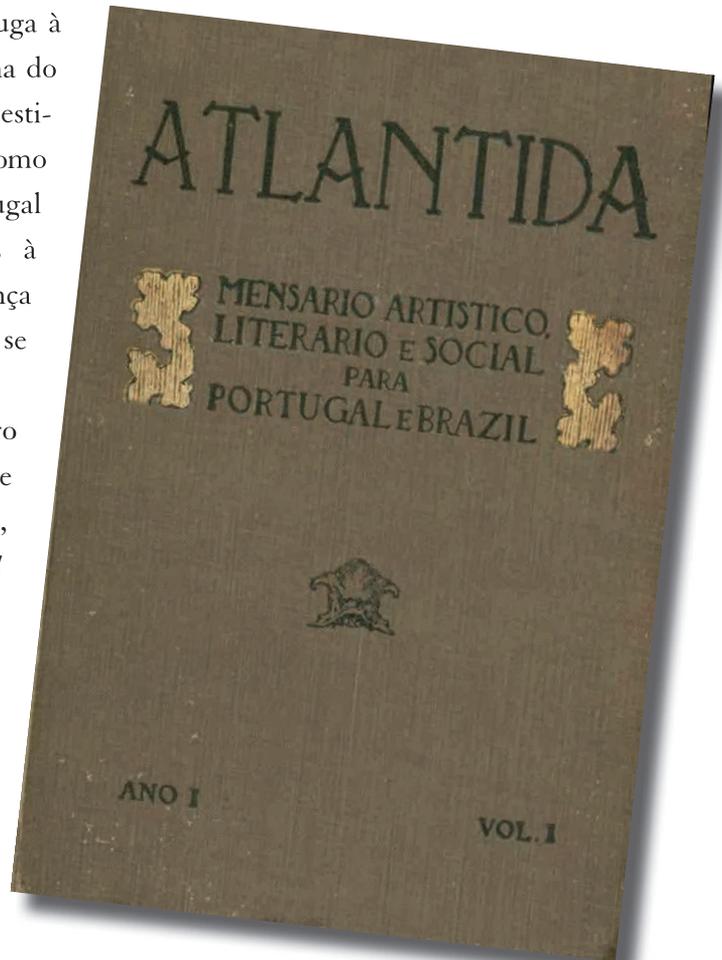
Capa da primeira edição da revista *Atlântida*

A Atlântida, além de ser um projeto nosso, é uma realidade tua.

João do Rio em carta a João de Barros, 1916.

Anos antes, em 1908 e 1910, João do Rio realizava suas duas primeiras viagens à Europa. Diferentemente de muitos homens de letras contemporâneos dele, entrara no continente por Lisboa, ficando na capital portuguesa por muitos dias. Em sua primeira visita à cidade, fez contato com inúmeros jornalistas e homens de letras portugueses, aproximação que lançaria sua carreira em uma nova fase. Em suas deambulações por Lisboa, conjuga à curiosidade do intelectual a pena do excelente cronista e repórter investigativo que era, deixando ver como a relação entre o Brasil e Portugal ultrapassava questões restritas à negação ou à aceitação da herança cultural portuguesa, que no país se desenrolava.

Mesclando o olhar ligeiro e a precisão cirúrgica típicos de um cronista talentoso e sagaz, no livro de reportagens *Portugal d'agora* deixará claro que compreendia a defesa do estreitamento de laços intelectuais entre as duas nações como exercício patriótico, pois via nas semelhanças culturais, raciais e linguísticas entre os dois po-



24. GOMES *et al.*, 2004. pp. 471-502.

25. Fran Peixoto, em uma série de palestras sobre o Brasil realizadas na Universidade Livre de Lisboa, em 1923, fez uma extensa lista de lusófilos e brasilófilos: Emílio Gonçalves, no livro *Portugal (À margem do jacobinismo e da lusofobia)*, de 1925, igualmente listou diversos lusófilos; Arnaldo Saraiva também apontou os nomes que mais se distinguiram no campo da aproximação literária entre Portugal e o Brasil durante a segunda e terceira décadas do século XX. São eles, principalmente: João de Barros (1881-1960); João do Rio (1881-1921); Carlos Malheiro Dias (1875-1941); Correia Dias (1892-1935); Ronald de Carvalho (1893-1935); José Osório de Oliveira (1900-1964). *Apud* SARAIVA, Arnaldo. *Op. cit.*, pp. 89-96.

vos as chaves para a afirmação da nacionalidade brasileira e a anulação das inseguranças que tanto abalavam a autoestima nacional. Como afirma Renato Cordeiro Gomes, nesse movimento João do Rio seguia uma tendência de seu tempo, quando

[...] combinar turismo e trabalho, na Europa, era o sonho de todo jornalista, no princípio do século. João do Rio realizou-o, pela primeira vez, em 1908. Diferentemente da maioria, entrou no Velho Mundo por Portugal e esta ficou sendo sua prática, nas outras três viagens que fez, antes e depois da primeira guerra. (...) João do Rio descobriu uma série de atividades culturais típicas de nossa antiga metrópole, que lhe forneceriam matéria para vários livros (a serem publicados pela Casa Garnier de Paris). Com a multiplicação dos contatos, não só se inseriu na vida literária portuguesa, editando algumas de suas obras pela Lello & Irmão, fazendo conferências e montando suas peças teatrais nos palcos de Lisboa, como também tornou-se uma espécie de porta-voz dos imigrantes portugueses, estabelecidos no Brasil. Formada de comerciantes bem-sucedidos, a colônia portuguesa na capital brasileira adotou João do Rio como um ídolo, pois conseguiu, através dele, minimizar os preconceitos que vinha sofrendo desde a época da independência.²⁴

Nesse mesmo período, a simpatia pela aproximação luso-brasileira o aproximará de João de Barros, entre outros lusófilos,²⁵ fazendo com que os dois lancem poucos anos depois, sob o patrocínio dos governos do Brasil e de Portugal, uma revista cujo objetivo era estabelecer um elo literário entre as duas nações. A *Atlântida*, inaugurada em pleno conflito bélico mundial, em 15 de novembro de 1915,

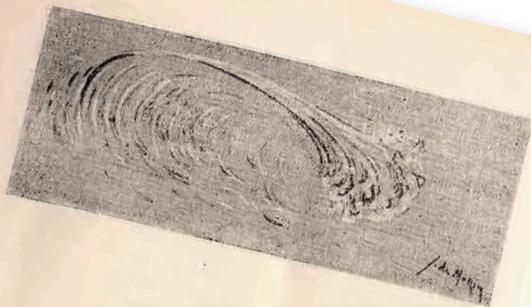
ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

SOB O ALTO PATROCINIO DE S. EX.^{AS}
OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES
DO BRAZIL
E DOS EXTRANGEIROS E FOMENTO
DE PORTUGAL

R.M

Páginas da revista
Atlântida



«ATLANTIDA»

Estas primeiras palavras para a *Atlantida*, escrevo-as em face do Mar — do Mar carinhoso e terno do meu paiz, do Mar altaneiro e forte, por onde os navios velozes de mandam a larga hospitalidade das praias brasileiras. Foi n'um meio dia assim, com sol contente brilhando na proa envernizada do *Amazon* que eu, ha tres annos parti para o Rio de Janeiro. As gaivotas voavam, brancas, sobre o Tejo claro. Ao longe, a linha do horizonte era como um abraço lento. A aragem salgada ciciava como um longo beijo. Os amigos, de terra, acenavam-me o seu ultimo adeus. E eu sentia, inefavelmente, de mistura com a saudade das pessoas queridas que deixava, o contentamento supremo de quem vae realizar uma ambição ha muito sonhada, um sonho ha muito acariciado no mais intimo do coração. . .

la ver o Brazil, emfim! Ia ver essa terra, que eu sempre considerára irmã da nossa, — e tentaria auscultar a sua palpitação profunda, a sua existencia intima e verdadeira, a febre de trabalho e de progresso que d'aqui presentira. E, sem outra ideia que não fosse o contribuir para a aproximação estreita dos dois povos, ia levar uma mensagem

26. SARAIVA, Arnaldo.
Op. cit., p. 305.

27. MAGALHÃES JÚNIOR,
Raimundo de. *A vida
vertiginosa de João
do Rio*. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira,
1978, p. 248.

terá João do Rio como diretor no Rio de Janeiro e João de Barros como diretor em Lisboa.

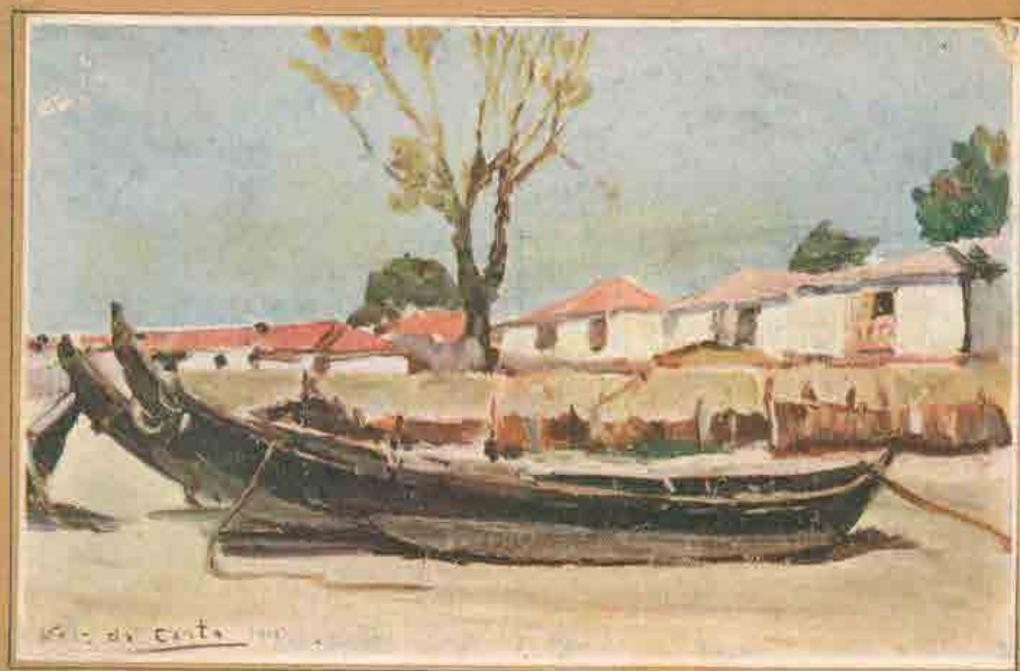
O primeiro número da *Atlântida* trazia na capa os dizeres que acompanhariam todas as edições, reforçando a binacionalidade da revista e, diretamente, a importância dada pelos governos do Brasil e de Portugal ao entrelaçamento literário: “Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil, sob o alto patrocínio de S. Exas. os Ministros das Relações Exteriores do Brasil e dos Estrangeiros e Fomento de Portugal”. Esses ministros eram Lauro Müller, do Brasil, e Augusto Soares e Manuel Monteiro, de Portugal. A revista contava com Pedro Bordallo Pinheiro, sobrinho do pintor Columbano, como editor, e com o trabalho do caricaturista Rafael Bordallo Pinheiro.²⁶ Foram estabelecidos dois escritórios, um em Lisboa, na Rua Barata Salgueiro, 46, e outro no Rio, na Avenida Rio Branco, 128.²⁷ O número inaugural apresentava as boas-vindas dos ministros, enaltecendo os ideais elevados, o patriotismo dos editores e a importância da publicação para a aproximação intelectual e econômica entre o Brasil e Portugal.

O escritor Ribeiro Couto lembra como surgiu a ideia da criação da *Atlântida*, anos antes, ainda em 1909, e recorda o empenho de seus diretores pelo fim das mágoas e preconceitos que afastavam brasileiros e portugueses:

[...] foi em 1909, em Lisboa, que Paulo Barreto se fez amigo de João de Barros e com ele insistiu por que fosse ao Brasil. A viagem só se realizou em 1912 (...). A *Atlântida*, que durou cinco anos, foi o primeiro largo capítulo nessa vida nova, instaurada por João de Barros e Paulo Barreto nas relações luso-brasileiras. O que se fez depois resulta desses primeiros impulsos, desse rasgar de horizontes, desse restabelecimento de compreensão afetiva da cultura comum,

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL



NAVARRO DA COSTA - Burgo Vareiro

ANNO III

N.º 29-30

28. BARROS, João de. *Presença do Brasil: páginas escolhidas (1912-1946)*. Lisboa: Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1946, pp. XIX - XXXIV.

29. SARAIVA, Arnaldo. *Op. cit.*, p. 136.

30. AZEVEDO, Manuela de. *Cartas a João de Barros*. Lisboa: Livros do Brasil, s/ data, pp. 181-182.

dessa verdadeira aproximação de espíritos de que a *Atlântida* foi o fluido animador e contagioso.²⁸

O depoimento de Ribeiro Couto indica que a revista foi o primeiro episódio de uma “vida nova” para as relações luso-brasileiras, iniciada com o encontro de João do Rio e João de Barros em fevereiro de 1909, em Lisboa. Segundo Arnaldo Saraiva,

o projeto de uma tal revista devia-se, certamente, a Paulo Barreto (João do Rio), que na altura se encontrava em Portugal, e que para ele terá convocado não só a Lello, mas também o seu amigo Manuel de Sousa Pinto e, logo que o conheceu, João de Barros.²⁹

Em carta enviada a João de Barros em 19 de março de 1909, o escritor português Manuel de Sousa Pinto cita o contato de Paulo Barreto com os Irmãos Lello, famosa casa editorial do Porto, para a criação da revista, o que comprova a afirmação de Arnaldo Saraiva:

Caríssimo João,

Quanto à revista, preciso absolutamente de conferenciar previamente contigo. Saberás que temos de abrir as portas a todos: ao Júlio Dantas, ao Fialho. Está isso no plano do Paulo, e creio, sem virar a casaca, que é o único modo de ter artigos, divulgadores e público numeroso. Conversaremos os dois, e abordaremos de novo os Lellos.³⁰

A mensagem de João de Barros na edição inaugural de *Atlântida*, em 15 de novembro de 1915, lembra também que o encontro que resultaria na revista tinha suas raízes no ano de 1909, quando Paulo Barreto visitou Lisboa:



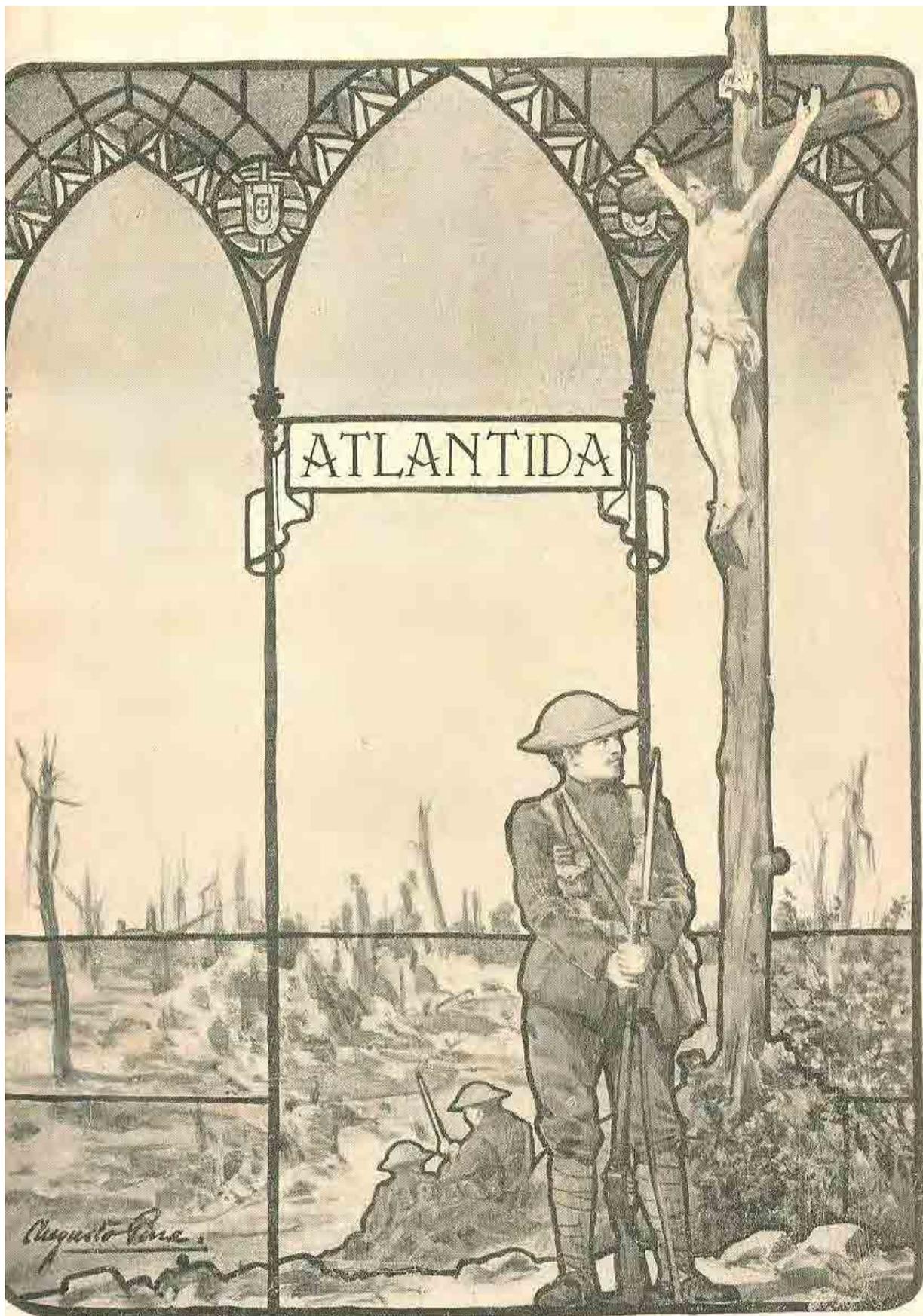
Praça D. Pedro IV,
Lisboa, 1920

31. SARAIVA, Arnaldo.
Op. cit., p. 7.

a ideia da publicação da *Atlântida* a ele se deve, fundamentalmente. Ela nos ligou logo do princípio; e desde essa época longínqua nunca mais nos abandonou. E, se chegamos um dia quase a desanimar de pô-la em prática, nunca foi por culpa nossa...³¹

Na mesma edição, João do Rio esclarece as razões para a criação do periódico, lembrando que o continente mítico agiria como uma ponte imaginária para a união entre os dois continentes, a América e a Europa, fazendo de Portugal e do Brasil duas partes de uma só raça.

João de Barros e João do Rio definem a *Atlântida* como um projeto de aproximação luso-brasileira que proporcionaria o derradeiro e tão acalentado abraço espiritual entre as duas nações. Por outro lado, não fazem referência ao tempo levado para o lançamento – um interregno de seis anos – tampouco ao fato de a revista receber o patrocínio dos governos de Portugal e do Brasil em plena guerra, quando, certamente, angariar verba e colaboradores para uma publicação literária não devia ser tarefa das mais fáceis. Isso sem contar as dificuldades de comunicação em meio a um



conflito bélico de proporções mundiais. Mas o “Prospecto” publicado na primeira edição da *Atlântida* dá algumas pistas que justificam um patrocínio de tal vulto.

Segundo o texto (assinado por “A Direção”), a Primeira Guerra Mundial fortalecia e legitimava a missão da *Atlântida*, a saber, aproximar os dois governos e criar uma parceria baseada na raça, na história e nas tradições comuns. O texto inaugural também afirmava que em meio a um conflito bélico mundial, em que se formavam impérios ultramarinos fortalecidos por possessões coloniais, o domínio do Atlântico e das rotas marítimas significava poderio militar, econômico e comercial. Nesse sentido, a união luso-brasileira era fundamental.

Percebe-se também a participação menos constante de João do Rio do que a de seu amigo português. O jornalista publicou na *Atlântida* somente os contos “Que pena ser só ladrão” e “A honestidade de Etelvina, amante”; o texto, em francês, “Portugal e Brasil” (n. 25, 15/11/1917), o artigo “O estadista brasileiro Rodrigues Alves” (n. 6, 15/04/1916) e o texto “Carta do Brasil, relações luso-brasileiras” assinado por João d’Além, na seção Revista do Mês (n. 15, 15/01/1917); a crônica “Uma mulher turca e o paraíso de Mahomet” (n. 37, 1919) e a conferência “Portugal e Brasil”, realizada no Teatro Nacional D. Amélia, em Lisboa, em 7 de junho de 1919 (n. 40, 07/1919).

No período de circulação da *Atlântida*, João do Rio trabalhou nos periódicos cariocas *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *A Rua*, na *Revista da Semana*, entre outros; colaborou em um periódico de Buenos Aires, escreveu e encenou peças de teatro, lançou *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar* (1916), *Pall-Mall Rio: o inverno carioca de 1916* (1917), *Nos tempos de Venceslau* (1917), *Sésamo* (1917), o romance epistolar *A correspondência de uma estação de cura*, o livro de con-

tos *A mulher e os espelhos* (1919), *Adiante!* (1919), e fundou, em 1920, o jornal *A Pátria*. Em 1918, foi à Europa cobrir a Conferência de Paz, em Paris, após a Primeira Guerra, para o jornal *O Paiz*, reportagens que reuniu em três volumes de *Na Conferência de Paz* (1919-20). A pouco expressiva colaboração dele, entretanto, não significava que estivesse indiferente à *Atlântida*. As cartas a João de Barros deixam claro que João do Rio se esforçou para angariar a colaboração de escritores e anunciantes, mesmo estando longe da sede da revista e vivenciando um período de guerra, em que as correspondências eram transportadas em navios ou remetidas por telégrafo.

Naquele momento, e isso a *Atlântida* refletia, havia uma sincera intenção, em ambos os lados do Atlântico, de se estreitar laços entre brasileiros e portugueses no campo literário e na imprensa. Comprovam a assertiva as revistas culturais e os almanaques informativos que conjugavam informações de interesse tanto de Portugal como do Brasil e colaborações literárias, que nessas publicações ocupavam lugar de relevo. Entretanto, a *Atlântida* não abordou a onda lusófoba que assolava o Rio, evidente não só nas páginas de *Gil Blás* e *Brasiléia*, mas também nos programas das associações políticas nacionalistas brasileiras, que pregavam claramente a lusofobia, e nas manifestações nativistas contra brasileiros lusófilos, em especial Paulo Barreto, por suas ações em favor dos portugueses.

De fato, no âmbito intelectual debatia-se a colonização e a herança cultural portuguesa e o mal-estar diante de um país que ainda não havia realizado a modernidade nos moldes europeus considerados referenciais para o Brasil; no âmbito econômico, repudiava-se a preponderância dos portugueses e a desvantagem dos comerciantes nacionais e da mão de obra trabalhadora pobre em solo pátrio frente à força comercial e associativa dos lusos. Um fato emblemático do

movimento antilusitano foi a regulamentação da pesca no Brasil, assunto abordado em diversas cartas de João do Rio a João de Barros.

No início do governo do presidente Epitácio Pessoa (1919-1922), a Marinha de Guerra do Brasil foi incumbida de, em quatro anos, nacionalizar a pesca e regulamentar os seus serviços, saneando todo o extenso litoral brasileiro, do Cabo Orange, no Oiapoque, ao Chuí. A missão, com programa traçado pelo Ministro da Marinha, Almirante Gomes Pereira, foi dada ao Capitão de Mar e Guerra Frederico Villar e iniciada no Norte do país. Nesse período, a pesca no país estava majoritariamente em mãos

de portugueses originários de Póvoa de Varzim (dedicados à pesca no Rio de Janeiro e no Pará), dos Açores, (voltados à atividade em Santa Catarina), e também de japoneses (estabelecidos principalmente no litoral de São Paulo e em Cabo Frio).³²

A nacionalização da pesca foi encarada como uma *crusada de civismo*, uma obra genuinamente republicana, segundo expressões de Lopes Trovão.³³ Em outras palavras, o Brasil, se de fato pretendia abrir alas ao progresso, deveria ocupar o vasto território nacional e domar a natureza arisca e traçoira, causadora de endemias inibidoras do desenvolvimento, entre elas diversas verminoses e a malária.



Página da revista Gil Blás

32. RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, p. 242.

33. VILLAR, Frederico. *A missão do cruzador José Bonifácio: a nacionalização da pesca e a organização dos seus serviços (1919-1923)*. Biblioteca Militar, vol. LXXXV. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1945.

34. Em 1921, Epiácio Pessoa sanciona o projeto de lei n. 209 que regulava a entrada de estrangeiros no país, proibindo o desembarque no território nacional de estrangeiros portadores de deficiência física, de moléstia incurável e contagiosa, ou com mais de 60 anos sem condições de subsistência. O projeto de lei, "inicialmente, previa a proibição da imigração do negro porque era um 'perigo' e uma 'ameaça' à constituição da nacionalidade. Rejeitado, retornou ao debate em 1923, só que desta feita proibindo também a imigração amarela, principalmente a japonesa. Só o imigrante europeu serviria". RIBEIRO, Gladys Sabina. "Antes sem pão do que sem pátria: o anti-portuguesismo nos anos da década de 1920". *Convergência Lusitana*, 18, 2001, p. 158.

O pescador caboclo, segundo relato de Frederico Villar em seu livro sobre a missão do cruzador José Bonifácio (embarcação da Marinha que percorreu toda a costa do Brasil), por sua humildade, ignorância e generoso coração sofria nas mãos do político e do "alienígena audacioso". Villar referia-se aos políticos paraenses e aos comerciantes portugueses, que mantinham os pescadores sob intensa miséria e submissão, vendendo-lhes os instrumentos para a pesca, a comida e os utensílios domésticos, recebendo como pagamento todo o pescado retirado do mar, rios e lagoas, estabelecendo assim com eles uma relação comercial injusta e de extrema exploração.

O governo de Epiácio Pessoa decidiu então que o título de pescador deveria ser obtido na Marinha, bastando para isso que o interessado apresentasse prova de que havia requerido a naturalização.³⁴ O caminho era este ou a naturalização comprovada por certidões de registro civil, mediante testemunhas. A obrigatoriedade da naturalização foi oficializada em agosto de 1920, por meio de uma circular que concedia 90 dias para os três mil pescadores estrangeiros residentes no país continuarem a exercer a atividade.

O consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, Rodrigo Otávio, julgou a nacionalização da pesca ilegal e injusta e autorizou o exercício da atividade pelos pescadores portugueses, mesmo os que não quisessem se naturalizar. Apoiados no parecer do jurisconsulto e assessorados pelo cônsul Santos Tavares e pelo deputado Nicenor do Nascimento, o pescador português Matias Gonçalves e outros poveiros, alegando ser inconstitucional a exigência da naturalização contida no Regulamento da Pesca, requereram ao juiz Otávio Kelly um *habeas corpus* para continuarem exercendo a profissão. O juiz recusou o pedido e a questão chegou ao Supremo Tribunal Federal (STF), que julgou "perfeitamente legal a exigência da naturalização dos estran-

geiros que queiram exercer a pesca no Brasil”³⁵ e, em 11 de outubro de 1920, confirmou a decisão do juiz. A polêmica reverberou nas ruas da cidade e houve passeatas a favor e contra a decisão do STF.

Em período de pós-guerra, o cumprimento da lei tornou-se ainda mais relevante, visto o conhecimento do oceano, como também dos rios e lagoas do Brasil, privilégio em geral dos pescadores, ser considerado estratégico para a defesa da costa e compreendido como estratégia militar. Contudo, a exigência da naturalização, em momento de intenso debate sobre a nacionalização do país, reacendia a lusofobia na ala mais radical da República, que nela se apoiava para justificar atitudes e medidas jacobinas.

O desfecho do episódio da naturalização deu-se com a partida dramática dos pescadores poveiros para Lisboa, em setembro. Em agosto havia sido eleita a primeira diretoria da Confederação Geral de Pescadores do Brasil, em assembleia que reuniu os pescadores do Distrito Federal e do Estado do Rio de Janeiro e os delegados das federações estaduais das colônias de pescadores fundadas no Norte, após a viagem do José Bonifácio àquela região. A diretoria da Confederação era composta pelos jornalistas Carlos Maul (presidente) e Francisco de Paula Machado (secretário), ambos membros da Ação Social Nacionalista. Poucos dias depois desta reunião milhares de pescadores da capital e do Estado do Rio realizaram, no Passeio Público, uma manifestação em apoio “ao comandante, oficiais, suboficiais e praças do ‘Cruzador do Bem’, prestigiando com seu entusiástico apoio a campanha pela nacionalização da pesca”.³⁶

Foi justamente no decorrer do intenso debate envolvendo os poveiros e a exacerbação de ânimos pró e contra a expatriação que João do Rio lançou, em 15 setembro de 1920, a primeira edição do jornal *A Pátria*. De acordo com

35. *Apud* VILLAR, *op. cit.*, p. 172.

36. VILLAR, Frederico. *Op. cit.*, p. 144.

37. MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. *Op. cit.*, p. 346.

38. RIO, João do. "O caso da agressão". *A Pátria*, Rio de Janeiro, p. 1, 4/10/1920.

39. RIO, João do. "Dulpho Pinheiro Machado – Superintendência de Desalimentação". *A Pátria*, Rio de Janeiro, p. 2, 27/12/1920.

Magalhães Júnior, João do Rio “nesse jornal, iria voltar-se, principalmente, contra Epitácio Pessoa, que começara a impopularizar-se e, desde o início de 1920, era violentamente fustigado pelos jornais oposicionistas”.³⁷

Logo nos primeiros números, o jornalista assume posição contrária à nacionalização da pesca e à obrigatoriedade da naturalização. João do Rio julgava a maneira como a lei foi executada “violenta, anárquica e antipática”³⁸ e argumentava que a naturalização dos pescadores era uma medida injusta e lusófoba, visto não haver a mesma rejeição aos pescadores japoneses, considerados por ele muito mais perigosos para a autonomia do país do que os portugueses.

João do Rio acusava ainda o governo de promover o confisco de peixes dos portugueses que recusavam a naturalização (medida adotada pela Superintendência de Alimentação), para beneficiar a Companhia Nacional de Pesca, cujo principal acionista, Henrique Lage, era amigo pessoal de Epitácio Pessoa.³⁹ Afirmava, ainda, que as colônias de pesca e as feiras livres criadas pela Superintendência (como parte do projeto de organização do serviço da pesca no Brasil), para a venda do pescado ao consumidor, em substituição à venda direta, feita pelo pescador, eram estratégias dos poderosos sindicatos, que apoiavam a nacionalização da pesca para dominar e submeter os pescadores.

Do lançamento do jornal à morte súbita de João do Rio, em 23 de junho de 1921, somam-se quase 60 artigos publicados na coluna “Bilhete” em defesa dos portugueses e contra os nacionalistas xenófobos. Chama de jacobinos os membros da ASN, e não titubeia em criticar o governo de Epitácio Pessoa, o qual também acusa de jacobinismo. Dirige-se ao “despeito” (reportando-se àqueles que o atacavam); critica os nacionalistas por rechaçarem a herança



Primeira página do jornal *A Pátria* n. 20

40. RIO, João do. “Z, homem de bom senso”. “Bilhete”. *A Pátria*, Rio de Janeiro, p. 2, 15/12/1920.

portuguesa; defende tenazmente os pescadores, os imigrantes e os escritores portugueses; combate a imigração japonesa (“o japonês é insidioso, de penetração pacífica”) e norte-americana (o americano “compra tudo e fica com tudo”) e apoia a imigração portuguesa, por vê-la como estratégia de manutenção da raça, da língua e de “domínio sul-atlântico”.⁴⁰

Enquanto se desenrolavam tais episódios e João do Rio ia diariamente escrevendo “bilhetes” contra a onda nativista e lusófoba, Epitácio Pessoa profere um discurso

na Praia Formosa, no Espírito Santo, no qual fala de jornalistas “vendidos”, referindo-se indiretamente a Paulo Barreto.⁴¹ De fato, as críticas aos nacionalistas exaltados e o esforço pela aproximação luso-brasileira lançavam sobre João do Rio a suspeita de que aceitava ajuda financeira da colônia portuguesa.

Por sua vez, a sobrevivência de *A Pátria* tornara-se um grande desafio para ele, por tratar-se de um jornal recém-inaugurado e de oposição ao governo central. Em carta ao amigo João de Barros escrita no Rio em 3 de fevereiro de 1921, desabafa sobre as dificuldades para manter o jornal:

esse colossal esforço patriótico traz-me a ruína e a agonia. Com o papel a dois mil réis a bolina podes imaginar o prejuízo diário que a grande tiragem me dá. Não durmo com a preocupação de arranjar dinheiro. Já hipotequei as casas. Tudo a pedir.

O repúdio às insinuações de Eptácio de que seria um “vendido” à colônia se confirma se observarmos a composição acionária do periódico. De acordo com Magalhães Júnior, João do Rio de fato contou com alguma contribuição de banqueiros e comerciantes portugueses, italianos e espanhóis. Contudo, majoritariamente, *A Pátria* foi viabilizada com suas próprias economias e também com o apoio financeiro de literatos brasileiros. Segundo o biógrafo, João do Rio levantou quase a quarta parte do dinheiro com o Banco Francês e Italiano para a América do Sul, a Banca Italiana di Sconto e o Banco Nacional Ultramarino. Donos de publicações ilustradas e editores brasileiros subscreveram ações.

As cartas também deixam ver que ele travava uma luta solitária. Percebemos que mesmo a colônia portugue-

sa se encolhera, receosa de retaliações. João do Rio, contudo, se mantinha firme, apesar de o protesto contra a onda lusófoba causar-lhe prejuízo financeiro e moral. Como ele mesmo declarou em carta, “trata-se da ideia, trata-se de não recuar”. Lamentavelmente, ainda sofreria com a perseguição de um de seus mais cruéis detratores, o jornalista mineiro Antônio Torres.⁴²

Membro da ASN, Torres tinha ojeriza aos portugueses, como também a todos que defendiam a aproximação entre o Brasil e Portugal, motivo pelo qual foi implacável contra João do Rio.⁴³ Em *Verdades indiscretas* (1920), em que recolhe crônicas publicadas na imprensa, e no livro *Azarações da Inconfidência* (1925) instilará todo o seu ódio aos portugueses e neles fará ataques ferinos e terríveis a João do Rio. Segundo seu biógrafo, Raul de Sá Barbosa, o ódio ao português seria explicado por diversos motivos: a cor do autor, que era mulato; o fato de ser natural de Minas e o trabalho nas redações de jornais do Rio, “submetidas àquele tempo a uma lei não escrita: falar mal de tudo menos da Igreja Católica e de Portugal”.⁴⁴

No livro *Verdades indiscretas*, Antônio Torres reuniu diversas crônicas publicadas anteriormente nos jornais do Rio, dando início aos ataques a Portugal e aos portugueses. Em um deles, intitulado “O descobrimento do Brasil”, escreveu contra João do Rio, João de Barros e Carlos Malheiro Dias. No texto, afirma que antes de Pedro Álvares Cabral estiveram no Brasil Diogo de Leppe, Solís, Yáñez Pinzón e outros que, infelizmente, não tiveram a iniciativa de tomar posse da nova terra para a coroa da França ou para a coroa da Espanha. A partir dessa referência ao descobrimento, ironiza um outro tipo de “descobrimento”, aquele que, na opinião dele, os escritores portugueses, cavadores, colocavam em prática assim que chegavam ao Brasil.

42. Antônio Torres nasceu em Diamantina, em 1885. Ordenado padre aos 22 anos, abandonou a batina e seguiu para o Rio de Janeiro, onde se empregou em *O Paiz* como repórter e redator, em 1912. Trabalhou ainda na *Gazeta de Notícias*, em *A Notícia*, colaborou com artigos e crônicas no *Jornal do Commercio*, em *A Noite*, na *Última Hora*, em *A Crítica* e no *Correio da Manhã*. Em 1918, por intermédio de Nilo Peçanha entrou para o Itamaraty, sendo nomeado embaixador em Londres, em 1920. SÁ BARBOSA, Raul de. *Antônio Torres: uma antologia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

43. *Idem, ibidem*.

44. *Idem*, p. 236.

Vejamos alguns golpes desferidos a Paulo Barreto. Em artigo intitulado “Cristo ou Crista?”, publicado em *Verdades indiscretas*, comenta a encenação do Auto da Paixão de Cristo, na Semana Santa, e a escolha da atriz Itália Fausta para o papel de Jesus. Argumenta que a escolha de uma mulher para o papel de um homem era no mínimo estranho, por motivos anatômicos etc. Até esse ponto, o texto de Torres discorre com leveza e criatividade. Porém, na conclusão da crônica, volta-se para João do Rio na tentativa de instilar veneno e, talvez, de forma grotesca, levar alguns leitores ao riso. Assim conclui: “e se Vossa Excelência persistir nessas intenções, que eu reputo contrárias à natureza e ao bom-senso, irei ao teatro, na Sexta-feira Santa, de gravata vermelha e barrete frígio, e farei berreiro para exigir que Madalena seja o Sr. Paulo Barreto”.⁴⁵

João do Rio, por sua vez, em seu último ano de vida, em “bilhetes” de intenso combate a todo tipo de radicalismo e intransigência contra os portugueses (nunca dirigiu um único “bilhete” a Antônio Torres, apesar dos ataques do agressor), via seus bens e saúde serem dilapidados pela “campanha” solitária que conduzia contra o nativismo, como ele mesmo salientou em uma de suas cartas a João de Barros e em várias edições de *A Pátria* (que circulou até a década de 1930). Na coluna “Bilhete” publicada em 25 de abril de 1921, pouco menos de dois meses antes de sua morte, dirige um de seus últimos bilhetes a “X- português”, negando ser um porta-voz dos ricos da colônia, como seus detratores afirmavam. Curiosamente, desabafa sobre o péssimo estado de seu coração,

defendo os meus irmãos, os portugueses – mas não defendo nenhum interesse de português rico com esta ou com aquela repartição brasileira. Um milionário seja de

que nação for tem sempre defensores. Eu seria desnecessário. Por mais que pareça impossível nesta época de cavações, faço sem espalhafato um jornal independente e honesto. Podem os miseráveis e incansavelmente reles invejosos pintarem-me com horrores. Cada vez mais os que não têm despeito sentem que eu posso errar mas sempre sinceramente, movido pela generosidade e pelo coração – que aliás começou a adoecer... Daí a inocuidade dessa campanha que quer reduzir um nobre amor à baixeza de um aluguel.⁴⁶

46. RIO, João do. "A X., português". "Bilhete". *A Pátria*, Rio de Janeiro, p. 2, 25/04/1921.

Parece inegável a sinceridade do cronista, em vista da maneira direta e franca como se dirige aos leitores. A decisão de manter sua posição, mesmo em estado de quase colapso financeiro e emocional, revela igualmente o compromisso do homem de letras e cronista com suas convicções políticas, com o exercício de pensar a questão nacional em momento de intenso debate sobre a presença portuguesa no país e a modernização do Brasil. Reafirma ser *A Pátria* um jornal independente e honesto e rechaça a suspeita de que recebia da colônia para manter a publicação do periódico.

Em seu último artigo, dirige-se ao vice-embaixador Frederico Castelo Branco Clark, então em Paris. Nele, critica mais uma vez a gestão de Epitácio, que levava o país à ruína. A crítica ao Executivo alcança também os ministros do governo de Epitácio. Em outras palavras, sem o saber encerrava sua carreira, brandindo fervorosamente contra aqueles os quais julgava perniciosos ao país, que levavam o Brasil à bancarrota, que deixavam os brasileiros inquietos, amargos, convulsos e inseguros quanto ao futuro. Achincalha Epitácio Pessoa, bem como os que o cercavam. Na mesma edição, critica em artigo não assinado o projeto de nacionalização da Marinha, segundo o qual só seriam admitidos nas embarcações nacionais brasi-

leiros natos. Segue, na íntegra, assim como foi publicado na sessão “Bilhete” de *A Pátria*, em 23 de junho de 1921:

pergunta você, meu caro Clark, como vamos de Rio de Janeiro? É a amável pergunta dos diplomatas que estão com o Oscar de Carvalho Azevedo em Paris preparando com o marechal Foch as festas de 15 de novembro na Ópera. E para ser amável, eu diria:

– Não tão bem como você, Clark.

Porque a verdade é que não se pode ir pior.

Imagine você que antigamente havia uma coisa que se chamava câmbio e permitia que as libras custassem 16\$ e o dólar não chegasse a 3\$500. Hoje não há mais câmbio, a libra custa os olhos da cara e o dólar é de 9\$ para cima.

Devemos isso a uma aposta do venerável Epitácio, que quer provar de como se leva um país à ruína sem para isso ser preciso saber finanças.

Assim os preços parecem titãs bêbados. Um jantar derreia um homem e um fato custa 450\$.

Também antigamente havia higiene. Agora a repartição aumentou, não há mais açucareiros e sim pulverizadores de açúcar. Os varejistas são multados militarmente. Em compensação as epidemias voltam a ser endemias e o diretor da Higiene vai passear à América.

Outra coisa que havia no seu tempo era dinheiro. Agora, o Epitácio gastou-o ou escondeu-o de tal modo que, um pouco de miolo mole, quando alguém dele se acerca, logo o homem indaga:

– Onde está o dinheiro?

Quando você ainda não tinha ido para Paris, roubando aos seus camaradas do Itamaraty a sua tão delicada convivência, os brasileiros andavam todos sem saber onde iam, mas satisfeitos, tranquilos. Agora continuamos a pouco



Palácio da Ópera,
Paris, 1906

querer saber onde vamos, mas, com uma diferença: é que vamos inquietos, amargos, convulsos, enfim – “epitaçados”.

Se você, meu claro Clark, saltando nesta cidade de ouro, que inspirou um poeta de muito talento, o Murilo de Araújo, resolvesse a quantos encontrasse fazer a pergunta:

– Está você contente?

Eu apostaria a minha vida (dois anos ainda, se houver muito cuidado, segundo o Rocha Vaz, o Austregésilo, o Gilberto Moura Costa e outras sumidades) contra dois tostões de como você, Clark, não encontraria ninguém que se mostrasse satisfeito.

Devemos tal estado de coisas ao Topete Funesto, ao velho Silva Pessoa inválido do Tribunal e frenético oradorzinho do Catete.

E para mostrar-lhe de como o vendaval da insânia varre a cidade: toda gente fala do Centenário, há mil projetos a executar; mas enquanto aí em Paris para festejar o nosso 15 de novembro na Ópera, os brasileiros gastam seis meses de trabalho, para o Centenário faltam 15 meses e ainda não se deu um passo.

Envio-lhe lembranças do Itamaraty. Os funcionários

47. RIO, João do. "Ao vice-embaxador Clark". "Bilhete". *A Pátria*, Rio de Janeiro, p. 2, 23/06/1921.

agonizam quase todos de azevedorite marqueteana ou seja – gripe cretinal.

Ex corde

João do Rio⁴⁷

João do Rio não poupa críticas a Epitácio. A má administração desvalorizava a moeda nacional frente ao dólar e à libra e aumentava o custo de vida na capital, onde fazer uma refeição, ou mesmo comprar um terno (utiliza a palavra “fato”, como dizem os portugueses), se tornava cada vez mais oneroso aos cidadãos. Critica inclusive as medidas austeras de higiene impingidas ao comércio varejista pelo chefe do Departamento Nacional de Saúde Pública, o médico e cientista Carlos Chagas. Estavam todos, diz com ironia, “epitacados”, desgraçados pela incompetência de Epitácio Pessoa.

Por fim, aposta o pouco tempo de vida que ainda lhe restava – “contra dois tostões” –, como seria impossível encontrar alguém satisfeito no Rio de Janeiro diante do “vendaval de insânia” que varria a cidade, que ainda não se preparava convenientemente para o Centenário da Independência. Por fim, manda lembranças ao vice-embaxador Clark dos funcionários do Itamaraty, que agonizavam de “gripe cretinal” causada por “azevedorite marqueteana”, ou seja, que sofriam com a incompetência de seu chefe, o ministro das Relações Exteriores, José Manuel de Azevedo Marques. João do Rio critica a lentidão do ministério nos preparativos para o Centenário, em função do qual aconteceria a Exposição Internacional de 22 e o Rio de Janeiro receberia a visita de António José de Almeida, presidente de Portugal. Também é possível supor que criticava o Itamaraty por não ter contornado a constrangedora partida dos pescadores poveiros para Lisboa. Enfim, seu coração, já debilitado, não resistiria à luta que tomara para si, contra todos.

Vinte anos após a sua morte, o jornal carioca *A Notícia*, dirigido por Cândido de Campos, fez um inquérito sobre a importância da obra de Paulo Barreto para o jornalismo e a aproximação luso-brasileira. Intitulada “Evocando a vida e a obra de João do Rio”, a série de depoimentos de eminentes escritores foi impulsionada pela publicação de dois artigos, de João de Barros e de Gustavo Barroso, no *Diário de Lisboa*, nos quais os autores lamentavam o esquecimento do nome de João do Rio, tanto no Brasil como em Portugal, nas comemorações pelos Centenários de Portugal.⁴⁸ As entrevistas tomaram dez edições, publicadas nos meses de janeiro e fevereiro de 1941. Edmundo da Luz Pinto, Austregésilo de Athayde, Ribeiro Couto, Jarbas de Carvalho, Carlos Maul, Guedes de Amorim, Luiz Edmundo, Augusto Frederico Schmidt, Abadie Faria Rosa e Herbert Moses foram entrevistados.

Na década seguinte, precisamente em 1950, João de Barros inaugurou, em Lisboa, um busto em homenagem ao grande amigo. Da morte do jornalista à publicação do inquérito e à inauguração do busto decorreram 30 anos. Três décadas nas quais o nome de João do Rio ficou esquecido, apesar de ter sido membro da Academia Brasileira de Letras, sócio-correspondente da Academia de Ciências de Lisboa, de ter propagado intensamente o Brasil no exterior e lutado pela aproximação entre o Brasil e Portugal, como estratégia de fortalecimento político, militar, intelectual e econômico das duas repúblicas.

Mas o próprio João de Barros se encarregaria de sedimentar e ampliar o esforço do cronista brasileiro. O poeta e pedagogo designou como “campanha atlântica” uma série de obras que publicou sobre o Brasil e a aproximação luso-brasileira ao longo de 34 anos. João de Barros incluiu nesse conjunto *A energia brasileira* (1913), *Caminho da Atlântida* (1919), *A aproximação luso-brasileira e a paz* (1919), *Sentido do Atlânti-*

48. Duplo centenário, oitavo da fundação da monarquia nacional lusitana por D. Afonso Henriques (1140) e terceiro da restauração da independência (1640) após 60 anos do domínio espanhol, por D. João IV. Na comemoração, organizada em Lisboa, o Brasil ganhou destaque como país irmão, estratégia do governo salazarista para propagar o Império Colonial Português. RAMOS, Maria Bernardete. “A intimidade luso-brasileira – nacionalismo e racismo”. In: RAMOS, Maria Bernardete, SERPA, Élio, PAULO, Heloisa (Org.). *O beijo através do Atlântico: o lugar do Brasil no Panlusitanismo*. Chapecó: Argos, 2001, p. 380.

49. COUTO, Ribeiro.
"Prefácio". In: BARROS,
João de. *Presença do
Brasil*: páginas escolhidas
(1912-1946). Lisboa: Rio
de Janeiro: Edições Dois
Mundos, 1946, pp. XIX -
XXXIV.

co (1921), *Heróis portugueses no Brasil* (1922), *Portugal, terra do Atlântico* (1923), *Euclides da Cunha e Olavo Bilac* (1923), *Palavras ao Brasil* (1936), *Alma do Brasil* (1937) e *Presença do Brasil* (1946). No prefácio deste último, o escritor Ribeiro Couto, que assume a cadeira de João do Rio na Academia Brasileira de Letras após a morte do cronista, escreveu:

João de Barros e Paulo Barreto lançaram as bases de tudo que veio mais tarde. Falar de Portugal e Brasil depois de 1910, misto de compreensão e solidariedade, aproximação, contraofensiva lusófila, futuro da civilização ibérica, sentido do Atlântico ou o que seja, é pronunciar, antes de quaisquer outros, estes dois nomes: Paulo Barreto e João de Barros. Aquele, duas vezes brasileiro, porque, ainda numa época de lusofobias esporádicas e obstinadas, aparentes ou encobertas, compreendeu o que representa para o Brasil o valor e a posição de Portugal no mundo. Este, duas vezes português, porque combateu o vaidoso preconceito reinol, o complexo de superioridade esparso no ambiente português, no segredo da alma de tantos portugueses (não dos da massa, mas dos finos e dos doutorais); convenceu muita gente do seu país do malicioso erro de pensar que no Brasil não havia verdadeiramente “nem cultura, nem progresso, nem civilização”.⁴⁹

O patriotismo que João de Barros viu no amigo foi também confirmado por Carlos Malheiro Dias, que ressaltou a agressividade e a impavidez de Paulo Barreto na defesa dos portugueses. No prefácio da *Carta aos estudantes portugueses* (publicada no jornal português *O Século* e, posteriormente, em livro), dirigida aos jovens de seu país, Malheiro Dias afirma que o “pequeno grupo de panfletários” no Brasil em nada se diferenciava dos portugueses que o ofendiam por defen-

der a aproximação luso-brasileira. Estes mesmos polemistas jacobinos incitavam os portugueses a odiar o Brasil, por conta da campanha nativista impetrada no Rio por “uma minúscula corte” reduzida a um “panfleto semanal sem repercussão na imprensa e na opinião pública” (trata-se da *Gil Blas*). Nesta “generosa cruzada”, ressalta Dias, João do Rio gastou “seu nome e sua pequena fortuna”. Enfim, como afirmou o amigo João de Barros, anos depois, corroborando o sentimento e o ideal que o aproximou e o uniu a João do Rio e ao Brasil:

o Brasil, irmão de Portugal – irmão querido, respeitado e amado nas suas semelhanças e nas suas diferenciações, nas suas divergências e nas suas parecenças – eis a verdade de amanhã, de hoje e de sempre.⁵⁰

João de ontem, de amanhã, de sempre

Estou em condições materiais perfeitamente pouco brilhantes.

Assim, vivo a escrever e a cavar a vida.

João do Rio em carta a João de Barros, 1916.

No busto de João do Rio instalado na praça Rio de Janeiro, em Lisboa, foi esculpida uma frase do jornalista. As palavras são claras sobre o que o motivou a difundir e a exaltar a aproximação com Portugal: “nada me devem os portugueses por amar e defender portugueses, por que assim amo e venero e quero duas vezes mais a minha pátria”. Seu depoimento revela que o amor ao Brasil o impelia a valorizar e a se orgulhar da herança portuguesa; da mesma forma, sugere que sua relação com Portugal e com os portugueses não foi motivada por outros interesses que não os intelectuais e afetivos.

50. BARROS, João de. *Adeus ao Brasil*. Lisboa: Edições Livros do Brasil, 1962, p. 20.

A frase talvez explique também o fato de o seu primeiro e único jornal, esforço para o qual despendeu suas economias e fragilizou sua saúde, chamar-se *A Pátria*, e de nele ter defendido portugueses pobres, perseguidos e injustiçados por adversários poderosos, de interesses escusos. A pátria brasileira, para a qual dedicou uma vida de narrativas, que sem dúvida constituem um precioso repositório de informações sobre os hábitos e costumes de uma época ímpar da história do Rio, é a mesma que sonhou mais próxima e amiga de Portugal. Seu patriotismo, como ele mesmo afirmou em diversos textos e discursos publicados e pronunciados ao longo da carreira, o impelia a amar a herança cultural portuguesa, a incentivar o estreitamento de laços entre o Brasil e Portugal e também a apontar as semelhanças raciais e linguísticas como justificativas para o fortalecimento de parcerias culturais e econômicas.

Por esse viés, o jornalista inovador, que brindou o início do século com textos reveladores sobre o cotidiano do Rio, e mesmo de cidades da Europa, como nenhum contemporâneo dele havia feito até então no Brasil, foi além. O repórter talentoso não temeu dar voz ao intelectual, que ocupou o lugar (muitas vezes espinhoso) de sujeito da enunciação, quando, na coluna “Bilhete” (a qual assina com o pseudônimo já incorporado como nome próprio), defende portugueses e manifesta repúdio ao antilusitanismo e ao nacionalismo fanatizante.

Naquele espaço de enunciação privilegiado, aponta o patriotismo como o combustível que movia suas ações e opções políticas e atribui para si mesmo o lugar de agente de propagação de uma identidade nacional vinculada à herança portuguesa. Ao afirmar que sua carreira foi toda pautada por esse ideal, confere não só um “sentido” à sua obra, como se propõe a ser aquele que toma esta posição no Brasil. Por esse

viés, constrói uma obra-manifesto em prol de uma nacionalidade brasileira arregimentada pelo lastro da herança cultural portuguesa. Talvez intuísse que, pelo jornalismo, podia regular e delimitar o espaço nacional, como afirma Julio Ramos:

o jornalismo não é apenas um agente de consolidação do mercado – fundamental para o conceito moderno de nação – mas também contribui para produzir um campo de identidade, um sujeito nacional, inicialmente inseparável do público leitor do jornal.⁵¹

Como visto, a construção de um campo de identidade nacional foi propagada por ele no livro *Portugal d'agora*, no qual não apenas faz referência às semelhanças urbanas entre Lisboa, o Porto e o Rio de Janeiro em várias passagens do livro, como confirma a importância de se manterem laços intelectuais e comerciais fortalecidos em ambos os lados do Atlântico. Talvez esta opção pela defesa e propagação da amizade luso-brasileira e a pregação de uma lusofilia militante tenha estimulado a antipatia de muitos intelectuais e provocado a desvalorização e o esquecimento póstumo de seu nome. Em outras palavras, a fama e o prestígio obtidos em vida caíram por terra com a defesa da aproximação entre o Brasil e Portugal, sendo necessário que portugueses dessem início à reabilitação de seu nome.

Porém, ao que tudo indica, nem mesmo esse esforço gerou dividendos para a memória de João do Rio, que teve a obra revisitada no Brasil somente a partir da década de 1990, onde, até os dias atuais, seu nome ainda não está amplamente difundido. Em Portugal, poucos sabem que ele existiu. Consequentemente, seus livros foram publicados enquanto esteve vivo e alguns relançados décadas depois da sua morte: *A bela madame Vargas* (1973), *A alma encantadora*

51. RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século XIX*. Belo Horizonte: Editor UFMG, 2008, p. 108.

das ruas (1987), *A mulher e os espelhos* (1990), *A profissão de Jacques Pedreira* (1992), *A correspondência de uma estação de cura* (1992), *As religiões no Rio* (2006) e *Cinematógrafo* (2009), publicado pela Academia Brasileira de Letras (ABL). *Portugal d'agora*, por exemplo, cujos exemplares da edição original foram encontrados em bibliotecas públicas do Rio, não foi localizado em sebos, nem do Rio, nem de Lisboa. De fato, o homem sensível e generoso que apanhava “duchas de lama”, como ele mesmo afirma em carta a João de Barros, pagou pelo conservadorismo e os preconceitos de uma geração que não poupou agressões morais e mesmo físicas a sua pessoa.

É possível afirmar também que sua aproximação com portugueses considerados esteticamente conservadores e acadêmicos, como o próprio João de Barros, o uso de construções e termos em português de Portugal e sua opção pela crônica, principalmente, não lhe permitiram estar inserido no grupo que quebrou dogmas pela linguagem. Esta avaliação de sua obra gerou o quase apagamento de seu nome das histórias da literatura no Brasil e a desvalorização de sua produção textual por boa parte da crítica até bem pouco tempo. Caso ele não tivesse morrido em 1921, provavelmente as vanguardas antecedentes de 1922 (sobretudo a feição paulista) não o aceitariam como parte do grupo modernista.

Enfim, da inauguração de *A Pátria* à morte de João do Rio se passaram nove meses e oito dias. No esforço para erguer uma ponte espiritual que definitivamente extirpasse os ressentimentos e aproximasse as duas nações irmãs, ele exerceu, no dizer de Michel de Certeau, uma “prática panóptica”, ou seja, a partir deste “lugar” de enunciação, no qual se autoriza a falar sobre patriotismo e amor filial a Portugal, “transforma as forças estranhas em objetos que se podem observar, medir, controlar e ‘incluir’ na sua visão”.⁵²



Busto de João do Rio
na Praça Rio de Janeiro,
bairro Alameda, Lisboa

CRISTIANE D'AVILA

Por esse viés, seguindo o raciocínio de Certeau, pela leitura de um espaço, pôde antecipar-se ao tempo. Com essa postura, fez amigos e também muitos inimigos – a morte súbita e solitária dentro de um táxi revelou a fragilidade do homem. Contudo, a homenagem popular em seu enterro, ao qual, estima-se, compareceram cem mil pessoas, celebrou a alma do escritor que soube tocar o coração dos leitores. Nesse sentido, seu caminhar não foi em vão.

CRISTIANE D'AVILA

ATLANTIDA

DIRECTORES:

JOÃO DE BARROS

JOÃO DO RIO

REDAÇÃO

Meu

Bom dia e bons

chegar em Teugo de

Escrevi-te com o

de negócios, e ag

vou visitar em

deve

AO (NO RIO.

N 11 / 2739

caro João.

...anos - porque esta já lá e se

**CARTAS A
JOÃO DE BARROS**

boas festas.

auxílio do fobosie > car

... com um pouco mais de

... a 3 de

per posta a venda a 3 de
... e' preciso



GRAND HOTEL - PARIS

TELEPHONES
328-26 - 328-46 - 328-81

Chauffage central
dans toutes les chambres

12 Boulevard des Capucines

Paris, le

1911

N 11 / 2720

Caro João de Barros

Muito bom dia e muito saudade d'aquella victoria abençoada

belo bello e' agora em Paris em um momento de crise e de

li mudei os meus ultimos livros e q. assim se elle a respeito da minha familia
em 18. V's em q. estado a lei se encontra. Os meus livros serao os primeiros a
verem se elle ali se post. São afeitos de varios seus interesses.

Apna um grande favor: e q. tirem ali os impressos sobre a guerra, popula
se mesmo com musica (a musica de morte, muitas faces, muitas camélias
vendo - o q. tenho de mais ~~uma~~ com alguns outros - e assim. Porisso
urgente.

E ainda para o Astoria Hotel, para tudo se muito obrigado e q. seja

o meu caloroso de fôrta.

Não esqueça o pedido.

Seu d'alma

João de Barros

P. fôrta: M. Pauls Barreto
Astoria Hotel
Paris.



M. correspondente: Paris, 12, Boulevard des Capucines, n. 12

Fevereiro, 1909

Caro João de Barros

Muito bom dia e muita saudade daqueles violentos almoços nossos.¹

Este bilhete é rápido. Em Paris não se escreve, vive-se. Preciso dizer-te que te mandei os meus últimos livros² e que escrevi ao Lello a respeito da revista falando em ti.³ Vê em que estado estão as coisas. Os meus livros novos são postos à venda no Lello aí no Porto.⁴ São infames de revisão mas interessam.

Agora um grande favor: o que tiveres aí de impressos sobre canções populares mesmo com música (a canção do norte, muitos fados, muitas caminhas verdes) – o que tiveres de mais nesse gênero, envia-me imediatamente. Preciso urgentemente.⁵

E envia para o Astoria Hotel,⁶ para onde me mudo sábado e que será meu endereço definitivo.

Não esqueças o pedido.⁷

Teu d'alma

João do Rio

Adresse: M. Paulo Barreto

Astoria Hotel

Paris

1. Em 2 de dezembro de 1908 João do Rio viaja pela primeira vez à Europa, a bordo do navio *Araguaya*, da Mala Real Inglesa, visitando Lisboa, Paris e Londres. Publica uma série de crônicas em 1909 na *Gazeta de Notícias* e em periódicos do Rio para os quais trabalhava, sobre a viagem às três capitais europeias, principalmente a série “Portugal d’agora”, na *Gazeta*, que dará nome ao livro homônimo de reportagens publicado posteriormente, em 1911, pelo editor Garnier, de Paris. Entra na Europa por Lisboa, e lá permanece por duas semanas. Dias depois de chegar à capital portuguesa, em janeiro de 1909, é apresentado, por Manoel de Sousa Pinto, jornalista português nascido no Brasil, ao poeta João de Barros – de quem se tornaria amigo inseparável e parceiro na defesa do estreitamento de laços intelectuais entre as duas nações. João do Rio conta, no livro *Ramo de loiro* (1921), como foi o encontro: “por uma fria tarde de inverno, em Lisboa, o polígrafo-artista, Manuel de Sousa Pinto, apresentou-me mais um poeta. Era João de Barros, de volta de Bruxelas, de Londres, de Paris. Homem muito civilizado, com a alegria espiritual que fazia o gênio de Bilac denominá-lo ‘luz em movimento’”. RIO, João do. *Ramo de loiro* – notícias em louvor. Paris-Lisboa: Aillaud e Bertrand, s/d. A viagem prossegue e ele se instala em Paris, no Astoria Hotel, de onde escreve esta carta a João de Barros recordando os passeios de ambos e os “violentos almoços” durante sua estada em Lisboa.

2. Provavelmente mandou livros dele a João de Barros. Em 1909 já havia publicado *As religiões do Rio* (1904), *O momento literário* (1905), *A alma encantadora das ruas* (1908) e a tradução do poema dramático *Salomé* (1908), do escritor inglês Oscar Wilde, todos pela editora francesa Garnier.

3. Irmãos Lello, famosos editores da cidade o Porto. Refere-se à futura *Atlântida* (1915-1920), que os dois lançariam somente em 1915, sob o patrocínio dos governos do Brasil e de Portugal. Contudo, já em 1909 lançam a ideia, o que comprova o escritor Ribeiro Couto: “foi em 1909, em Lisboa, que Paulo Barreto se fez amigo de João de Barros e com ele insistiu por que fosse ao Brasil. A viagem só se realizou em 1912 (...). A *Atlântida*, que durou cinco anos, foi o primeiro largo capítulo nessa vida nova, instaurada por João de Barros e Paulo Barreto nas relações luso-brasileiras. O que se fez depois resulta desses primeiros impulsos, desse rasgar de horizontes, desse restabelecimento de compreensão afetiva da cultura comum, dessa verdadeira aproximação de espíritos de que a *Atlântida* foi o fluido animador e contagioso”. BARROS, João de. *Presença do Brasil: páginas escolhidas*. Lisboa: Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1946, pp. XIX – XXXIV). Outra carta, esta do escritor português Manuel de Sousa Pinto a João de Barros, de 19 de março de 1909, registra o contato de Paulo Barreto com os Lello para a criação da revista. A carta está citada na introdução.

4. Segundo o biógrafo Raimundo de Magalhães Júnior, João do Rio faz contato com os editores portugueses Lello, no Porto, e com o francês Hyppolyte Garnier, em Paris, para a publicação de duas de suas obras, nesta primeira viagem à Europa. São os livros *Cinematographo* (1909) e *Fados, canções e danças de Portugal* (1910), respectivamente.

5. Pede canções portuguesas, inclusive do norte de Portugal, ao novo amigo, para escrever *Fados, canções e danças de Portugal*, que publica pela Garnier em 1910. Na visita a Paris, após a estadia em Portugal, assina com o editor francês a publicação do livro de canções. Por isso pede ao amigo urgência no envio de material para o livro, visto que já havia se comprometido com o editor Garnier, segundo afirma seu biógrafo José Carlos Rodrigues.

6. Na carta seguinte, comenta com o amigo que havia se mudado do Grande Hotel, onde se instalara quando chegou em Paris, para um apartamento na rue d'Astorg. Nesse ínterim se instala no Astoria Hotel, de onde escreve esta carta.

7. Recomenda mais uma vez o envio das canções para o Astoria. Este último comentário já denota a liberdade no trato com João de Barros, apesar da amizade ainda recente.

Exposição Universal de Paris, 1900

COLEÇÃO PARTICULAR



Para o Sr.
João de Sá

N.º 11/2759

Meu caro João.

Um simples bilhete de despedida, scripto, a correr. Foi ao Porto, falei aos Lello, desenvoli o plano da nossa revista numa grande magazine de folheos e de livros. No mesmo tempo q. esta carta, segue a exploração definitiva para a livraria. Vae lá e fala-lhes. Pode nos fazer arte supletiva como Oscar Wilde, Walter Crane, Morris e até Shelley nos magazines ingleses e podemos ser de facto, juridicamente no muito tentos de uma força. Desenvolva o meu Thema. A situação, o momento, tudo fiz: e' agora. Não percam a deliriosa q. para... Enverne-me para o Rio, Gazeta de Noticias, beu' da Jo.

Vou de Portugal com saudade. E principalmente porque ficou meu amigo, preso pela sympathia dupla do espirito e da gentileza do João e do Manuel, e para sempre teu

muito admirador e muito d'alma

Paula



Março, 1909

Meu caro João

Um simples bilhete de despedida, escrito a correr. Fui ao Porto,¹ falei aos Lello, desenvolvi o plano da nossa revista num grande magazine de fôlego e de lucro.² Ao mesmo tempo que esta carta, segue a explicação definitiva para a livraria. Vai lá e fala-lhes. Podemos fazer arte esplêndida como Oscar Wilde, Walter Crane, Morris e até Shelley nos magazines ingleses e podemos ser de fato, jornalisticamente no mundo diretores de uma força. Desenvolve o meu tema. A situação, o momento, tudo diz: é agora. Não percamos a deliciosa que passa...
Escreve-me para o Rio, *Gazeta de Notícias*, Ouvidor 70.

Vou de Portugal com saudade. E principalmente porque ficou sincero amigo, preso pela simpatia dupla do espírito e da gentileza do João e do Manuel,³ o para sempre teu

muito admirador e muito d'alma

Paulo

1. Escreve este bilhete do Porto, para onde vai após a passagem por Lisboa (antes de voltar para o Rio e depois da visita a Londres e Paris).

2. Refere-se aos planos de publicação da futura *Atlântida* com patrocínio dos Irmãos Lello, famosos editores portugueses. Pede ao amigo que vá ao Porto falar pessoalmente com os editores Lello e reforce a proposta de criação da revista luso-brasileira. Segundo João Carlos Rodrigues, “João do Rio não foi ao norte apenas para passear. Interesses menos mundanos o conduziram aos Irmãos Lello Editores, assinando com eles um contrato para o livro *Cinematographo*, seleção de artigos tirados da *Gazeta de Notícias* e de *A Notícia* (...)”. RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: vida, paixão e obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 99.

3. Manoel de Sousa Pinto (1880-1934) apresentou João do Rio e João de Barros, em 1909, em Lisboa. Foi escritor, jornalista, acadêmico e historiador. *Lello Universal: Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro* em 2 volumes. Porto: Lello & Irmão Editores, 1983. Neste ano, João do Rio e João de Barros tinham apenas 28 anos, e Manoel 29 anos.



Vista do Porto, Portugal, início do século XX

DOMINGOS ALVÃO



Livraria Lello e Irmão
CORBIS (DC) / LATINSTOCK

Cara João.

Escrevo-te aqui, na redacção, em lugares distintos e tipograficamente
pouco a cada vez, sempre te envio a loja, e os momentos fáceis
e mais rápidos.

Recibo hoje, de 20 junho, na tua carta, a continuação da tua obra, com
o pensamento de Abril! Não esquece a revista! Espera!

Manterei a tua parte a uma Sociedade Baixa. De, após o término da
minha vida, os trabalhos de casa, na organização de mais. Minha mãe
foi para a lista a Tijuca numa escola e lá temo (a Tijuca é uma
Pátria ou Lisboa); se quiser a estudar-me, é o meu caso em tua
carta, trabalho. Tenho artigos e artigos, livros, trabalhos e outros, em
na política.

O livro anteriormente foi a uma Sociedade Baixa a fim de Cores, Cores
Medeiros, e a ligação entre a cultura (foi a tua revista em educação
abstrata de abstrato) ficou acordada. Substância João não me deu
você o livro?

4 artigos já tem em vez. Outros apareceram e outros na obra
que a sua grande alegria que me dá de lá. É a tua obra de
tudo, a tua melhor obra. Vou escrever um artigo. Mas não já com
de a si ter-te até as notícias. Meus-te em já não como prova
tudo. É possível que quando eu voltar, João de Baixo seja popular
e a cultura de lá - porque tu não foram responsáveis ao País.

Em isto foi parte do programa, e não há porque ~~me~~ aprofundar ali.
É um a continuação de respostas a tua carta.

Não me dá comunicação alguma do Manual. Deste livro apenas uma
carta de parças e de abstratos enviados para o Cores.

Envio ao João, em isto me escreves. E quando eu voltar, João de Baixo
responde a tua carta de João e não me.



10 de junho, 1910

Caro João

Escrevo-te aqui, na redação,¹ em linguadões² destinados à tipografia – porque é desejo meu escrever-te muito e logo, e no momento falta-me o meu papel.

Recebi hoje, 10 de junho a tua carta, e ontem o teu livro,³ com oferecimento de abril! Não culpes o correio! Espera!

Mandaste o livro para a rua Senador Dantas. Ora, após o desastre da minha vida, mudamos de casa.⁴ Era impressionante demais. Minha mãe foi passar o luto à Tijuca, numa casita que lá temos (a Tijuca é como Benfica em Lisboa); eu fiquei a aturdir-me. E o único meio era trabalhar, trabalhar. Escrevo artigos e artigos, livros, traduções e meti-me na política.⁵

O livro naturalmente foi à rua Senador Dantas e ficou no Correio. Quando Medeiros e Albuquerque⁶ recebeu o volume (fez a teu respeito uma crônica admirável de elogio) fiquei nervosíssimo. Então o João não me mandaria o livro?

A interrogação levou um mês. Ontem apareceu-me o volume na redação e com grande alegria pus-me a lê-lo. É o teu livro definitivo, o teu melhor livro. Vou escrever um artigo. Mas desde já começo a citar-te até em notícias. Mando-te um jornal como prova disso.⁷ É preciso que quando cá venha João de Barros seja popular e

conhecidíssimo – porque tu vens fazer conferências ao Rio. Essa ideia faz parte do programa, que não sei porque esfriaram aí.⁸ E vem a ocasião de responder a tua carta.

Não recebi comunicação alguma do Manuel. Dele tenho apenas uma carta de pêsames e as crônicas enviadas para o *Correio*.⁹

Quanto aos Lello,¹⁰ esses Lello são crianças. A prudência do que eles escrevem chega a fazer rir.

Imagina tu, meu querido, o programa da nossa revista,¹¹ um país colossal como é o meu, com muito dinheiro, de que Portugal conhece o valor desde as primeiras explorações com passagem pela reedificação de Lisboa por Pombal, etc. etc. Imagina que eu tenho conhecimentos e uma situação política excepcional para o caso, pois sou amigo de todos os ministros. Imagina que ao aparecer do 1º número, arranjo pelo menos 1000 assinaturas no Rio (não de particulares, mas tomadas pelos ministérios. Imagina tu o *rantanplan*¹² em torno da livraria editora com lucro evidente para ela (estamos na América, mãe do Reclamo). Imagina tu que aos Lello pedi apenas 10 números de experiência em que eles não poderão gastar mais de 1:000 000 fortes.¹³

Depois de imaginar tudo isso, verifica esse caso espantoso: os Lello hesitam como se eu os convidasse para se atirarem no Atlântico à passagem da linha, fazem contas como Harpagão,¹⁴ entortilham a coisa cada vez mais e não tendo por onde fugir, imaginam com frases de jornal provinciano que o Congresso decreta uma lei especial para a entrada sem verificação da Alfândega, dos livros brochados!

É infinitamente cômico! Querer uma lei para os livros brochados, querer não pagar aos colaboradores, querer que trabalhem de graça, querer não sei mais o que apenas para realizar *materialmente* uma ideia nossa que será executada intelectual e praticamente por nós

com o fim de aumentar-lhes a fortuna!¹⁵ Qualquer editor francês não hesitaria um segundo.

Os Lello hesitam!

E mandam dizer a sério que refletiram e que o obstáculo é grande!

Nada! Não é!

Pelo mesmo correio respondo-lhes.

Não é preciso lei especial. Os Srs. Lello, para a remessa da revista, começam remetendo para cada estado aos seus correspondentes pelo Correio. Se os exemplares forem muitos e desde que passando de 2 quilos pagam-se direitos (imagina que cada revista não pesa mais de 100 gramas!) os srs. Lello fazem o que toda gente faz aqui: remetem várias listas com vários nomes ao mesmo correspondente que recebe por todos os supostos cavalheiros, por todos os nomes sem pagar direito algum. É o que fazem aqui todos os livreiros. Para aqui é maior a remessa. Mandam ao Jacintho, encarregado geral as mesmas listas nas mesmas condições. Quanto às assinaturas vêm de lá diretamente para os assinantes.¹⁶

Simple, pois não?

Os Lello tremem de fazer a revista e querem uma lei especial para os livros brochados, por tal empecilho!

No fundo, infantis, uma ganância de Shilocks¹⁷ em fraldas. Mas convence-os, João.

A nossa revista, à parte o lado material que é preciso atender, tem um grande e nobre ideal e paira uma atmosfera superior de intensa simpatia. É preciso convencer os Lello, porque deve partir de lá o grito.

Desabafo contigo, e vou escrever em estilo comercial aos bons Lello, a esses assustadiços Lello, muito pouco [...] Com um pouco mais quererão dinheiro no Banco antes, como garantia e eu acabo por arranjá-lo...

Quanto ao *Atlântica*, serve.¹⁸ Esplêndido.

Logo que saia o artigo remetê-lo-ei.¹⁹

Do teu muito d'alma

Paulo²⁰

Perdoa a moxinifada.²¹

Escrevo em estilo pouco Anatole,²² já em preparo da carta de negócio.²³

1. Escreve da redação da *Gazeta de Notícias*, provavelmente em papel destinado à publicação do jornal, e não de papel com seu nome timbrado.
2. Tira de papel em que se manuscreviam os textos destinados à publicação na imprensa.
3. Trata-se do livro *La littérature portugaise*. Porto: Livraria Universal de Magalhães Moniz, 1910 (exemplar consultado na Biblioteca Paulo Barreto, no Real Gabinete Português de Leitura, onde consta a seguinte dedicatória: “A João do Rio saudade de seu admirador e amigo João de Barros”). Trata-se de um livro de conferências realizadas pelo poeta na Universidade Nova e no Círculo Poliglota de Bruxelas.
4. Após a morte do pai Afonso Coelho Barreto, em 20 de março de 1909, ele e a mãe se mudam da Rua Senador Dantas para duas casas próximas. Ela para a Rua do Resende n. 20, ele para a Avenida Mem de Sá, 91, esquina com Gomes Freire. João do Rio fica sabendo da morte do pai ainda no regresso de Lisboa, de onde parte de volta ao Brasil, por telegrama, na parada do navio em Recife.
5. Em período de intenso trabalho, João do Rio era o maior nome da *Gazeta de Notícias*. Em suas crônicas, apoia Rui Barbosa para a Presidência da República, em oposição aos militaristas, que queriam a Presidência nas mãos de Hermes da Fonseca, apoiado pelo senador gaúcho Pinheiro Machado. Segundo João Carlos Rodrigues, chega a criar um pseudônimo, Simeão, a partir de outubro de 1909, para apoiar Rui Barbosa e os “civilistas” na *Gazeta*. (RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: vida, paixão e obra*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2010, p. 102-103).
6. Escritor José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934). Cronista, romancista, poeta, teatrólogo, jornalista, conferencista, crítico. Autor do *Hino da República*.
7. De fato, publica a resenha do livro de João de Barros na coluna “Cinematographo”, da *Gazeta de Notícias*, a qual assina com o pseudônimo Joe, em 22 de maio de 1910.
8. O Rio havia adotado a moda, trazida da Europa por Medeiros e Albuquerque, das conferências literárias para público pagante.
9. Escritor Manoel de Sousa Pinto, amigo de ambos, manda pêsames a João do Rio e crônicas para serem publicadas no jornal *Correio da Manhã*, do qual era colaborador.
10. Irmãos Lello, famosos editores do Porto.

11. Refere-se à futura *Atlântida*, a ser lançada somente em 1915.
12. Francês para rataplã.
13. "(...) no Brasil havia os réis fracos, que eram a moeda corrente, e os réis fortes, usados nas operações cambiais com o exterior, incluindo Portugal." ALMEIDA, D. *Centenário da República: a criação da Escola Feminina em Travanca*, 25 mar. 2011. Disponível em: <http://travancaintemporal.blogspot.com.br/2011/03/centenario-da-republica-criacao-da.html>. Acesso em 29 out. 2012.
14. Avarento, sovina, alusão ao personagem de *O avarento*, comédia de Molière.
15. Critica a hesitação dos Lello, que sugeriam, segundo ele, a promulgação de uma lei no Brasil para a isenção de impostos aos livros brochados (publicação encadernada com capa dura e lombada) importados. Parece que os Lello também exigiam que os colaboradores recebessem após a publicação da revista, e não antecipadamente.
16. Explica claramente que os Lello poderiam proceder como procediam outros editores estrangeiros à época, que mandavam as publicações para seus correspondentes em todos os estados brasileiros pagando apenas uma taxa quando a remessa ultrapassava o peso de dois quilos. Pelo cálculo de João do Rio, a taxa seria paga apenas se a remessa contivesse aproximadamente mais de 20 revistas, supondo que cada exemplar pesasse cerca de 100 gramas.
17. Shilock, agiota judeu personagem de *O mercador de Veneza*, peça teatral de William Shakespeare.
18. *Atlântica*, nome sugerido em 1909 para a futura revista por Manoel de Sousa Pinto, em carta a João de Barros citada na introdução.
19. Refere-se à resenha do livro de João de Barros, publicada em 22 de maio de 2010.
20. Assina esta carta como Paulo Barreto.
21. Jacques Anatole François Thibault, mais conhecido como Anatole France (1844-1924), escritor francês.
22. Mistura de coisas de diversas naturezas, miscelânea, mixórdia.
23. Carta de negócio que remeteria aos Lello para convencê-los das vantagens da publicação da futura *Atlântida* (1915-1920). A revista acabaria sendo patrocinada pelos governos do Brasil e de Portugal e publicada em Lisboa.

Meu caro João.

Demulga as brevidade das cartas. Tanta tanta
coisa que o q. preocupar, espírito e agitar o corpo
q. é impossível a tranquillidade de uma longa epistola.
Vae tão bem.

Mando-te a entrevista q. fiz na me a propo-
zição do Affor. Costa, e outro numero com uma
noticia sobre o teu livro entretencido (Merei, mer-
ci pela redi. cativa, ainda uma vez!)

Temos feito o reclamo ao novo João!

O sitio estranho tuos e mais alguma coisa. So'
em abril / falo ao Lauro sobre o novo caso.

Escreve para a Gazeta!



Dezembro, 1910

Meu caro João

Desculpa a brevidade das cartas. Tenho tanta coisa com o que preocupar o espírito e agitar o corpo que é impossível a tranquilidade de uma longa epístola. Vai tudo bem.

Mando-te a entrevista que fiz na rua a propósito do [...] Costa,¹ e outro número com uma notícia sobre o teu livro enternecedor (*Merci, merci* pela dedicatória, ainda uma vez!).²

Temos feito o reclamo³ ao nosso João!

O sítio⁴ estragou tudo e mais alguma coisa. Só em abril falo ao Lauro sobre o nosso caso.⁵

Escreve para a *Gazeta*!

Escreve para a *Gazeta*!

Escreve para a *Gazeta*!

As tuas crônicas só não haviam saído por distração do Lello⁶ – que as guardava nas gavetas e as esquecia. No fim encontrou várias!..

O Carlitos – elegante e europeu – entrou amigado com a Maria Fonseca.⁷ É o grande amor!

Eu sofro de não amar ninguém e de ser um pobre infeliz d'alma.

Do teu

Paulo

Beija o Paulo

Beija o Henrique⁸

O Dantas⁹ falou-me com carinho de ti.

Saudade

1. Entrevista realizada na rua sobre um suposto Costa, não identificada. Um bilhete ligeiro, somente para dar notícias ao amigo. A frase “vai tudo bem” indica que manda apenas notícias, visto que a situação política no Brasil era bastante delicada, o que comprova o estado de sítio instaurado em dezembro de 1910.

2. Refere-se à obra *La littérature portugaise*. Porto: Livraria Universal de Magalhães Moniz, 1910 (exemplar consultado na Biblioteca de Paulo Barreto, no Real Gabinete Português de Leitura, com a seguinte dedicatória: “A João do Rio saudade de seu admirador e amigo João de Barros”). Trata-se de um livro de conferências realizadas por João de Barros na Universidade Nova e no Círculo Poliglota de Bruxelas, Bélgica. Envia ao amigo outro periódico no qual fora publicada uma notícia sobre o livro, mas não revela qual. Em 22 de maio de 1910 já havia publicado na *Gazeta de Notícias*, na coluna “Cinematographo”, uma resenha sobre este livro de João de Barros.

3. Reclamo, propaganda.

4. Estado de sítio instaurado pelo governo, em dezembro de 1910, em razão da Revolta da Chibata: motim de marinheiros, comandados por João Cândido por melhores soldos e alimentação e o fim dos castigos corporais, as chibatadas.

5. Falará supostamente a Lauro Müller, que havia sido ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas de Rodrigues Alves de 1902 a 1906, sobre possível apoio financeiro para a publicação da revista luso-brasileira *Altântida* (1915-1920). Comentou em carta anterior que conhecia todos ministros e homens que poderiam apoiá-los na empreitada.

6. Editor Lello, do Porto. Por alguma razão os Lello guardavam crônicas de João de Barros que deveriam ser enviadas para publicação no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, onde João do Rio trabalhava.

7. Carlitos e Maria Fonseca, pessoas não identificadas.

8. Paulo e Henrique, filhos de João de Barros.

9. Julio Dantas, escritor e jornalista português (1876-1962). Colaborou em quase todos os jornais portugueses e ainda no *Correio da Manhã* do Brasil. BOAVIDA, Maria Filomena; FRAZÃO, Fernanda. *Pequeno Dicionário de Autores de Língua Portuguesa*. Lisboa: Amigos do Livro Editores, 1983.

111/2725

Meu caro João.

Cheguei a Lima. Continuação insignificante. O José Mendes (o empresário) literalmente me destruiu, porque ella em dois annos coureu-me dois ranchos e extragou-me varios negocios, não quer ser amante e ama-a. A Lima está atropes e fôrnicia com toda gente. É' do sangue.

A terrivel anemia q' me tomou pela ameaça de suicidio, a má febre, apanar de ser divorciado do Porto Carrero e de não poder, não se fazer o Carnaval em seu pyjama, casou-se com a Lima. Passamos 11 dias nessa orgia de q' se não fala.

Não creio para revelar Vae, sandices, mas para divertir quanto os melancolicos de casias tuas com autodesconia - nelle se ve retratos. Esta pais está' uma porta recensão como seria o Manuel se estivesse em Napoles. Meas .ds. es q' vultus come algum, tudo se arranjara' aqui. Vem passar, sem Porto fazer aqui, em S. Paulo e em Minas dos



Fevereiro, 1912

Meu caro João

Chegou a Ema. Criaturinha insignificante. O José Moraes (o empresário) literalmente sem dinheiro, porque ela em dois anos comeu-lhe 200 contos e estragou-lhe vários negócios, não quer ser amante e ama-a. A Ema dá ataques e fornicava com toda a gente. É do sangue.¹

A terrível senhora que me domina pela ameaça do suicídio, a sra. Aurea, apesar de ser *divorcée* do Porto Carrero e de sociedade, deu de fazer o Carnaval em pijama, comigo e com a Ema. Passamos 4 dias nessa orgia de que se não fala.²

Não escrevo para revelar tais sandices, mas para insistir quanto a reclamamos de coisas tuas com antecedência – inclusive retratos.³ Este país está uma *porca miséria* como diria o Manoel⁴ se estivesse em Nápoles. Mas, desde que venhas com algum, tudo se arranjará aqui. Vem passear, vem. Podes fazer aqui, em S. Paulo e em Minas as conferências.⁵

E passearemos um pouco. E conversaremos. Conto não ter mais Aurea nesse momento. Uff! Ah! Poeta. Que coisa pavorosa um homem gordo amado por uma senhora triste rica.

Conto receber por teu intermédio as minhas camisas. Escreve-me com detalhes. Bateremos todos os tambores – inclusive o dos cartazes.

Desculpa a brevidade desta. Estou a morrer de uma coisa esplêndida:
– o raro sono.

Do coração

Paulo

1. Ema de Sousa, atriz brasileira que trabalhou no elenco de *A bela madame Vargas*, peça teatral de João do Rio de 1912.

2. Passa o Carnaval do Rio em companhia de Aurea Porto Carrero, *socialite* carioca, e a atriz Ema de Sousa. Supõe-se, assim que essa carta seja de fevereiro de 1912.

3. Pede ao amigo que envie notícias e mesmo fotografias.

4. Manoel de Sousa Pinto, amigo de ambos.

5. Incentiva João de Barros a visitar o Brasil, onde poderia ganhar dinheiro fazendo conferências em São Paulo e Minas Gerais. João de Barros viria ao Rio em agosto de 1912.

NH/2725

conferências.

É passaremos um pouco. E conversaremos. Conto não
ter mais queca nesse momento. Uff! Ah! Pôta, Sua
caixa passava um homem gosto amado por uma mulher lypte
rica.

Conto receber por teu interesse as minhas coisas. Passare-
me com de falles. Retiremos todos os trabalhos - incluindo
o dos cartões.

Relatou a brevidade desta. Estou a morrer de uma
coisa esplendida: - o raro sommo.

Com carinho

Paulo



JOÃO DO RIO

20, REZENDES
TELEPHONE 4880
RIO

NH/2712

Rio, 3 de novembro, 1912.

Meu caro João.

O sucesso da Bella Meadeau Vargas foi
uma coisa extraordinária e inédita. Como se ter
incapacitado pela ausência das muitas cartas parisi
e nos dois successos fora de mim, tendo a Grêta
por colaboradora e a Rocheika aqui a abençoar-me
com toda a delicadeza amiga possível.

No dia do ensaio geral estava doído. Tão doído q.
a 1 da noite ~~apenas~~ abordei na presença tres
homens e levei-os a delegacia. A fúria resolveu a
força - Espunhei-os com a mão esquerda e os
pés - porque tinha a mão direita ferida por um
desastre de automovel q. quasi leva d'alta para



Rio, 3 de novembro, 1912

Meu caro João

O sucesso da *Bela Madame Vargas*¹ foi uma coisa indescritível e inédita. Como deves ter imaginado pela ausência das minhas cartas passei o mês dos ensaios fora de mim, tendo a *Gazeta*² por contrapeso e o Rochinha³ aqui a aborrecer-me com toda a delicadeza amiga possível.

No dia do ensaio geral estava doido. Tão doido que à 1 da noite esbordeei na Avenida⁴ três homens e levei-os à delegacia. A fúria redobra a força. Espanquei-os com a mão esquerda e os pés – porque tinha a mão direita ferida por um desastre de automóvel⁵ que quase leva desta para melhor eu e a senhora minha mãe.

De resto, o ensaio correrá pessimamente, e havia a assisti-lo vários impertinentes cretinos.

Imagina! *A Bela Mme. Vargas* era para mim decisivo. Eu ia provar o domínio sobre uma sociedade e entregar-me vivo à mastigação dos meus inimigos.

Pois não. Desde o 1º ato fui chamado à cena. No fim do 2º, 8 chamadas; no fim do 3º outras tantas! E na 2ª e na 3ª representação ainda a sala cheia do Municipal⁶ exigia a minha presença.

A critica foi unânime. Imagina que o *Careta*⁷ deu uma larga notícia de louvor e que o *Correio da Manhã*⁸ me chamou de gênio! Cheguei a pensar que era pilhéria. Nós só seremos gênios, depois de mortos...

As mulheres ficaram verdadeiramente doidas. As cartas que recebo dessas damas, querendo palestras íntimas com o criador do gigolô Carlos⁹ e do barão Belfort.¹⁰ Certo porque o barão tem um frase tua, a dos cristais, esse barão se fez mais humano que no *Dentro da Noite*.¹¹

Enfim, um estrondoso êxito. Imagina que o empresário Caramba pediu a peça para a Reiter, e um inglês que apareceu no Municipal de roupa de brim branco quer levar *Mme. Vargas* para Londres.

Coisas do entusiasmo de uma I^a!

Mando-te uma cópia da peça para o República, e escrevo ao mesmo tempo ao Augusto e ao Visconde.¹²

Acho que eles podem montar a peça. É brasileira sendo universal, e com 3 cenas de levantar plateia.

Não sei quem possa fazer *Mme. Vargas* – porque não conheço agora o elenco do D. Amélia, tendo cá ficado a Angela. Mas há dois papéis que devem ficar como luvas: o barão Belfort para o Augusto Rosa e o gigolô Carlos Villar para o Henrique Alves.¹³

Se eles não a quiserem montar este ano não insistas e devolve-me a cópia – cópia aliás estupidamente feita por um datilógrafo analfabeto.

Soube aqui no banquete do Lage¹⁴ ao senador Luniez, que ias para Vizeu.¹⁵ Disse-nos ao Nilo Peçanha e a mim o inefável Bernardino.¹⁶ Será possível? Essa república será capaz de fazer tal coisa ao maior dos seus poetas novos? Que pena não teres nascido no Brasil. Garanto-te que não irias para o interior...

Publiquei as tuas *fitas* do *Século* e do *Mundo*.¹⁷ És pai de 1ª ordem, e inteligentíssimo, e queridíssimo João! Quando vieres agora ao Rio vens para levar alguns contos de réis fortes.¹⁸ Só deixaste aqui amigos e admiradores... e discípulos. Sim, discípulos. Os mesmos agora são todos dionisiacos, cantando a alegria, a força e outras coisas esplêndidas que estão no *Anteu*.¹⁹

Só um disparate fez a tua meninice: mandar-me ao desembarcar os 500 00.²⁰ Que maluquice! A coisa foi com tanta pressa que chegou cá antes da ordem da casa em questão. Ainda não os recebi.

Porque essa precipitação? Sabias tão bem que não tinha a menor necessidade deles. E eu que organizava as coisas, de modo a que tivesses um mês bom em Lisboa. Com um pouco mais mandavas-me os juros.

Safa!

Li também a tua esplêndida crônica: *Adeus a S. Paulo*. É admirável de sensibilidade. Apenas, melancólico espírito delicado, estás errado. Quantas pessoas pensam em ti agora no Brasil lendo o *Anteu*? Quantos aqui e em S. Paulo agora estão gratos às tuas palavras?

E quanto a amigos – um pelo menos que te quer muito, não te esquece. Esse sou eu.

Só as mulheres, Poeta, esquecem – quando não são honestas. E é pena porque no mundo cada vez mais abundam as que não o são...

Este país continua de primeira ordem. Sabes a solução do problema casa para operários? O governo garante um empréstimo particular e dentro de 3 anos teremos *10.000 casas mais!*

Além dessa [...], há na Câmara o projeto de ceder a um americano o Trecho do Rio: da praça da Aclamação para a Avenida do Mangue – para que ali se faça a *Etoile*, isto é a praça da Concórdia com 12 avenidas vindo ali ter.

Precisas a ligação do Brasil.

Assim apoiado, dois anos depois o Rio será teu.

O Lampreia só teve dinheiro depois que deixou a diplomacia.²¹

Mas vejo que escrevo muito

Até breve.

Responde.

Do muito d'alma

[Paulo]

P.S. O Lello mandou-me 4 exemplares de um livro meu e 100 apenas (!!!!) para os caixões do Alves.²² É possível fazer reclamo para isso? Acreditará ele que eu não vendo os 100 livros? É um cavalheiro que mata as edições da gente. Depois toma ares e fala. Nem aos meus amigos consegui dar o volume. Só mesmo para as reedições do Neto!²³

Um beijo na barba venerável do nosso S. Manoel de Sousa Pinto²⁴

E os petizes como vão?²⁵

Desculpa o descosido da carta. Escrevo a correr com imensa vontade de conversar muito.

1. Estreia, em 22 de outubro de 1912, *A bela madame Vargas*, peça encenada pela Companhia Nacional de Teatro no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, interpretada por Maria Falcão, Carlos Abreu, Antônio Ramos, Luiz de Oliveira e Álvaro Costa. Volta ao cartaz em 21 de novembro no Teatro Recreio Dramático, mesmo ano da edição em livro.
2. Jornal carioca *Gazeta de Notícias*, onde colaborou de 1903 a 1915.
3. Oliveira Rocha, o Rochinha, um dos proprietários da *Gazeta de Notícias*.
4. Provavelmente Avenida Central, atual Rio Branco.
5. Nenhuma biografia do autor faz referência a este desastre de automóvel.
6. Theatro Municipal do Rio de Janeiro, inaugurado em 1909.
7. Revista *Careta*.
8. Jornal carioca *Correio da Manhã*.
9. O gigolô Carlos Villar, personagem de *A bela madame Vargas*.
10. Barão de Belfort, espécie de heterônimo, que também frequentará suas crônicas e o romance *A profissão de Jacques Pedreira*, além da conferência *O flirt*. In: GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio: velas do vício, ruas da graça*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 1996, p. 118.
11. *Dentro da noite* (1910), famoso livro de contos de João do Rio.
12. Esperava que a peça fosse encenada no Teatro da República, em Lisboa. Provavelmente, tem intenção de enviar a peça para que o ator português Augusto Rosa e o empresário do República montem a peça nesse teatro. *A bela madame Vargas* seria encenada apenas em 2 de fevereiro de 1914, no Teatro Ginásio.
13. Augusto Rosa e Henrique Alves, atores portugueses.
14. Henrique Lage, empresário português dono do jornal carioca *O Paiz*.
15. João de Barros iria para Vizeu, cidade no norte de Portugal, assumir cargo público, o que João do Rio criticava por considerar que o amigo deveria se dedicar exclusivamente à imprensa e à realização de conferências.

16. Bernardino Luís Machado Guimarães (1851-1944). Com a instauração da República Portuguesa, em 1910, foi Primeiro-Ministro dos Negócios Estrangeiros (de 1910 a 1911) e o primeiro embaixador de Portugal no Brasil (1913). Foi Presidente da República Portuguesa por duas vezes. Primeiro, de 6 de agosto de 1915 até 5 de dezembro de 1917. Mais tarde, em 1925, volta à Presidência da República para, um ano depois, voltar a ser destituído pela revolução militar de 28 de maio de 1926.

17. *O Século* e *O Mundo*, jornais de Lisboa. João do Rio publicou artigos de João de Barros na *Gazeta de Notícias* que haviam sido publicados nestes periódicos portugueses, mas não especificou a data.

18. “(...) no Brasil havia os réis fracos, que eram a moeda corrente, e os réis fortes, usados nas operações cambiais com o exterior, incluindo Portugal.”
ALMEIDA, D. *Centenário da República: a criação da Escola Feminina em Travanca*, 25 mar. 2011. Disponível em: <http://travancaintemporal.blogspot.com.br/2011/03/centenario-da-republica-criacao-da.html>. Acesso em 29 out. 2012.

19. *Anteu* (1912), Livro de poemas de João de Barros.

20. Pagamento referente a algum trabalho de João do Rio publicado em Portugal, ou talvez João do Rio tenha emprestado o dinheiro a João de Barros quando da visita do poeta ao Rio e São Paulo, para conferências, em agosto de 1912. João do Rio ciceroneou o amigo no Rio e em São Paulo por salões literários e redações de jornal. Publicou em 16 de agosto o perfil do poeta n’ *O Commercio de São Paulo*, jornal paulista, por ocasião da visita de João de Barros à cidade, em artigo intitulado “O poeta João de Barros”.

21. Mais uma vez adverte o amigo para o risco de assumir cargo público e não se dedicar à literatura e à realização de conferências, uma boa fonte de renda para muitos escritores.

22. Em 1912, já havia lançado pelos Editores Lello, do Porto, *Cinematographo* (1909) e *Os dias passam...* (1912). Reclama que o editor Lello havia destinado uma quantidade elevada de exemplares (100) de um livro dele, não especificado, para os “caixões do Alves”, ou seja, que ficariam encaixados na livraria de Francisco Alves, cuja fama era de mau distribuidor, e apenas quatro exemplares para que o próprio João do Rio distribuísse entre os amigos.

23. Irônico, afirma que tal editor só serviria mesmo para reeditar as obras de Coelho Neto.

24. Manoel de Sousa Pinto, escritor português nascido no Brasil que apresenta os dois "Joões", muito amigo de ambos, e será colaborador de *Atlântida*.

25. Pergunta pelos filhos do poeta, Paulo e Henrique Barros.

Man rej. q. sereno muito
breve.
Resposta.
Commitô d'alma
Paulo

Dezembro e Janeiro de 1900
da carta. Encerro a correr do
com uma vontade de escrever muito

P.S. - O Sello mentiona-me 4 exemplares de um livro
meu e lo. ^{apenas} (!!!!) para o caixa do Alves.
É possível fazer reclamação para ir. ^{quantidade de 100 exemplares} É um cavalheiro
q. trata as edições da gente. Depois toma ares e
fala. Não aos meus amigos conseguiu dar o volume.
Se mesmo para as edições do Netto!
Um beijo na barba venerável do nosso S. Manoel de Sousa Pinto
de Paulo

Meu caro João.

Sempre q. pretendo escrever uma carta longa,
as atropalhadas da Greta cortam-me o tempo.
Quisa hoje.

Quisa me um bilhete.

Neste vapor, no Itatia vou a ver minha
mãe. Quero-te q. não te aborreça
com ella muito. Não quero q. te tome o
tempo. Filia, demora pouco ali. Procura-
lle uns paucos. É o Hotel Central.

Rua Nova de S. Domingos 32, com
o sr. Augusto Tedeschi receberá as
memorialistas da Greta. Pala-lhe.

As cartas tem agradao em cheis.

Escrevi ao Augusto. Elle q. seixe de
sentimentos. As minhas cartas são raras



Novembro, 1912

Meu caro João

Sempre que pretendo escrever uma carta longa, as atrapalhões da *Gazeta*¹ cortam-me o tempo. Ainda hoje.

Assim vai um bilhete.

Neste vapor, no *Frisia*² vai a senhora minha mãe. Peço-te que não te aborreças com ela muito. Não quero que te tome o tempo. Aliás, demora pouco aí. Indica-lhe uns passeios. E o Hotel Central.³

À *Rua Nova de S. Domingos 32*, com o sr. *Augusto Tesdeschi* receberás as mensalidades da *Gazeta*.⁴ Fala-lhe.

As cartas têm agradado em cheio.

Escrevi ao Augusto.⁵ Ele que deixe de sentimentos. As minhas cartas são raras mas também escrevo como um amoroso de 20 anos à deusa dos seus sonhos. Não são cartas, são declarações.

Mandei-lhe também os jornais que falaram da minha peça.⁶

Mas são 4 da tarde!

Perdoa

Do velho d'alma

Paulo

1. *Gazeta de Notícias*, jornal carioca onde trabalha de 1903 a 1915.

2. Embarcação por onde viaja a mãe, Florência dos Santos Barreto, rumo a Lisboa, em 22 de novembro de 1912. Segundo Gilberto Amado, a mãe de João do Rio “era uma morena refohuda e penugenta, alegre e vivedora, de um egocentrismo de atriz, ansiosa de aproveitar tudo da vida (...). Paulo adorava-a, e em servi-la e satisfazer-lhe a avidez de grandes mimos, empregava a diligência de um enfermeiro alegre por uma doente caprichosa”. *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa*, p. 60. A lista de passageiros confirma a presença da mãe de João do Rio na embarcação (www.jusbrasil.com.br/diarios/1912255/dou-secao-1-22-11-1912-pg-29).

3. Hotel em Lisboa.

4. Indica o endereço ao portador que entregará a João de Barros o pagamento por seus artigos na *Gazeta de Notícias*.

5. Em carta de 3 de novembro de 1912, comenta que gostaria do papel do Barão Belfort, de *A bela madame Vargas*, para o ator português Augusto Rosa, caso a peça fosse encenada em Lisboa, o que acontecerá em 2 de fevereiro de 1914. O ator Pato Moniz interpretará o barão.

6. Referência à publicação de artigos sobre a estreia da peça *A bela madame Vargas* no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em 22 de outubro de 1912.

Mas Também escrevo como um amoroso
de 20 annos a Souza dos seus sonhos.
Não são cartas, são declarações,
Mandei-me Também os jornais q. falarem
da minha vida.

Mas não 4 da Parte!

Perfôa

do

vellas d'alma

Paulo

Comunidade

R. Andrade (povo)

O.O.

João, queriíssimo

Tenho uma coisa impagavel. Lembra-te
 do General Francez, o elegante do Paiz?
 Era o amante da madame Camacho!
 O marido, aquelle cretino com anos de bone
 co d'alfinete barato — soube! Soube
 e teve cunha. Entao mandou 5, nota bem
 5 amigos seguirem a feia Camacho e quan
 do a bella Camacho (digo bella agora por
 q. me se comprehende uma aduitera feia)
 palpitava nos braços do General, na sua
~~bell~~ garroniere do Rensel, deu-se o
 flagrantissimo delicto mais escandaloso do Rio
 de Janeiro.
 O divorcio e impagavel. Camacho elina



Novembro, 1912

João, queridíssimo

Tenho uma coisa impagável. Lembras-te do Amaral França¹, o elegante Sr. do *Paiz*? Era o amante da madame Camacho!² O marido, aquele cretino com ares de boneco de alfaiate barato – soube! Soube e teve ciúme. Então mandou 5, nota bem, 5 amigos seguirem a feia Camacho e quando a bela Camacho (digo bela agora por que não se compreende uma adúltera feia) palpitava nos braços do Amaral, na sua *garçonnière* do Russell, deu-se o flagrante delito mais escandaloso do Rio de Janeiro.

O divórcio é amigável. Camacho chora (isto é, Camacho fêmea) enquanto Camacho de barba olha o céu pensando ver o chifre. Isso causou na *bande*³ a impressão do raio. O nosso incorrigível ingênuo Sampaio ficou prostrado, e assegurou-me que felizmente a Marguett⁴ era angélica.

– Uma crença incoerente.

Passei-lhe uma descompostura. Estava neurastênico.

– Pois se ela quando aquele moço ousado tentava o lar brasileiro...

Era o caso.

Então não me contive. Dei primeiro os amantes anteriores da pequena, que não te [...] para que a tua alma de sonhador não se desiludisse no momento: o Antonio Murtinho e um italiano de S. Paulo

- E o Camacho
- O Camacho não que ela me jurou
- Sebastião, você é idiota
- Mas o João ousou
- O João foi conquistado e você nunca foi tão imbecil na sua vida. Ele ficou corrido⁵ e eu disse-lhe as verdades que estava pra dizer-lhe.

Há um eclipse geral da *bande*.

A minha peça⁶ fez um enorme sucesso. Receitas esplêndidas, artigos. A récita do autor frisou⁷ pela apoteose.

A do Neto⁸ agradou muito menos, graças a Deus. Eu venço o *recorde*.

Estou muito grato às tuas notas sobre *os Dias passam...*⁹ Que generoso artigo o do Mundo¹⁰ e com que talento!

Um casto beijo.

Ainda mais contente com a certeza de que não vais para Viseu¹¹! Uff!

As tuas crônicas são excelentes. Admiravelmente bem-feitas.¹²

Grato por tudo

o Velho Paulo

Ia escrever-te uma longa epístola. Esse pessoal fala tanto aqui que suspeno aturdido.¹³

1. Amaral França, do jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, onde João do Rio estrearia como colunista em 14 de agosto de 1915.
2. Esposa do escritor e jornalista português Brito Camacho (1862-1934).
3. Grupo de pessoas, em francês.
4. Marguett, amante de Sebastião Sampaio (contista brasileiro) tinha andado nos braços também de Brito Camacho e de João de Barros, além de outros... João do Rio se divertia com a fofoca amorosa no meio político e literário.
5. Envergonhado.
6. Peça *A bela madame Vargas*.
7. Chamar a atenção para algo que se diz ou se escreve, destacar, ressaltar.
8. Peça de Coelho Neto *O dinheiro*, encenada no mesmo período, fez menos sucesso que a de João do Rio. Segundo Raimundo de Magalhães Jr., biógrafo de João do Rio, ao escrever sobre *A bela madame Vargas*, "a peça fez sucesso e, já depois de ter saído de cena e substituída, no cartaz, por *O dinheiro*, Figueiredo Pimentel publicava, na seção "Binóculo", da *Gazeta de Notícias*, uma carta pedindo que a companhia do Municipal desse nova récita de *A bela madame Vargas*, ainda que em *matinée*. Coelho Neto ficou profundamente irritado, acreditando que Paulo Barreto, num rasgo de cabotinismo, obrigara Figueiredo Pimentel a dar tal nota, que lhe custaria caro". (MAGALHÃES JR., Raimundo de. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 195).
9. *Os dias passam...*, livro de crônicas publicado pela Lello & Irmão, em 1912.
10. *O Mundo*, jornal de Lisboa.
11. Cidade portuguesa.
12. Nesse período, João de Barros escrevia para a *Gazeta de Notícias*.
13. Escreveria mais se não fosse a balbúrdia da redação da *Gazeta*.

Meu caro João.
 Muito bom dia. Quando se receber hoje,
 a tua boa carta do dia 11 q. vou ler
 tomando, e até falta quando os correios demora
 na entrega.
 Sempre pensei q. a minha pena chegaria em
 novembro e chegaria a tempo para a temporada
 presente. É dessa temporada q. faço questão.
 O velho Braga, em uns dias de quitação se
 farrado parou-me uma epistola amavel dizendo
 - me as exarivas habituaes antes de ler a peça!
 Porque se a tuam do - ou Braga era pouco
 entusiasmado em coisas de Theatro (o q. eu sei q. não
 é) ou não querendo.
 1.ª - minha peça Theatral
 2.ª - minha peça de habillings



27 de novembro, 1912

Meu caro João

Muito bom dia. Acabo de receber hoje, a tua boa carta. O diabo é que vou acostumando, e sinto falta quando o correio demora a entrega.

Sempre pensei que a minha peça chegando em novembro chegaria a tempo para a temporada presente.¹ É dessa temporada que faço questão.

O velho Braga,² com uns ares de Antoine reformado passou-me uma epístola amável dizendo-me as evasivas habituais antes de ler a peça! Porque se a tivesse lido – ou Braga era pouco entendido em coisas de teatro (o que eu sei que não é) ou não [...].

1º uma peça teatral

2º uma peça de brasileiro

3º Uma peça feita para os atores da sua companhia.

Isto é, três elementos de êxito no momento³ – só pode ser considerado de má vontade (o que também não acredito).

Faço desejo pois apenas na presente temporada. Depois – a peça estará impressa e não vale mais a pena.⁴

Se a peça foi porém uma coisa eu exijo desesperadamente: é que os papéis femininos não sejam dados a brasileiras, como a Itália Fausta, a Lucilia Peres⁵ etc. Iam estragar a pobre Mme. Vargas.

E minha mãe? Tem-te aborrecido muito? Tem passado bem? Há um mês precisamente (esta parte a 27 de dezembro)⁶ que partiu. Terá gostado desse Portugal de que eu tanto gosto.⁷ Os nossos negócios

encaminharam-se bem. Se for possível, depois do caso de abril, talvez se arranje a tua volta ao Rio nas férias. Estou com imensa saudade, e o Lauro e o Enéas gostaram muito do teu artigo [...] a embaixada.⁸

O artigo fez sucesso, aliás. O nosso Bernardino⁹ radiante. Deu-me a impressão de que te tinha descoberto depois de te ter inventado.

Conta-me daí coisas fantásticas. Tropa na rua, a restauração, etc. etc. Tudo mentira, pois não?¹⁰

Vou escrever um artigo sobre o *Gomil*.¹¹ É um livro encantador, a maneira de certos contos do Wilde.¹² Um pouco mais de maleabilidade de estilo e seria esplêndido. É decerto um livro único na nossa literatura. Nosso S. Manoel da Barba Negra tem positivamente muito talento e é um valente trabalhador.¹³

E tu, ó Annunzio?¹⁴

Muitos discípulos? Aqui eles continuam a proliferar. O teu passeio foi a aparição de Dionisos. Há bacanais em cada poema e os poetas rebentam de esperança e de alegria.

Afinal, é muito bom ter gênio.

Do velho d'alma

Paulo

[na lateral da carta]

Happy Year!

Que o 1913 te corra radioso!

1. Peça *A bela madame Vargas*. A peça será encenada no teatro Ginásio, de Lisboa, em 2 de fevereiro de 1914. Gostaria que a peça fosse encenada no início da temporada de inverno 1913, o que não se confirmou.

2. Empresário do teatro português, que, ao que parece, estava reticente quanto à montagem da peça em Lisboa.

3. Cita fatores como “peça teatral”, “de um brasileiro”, feita sob medida para os atores da “companhia portuguesa”, como definitivos para o sucesso da montagem em Portugal. Por isso não compreendia a insegurança do empresário.

4. A peça será lançada na temporada teatral do inverno de 1914, mesmo já publicada em livro.

5. Famosas atrizes do teatro nacional.

6. Carta enviada em 27 de dezembro de 1912. Avisa que a mãe embarcara para Lisboa em 27 de novembro, o que de fato ocorrera em 22 de novembro.

7. Dona Florência Barros passa temporada em Portugal, e é recebida por João de Barros.

8. Trecho de difícil compreensão.

9. Bernardino Luís Machado Guimarães (1851-1944). Com a instauração da República Portuguesa, em 1910, foi Primeiro-Ministro dos Negócios Estrangeiros (de 1910 a 1911) e o primeiro embaixador de Portugal no Brasil (1913). Foi presidente da República Portuguesa por duas vezes. Primeiro, de 6 de agosto de 1915 a 5 de dezembro de 1917. Mais tarde, em 1925, volta à presidência da República para, um ano depois, voltar a ser destituído pela revolução militar de 28 de maio de 1926. Ironiza o exagero de elogios de Bernardino Machado a João de Barros.

10. Em Portugal, o governo republicano instaurado em 1910 confrontava-se com uma onda de greves, principalmente em Lisboa, e protestos pela instabilidade do novo regime e a ameaça de restauração monárquica. Para saber mais sobre a história política da Primeira República de Portugal (1910-1926), ver WHEELER, Douglas L. *História política de Portugal*. Portugal: Publicação Europa-América, 2010.

11. *O gomil dos noivados* (1912), de Manoel Sousa Pinto.

12. Oscar Wilde, escritor inglês (1854-1900).

13. Refere-se a algum artigo que escreveria sobre livro de Manoel de Sousa Pinto. Tal artigo não consta do Catálogo Bibliográfico do autor, de João Carlos Rodrigues.

14. Gabriele D'Annunzio (1863-1938), poeta italiano. Faz elogios ao talento do amigo.

Meu caro João.

¶ tua carta sobre as creanças para o Comercio é admirável. Mereci pelos mi-
nutos de azas e de vigor q. me proprie-
cionou.

¶ As tuas cartas para a Gueta, muito
bom. Devo dizer q. não é trabalho
para matar. Nada de excessos. O teu
estômago seguro.

Se o governo não mudar - é possível
q. dentro em poucas a honra de te tenha
ali. Combino as tuas ideias, q. de
certo não falharão.

Seu tal a tua querida mãe por ali?
¶ viajante teu - te aborreceo muito?
Pois - te entregares a essa Senhora uma



Dezembro, 1912

Meu caro João

A sua carta sobre as crianças para o *Commercio*¹ é admirável. *Merci* pelos minutos de asas e de vigor que me proporcionou.

As suas cartas para a *Gazeta*, muito bem. Devo dizer que não é trabalho para matar. Nada de excessos. O teu estará seguro.²

Se o governo não mudar – é possível que dentro em pouco a borracha te tenha aí.³ Combino cá umas coisas, que decerto não falharão.

Que tal a sra. minha mãe por aí? A viajante tem-te aborrecido muito? Peço-te entregares a essa Senhora uma carta que receberás ao mesmo tempo que esta.⁴

Leste a peça? E a tua conferência? Que se diz no D. Amelia.⁵

Parabéns ao Manoel pelo seu [...] lusitano. Li o *Gomil* de um fôlego. O Manoel está subindo para além das esperanças.⁶ Em arte – que Portugal e o Brasil precisam é: intenção, proporção e ânimo, isto é o grande idealismo helênico que está em Homero e está em Luciano. Nós, Coelho Neto ou Malheiro Dias – ignoramo-lo. E são raros os que como tu dão à vida esse enebriamento luminoso de símbolos claros.⁷

Do coração

Paulo

1. Refere-se a artigo de João de Barros, não identificado, publicado no jornal *O Commercio de São Paulo*, para o qual o poeta e o próprio João do Rio colaboravam, em data igualmente não especificada.
2. Comentário sobre artigos de João de Barros publicados na *Gazeta de Notícias*. Para João do Rio, um trabalho que não exigia muito esforço e rendia bem.
3. Trata-se de algum negócio referente à extração de borracha, que vivia um grande ciclo de expansão na Amazônia, gerando fortunas. Fato não comentado nas biografias do jornalista.
4. Pede que o amigo entregue uma carta à D. Florência, sua mãe, que está em Lisboa.
5. Parece que aguarda a opinião do amigo sobre *A bela madame Vargas*, que desejava encenada no teatro D. Amélia, em Lisboa. A peça entraria em cartaz somente na temporada teatral do inverno de 1914, em Lisboa, no teatro Ginásio. Aguarda que o amigo lhe envie uma conferência, que provavelmente seria realizada por João de Barros durante sua estada no Brasil, ainda naquele ano.
6. Critica positivamente o livro *O gomil dos noivados* (1912), de Manoel de Sousa Pinto, amigo de ambos.
7. Elogio à qualidade poética de João de Barros.

carta q. te receberás ao mesmo tempo
q. esta.

Está a paz? É a tua conferen-
cia? Que se diz no B. Quêlia.

Parabéns ao Manuel pelo seu trabalho
no lusitano. Li o folio de um folio-
go. O Manuel está submisso para
além das esperanças. Em arte - o q.
Portugal e o Brasil precisam é: intên-
ção, proporção e animo, isto é o grande
idealismo belicoso q. está em Homero e
está em Luciano. Nós, Coelho Netto ou
Malthesias Bias - ignoramos. É raro raro os
q. como tu dão a vida em subreptamente
anúncio de símbolos claros.

Boa noite, Paulo

Meu caro João, meu querido João

Que li deve eu?

Muito mais q. si uma senhora tiver importância uma inteligente senhora isto q. tivemos épais verbis

"Pois acabou a bondade pela ultima desigualdade João de Barros em Portugal, de continue a de colunas não agredem os homens, sua natureza q. se parecem com um succubus a substituição João de Barros. Por mais q. seja amigo d'ella não o tratai nunca assim, porque elle usava o quadrado..."

E por ali.

Eu q. se quanto mais não se agredem estes de hora adiante. Tu si mesmo se transigência, o d'isso Christos do Götter!

Estes abrigos

A tua ibérica Os Naveis Partem... caisson aqui um grande successo. Os povos falamem-se d'ella. Sua voz, fumaça e estagnam pelo telephono - a atores de porta

Meu querido porta - o Brasil não te dá as suas publicações - quer te, d'acajá, ama-te. O Baptista Junior hontem defini as opiniões gerais.

- Portugal tem dois homens: o João de Barros a o Eça q. foi moneta!



Raelli a Bento de Mota, mas ainda não meili a tua. Estamos ao dia 22 de Junho de 1888.

Antes continue a ser a ibérica. Minha mãe formos e abriga uma cidade-dia - me. Tu depois de gobar a comida: a agropolis das justas, etc.

Após a lista. Já não vejo q. se se possa viver na ibérica. Será felice e affeito da recepção de substituição João de Barros?

E se utroq.

- Jái um proximo anno? Será volte a um costume?

Sete em hontem a natureza e uma grande vontade de sermos!

q. minha paz via a tua temporaria?

Como li tua, minha época e q. eu vejo via.

Os novos negocios vai bem. Eu abili sales q. a Bonarcha critica até la'. E o coral era tu peccare e veras os diversos do Rio - a facula comiza a a laborios cham paper - porque eu continuei com um senso flúvio se corrigem a garrafa de Pommery bem sabida.

Se assim for partem justos.

Não sei bem se tua vida... no lado parte se futurista. Partem a refformar. Não sei se fazias outras abonos para outros formos se vas bem, se cubate do Comercio, da Gazeta, etc.



23 de dezembro, 1912

Meu caro João, meu querido João

Que te devo eu?

Minha mãe que é uma senhora talvez impertinente mas inteligente escreve isto que transcrevo *ipsis verbis*.¹

“Fui recebida a bordo pelo ultrainigualável João de Barros. Em Portugal, do continente e das colônias não existem dois homens, duas criaturas que se pareçam com esse encantador e distintíssimo João de Barros. Por mais que sejas amigo dele não o serás nunca assaz, porque ele merece o quádruplo...

E por aí.

Eu que sei quanto minha mãe é exigente estou de boca aberta. Tu és mesmo extraordinário, ó divino Criador do *Anteu*!²

Outro elogio.

A tua crônica *Os navios partem...*³ causou aqui um grande sucesso. Dez pessoas falaram-me dela. Duas vozes femininas indagaram pelo telefone – a *adresse* do poeta.

Meu querido poeta – o Brasil com todas as suas palmeiras – quer-te, deseja-te, ama-te. O Baptista Junior ontem definia as opiniões gerais.

– Portugal tem dois homens: o João de Barros e o Eça que já morreu!

Recebi a Carta da Mãe. Mas ainda não recebi a tua. Estamos no dia 22 de dezembro.

Lisboa continua a ser a *charmeuse*. Minha mãe fazendo o elogio dessa cidade – diz-me. Depois de gabar a comida, a simpatia das gentes etc.

Acho-a linda. Já não digo que só se possa viver na Alemanha. Será talvez o efeito da recepção do distintíssimo João de Barros? E eu indago:

– Irei no próximo ano? Quem sabe se não resistirei?

Estou com tremendas saudades e uma grande vontade de descansar!

A minha peça irá nesta temporada?⁴

Como te disse, nesta época é que eu desejaría.

Os nossos negócios vão bem. Em abril sabes que a borracha estica até lá.⁵ E o ideal era tu passares o verão no inverno do Rio, a jantar comigo e a bebermos champanhe – porque eu continuo com um reumatismo só corrigível a garrafas de Pommery *bien sablée*.⁶

Se assim for, partimos juntos.

Não sei bem da tua vida... no lado prático financeiro. Perdoa a confiança. Não sei se desejas outras crônicas para outros jornais se vais bem, se recebeste do *Commercio*, da *Gazeta*⁷ etc.

Acho que aquelas cartas de Portugal podem ser feitas quando não tiveres muito que fazer. É um trabalho estúpido, que me arrependo de te obrigar a fazer. Por isso deves ter visto a minha insistência arrependida, apesar de o fazeres infinitamente bem. O mesmo não digo das crônicas. Mesmo ocupado, o meu egoísmo estético exige que rutilas na 1ª coluna da *Gazeta* para gozo de todos nós.⁸

Como vão os teixeiraspaschoaes? Os goulartd'andrades de cá continuam chupando baratas e narcisando-se. Coitados! *O Imparcial* redigido pelo Macedo Soares e com eles em maquinar como as do *Excelsior*, foi um desastre completo. Nunca vi tanta inépcia. A venda subiu assim: 1º dia: 15.000, 2º dia: 10.000; 3º dia: 5.000; 4º 3.500.⁹

Está a sustentar-se porque tem um capital de 500 contos de um milionário idiota de S. Paulo.

Nunca mais vi aquela dama. Penumbra depois do caso Camacho.¹⁰ O nosso Sebastião¹¹ também penumbra após a chegada do Alcindo.¹² Tem viajado para São Paulo.

Mas vejo que escrevo 3 tiras. Não. Não. Basta. Até o próximo correio.

Do velho

Paulo

Gato q' aquelas cartas de Portugal proiam
 no ~~campo~~ feitas quando não tinham muito
 q' fazer. É um trabalho estúpido, q' me
 angustia de te obrigas a fazer. Por isso
 devo ter vindo a minha residência angustia-
 da, q' por os o fazer, infelizmente bem.
 O unico meio dejs das electronicas. Mesmo
 ocupado, o meu governo collectivo dejs
 q' artigos na 1ª columna da Gazeta para
 gozo de todos nós.

Como vão os teus negócios? Os que
 lambentinos de cá continuam despendo um
 rabas e manhaes de Coimbra! O Imparcial
 foi editado pelo Manoel Soares e com elles
 um machinar como as de Exceller e foi um
 sucesso ~~em~~ completo. Nunca vi Paula cipe
 A visita milis assim: 1º dia: 15.000 ;
 2º dia: 10.000 ; 3º dia: 5.000 ; 4
 3.500.

Esta a realidade - a porça tem um capital
 de 400 contos de um millionario visita
 de S. Paulo.

Nunca mais vi aquella tanta Penumbra depois
 de esse Canal. O nome Sebastião Penumbra
 penumbra após a chegada do pleno. Tem uma
 de para S. Paulo.

Mas vejo q' Severo ~~abandonou~~ 3 times.
 Não. Não. Beate q' o processo assim

D. Osello
 Paulo



1. Em viagem à Europa, D. Florência dos Santos Barreto foi recebida, em Lisboa, por João de Barros e seus familiares. Ao que parece, escreve para o filho tecendo elogios ao poeta, comentário que João do Rio faz questão de transcrever nesta carta ao amigo.
2. *Anteu* (1912), livro de poemas de João de Barros.
3. Crônica do poeta publicada na *Gazeta de Notícias*.
4. Indaga sobre a montagem de *A bela madame Vargas* em Lisboa, o que aconteceria somente em 2 de fevereiro de 1914, no teatro Ginásio.
5. Ambos têm negócios relacionados à extração e comércio de borracha. Em três cartas toca no assunto, mas seus biógrafos não indicam qualquer passagem em sua biografia sobre negócios em Manaus.
6. *Sabler le champagne*. Expressão francesa que significa “beber champanhe para comemorar um acontecimento festivo”. REY, A; Chantreau, S. *Dictionnaire des Expressions et Locutions*. Paris: Robert, 1984.
7. *O Commercio de São Paulo* e *Gazeta de Notícias*, jornais para os quais João de Barros colaborava. Tenciona aproximar o amigo do Brasil, auxiliá-lo na conquista de novas frentes de trabalho. Bela demonstração de sincero carinho e amizade pelo poeta neste trecho.
8. Trecho de difícil compreensão. Trata-se, sem dúvida, de trabalho remunerado, porém não muito “nobre”, que João do Rio passava para o amigo.
9. Ironiza a qualidade literária e a vaidade dos jornalistas brasileiros, criticando a redação do jornal carioca *O Imparcial*, lançado em 1912.
10. Refere-se ao divórcio de sr. e sra. Brito Camacho, um escândalo no meio social da época, pois a sra. Camacho tornara-se amante de Amaral França.
11. Refere-se a Marguett, dama que teve um caso com o contista Sebastião Sampaio, com Brito Camacho e com o próprio João de Barros.
12. Provável ligação entre Sebastião Sampaio e Alcindo Guanabara não identificada nas duas biografias de João do Rio.

26-1-1913

111) 2374

Meu caro José.

Muito mais diligente hoje e com ella e tua carta. Sabemos - tua
consciência e o quanto atencioso a tua resposta, e as primeiras linhas são
de muito prazer. Toda a resposta te faz um pouco mais e a minha de
pôrta.

Muito mais, isto com uma carta sem habito de viagem, ^{em tua} como a sua
ex. d'ausa de compulsa, procurava-me bastante foi do Rio. Ao de mais
ella tem a litteratura epistolar desenvolvida para o troço. Tu não tem q.
e' segra, mas fica sempre com isto. Liguia q. o pequeno caso do
autographo foi enviado na 1ª epistola em 2. cartas. Depois disso. A
ultima carta d'ella q. a mais atalana! Nessa, minha mãe ^{acreditava} ~~era~~ ^{em} a
q. eu estava lo. amos e estava doente. O teu telegramma amittou-me,
o laconismo de uma resposta de bom. Ainda mais. Pui ver o Zeelandia
si te da minha pensando q. a secundaria qual a noi a vi na
annexada! ^{Figura-me} ~~Figura-me~~ a separar uma hora, de fora, com a ver! Pui
si este seu futuro...



26 de janeiro, 1913

Meu caro João

Minha mãe chegou hoje e com ela a tua carta.¹ Sabendo o teu coração e o quanto estimavas a tua madrastra, estas primeiras linhas são de muito pêsame. Todos os consolos te façam menos pesado o amargor da perda.²

Minha mãe, indo com uma criada sem hábitos de viagem, como os tinha a sua ex-dama de companhia, preocupava-me bastante fora do Rio. Ao demais ela tem a literatura epistolar desenvolvida para o trágico. Eu sei bem que é exagero, mas fico sempre com medo. Imagina que o pequeno caso do automóvel foi contado na 1ª epístola em 2 linhas. Depois cresceu. A última carta dizia que a mão estalara! Nessa, minha mãe acrescentava ainda que envelhecera 10 anos e estava doente. O teu telegrama assustou-me, o laconismo de uma resposta de bordo ainda mais. Fui ver o *Zeelandia* às 6 da manhã pensando que a encontraria mal e não a vi na amurada! Figura-me a esperar uma hora de fora sem a ver! Pensei até em enterro...

Mas ao trepar para bordo, logo um criado disse-me:

– *Mme toujours si nerveuse! Elle est tellement nerveuse!*

– *Et malade?*

– *Ah que non, monsieur, madame se porte très bien.*³

Madame realmente dormia na sua cabine Uff! A ultranervosa senhora minha mãe não viajará mais sem mim. E quanto ao desastre: — havia o vestígio numa unha!⁴

Com essa impressionabilidade, minha mãe é porém muito inteligente, e amei que ela trouxesse de vocês e de Lisboa uma tão sentida e exata ideia. As maneiras do Manoel,⁵ as frases – (a história das duas primeiras andorinhas etc.) agradaram muito. Minha mãe admira o Manoel. Tua sogra teve grande quinhão nas boas impressões. É uma senhora de alta distinção, uma grande dama, formosíssima. Tua mulher, a quem é gratíssima, teve a seguinte definição:

“Uma criatura de sensibilidade moderna, vivendo de um sopro de paixão. Intelectualizada, espiritualizada até na paixão pelo marido e pelos filhos. O teu filho maior, minha mãe assegura que será o pai, mantendo a linha do gênio.⁶ Até na voz é o João...”

Quanto a João, minha mãe fez-te um retrato melhor do que eu faço, por que com a sua sensibilidade feminina, vendo e sentindo através do que não vemos, ligou o gênio e o coração.

Gênio e coração na nossa família temos bem vivo meu Pai, que sendo uma neurose de gênio (diretor do observatório aos 28 anos, matemático, professor) era o maior, o mais extraordinário, o mais elevado coração que é possível conceber na terra.⁷ Minha mãe disse: “O João tem coisas que lembram teu pai. É nobilíssimo, superior.”⁸

Reproduzo textualmente as palavras. Não vão como agradecimento, que podia ser feito de outro modo pelo que fizeram aí todos pela Mãe. Estenografei as opiniões 1^o porque elas dizem bem minha mãe; 2^o porque o seu juízo agradou-me; 3^o porque é sempre interessante saber o que de lisonjeiro pensa de nós uma senhora do outro lado da vida. Aqui mais uma vez a minha gratidão.

O caso da peça está a dar-te um trabalho que eu bem imaginava.⁹ Conheço há 10 anos essa gente na intimidade. A hostilidade era fatal. Não te aborreças. Deixa-os. Eu vingó-me depois como me vinguei dos ares do idiota do Seluvalhaele. Sou um inimigo talvez inconveniente para quem tem interesses no Rio. O Seluvalhaele¹⁰ desde que não foi ao meu jantar aí, sendo correspondente da *Gazeta*, nunca mais teve peça que pegasse no Rio, e não terá. Além do prejuízo de algumas centenas de mil reis com o corte que a *Gazeta* lhe deu. Os outros são cabotinos. Tenho-os na mão para apertá-los até se desfazerem em farinha...¹¹

O caso da Academia é mais interessante.¹²

Como nota final: – ainda ontem falei ao Pereira da Silva, o Superintendente da Defesa da Borracha. O nosso negócio firme para maio. Telegrafo logo dando boas notícias.¹³ Decididamente escreve o teu poema no próximo verão ou vens ao Rio deixando no Banco o repouso de largos três meses, gastador terrível! E paro. Escrevo-te cartas que parecem os *faits-divers* do [...].

Do velho d'alma

Paulo

1. Retorno de D. Florência dos Santos Barreto, que havia embarcado para Lisboa em 22 de novembro de 1912.
2. Refere-se à morte da madrasta de João de Barros, Teresa Narcisa de Oliveira David.
3. Madame sempre tão nervosa! Ela está muito nervosa! E doente? Ah, não, senhor, madame está muito bem de saúde.
4. Ironiza o temperamento dramático da mãe, que exagera em carta um pequeno incidente ocorrido, provavelmente em Lisboa, a bordo de um automóvel. Quando vai ao porto para o desembarque do *Zeelandia*, espera o pior, mas encontra a mãe ainda dormindo em sua cabine no navio.
5. Manoel de Sousa Pinto, escritor português, amigo de ambos.
6. Relata as impressões da mãe sobre a família do poeta (esposa e filhos, principalmente o mais velho, Paulo, que parece ter o talento do pai).
7. Alfredo Coelho Barreto foi matemático e positivista.
8. Diz que a mãe comparou João de Barros a seu pai.
9. Refere-se ao esforço e às dificuldades de João de Barros para montar *A bela madame Vargas* em Portugal, que acabaria sendo encenada em 2 de fevereiro de 1914 no teatro Ginásio, dirigida por Lucília Simões, com os atores portugueses Zulmira Ramos, Pato Moniz, Alves da Cunha, Antônio Palma e Adélia Ferreira.
10. Provavelmente um jornalista brasileiro correspondente da *Gazeta de Notícias* em Lisboa, nome de difícil identificação.
11. João do Rio revela um lado bastante interessante de sua personalidade. Sem titubear, mostra-se vingativo para com os que tentavam prejudicá-lo ou persegui-lo.
12. Em 23 de janeiro de 1913, João do Rio é eleito sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa. Irá tomar posse da cadeira em 5 de dezembro de 1913, assim que chega a Portugal, em sua terceira viagem à Europa.
13. Trata-se de algum negócio sobre comércio de borracha, em período classificado de primeiro ciclo da extração da borracha na Amazônia. A Superintendência da Defesa da Borracha foi criada em 1912. Assunto não identificado nas biografias de João do Rio.



Chegada de Bernardino Machado em Lisboa, 1916

N 11/2315

31, março, 1913

Meu João.

Bom dia. Um certo bilhete apenas
para dizer-te adeus. Quisa não recebeste
a carta-negocio e não quero falar mais —
q. continue de pé, a espera da tua resposta.

A respeito da Vargas escreve-me o Manuel
além das necessárias modificações de expressões para
o Manual. E cita por exemplo:

— Quisa o sizes!

Será tão ridiculo mo? Deles poiem q. modifi



31, março 1913

Meu João,

Bom dia. Um curto bilhete apenas para dizer-te adeus. Ainda não recebeste a carta-negócio¹ e não quero falar disso – que continua de pé, à espera da tua resposta. A respeito da *Vargas* escreve-me o Manoel achando necessárias modificações de expressões para o *Normal*.² E cita por exemplo:

– Ainda o dizes!

Será tão ridículo isso? Acho porém que modificar para o estilo do Chiado uma vibração reflexiva da nossa sociedade – é tirar-lhe a cor.³

Imaginaria Manuela *Severa*⁴ com o estilo mudado para o calão da rua de S. Jorge aqui? Compreenderia Manoel uma peça do Marcellino emendada para brasileiro pelo Veríssimo⁵ para ser compreendida na rua do Ouvidor?

Nestas coisas temos muito mais *corrente* que vocês. Ainda há dias a plateia brasileira ouviu uma peça do Baptista Coelho no estilo *vossencia* do Chiado e das avenidas pós-Liberdade. E até a *truquage*⁶ do Phoca passou. Mas tudo isso é palestra. Não quero que a *Vargas* aborreja mais o Poeta.

Vou escrever ao Manoel longamente sobre o assunto. Dize-lhe que espero por estes dias o gerente do *Paulistano*⁷ e que não esqueci a sua vontade.

Mas como vai o Diretor Geral. Outra vez se anuncia a esperança de poder lá chegar em setembro.⁸

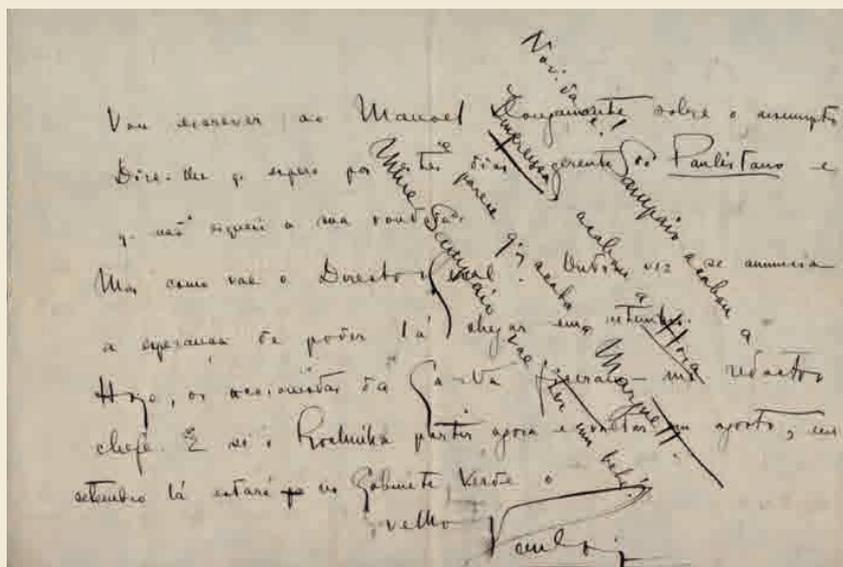
Hoje, os acionistas da *Gazeta* fizeram-me redator-chefe.⁹ E se o Rochinha partir agora e voltar em agosto, em setembro lá estará no Gabinete Verde o

velho

Paulo

Novidade! Sampaio acabou a *Imprensa*, acabou a *Hora* e parece que acaba a Marguett. Mme. Sampaio vai ter um bebê!¹⁰

Que o 1913 te corra radioso!



1. Trata-se de algum negócio referente ao comércio de borracha, que cita em cartas deste mesmo período. Trecho que deixa esta dúvida ao leitor.
2. Teatro Normal, atual D. Maria II, em Lisboa.
3. Critica a proposta de fazer adaptações estilísticas em *A bela madame Vargas* (para o português de Portugal), a fim de que a peça seja encenada em Lisboa, o que aconteceria em 2 de fevereiro de 1914.
4. Manuela Severa, atriz brasileira.
5. José Veríssimo (1857-1916), jornalista e escritor brasileiro.
6. Trucagem.
7. Percebe-se que a carta é mais um bilhete rápido, em que trata principalmente da encenação da peça. Esperava a ajuda do amigo Manoel de Sousa Pinto.
8. João de Barros foi diretor-chefe do Ministério da Instrução Pública de Portugal na I República portuguesa. João do Rio esperava chegar em Lisboa em setembro, mas só embarcaria no final de novembro.
9. Acionistas da *Gazeta de Notícias* o tornam redator-chefe do jornal. Era o segundo cargo em importância, entre o de presidente, ocupado por Manuel Jorge de Oliveira Rocha, o Rochinha, dono do jornal, e o de tesoureiro e administrador, por Salvador Santos. “Gabinete Verde” era a direção da *Gazeta*.
10. Ironiza o fim do caso do escritor Sebastião Sampaio com Marguett, comentado em outras cartas deste mesmo ano.

N 11/2327

Meu caro João.

Estou estupefacto. A queza foi me-
lhor. A vida com as mulheres é uma espécie
de mesalho com boia. Enfim, estou mais burro
q. o Elly Pontes.

Escrevo para não deixar passar o correio. Tendo
a repetir q. mandes recados do q. vais fazer.
Quanto aos carros do ministério resolvemos tudo tu
agor. Sai recio.

A Selma' vai ali a 28? Nessa reunião escreve-
me o Caetano. Toma conta do teu amigo.
Eu publico hoje um artigo na Gazeta sobre a
destruição do monumento de L. A. q. é feito para agradecer
ali. L. é resolve. Já não entendo bem essa coisa
de politica.



Meu caro João

Estou estupidíssimo. A Aura¹ foi embora. A vida com as mulheres é uma espécie de mar alto com boia. Enfim, estou mais burro que o Elói Pontes.²

Escrevo para não deixar passar o Correio. Tenho a repetir que mandes reclamos do que vais fazer. Quanto aos *casos do ministério* resolvemos tudo tu aqui. *Sem receio*.³

A *Salomé* vai aí a 28?⁴ Nesse sentido escreve-me o Castro. Toma conta do teu amigo.

Eu publico hoje um artigo na *Gazeta* sobre a destruição do monumento do Eça⁵ – que é todo para agradar aí. Lê e resolve. Já não entendo bem essa coisa de política.

Mando-te as *Intenções*.⁶ Está erradíssima, como tudo da *crise* Garnier.⁷ Acho o prefácio bom, se relevares os erros tipográficos – e um trecho dele serviria para explicar *Salomé* – o trecho que compara Wilde a Veneza.

Não escrevo mais – por falta de tempo. Perderia o Divórcio.⁸

Do coração

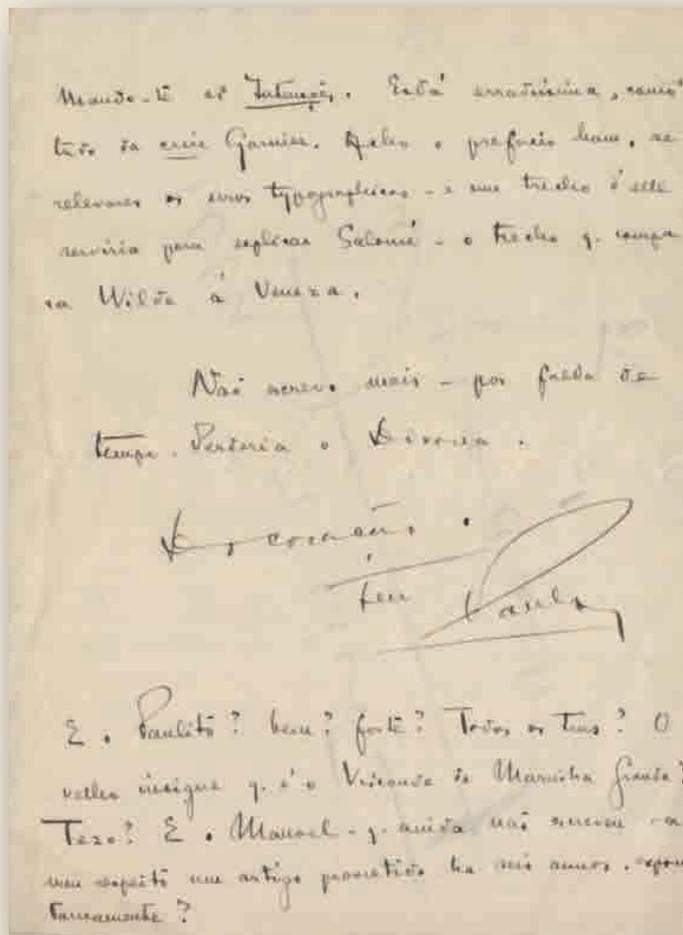
Teu Paulo

E o Paulito? bem? forte? Todos os teus?⁹ O velho insigne que é o Visconde de Marinha Grande?¹⁰ Tezo? E o Manoel – que ainda não escreveu a meu respeito um artigo prometido há seis anos espontaneamente?¹¹

Um grande abraço

do

Paulo



1. Aura Abranches Ruas Grijó (1896-1962), atriz e dramaturga portuguesa. Filha do empresário Luís Ruas e da atriz Adelina Abranches. Na biografia de João do Rio, João Carlos Rodrigues afirma que Adelina esteve no Rio com sua companhia de teatro em abril de 1913, e que João do Rio ficou fascinado por sua filha, a jovem Aura, com quem teve um *flirt*.
2. Escritor brasileiro Elói Pontes (1888-1967).
3. Questão não identificada nas biografias de João do Rio.
4. *Salomé*, poema dramático de Oscar Wilde traduzido por João do Rio e publicado em 1908. Parece que envia o livro a Lisboa.
5. A referência a esse artigo não foi encontrada no Catálogo Bibliográfico de João do Rio, de João Carlos Rodrigues.
6. Traduz e publica, em 1912, pela Garnier, a obra de Oscar Wilde *Intenções*.
7. Critica a qualidade editorial da casa Garnier. Nesse mesmo ano, por erros graves na edição de *A profissão de Jacques Pedreira*, processa e rompe com a editora.
8. Refere-se ao divórcio do escritor português Brito Camacho e esposa, que menciona em outras cartas com graça e ironia.
9. Refere-se ao filho mais velho do poeta e aos demais membros da família.
10. “Visconde da Marinha Grande”, sem dúvida ironiza um amigo de ambos, não identificado.
11. Provavelmente o amigo Manoel de Sousa Pinto prometera a João do Rio um artigo sobre ele, o que ainda não havia feito.

111/2255

Meu caro João.

Estive um mês doente. Dez mil saudades.

Só hoje, 24 de Junho, saio de casa pela
1ª vez.

O jornal desai de si porque os editores fa-
ziam a revisão anual das assinaturas, suspensa
do fundo para attender as solicitações!

Casas da administração! Já hoje reque folhas,
e tenho pena q. tivemos de não ler as noti-
cias sobre a conferencia Energia.

Os novos negócios q. estavam a point, para-
ram com a minha moléstia. Recomeço - o
hoje. Desejo q. possam volver logo, já
fazendo telegraphica e shipra.



24 de junho de 1913

Meu caro João

Estive um mês doente. Dez mil doenças. Só hoje, 24 de junho, saio de casa pela 1ª vez.

O jornal deixou de ir porque os idiotas fazem a revisão anual das assinaturas, suspendendo tudo – para atender às reclamações!¹

Coisas da administração! Já hoje segue [...], e tenho pena que tivesses deixado de ler as notícias sobre a conferência *Energia*.²

Os nossos negócios que estavam *à point*,³ pararam com a minha moléstia. Recomeço-os hoje. Desejo que quando receberes esta, já tenhas [...] e [...].

Como estou extremamente fatigado – é muito certo que siga em setembro ou outubro. Muita saudade.

Soube pelo Cardeni, que o Braga e o Mello Barreto e o Salen achavam na *Mme. Vargas*⁴ falta de português. No Braga só há sujo; do Mello eu até hoje estou para saber em que língua traduz ele as infelizes peças francesas. Quanto ao Salen – não discutamos. Verdade é que nessa horrenda coisa, o Manoel⁵ também acha que – : *ainda o dizes!* é coisa para fazer a *Mme. Vargas* incompreendida nessa maravilhosa Lisboa cuja língua pura mete em chinelos velhos todos os clássicos.

Como se eu não os conhecesse e como se o jornalismo daí e a produção contemporânea não bastassem para ver uma pessoa em que língua escrevem eles...

Tudo isso é muito divertido.

Durante a minha moléstia pensei numa peça grega. Chama-se *O Eunuco*.⁶ Hei de ta mostrar.

E que o grande e maravilhoso Poeta deseje, como a ele desejo – a saúde, o maior dos bens, ao seu

muito amigo

Paulo

1. Refere-se à remessa do jornal *Gazeta de Notícias* para o amigo.

2. *A energia brasileira*. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1913. Conferência de João de Barros realizada no Teatro da República (Lisboa) no dia 14 de novembro de 1912, com a presença do Presidente da República Portuguesa e do Ministro do Brasil em Lisboa e dedicada a Paulo Barreto. João do Rio envia ao amigo notícias publicadas no Brasil sobre a conferência.

3. *À point*. Expressão francesa que significa “no estado desejável ou procurado”. REY, A; Chantreau, S. *Dictionnaire des Expressions et Locutions*. Paris: Robert, 1984.

4. A peça *A bela madame Vargas* estreou no Teatro do Ginásio, em Lisboa, em 2 de fevereiro de 1914. Em carta anterior comenta sobre a reticência dos empresários dos teatros portugueses quanto à encenação da peça em português do Brasil, por temerem dificuldade de compreensão pelo público.

5. Manoel de Sousa Pinto, escritor português amigo de ambos.

6. Peça não escrita.

Como estou extremamente fatigado - e muito
curto q' siga em setembro ou outubro.

Muito saudade.
Soube pelo Cardoso, q' o Braga, o Mello
Barreto e o Sales achavam na Nere Vargas
falta de português. No Braga os olhos
era saber em

do Mello em até hoje
e língua trazia elle

essas. Quanto ao

Verdade é q' nunca

Também acha q'

coisa para não

uma maravilha

em chinelos

Como se

d'ali e a produção contemporânea não bastasse
para ser uma pessoa em q' língua se escrevem elles...
Tudo isso é muito divertido.

Quanto a minha melancolia pensei numa
peça grega, Cléopatra. se O Eunuco. Hei

q' o grande e maravilhoso poeta
de sempre, como a elle se aj. - a santa,
o maior dos bens, ao seu

mentecamente

Paulo

11/1/2015

Meu caro João.

Pena não.

Como tu não podes falar com o teu pai
e não delectas essas viagens. Deixa, deixa, importa-
va' q' tenham tu forças! (lembra-te as palavras da filha)
E não, não fazes essas viagens q' não gostavas de ir, não
te vejo. Não é q' tuas saídas? Bem, bem, bem, bem, bem,
muito do teu pai de Barros, tanto quanto a tua.
Também, para aliviar-te, não sei mais - cada um de q' o mesmo
de pensar, interessando q' um outro de tantos e outros de
tuas saídas. Sempre q' tuas o Homem Cristo, o pobre Winston
e o pitonice. Bem, bem, bem, bem, bem, bem, bem, bem, bem,
na zona dos pontos brancos, entre o Brasil e o Brasil (Luzes
sempre q' tuas em horas!) longe o Brasil e todo quanto a tua
villia e outras um pequeno grupo na lista de Luzes, tu
e a frequência de Ministério.

Resposta: do mesmo a sair coisas novas a nível São. Humana.

Tudo sempre tuas coisas q' as mesmas são, tuas coisas
dele. E q' tuas coisas.

O Brasil é q' a coisa tua. Bem, bem, bem, bem, bem, bem,
uma coisa do Brasil. Bem, bem, bem, bem, bem, bem, bem, bem,
para o Theatro. Bem, bem, bem, bem, bem, bem, bem, bem,
carta. A questão foi de fazer. São no mínimo 3-4
libras, q' não te fazes mal nenhum.

A



Meu caro João

Bom dia

Deves ter visto pelas Gazetas o que brilhas sem descontinuar nestas paragens. Fulgor. Talento, imprevisto [...] que homem tu fazes! (hesito na pureza vernácula da frase).¹ E tudo isso faz-me pensar que, há precisamente um ano, não te vejo.² Não é que tenho saudades? Decididamente gosto mesmo muito do cidadão João de Barros – tanto quanto admiro o Poeta! Também, para admirar-te cada vez mais – nada melhor do que a invasão de pseudointelectuais, que nos enviam de instante a instante os teus domínios. Imagina que temos o Homem Christo, o pobre Monteiro e o Antonio Guimarães!³ Esse último não visitou um jornal, oscila na zona dos teatros baratos, entre o Recreio e o Apolo (aqueles lugares que tinhas em horror!),⁴ franze o beijo a tudo quanto é brasileiro e resolveu sem reclamos,⁵ fiado na besta do Lampreia, dar a conferência ao Municipal.

Resultado: 30 pessoas a ouvir coisas sobre a infeliz Sórora Marianna.⁶

Tenho escrito tantas vezes que ao receberes esta terás recebido etc. que já não insisto.

O diabo é que a coisa tem custado. Fizemos passar como uma conta

do Brasil Econômico. Vai sair do ministério para o Tesouro. Recebes mesmo, talvez antes desta carta.⁷ A questão foi da forma. São no mínimo 300 libras, que não te farão mal nenhum.

A minha *Vargas* terá mesmo representações aí?⁸ Veremos o que se vai dar. Em todo caso, acho que não deves insistir nesse trabalho de agitar os ingratos que são todos os cabotinos.

Se essa gente tivesse um movimento de gratidão – todos os teatros de Lisboa desejariam montar a minha peça, porque não há nenhum desses empresários, desses autores, desses autores de meio quarto d'água a que eu não tenha auxiliado com prestígio e louvores injustos em 10 anos de crítica num jornal como a *Gazeta*, de que não ignoras a influência artística, literária e social.⁹

Mas são *cabots* assaz *cabots*.¹⁰ *Flûte alors!*¹¹ Como dizes tu na língua do falecido Camões.

Peço-te apenas que continues a ter pelo Brasil a simpatia que toda gente aqui e em S. Paulo tem pelo talento luminoso do poeta do *Anteu*.¹²

Minha mãe recomenda-se com a admiração de sempre. Eu já não sei se vou em setembro.¹³ Essa história de redator-chefe atrapalha-me seriamente.¹⁴

E a Arte também (desculpa a caixa alta para o caso pessoal). Não escrevo uma crônica, um conto, uma linha de arte há um ano quase!

Do muito d'alma

Paulo

Um beijo ao filho do gênio¹⁵

Saudações a S. Manoel¹⁶ o estilista, que quer ser o peregrino...

1. Os artigos de João de Barros nos jornais do Brasil faziam sucesso.
2. Haviam-se visto pela última vez em 1912, na visita de João do Barros ao Rio de Janeiro e São Paulo.
3. Francisco Manuel Homem Cristo (1860-1943), político português, Monteiro (não identificado) e Antonio Guimarães (não identificado), considerados por ele pseudointelectuais, se comparados a João de Barros.
4. Recreio Dramático e Apolo, teatros do Rio.
5. Sem divulgação.
6. Sórora Mariana Alcoforado (1640-1723), freira nascida em Beja, Portugal, e autora de cartas apaixonadas a oficial francês. Ou seja, Antonio Guimarães havia feito uma conferência pouco atrativa para o público carioca.
7. Refere-se a pagamento a João de Barros pela colaboração dele em jornais do Rio de Janeiro e São Paulo.
8. *A bela madame Vargas* (1912) seria ainda encenada em Portugal em 2 de fevereiro de 1914, no teatro Ginásio, dirigida por Lucília Simões, com os atores portugueses Zulmira Ramos, Pato Moniz, Alves da Cunha, Antônio Palma e Adélia Ferreira.
9. Foi um atuante defensor do teatro e iria fundar, em 1917, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (Sbat). Ao longo de sua carreira em jornais, divulgou peças encenadas no Rio por companhias portuguesas de teatro. Talvez por isso estranhasse a falta de apoio do meio literário e teatral português à encenação de sua peça em Lisboa.
10. O mesmo que *cabotins*, cabotinos.
11. Interjeição que denota impaciência, decepção.
12. *Anteu* (1912), livro de poemas de João de Barros.
13. Em 22 de novembro de 1913 embarcaria para sua terceira viagem à Europa.
14. Assume a função de redator-chefe da *Gazeta de Notícias* em março de 1913.
15. Paulo Barros, primogênito de João de Barros.
16. Manda lembranças ao escritor português Manoel de Sousa Pinto, que apresentou João do Rio a João de Barros em Lisboa, em 1909.



11/2358

Caro João.

Não sei quando chego ao Porto.
Estou um pouco preso em Lisboa por
questões d'officio jornalísticas. Não sei
quando posso ir, e se fazer con-
tego uma ^{outra} aparição ^{de} ~~de~~ ^{em} ~~de~~ ^{na} ~~de~~ ^{Revista}.

Todo teu

Paulo.



Dezembro, 1913

Caro João

Não sei quando chego ao Porto. Estou um pouco preso em Lisboa por questões de ofício jornalístico.¹ Não deixarei porém de ir e de fazer contigo uma aparição *chez* Lello para a Revista.

Todo teu

Paulo

1. Um rápido bilhete, provavelmente escrito em dezembro de 1913, pois chega em Lisboa no início daquele mês, em segunda viagem a Portugal e outros países (França, Alemanha, Grécia, Turquia, Egito, Rússia, Israel). Nesta ida a Lisboa avisa que pretende também visitar os editores Lello, do Porto, para acertar a edição da futura *Atlântida* pela editora. Provavelmente se encontrariam no Porto.

Meu caro João.

Se hoje, domingo, 15, até às 10 horas depois de alugar, tenho tempo de te passar estas linhas de saudades e saudade de.

Meu caro João! Não podes calentar a - q - a mantida, a martirização da Quarta. Injúria q' tinham sido omitidos de publicar ali e de - ia muito chegada 15° passar da vida em. Não te fale de coisas.

Deante da miserabilidade presente - eu q' fui cubido aqui com oprimidos, a autoridade em fins, os jornais, (mesmo em arabe a causa do voyage au Cairo) mostram-me muitas situações. Teo. Salvo a falar-me da mercaderia de Rodolpha e pedir-me q' se fixasse - q' - eu estava muito disposto a não fazer.

Piqui. (O Caudete, depois de ter despedido toda gente, sempre dois dias antes de voltar para Lem.) E' tanta balbúrdia, malbathão, boala usado.

Ot. Como é triste em de tempo, de uma via que de maravilha e esplendor para reconhecer que, reconhecer (e com o ritmo e a situação política actual) a morte, a serena coisa boas, de jornal. Como eu não gosto mais que pensar sobre coisa de dirigir jornal dos outros!

Aqui, contigo não há nada. E' o Kiliis a quem devemos fiar q' acontecer - a ignora q' se esqueça de publicar os teus artigos.

O Caudete. Tem publicação sempre. E os reparos q' restam de teu tempo: o Negalimba e o Zador falava-me q' sempre mais p. S. Paulo.

Como o ritmo não se fala de nada mais de ritmo. Não foi ainda os livros, muito balancete p'tro tempo de Kiliis. Injures tempo melhores. Por 30° acima! Para quem vem de 15° abaixo... Imagina tu!

E' tudo isso, e tudo aborrecido! Não podes comular o meu estado d'alma. E' suicidante.

Como vai W. por ali? O Manuel, o novo grave S. Manuel? E o João de Deus?

Manda um beijo para Paulo. Deito para o Henrique. Respeito a E. Rachat. Muita mais gratidão e lembrança. Se vier-te - si jornais, falamos de teu livro. Li quasi a alisar aquella canção da Respeito a meu de pai de Libon. E' - Também eu compreendi aquella esperança do Ha, de voltar!

Oh! Voltar para a Europa e uma vez ver estas coisas d'aqui!

Docrição
Paulo.

Meu caro João

Só hoje, domingo, 15, oito dias depois de chegar, tenho tempo de te passar estas linhas de recordação e saudade.

Meu caro João! Não podes calcular o que eu encontrei, a mastigação da *Gazeta*. Imagina que tinham sido demitidos de janeiro até o dia de minha chegada 15 pessoas da redação. Não te falo da revisão.¹

[...] da imbecilidade perversa – eu que fui recebido aqui com girândolas e entrevistas em [...] os jornais (mesmo em árabe *à cause du voyage au Caire*²) mostrei-me menos entusiástico.³ Salvador falou-me da neurastenia do Rochinha e pediu-me que eu ficasse – o que eu estava muito disposto a não fazer.⁴

Fiquei. (O Candido,⁵ depois de ter despedido toda gente, escapara dois dias antes de rodar também.) E tenho trabalhado, trabalhado, trabalhado.

Oh! Como é triste vir da Europa, de uma viagem de maravilha e esplendor para recomeçar [...] recomeçar (e com o sítio e a situação política amarga) a escrever, a escrever coisas banais de jornal. Como eu não posso mais aguentar cada coisa de dirigir jornal dos outros!

Aqui, contigo não há nada. Era o Leleis a quem devemos tudo que aconteceu – o idiota que se esquecia de publicar os teus artigos.

O Candido tem publicado sempre. E os rapazes que restam do teu tempo: o Nogueirinha e o Zadir falam-me que escreves mais para S. Paulo.⁶

Com o sítio não se fala de nada senão de sítio. Não fui ainda ao Lauro, muito balançado pelos amigos do Pinheiro. Esperemos tempos melhores.⁷ Faz 30° acima! Para quem vem de 15° abaixo... Imagina tu!

E tudo cansa, e tudo aborrece! Não podes conceber o meu estado d'alma. É suicidante.

Como vão vocês por aí? O Manoel, o nosso grave S. Manoel? e o João de Deus?⁸

Mando um beijo para o Paulo. Outro para o Henrique. Respeitos a D. Rachel.⁹ Minha mãe agradece a lembrança. Enviar-te-ei jornais falando do teu livro.¹⁰ Li quase a chorar aquela canção da despedida ao sair de Lisboa. E também eu compreendi aquela esperança do hás de voltar!

Oh! Voltar para a Europa e nunca mais ver estas coisas daqui!

Do coração

Paulo

1. Quando retorna da terceira viagem à Europa, no início de 1914, encontra a *Gazeta de Notícias*, da qual havia sido diretor (1911) e redator-chefe (1913), em crise financeira e com baixa qualidade editorial.
2. Por causa da viagem ao Cairo.
3. Nessa viagem visita, além de Lisboa, Paris, Alemanha, Istambul, Rússia, Grécia, Jerusalém e Cairo.
4. Salvador Santos, tesoureiro e administrador da *Gazeta*. Manuel Jorge de Oliveira Rocha, o Rochinha, dono da *Gazeta*.
5. Cândido Campos, secretário da *Gazeta*. Reassume, a pedido de Santos, o cargo de redator-chefe.
6. Colegas da *Gazeta* informam que João de Barros estaria escrevendo mais para *O Commercio de São Paulo* do que para a *Gazeta*.
7. Em 8 de outubro de 1913, a pedido do presidente Hermes da Fonseca, foi decretado o estado de sítio na capital federal, na tentativa de conter a onda de greves e de controlar o movimento operário. Nesse mesmo ano, em dezembro, Hermes da Fonseca decretou estado de sítio no Ceará, em decorrência da revolução em Juazeiro do Norte, movimento que se originou da aliança formada entre o padre Cícero Romão Batista e os latifundiários em apoio a Floro Bartolomeu, também apoiado pelo senador Pinheiro Machado, em oposição ao governo de Franco Rabelo, indicado pelo governo federal. Nesse período, Lauro Müller era ministro das Relações Exteriores de Hermes da Fonseca.
8. Manoel de Sousa Pinto, amigo de ambos, e João de Deus Ramos, escritor português.
9. Filhos e esposa de João de Barros.
10. Pode referir-se ao livro *A energia brasileira* (1913), dedicado a ele, com a conferência homônima realizada no Teatro da República, em Lisboa, no dia 14 de novembro de 1912; ou ao livro *A República e a escola*, sem data, igualmente com dedicatória: “Ao Paulo de João” (crônicas sobre ensino). Não explica de que livro se trata. O catálogo bibliográfico de João do Rio também não indica qualquer crônica dele sobre livros de João de Barros no período.

João



Severos a comer - só para malas saudades.
Este infante pale sobre a minha vida toda.
Não ha duvidas e todos avanam.

Eu libaltes - com o abraço amado - q.
em conforma o meu libaltes. Sua vida!
Parece urgentemente q. mandes algumas.
Sua vida me tá lida para q. seja doente
e não abraço - me muito. Ha quan-
ta dia souci Liboa - q. mais amo gruas
a ti.

Crie q. os jacobins ficaram contentes com
a minha affectos? q. q. e antigo sobre
o Henrique faz um extraordinario successo.

Dava tu visto tambem varias noticias sobre
o teu livro, q. ja' reli, e formarsi a ler.

Não inquietar como me reunibiliza a tua
dedicatória meu livro de amação

É meu unico - porque nada disse antes
de ler.

Decididamente o Grande Paeta faz
- me esta vez mais amou a incoupa
- ravel alua q. si tu

Com muito amito

Paula

Beijos no Paulito.

O Carlos está de maua, meza e autoumel
com a Maria Pousera, q. se tá amada.

João

Escrevo a correr – só para matar saudades. Este infecto país está numa crise doida. Não há dinheiro e todos avançam.¹

Eu trabalho – com o atravancamento – que ia desfazendo o meu trabalho. Que luta! Preciso urgentemente que mandes crônicas.²

Quando não te leio penso que estás doente e isso aborrece-me muito. Há quarenta dias deixei Lisboa – que mais amo graças a ti.

Creio que os jacobinos ficaram contentes com a minha atitude. Aqui – o artigo sobre o Arriaga³ fez um estrepitoso sucesso. Deves ter visto também várias notícias sobre o teu livro, que já reli, e tornarei a ler. Não imaginas como me sensibilizou a tua dedicatória nesse livro de coração.⁴

E sou sincero – porque nada disse antes de ler.

Decididamente o Grande Poeta faz-me cada vez mais amar a incomparável alma que és tu

Do muito e muito

Paulo

Beijos no Paulito.

O Carlos está de cama, mesa e automóvel com a Maria Fonseca, que se diz amada aí.⁵

1. Crise financeira com a deflagração da Primeira Guerra Mundial.
2. João de Barros escrevia para a *Gazeta de Notícias*.
3. Ironiza a ira possivelmente provocada nos jornalistas, homens de letras e políticos lusófonos com o artigo que escrevera sobre Manoel de Arriaga, primeiro presidente da República de Portugal (1911-1915). A entrevista foi publicada na *Gazeta de Notícias*, em 16 de março de 1914.
4. Não explica de que livro se trata. O catálogo bibliográfico de João do Rio também não indica qualquer crônica sobre livros de João de Barros no período. Mas em sua biblioteca, no Real Gabinete Português de Leitura, pude conferir que João de Barros dedicou a João do Rio o livro *A energia brasileira*, contendo conferência realizada no Teatro da República, em Lisboa, no dia 14 de novembro de 1912, e que na edição de *A República e a escola* (s/ data) há a seguinte dedicatória: “Ao Paulo de João”.
5. Carlos, a quem chama em outras cartas de Carlitos, e Maria Fonseca não foram identificados.

JACOBINISMOS

(Em resposta ao Sr. Medeiros e Albuquerque)

O modo gentil, suave, conciliante, quasi tímido, com que o jornalista, sr. Medeiros e Albuquerque, se refere á representação do "Propaganda Nacionalista" e do "Partido Nacional" ao sr. presidente da Republica, sobre o projecto Camillo Prates, dispensaria uma resposta si não fôrse, pela tãoquente, uma questão que deve ficar sufficientemente esclarecida. E é ella a seguinte: o odio ao alienigena.

Ora, o nosso nacionalismo, pretendendo abrir uma brecha no commercio, para que se dê lugar ao brasileiro, é muito mais logico e muito mais humano do que o radicalismo de certas esmas commerciaes que não fazem "jacobinismo" na terra alheia, incluindo nos seus contratos, expresso ou implicitamente, a prohibição de serem nelles admittidos como empregados os fillos da terra.

O nosso nacionalismo, illustre Medeiros, não se alimenta de odio ao estrangeiro, mas do culto da patria e do entusiasmo amor dos nossos concidadãos.

No ponto de vista material, financeiro e mercantil, o nosso nacionalismo poderia ser — como bem lembra o talentoso Medeiros — "um pouco intelligente". E a prova é que nenhuma orgão da "imprensa-brazeira" que ainda tenha a experiencia... Mas do ponto de vista moral, elevadissimo, do altura a que não attingem certas agulhas do jornalismo moderno, — este nacionalismo que combate e absorve o lusitanismo, e os intuitos reconhecidos das associações commerciaes: este patriotismo que só encontra o seu campo nos colúmbios de um cadente pamphletto semanal, e o unico que vibrava a era de pureza dos nossos antepassados, os bellos dias do "Rescripto Constitucional", do "Carrao do Rio", do "Aurora Fluminense", em que pontificavam os espiritos desasombrosos de Cunha Barbosa, Gonçalves Ledo, Frei Francisco de Sampaio, Evarista da Veiga e outros.

Não é possível, já o dissemos, — na nossa pura comprehensão da solidariedade humana, — amar com o mesmo enthusiasmo e o mesmo carinho o explorado e o explorador, a victima e o carrasco.

Essa tal ultramaia é privilegio dos positivistas militantes.

O projecto Camillo Prates não allude sequer ao elemento portuguez.

Vê-se que o illustre deputado enxergou perfectamente a gravissima questão do ponto de vista nacional, procurando remediar a inconcebivel situação de subalteridade em que nos encontramos diante do estrangeiro, sobreavido ao que respecta á profissão commerciaes.

O nosso nacionalismo tem, porém, um aspecto original: é sincero, altivo, nobre e independente, e deseja afastar-se, em tudo, da velha escola politica de accommodações, traições e hypocrisias que o Brazil herdou de seus colonizadores lusos.

"O Brazil para os brasileiros". Tal era o lema patriótico de Floriano Peixoto, e tal é o principal esboço da "Propaganda Nacionalista".

Não nos amana, rejeitamos, o odio, mas a "certeza" de que no elemento portuguez devemos tudo quanto o Brazil tem de ruim e tudo do que tem de bom.

Pois immenso, com vastas regiões despopuladas, fadado a receber immigrants de todas as nacionalidades, o Brazil, entretanto, 97 annos depois de haver deixado de ser colonia, vê-se de novo rancido por alguns jornalistas — e o sr. Medeiros é um d'elles, — a ligar-se politicamente a Portugal! Ora, já no epocha da Independencia, 12 de Outubro de 1822 quando o Brazil teria avultado em prosperidade se ha mais tempo se fôrse separado de Portugal; si ha mais tempo o seu bom siza e razão fôrsem emancipado uma separação que a natureza havia feito.

Mas o caso da nossa certiginosa desnacionalização explicita-se perfectamente nella extraordinario desenvolvimento que tomou entre nós o commercio portuquez, a ponto de assestuar-se da maioria da imprensa de capital e poder nacional em respeitoso silencio a miriada de jornaes brasileiros que assistem, com um ou outro tímido protesto, á obra estagnada do reconquista politica do Brazil!

De posse dessa arma ferrest, que é a imprensa, os nossos hospedes suetoricos, ha cerca de 30 annos, hão conseguido estabelecer de desmoralização dos honras e coiza do Brazil. Os melhores nomes do seculo politico foram altejados, com epithetos infamantes.

Flaviano, Campos Sales, Rio Branco, P. Machado, Rodrigues Alves, não escaparam á sanha barbara.

O actual sr. presidente da Republica por certo não se illudirá sobre a sorte que a espera si não conseguir quebrar a cabeça á horda de Laran...

Por outro lado pretende-se demonstrar que o nosso homem do povo, a prata de ouro, é um infeliz Jeca Tatá comido pelos "corminhos" e enfiado pela preguica.

Os nossos hospedes querem "desmoralizar" e "depreciar", para depois "dominar" e "prelacionar".

Aqui não ha, portanto, por ora, perigo americano, allemão ou francez a combater. Só temos um perigo, e desse já vamos cuidando na funesta experiencia: o perigo de cultarmos ás mãos do "mais atrozado dos porcos europeus", consante o aviso de Esca de Queiroz. Nesse abysmo temeroso do predomínio portuguez já cauiu a desenvolvida região amazônica, sem um grão de recolla do patriotismo nacional!

Ora, o nacionalismo dos outros povos americanos, que hoje estão decetras emancipados, não se exercem contra Franceza e allemão, mas contra impozca e hespanhólas nos países colonizados, respectivamente pela Inglaterra e pela Hespanha.

E' por isso que hoje, emancipada e livre, a Argentina, país de oito milhões de habitantes, não recusa introduzir no seu territorio tres milhões de allemães, e antes os

concede, facilitando-lhes o ingresso, ao passo que no Brazil, que conta apenas 600.000 allemães — numero igual ao dos teutos de Chicago no America do Norte, — ha quem felle a serm em perigo allorado!

E' que a poeira de barro tem habico de descer a corrente ao lado da poeira de ferro...

Em summa; o politico desmoralizado pela imprensa lusitana do Rio Grande, seus seguintes quesitos:

1.º — Desmoralizar os honras e as coizas do Brazil, isto é, "tôrbar o que que elles desejariam beber";

2.º — Isolar-nos no continente americano, apredido a America do Norte e tornámo-nos com a Argentina;

3.º — Aproximarse de Portugal para incrementar uma exploração mais revez secular, concluindo-nos um pacto politico a que se dora o faturoz nome de "Confederação Luso-Brasileira".

A exploração commerciaes se faz entre nós de um modo tão buçal e pouco intelligente que até chegam a impressionar a espirito calmo e reflectido do escriptor Paul Adan.

Já vê, pois, o illustre Medeiros, á cuiante trunfuga do velho jacobinismo sobre de outros tempos, que nós, no do hoje, fôrmos a esculptura tela do nacionalismo: teus curvados de nada.

Mas como a questão nacionalista deita raizes em tres ramos de esculpturas: a Historia, a Sociologia e a Moral, em cujas departamentos jamais cizaes heitar a espirito singa a curvado do "cheizão novo" do incunismo. S. S. se encontra em difficuldade para analysar aquella representação dos dois partidos sobre a questão do destemido deputado mineiro Camillo Prates.

Já que, porém, o elemento sr. Medeiros e Albuquerque mostra desejo de incrementar a discussão no terreno calmo dos principios, pedimos venia para simplificar as questões, de que até nas occupações, occupando-as nos seguintes quesitos.

S. S., estamos certos, terá a paciencia e a gentileza de responder-nos:

1.º — Qual o estrangeiro que explora no Brazil "rotativamente" a profissão commerciaes, negando ingresso em suas coizas nas naturas deste paiz? (S. S. antes de responder-nos fará o favor de citar os casos francezes, allemães, italianos, e ingleses do Rio de Janeiro e ha de em todas ellas constatar materia de empoucoz brasileiros);

2.º — Sendo o Brazil um paiz de agricultura e pecuaria, qual o immigrant mais e desajustado — o que vem enturjar os viloados e augmentando a carezta dos ricos e dos allegres de casa, ou o que vai tralhar nos campos?

(Aqui S. S. dirá que os são nós e outros pelas respectivas nacionalidades);

3.º — Sabido que a capital do Brazil tem commercio a cargo, por ser tal profissão um monopólio de portuguezes, e de

Meu caro João

Recebi crônicas! Uf! Pensei que não querias mais escrever! Têm sido todas publicadas. E espero que continues.¹

As minhas cartas, que foram contínuas, cessaram em quinze dias porque duas senhoras ao mesmo tempo resolveram tirar-me a tranquilidade. Nada de amor, de *emballement*.² Apenas diversão, um pouco de enervamento procurado para acabar com o enervamento que me atacou ao chegar ao Rio.³

Imagina que não dormia! Coisas trágicas e desagradáveis a de não dormir e a de pensar que é preciso dormir, não dormindo...

Enfim, já vou pairando melhor e gastando loucamente – o que desconcertou o meu orçamento bastante avariado pela Europa em 4 meses de corrida.

A situação aqui é de perto atroz do ponto de vista monetário. Não há dinheiro. Absolutamente. Pode-se fazer negócios, mas o dinheiro não se recebe. A tua conta por exemplo caiu em exercício findo.⁴ Felizmente tens a receber só 100 libras que procuro arranjar-te. O Salvador Santos, que me deve vários contos, não tem dinheiro.⁵

Não o há! Recebe-se níquel! Recebe-se em prata contos e contos. As casas comerciais quebram. O governo não tem luta! É um fim americano terrivelmente barulhento.⁶ Este ano parece que passaremos

assim. Fiz a maior tolice da minha vida vindo daí tão cedo. Tudo quanto me aconteceu poderia ter sido adiado. A situação da *Gazeta* era a única firme – porque eu sou insubstituível.⁷ Se eu ficasse lá talvez nem mesmo tivesse encontrado o Campos⁸ – que já nas vésperas da minha chegada tivera uma despedida do Rochinha.

Agora tenho que ficar aqui não sei quanto tempo e eu abomino cada vez mais esta coisa. Como viver na Europa? Esperemos um grande negócio do Wenceslau para obter a sonhada renda de 70.000 francos anuais.⁹ Passarei então longamente em Portugal – morando em Paris.

Mas quanta fantasia! Pensar em coisas remotas e difíceis!

Paro aqui. Estou aborrecidíssimo. Não escrevo. Trabalho pouco. [...] sem alma. Bebo champagne. Pago vestidos e damas. E aborreço-me imensamente. Já pensei até em casar. *Figure-toi!*¹⁰

Do velho Paulo

Beijos nos meninos.

Recomendações a D. Rachel.

1. Crônicas de João de Barros enviadas a João do Rio para publicação na *Gazeta de Notícias*.
2. Entusiasmo repentino.
3. Refere-se ao retorno de sua terceira viagem à Europa, onde ficara de dezembro de 1913 a fevereiro de 1914. Comenta, em outra carta, a relação relâmpago com Aurea Porto Carrero, *socialite* carioca, e Maria Lina, bailarina italiana.
4. Tempo de “vacas magras”, país em crise política e econômica.
5. Salvador Santos, tesoureiro e administrador da *Gazeta de Notícias*.
6. Final do governo do general Hermes da Fonseca (1910-1914), bastante conturbado, marcado por dois estados de sítio e revoltas urbanas.
7. Com a *Gazeta de Notícias* em crise financeira, foi um dos poucos não demitidos pelo dono do jornal, Manuel Jorge de Oliveira Rocha, o Rochinha.
8. Cândido Campos, colega de redação e secretário da *Gazeta de Notícias* fora demitido.
9. Espera algum grande negócio, não identificado em suas biografias, ao apoiar o sucessor de Hermes da Fonseca na presidência do Brasil, Venceslau Brás (1914-1918).
10. De fato, o casamento não estava em seus planos, era um solteirão convicto.

N 11/2747

Meu caro Jacó.

Inveni-te minutos depois de receber uma carta do
Gustavo Carneiro. Este mesmo querido artista quer:

- 1º - Que o exporem no caso
- 2º - Que lhe arranjam uma pessoa (para Gustavo e outra)
- 3º - Que já esteja preparado o local da exposição.

Mirabolante o Carneiro! Estais a ver q. não faço nada
disto, amparado apenas nos jornais e Gustavo, e sobre
gentilmente creanças.

Fato aqui no Brasil me mal. A crise complica os
interiores gerais. Parece o tratado, além da guerra, e me
casi de Pernambuco, arranjai o tempo da Maria Luiza, q.
quer uma ligação. Eu vi-la de uma - nota stupidamente
e cuja leitura foi mais sentida por mim porque foi
ella a sempre. Concluei: lê-se de eu mais, e dava
meos sentimentais, com a alma em pedras. Como fiz
mal em vi da Europa. Foi a primeira vez q.
assetei um conselho - (veja de a' q. do Carlos) -



Meu caro João

Escrevo-te minutos depois de receber uma carta do Antonio Carneiro. Esse nosso querido artista quer:

1º – Que o esperem no cais

2º – Que lhe arranjem uma pensão (para Antonio e senhora)

3º – Que já esteja preparado o local da exposição.¹

Mirabolante o Carneiro! Estás a ver que não faço nada disso, amparando apenas nos jornais o Antonio, incorrigivelmente criança.

Isto aqui no Brasil vai muito mal. A *crise* complica os dinheiros gerais. Para distribuir, além da Aurea, que me caiu de Pernambuco, arranjei o tango da Maria Lina,² que quis uma ligação. Eu vinha de uma – rota estupidamente e cuja ruptura foi mais sentida por mim porque foi ela a romper. Conclusão: líquido em meio os devaneios sentimentais, com a alma em pedaços. Como fiz mal em vir da Europa.³ Foi a primeira vez que aceitei um conselho (verdade é que do Carlos) – e arrependo-me pelo menos um ano – este ano inútil que passamos em branco. Imagina que na *Gazeta* nem pagam os meus honorários. Falta de dinheiro total. Esperemos melhores dias.

Os teus artigos – sem lisonja – têm feito um sucesso. Cada vez melhor e mais brilhante – o gênio da geração.⁴ No reto – aborreço-me de escrever, de pensar e de agir. *Cavo* dinheiro para a *Gazeta*. *Voilà ce que je fait!*⁵

Os homens contam apenas comigo. Ainda bem.

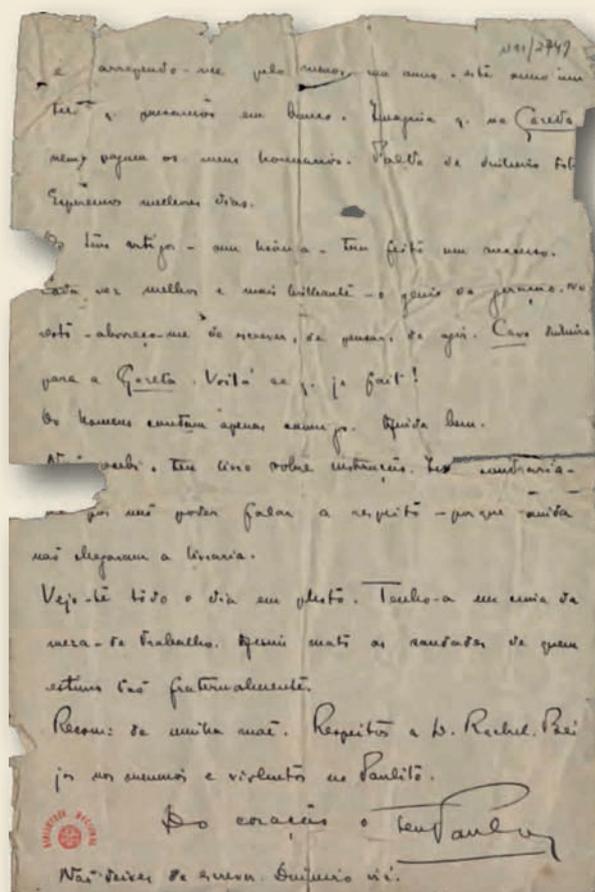
Não recebi o teu livro sobre instrução.⁶ Isso contraria-me por não poder falar a respeito – porque ainda não chegaram à livraria.

Vejo-te todo o dia em foto. Tenho-a em cima da mesa de trabalho.⁷ Assim, mato as saudades de quem estimo tão fraternalmente.

Recomendações de minha mãe.⁸ Respeitos a D. Rachel. Beijos nos meninos e violentos no Paulito.

Do coração o teu Paulo

Não deixes de escrever. Dinheiro irá.⁹



1. Antonio Carneiro, pintor português que visita o Rio em junho de 1914. João do Rio publica inclusive na *Gazeta de Notícias*, na coluna “À margem do dia” (lançada em 11 de março, que assinava como Joe), uma crônica sobre o artista, em 27 de junho.
2. Aurea Porto Carrero, rica *socialite* carioca com quem supostamente teve um caso, e insinua também um *affair* com a bailarina Maria Lina.
3. Refere-se à segunda viagem dele à Europa em final de 1913, da qual retorna em 1914. Nesse período era redator-chefe da *Gazeta de Notícias*.
4. João de Barros foi colaborador da *Gazeta de Notícias*.
5. Isto é o que eu faço.
6. Trata-se, provavelmente, de *A educação moral na escola primária*. Paris Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1914.
7. Refere-se a alguma fotografia do poeta que guarda em sua mesa de trabalho, em casa.
8. D. Florência havia visitado Portugal e se rasgado em elogios ao tratamento recebido de João de Barros.
9. Pede que João de Barros não deixasse de escrever, pois iria receber pagamento por sua colaboração na *Gazeta*.

Meu caro João

Um bilhete apressado. V. a
partida do Rio. Ela é um
agnia, como se diz em sala
do Rio. Isso não teria importância,
se não estivessemos em
crise e com o Ruvo Jactancioso
em Jacarepaguá.

Direito em geral - O.

Não há vitória!

Σ elega hoje o Hatoris Carneiro,
bom, simples e meigo. Vamos fazer
por elle o q. for possível.



Meu caro João

Um bilhete apressado. Vi a partida do Pinot¹. Ele é um *águia*, como se diz em calão do Rio. Isso não teria importância, se não estivéssemos em crise e com o Lauro² doentíssimo em Jacarepaguá.

Dinheiro em geral – 0.

Não há vintém!

E chega hoje o Antonio Carneiro,³ bom, simples e meigo. Vamos fazer por ele o que for possível.

Falaremos de ti. És presentemente o único amigo meu de que não tenho senão provas de carinho. Por isso e por esta alma sensível – que descobriste sob a *pose* social – deves imaginar como te quero bem. Assim como a um irmão – quando se quer muito a esse irmão...

Beija o Paulo.

Respeitos a D. Rachel⁴

Escreverei longamente.

Do coração

Paulo

1. Nome não identificado, principalmente por causa da grafia de João do Rio.
2. Lauro Müller, aliado político, ministro das Relações Exteriores de Venceslau Brás, presidente da República de 1914 a 1918.
3. Antonio Carneiro, pintor português que João do Rio ciceroneou em visita do artista ao Rio.
4. Em todas as cartas envia recomendações aos familiares do poeta.

Palaremos de ti. És pre
sentemente o único amigo meu
de q. não tens suas provas de
carinho. Por isso e por esta alma
sensível q. descobriste sobre a poze
social - deves imaginar como te
quero bem. Quem como a um
inimigo - quando se quer unido
a seu inimigo...

Beija o Paulo.

Respeitos a Sr. Rachel

Exerereci loyalmente,

Docemente

Paulo

JOÃO DO RIO
20. FREIXE
TELEPHONE 4888
RIO

N11/2724

Meu caro João. Muito obrigado pela tua carta. Vieste q. eu estava triste e encontraste uma solução q. me sustentou. Souvos mesmo muito amigo. Eu sinto q. te quero bem profundamente. D'ali o bem da tua carta.

É verdade a minha miséria sentimental. Eu q. sempre soube defender-me, subegara-me a uma espécie de solidariedade - eu q. fui ali o unico solidario. O primeiro momento foi o desastre. Depois verificou-se uma tão grande miséria moral - q. estou no periodo da desconfortação, isto é do nojo.

Apas - ha outro Paulo, inteiramente outro.

A tua carta tem seis varias respostas. Vou por partes.



Meu caro João. Muito obrigado pela tua carta. Viste que eu estava triste e mostraste uma emoção que me enterneceu. Somos mesmo muito amigos? Eu sinto que te quero bem profundamente. Daí o bem da tua carta.

É verdade a minha miséria sentimental. Tu que sempre soube defender-me, entregara-me a uma espécie de solidariedade – eu que fui aliás o único solidário. O primeiro momento foi o desastre. Depois verifiquei uma tão grande miséria moral – que estou no período da cicatrização, isto é do nojo.

Apenas – há outro Paulo, integralmente outro.¹

A tua carta exige várias respostas. Vou por partes.

Capítulo Dinheiros: – A tua ideia é disparatada. Realmente, mandei-te de Paris, do meu. Mas é natural que, indo receber a Paris vários dinheiros, eu adiantasse ao meu amigo uma certa soma urgente. Não tem importância. Realmente também, com as mirabolantes perseguições do Rivadavia ao Toledo e a tremenda falta de dinheiro (a americana nota bem) a tal conta do *Brésil* caiu em exercícios findos.

*Mas também é verdade que o “Brésil” pagou o adiantamento feito por mim a ti; que o Brésil pode esperar, que o Brésil espera como tu esperas pagamentos de crônicas em atraso.*²

Acho pois disparatadíssimo começar a receber dinheiros teus. Só se for para fingir de Caixa Econômica. O dinheiro vem. Recebeste 200 libras. Ainda te devemos 100. *Nós é que te devemos*. Essa agora de mandar-me 1 conto *forte*³ toma proporções de ultraimprevisto.

Não me fales mais nisso pelo amor dos Deuses bons. Eu é que estou envergonhado que uma empresa como a *Gazeta* ainda não pudesse mandar-te o resto – pois o *recebimento é certo* e era razoável que te os adiantasse.

O artigo da Revue. Recebi cinco *Revue*s antes da remetida por ti. Toda gente de Paris, de Londres mandava-me o artigo sublinhado. Mandei publicar o artigo traduzido, imediatamente, com chamada especial. Saiu bem.⁴

Êxito total!

Dias depois chegou a tua remessa, com o capítulo (que o Pinot se reserva o direito de escrever a tanto a linha). Mostrei ao Lauro, mostrei ao Dantas.⁵ O Dantas tem os teus livros sobre o seu bureau de trabalho. O Lauro muito grato: Não sei ainda a opinião do S. Paulo.⁶

Antonio Carneiro (secretamente escandalizado com a nossa moral e o número de damas que correm pela *Gazeta*) entregue ao Nogueirinha⁷ e caminhando para o êxito. A sua exposição vai ser de estrondo.

Mudo de casa – para a Avenida Gomes Freire 110, uma *garçonnière* bem. Tal qual em extravagância às montagens (da *garçonnière*, é claro) do Ramada amável. Verás quanto cá tivermos de novo o Poeta.⁸

A Ivonne⁹ que parte por este vapor mostrou que me acompanhou em segredo enquanto estive em Lisboa. Era o estúpido deputado do Mundo (que aliás não foi seu amante) que não lhe dava os recados e assegurava que eu não a podia ver!

Mas vejo que escrevo demais! E a propósito: certo o Correio anda doido, porque é raro o pacote sem letra minha, e durante um mês recebia justos protestos teus exigindo carta.

Escrevo sempre. Até breve.

Cumprimentos a Zulmirinha, se a vires. Ela foi tocante. Cá tenho ainda a flor. Refflorirá ao sol do trópico e do nosso ardor?¹⁰

Estou também indecente. Perdoa.

A sério: beijos nos petizes e no Paulito muitos.¹¹ Respeitos. O Manoel¹² escreveu um detestável artigo sobre o Carneiro. O teu é esplêndido. E a revista? Às ordens. Falarei ao velho Alves.¹³

Do coração

o muito amigo Paulo

Releio a minha carta.

É de doido.

Parece hospício.

Mas que fazer?

Estou estúpido e o

estilo morre.

Compreenderás o

que eu digo?

A minha partida.

O Rochinha,¹⁴ excelente tradução *poudrée*¹⁵ do diretor do *New York Herald* chegou ontem no Arlanza¹⁶ e segue hoje para Santos no mesmo pacote.

– Quando conversaremos?

– A respeito do jornal? Não me fales nisso. Quando voltar, irei algumas vezes ver-te. Só iria atrapalhar a tua brilhante direção, etc... etc...¹⁷

Imagina João!

Mas tenho agosto para o combate. Direi que vou por 3 meses e raspo-me por seis. A beleza seria se seguíssemos no mesmo vapor para a Alemanha.¹⁸ Como há por aí, talvez não seja de todo razoável [...], pois não?

A peça

Ainda teimas na peça?¹⁹ Esses sujeitos de teatro são uns canalhas. Para tal cambada o velho ou a ferocidade implacável e suave do Santo Manoel.

Nós somos de manteiga. Manoel escava em pedra a catedral da Arte e vai-lhes em cima. Tenho conversado com alguns desses “cavadores” de *tournées*. Têm todos um medo pânico do Manoel.²⁰

Este ano sou só diretor de jornal²¹ como és diretor de E. Primário.²² O caso da *Vargas* parece-me tão afastado como a Marguett que vi anteontem, pura e digna, comprando bombons com o marido.

E por falar nisso: o Sebastião fez uma filha, quase do tamanho dele aos três meses, e que a Sylvia soube fazer nascer forte – apesar da sua fragilidade.

Sylvia aliás ama Sebastião com redobrado ardor. Não imaginas o tocante da sua voz dizendo:

– É tua filha...²³

Coelho Neto

Como vai o nosso grande homem? E D. Gabby? Festas, manifestações, tiros, dinamite?²⁴

Mas vejo que estou na 9ª página. Paremos.

Beija o teu pequeno de gênio. Respeitosos cumprimentos a Mme. Barros e ao autor dos *Noivos*. Censuras acres ao silêncio de San Manoel. Perdoa o meu – que nasce desta balbúrdia tão tua conhecida.²⁵

Do muito d'alma

Paulo

1. Refere-se provavelmente ao rompimento com o editor Garnier, em 1913, que não só imprimira *A profissão de Jacques Pedreira* cheia de erros de revisão, mas também suprimira dois capítulos da obra, que já havia sido interrompida quando publicada como folhetim na *Gazeta de Notícias* por suposta referência a figuras políticas reais. João do Rio, impossibilitado de fazer exigências ao editor, uma vez que vendera o direito de publicação à casa editora, ganhou na Justiça o direito de destruir a obra, que seria impressa, em edição da Fundação Casa Rui Barbosa e Ed. Scipione, somente em 1992, sob a supervisão de Rachel Teixeira Valença e Flora Sússekind.

2. Trecho de difícil compreensão. Parece querer tranquilizar o amigo, afirmando que o adiantamento a João de Barros reparava o atraso no pagamento de crônicas já escritas pelo poeta para a *Gazeta de Notícias*. O uso do estrangeirismo era comum em suas cartas.

3. "(...) no Brasil havia os réis fracos, que eram a moeda corrente, e os réis fortes, usados nas operações cambiais com o exterior, incluindo Portugal." ALMEIDA, D. *Centenário da República: a criação da Escola Feminina em Travanca*, 25 mar. 2011. Disponível em: <http://travancaintemporal.blogspot.com.br/2011/03/centenario-da-republica-criacao-da.html>. Acesso em 29 out. 2012.

4. Refere-se a artigo de João de Barros publicado na revista francesa *La Revue*, em que faz elogio a João do Rio. Manda publicar o artigo na *Gazeta de Notícias*.
5. Lauro Müller e Luís de Sousa Dantas, diplomatas brasileiros.
6. Opinião da direção do jornal *O Commercio de S. Paulo*, para o qual João de Barros colaborava.
7. Antonio Carneiro, pintor português que estava em visita ao Rio, em 1914, receberia apoio de um amigo de João do Rio para a montagem de uma exposição na cidade.
8. João de Barros visitou o Brasil pela primeira vez em 1912. Voltaria somente em abril de 1920.
9. Ivonne, mulher não identificada em suas biografias, não o encontrou em Lisboa por intriga de algum conhecido, que não passou a ela os recados do jornalista.
10. Suposto caso de amor, em Lisboa, com Zulmira Ramos, que interpretou *A bela madame Vargas*, encenada na capital portuguesa em 2 de fevereiro de 1914.
11. Refere-se aos filhos do poeta, principalmente ao mais velho, Paulo.
12. Manoel de Sousa Pinto, escritor português muito amigo de ambos.
13. Creio que se refere à *Atlântida*, talvez pensasse em publicá-la pela editora Francisco Alves.
14. Ironiza Oliveira Rocha, o Rochinha, diretor da *Gazeta de Notícias*.
15. Empoada.
16. *Arlanza*, um paquete (navio).
17. Trecho de difícil interpretação. Transcreve um rápido diálogo com o diretor da *Gazeta* a respeito do jornal.
18. Tencionava voltar brevemente à Europa.
19. Trecho de difícil compreensão, pois os comentários indicam que a carta é de 1914, escrita após o seu retorno da Europa, em fevereiro ou março. *A bela madame Vargas*, então, já deveria ter sido encenada.

20. Classifica esses empresários de cavadores de turnês, todos tementes da verve do jornalista Manoel de Sousa Pinto, amigo de João do Rio e João de Barros, e que parecia estar lutando pela encenação de *A bela madame Vargas*, até aquele momento sem sucesso.

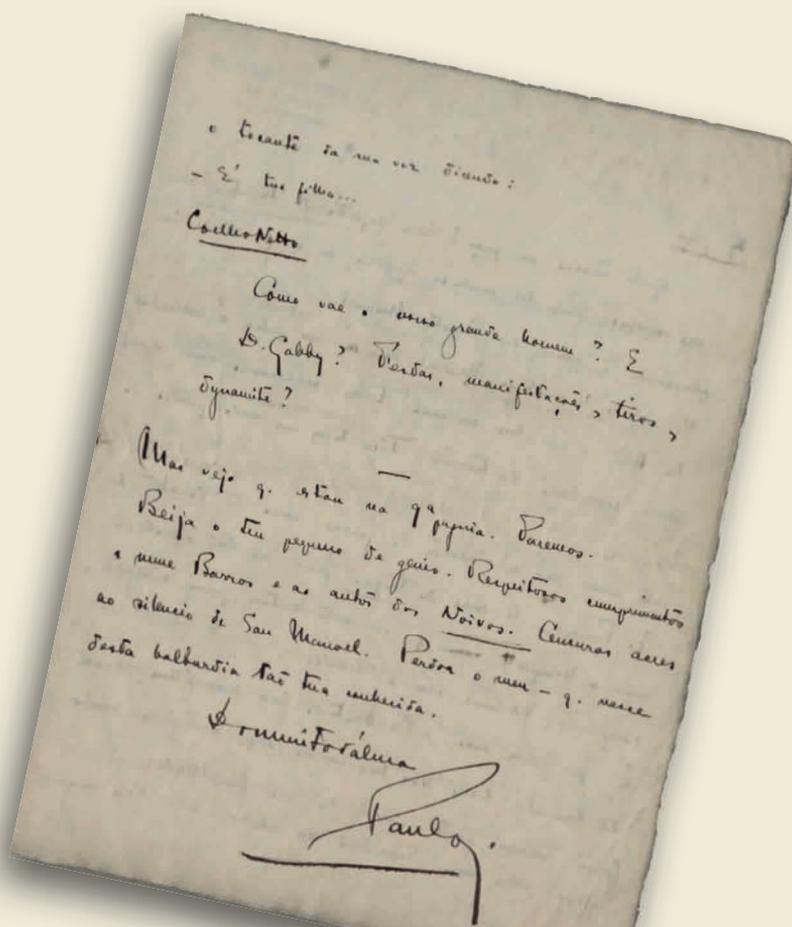
21. Torna-se diretor da *Gazeta de Notícias* em 1911. Em março de 1913, redator-chefe.

22. Ensino Primário.

23. Marguett, mulher casada que fora amante de Sebastião Sampaio, contista brasileiro, e mesmo de João de Barros. Sampaio e sua esposa Sylvia haviam tido uma filha.

24. O escritor Coelho Neto e esposa estavam em Lisboa no período.

25. Simpático, João do Rio. A carta é realmente um tanto telegráfica, o que dificulta a compreensão de muitos temas, abordados de forma acelerada, quase superficial, para o leitor que tenta compreender sua conversa com o amigo.



Meu caro João

Não sei se participi ao João q. estou
a morar em casa nova: - Av. Gomes, Trine

110. É uma casa com varias salas, em q.
espalhei tapetes d'bricute e vartiz d'vaus.
É a casa do n.º 2734 de Barros.

Estes bilhetes, quero-os aos boceiros. Não
sei quanto abalarei stê. É a guerra, e
o desespero, e a crise. Uma Europa sangra-
ta, e horror de q. Paris vem a soffrer, a
quasi miséria do Rio, voltando pelo senario
de um governo: ao papel moeda, a moeda
fora, a laucanota...



Meu caro João

Não sei se participei ao João que estou a morar em casa nova: – Av. Gomes Freire, 110. É uma casa com várias casas, em que espalhei tapetes do Oriente e vastos divans. É a casa do Sr. Dr. João de Barros.

Este bilhete escrevo-os aos bocados. Não sei quando acabarei este. É a guerra, é o desespero, é a crise. Essa Europa conflagrada, o horror de que Paris venha a sofrer, a quase miséria do Rio, voltando pelo desvario de um governo: ao papel-moeda, à moratória, à bancarrota...¹

Não calculas o desalento que por cá anda e a apoplética falta de dinheiro. No Itamaraty não havia dinheiro para passar telegramas outro dia. Tudo arreventado.

A tua carta sobre a Maria Fonseca fez-nos rir bastante, a mim e ao conquistador Carlitos. Que diabo! Chamar a Maria *velha Cleópatra*, mesmo com *Cleópatra* é de um exagero *comovido*. Eu acho-a um doce encanto, e só não fui um dos seus *mil e um* porque o Carlitos era esse *um*, isto é o pequeno gastador mas de que ela gostava.²

Enfim, pra desanuviar, a Maria serviu.

Escreveste uma linda crônica e duas cartas engraçadíssimas.

Mando a conferência da Dança que vai sair na *Ilustração*, onde o Baptista é diretor agora.³ A Maria (Lina desta vez)⁴ dança maravilhosamente e também tem alma.

Apenas as mulheres não adivinham que o melhor é passar sem insistir. Elas insistem. E o amor torna-se *couvée*.⁵

Lembranças muitas. Que Portugal não pegue fogo também!⁶

Do coração

Paulo

Minha opinião sobre a deputação?⁷ Acho que deves aceitar. Nem se pergunta. Deputado – ministro fora de Portugal.

*O jardim dos rouxinóis*⁸

Que pequena maravilha de sensualidade e poesia!

Tu és de 1ª ordem!

1. A capital federal vivia ainda sob os efeitos da crise política e econômica do governo do presidente Hermes da Fonseca (1910-1914).
2. Cita mais uma vez o nome de Maria Fonseca, que fora amante do amigo Carlos (Carlitos), não identificado, e também de João de Barros.
3. A conferência “Analogia da dança” foi publicada em 16 de agosto de 1914 na revista *Ilustração Brasileira*, da qual torna-se colaborador a partir de junho. A conferência foi realizada no cineteatro carioca Phoenix, em 17 de julho, e sucedida por recital da bailarina italiana Maria Lina.
4. Dançarina de maxixe, Maria Lina também teria feito, neste mesmo dia, além do recital, uma conferência sobre a relação do maxixe com a brasilidade. Sobre o tema ver VELLOSO, Mônica Pimenta. “América dançarina, polêmicas em torno de uma identidade nacional brasileira”, em <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/america-dancarina-polemicas-em-torno-de-uma-identidade-nacional-brasileira-de-monica-pimenta-velloso/>. Acesso em 15 ago. 2012.
5. Em sentido figurado, excessivo.
6. Portugal ainda não havia entrado na guerra, entraria em 1916.
7. João de Barros recebe convite para ser deputado em Portugal.
8. Elogio a poema de João de Barros.

N 11/2745

João.

A Q. Q. devia ter passado ontem,
15 de outubro telegramma dizendo q. o Teu
Teu fora exigido por um editor brasileiro - o maior
da America do Sul.

Confidencialmente, para nós: Paulo Afonso ficou
agradecidissimo por eu lhe ter trazido o Quintan para
a casa. Elle illustra a illustra ella como foi
o Brasil o Quintan, mais bello poema - o poe
do Quintan o maior poeta.

Quinta regue Telegrapho logo q. elle me pagou

Beijos do Teu

Paulo.



16 de outubro, 1914

João

A Aura Abranches¹ devia ter passado ontem, 15 de outubro, telegrama dizendo que *Anteu*² fora exigido por um editor brasileiro – o maior da América do Sul.³

Confidencialmente, para nós: Paulo Azevedo⁴ ficou agradecidíssimo por eu lhe ter trazido o *Anteu* para a casa. Ele, ilustrado e ilustre acha como todo o Brasil o *Anteu* o mais belo poema e o pai do *Anteu* o maior poeta.

Dinheiro segue telégrafo logo que ele me pague.⁵

Beijos do teu

Paulo

1. Possivelmente trata-se de Aura Abranches Ruas Grijó (ver página 141, nota 1).

2. *Anteu* (1912), livro de poemas de João de Barros.

3. Maior editor da América do Sul, a casa editora do português Francisco Alves, com sede no Rio de Janeiro.

4. Paulo Ernesto Azevedo, que havia sido gerente da filial da Francisco Alves em São Paulo, assume a casa editora após o falecimento do fundador, em 1913, e se interessou em publicar no Brasil o livro de João de Barros *Anteu*, narrativa em prosa, lançado em Portugal em 1912.

5. Refere-se, como em outras cartas, a pagamento pela venda de *Anteu* para a Francisco Alves.

João.

S: ha unico deas Paulhelles na revista.

Não ha tempo de te mandar meus artigos originaes. Mas a

revista pode apparecer ali em novembro, e poderemos ter um ar-
tigo sobre o Brasil escripto por ti e outro do Alberto de

Oliveira, q. leva esta carta e parece gostar do Brasil, e nos
podemos ter outro sobre o novo governo portuguez com retratos

Tudo muito coisa promettida.

q. collaboramos sera' de artistas e politicos e escriptores de maior
relev. no Brasil.

Manda coisas pela outra mala

Quals plans da Revista?

Ultra cobruce? Marcos de D'Almeida, Deus Mendes ou infera?

Quals plans da Revista? Marcos de D'Almeida, Deus Mendes ou infera?

~~Quals plans da Revista? Marcos de D'Almeida, Deus Mendes ou infera?~~

O 1º numero deve ser entregue para pagar.

S: qora falta de parte material q. a revista precisa um es-
criptorio, agudo em Brasil para enqueturas e annuncios

Não tire tempo com a rhetorica estoba.

Da muito trabalho o caso material

Podemos dar no fim ou meio nome o movimento artistico, li-
terario, politico? Vai para isto a nota: Concilio Nacional

brasileira, q. pode sair nome de outros numero com - a me-
ria dos concilios q. te mais



João

Só há cinco dias trabalho na revista.¹

Não há tempo de te mandar senão esses originais. Mas a revista pode aparecer aí em novembro, e poderemos ter um artigo sobre o Brasil escrito por ti e outro do Alberto de Oliveira, que leva esta carta² e parece gostar do Brasil, como poderemos ter outro sobre o novo governo português com retratos.³

Tenho muita coisa prometida.

A colaboração será de artistas e políticos e escritores de maior relevo no Brasil.

Mando coisas pela outra mala.

Qual o plano da Revista?

Ultrassolene? *Mercure de France*, *Deux Mondes* ou *Esfera*? Acho que devemos ter um prefácio assinado *A Direção* em que juntaremos ideias nossas.⁴

O 1º número deve ser estupendo para pegar.

Só agora trato da parte material. A revista precisa de um escritório, agentes em todo o Brasil para assinaturas e anúncios. Não tive tempo senão de escrever esta retórica idiota. Dá muito trabalho o caso material.⁵

Podemos dar no fim em corpo menor o movimento artístico, literário, político? Vai para isso a nota: *A canção nacional brasileira*, que pode sair nesse ou noutro número com a música das canções que te envio.

Tudo depende do aspecto do 1º número.

É preciso que seja compacto, grande e sério, com um ar solene, de quem não precisa de nada.

Do 2º número em diante publicaremos uma novela inédita do C. Neto.⁶ Precisamos anunciá-la.

Vê se a minha *goiabada* não sai errada. Já é tão pateta que com *gralhas* fica geleia.⁷

Manda os anúncios e manda detalhes. O livreiro daí, a casa da revista, a sede etc. Eu não sou Paulo Barreto, sou João do Rio só para *letras* e em hipótese alguma virá antes do teu este meu nome.

Arranja a coisa toda mas há de ser assim.

Diretores

Em Portugal

João de Barros

No Brasil

João do Rio

Creio que com algum trabalho em três ou quatro números arranjam
algum dinheiro.

Vou ter três empregados, fora os agentes. Escreve-me detalhadamente.

Agora mesmo recebo por telefone a promessa de três artigos.

Helio Lobo

Afranio Peixoto

Victor Viana⁸

Vão na outra mala.

Enfim o molde da revista é que é.

O Alberto d'Oliveira será preferível que escreva sobre os portugueses
no Rio e tu sobre o Brasil.

Eu mando um artigo ainda sobre os brasileiros em Portugal. Nesse
caso o pseudônimo da crônica fica sendo *Joe*.⁹

Do coração

Paulo

1. Trabalha para a publicação da primeira edição da *Atlântida*, que sairia em 15 de novembro de 1915.
2. Carta entregue a João de Barros em mãos por Alberto d'Oliveira, cônsul de Portugal no Brasil. Junto à carta foram originais de artigos para serem publicados na revista.
3. Sugere a publicação de um artigo sobre o futuro presidente de Portugal Bernardino Machado, que assumira em 6 de agosto de 1915, inclusive com foto.
4. Faz referência a revistas renomadas, planejando o estilo da *Atlântida*, que propõe grave, solene. De fato, na primeira edição há um prefácio assinado pela direção, ou seja, João de Barros e João do Rio.
5. João do Rio montará um escritório da *Atlântida* no Rio de Janeiro. Deveria ser difícil para ele, escritor e jornalista atarefado, cuidar das questões materiais da revista, como escritório, vendedores, anunciantes, colaboradores.
6. Escritor Coelho Neto, que não chegaria a publicar artigo na *Atlântida*.
7. Ironiza seu texto, pede que o amigo releia para que não seja publicado com erros tipográficos.
8. Escritores brasileiros.
9. Joe, um de seus pseudônimos, com o qual assinava a coluna "À margem do dia", na *Gazeta de Notícias*. Curiosamente não publicou artigos na *Atlântida* com este pseudônimo.

PALAVRAS DE S. EX.^{AS} OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRAZIL E DOS EXTRANJEIROS E FOMENTO DE PORTUGAL.

Desejo para a *Allantida*, que se inicia com tão alevantados ideaes, a prosperidade que será apenas o desenvolvimento da propria obra.

Rio de Janeiro, 1915.

LAURO MULLER.

A sua iniciativa, — meu querido amigo, — é bem digna da sua fé patriótica, do seu ardente e sadio entusiasmo pelas «nossas coisas», da sua admiração, exuberante e suggestiva, (ia a dizer absorvente), pela grande nação brasileira.

Os homens que governam faltam desastradamente á sua missão se ao amparo d'iniciativas d'estas não sabem pôr todo o seu valimento. E não devem ser vocês os agradecidos...

Lisboa, 1915.

AUGUSTO SOARES.

E'-me grato saudar na *Allantida* um esteio seguro da indispensavel aproximação, intelectual e economica, entre as duas Patrias irmãs.

Lisboa, 1915.

MANUEL MONTEIRO.

Noticias & Comentarios

Os jornaes do Brazil trazem-nos a noticia de que na Escola de Bellas Artes será opportunamente inaugurada, com a presença do Sr. Ministro da justiça, a sala Luiz de Rezende, constituida e ornamentada exclusivamente por quadros e moedas raras e preciosas, de varias nacionalidades, offertados por aquelle senhor.

Na galeria de telas figuram nomes artisticos de realçado merito: M. Cosme, medalha de 3.^a classe; A. J. Chantran, Aman Jean, Richard Ranet, Rosa Bozheur, Henri Bouvet, Amedée Buffet, André Sureddá, Palizzi e outros.

As telas que o Sr. Luiz de Rezende offertou á Escola de Bellas Artes valem approximadamente 200 contos de réis.

Dentre ellas surgem quatro impressões de Rosalvo Ribeiro, pintor alagoano. Rosalvo morreu ha pouco tempo, no Estado que lhe foi berço.

Em 1906, na Exposição da Praia Vermelha appareceram quadros seus muito apreciados, então.

Foi collega de João Baptista, no corpo discente da Escola de Bellas Artes em 1887.

Em 1888, o Estado mandou-o á Europa, em viagem de Estudos e Rosalvo passou na França 10 longos annos.

Os seus quadros devem estar, em grande escala, em Alagoas.

Completa a galeria, um primoroso retrato a oleo do generoso doador, que o magnifico pincel de Aman Jean deu excellente corporificação.

**

COELHO NETTO

eminente escritor Coelho Netto, gloria das letras brazileiras, enviou-nos para publicar na *Allantida* a sua novella inédita *Elisir da Vida*. Damos esta noticia com verdadeiro desvanecimento.

«ATLANTIDA»

HA muito tempo que a publicação d'uma revista literaria, que defendesse e representasse as aspirações e os interesses comuns do Brazil e de Portugal, se impunha e se tornava indispensavel. Por varias vezes os directores da «*Allantida*» procuraram realizar essa legitima ambição, — mas encontraram sempre tantas e tão grandes difficuldades da parte dos editores mais habilitados a faze-la vingar, que tiveram de desistir da sua ideia. No entanto, esta sempre lhes pareceu digna do aplauso e do apoio incondicional do publico.

Por isso mesmo, e sem deixar de reconhecer o quanto e como a empreza é agora, mais do que nunca, árdua e trabalhosa — mercê da pessima situação economica de quasi todo o mundo — veem hoje pedir esse apoio e esse aplauso para a iniciativa que finalmente é posta em pratica. E não esperam um momento mais tranquilo, e condições mais vantajosas, para lançar a «*Allantida*», porque entendem que não ha o direito moral de esperar mais.

Assim é, com effeito. As circumstancias especialissi-

Páginas da revista
Atlântida

Meu caro João:

Excepcionalmente a parte commercial da Atlantida com voces ali um pouco fantasticos um ponto commercial põe-me triste.

A mesma estau-me na alfandega 200% do preço e retira-a. Agora o n.º 2 vem parte num vapor, parte montis e ainda parte pelo solis com o nome de prouas cobertas ajis como memoradoras de Fritha (Julis Banks, Rio Valle, etc) O resultado e' uma tremenda complicação no correio q. V. sabe muito difficil do q. qualquer correio da Europa.

Mas enfim...

Porque não mandam regularmente pela alfandega tudo de uma vez? Não poderei lançar a revista com 400 numeros só tendo a receber 1. Do.!

Um pouco de calma nessa historia seria o melhor effeito.



Novembro, 1915

Meu caro João

Decididamente a parte comercial da *Atlantida* com vocês aí um pouco fantásticos nesse ponto comercial põe-me doido.

A 1ª remessa custou-me na Alfândega 200\$000 fracos¹ o retirá-la.² Agora o n. 2 vem parte num vapor, parte noutra e ainda parte pelo *colis*³ com o nome de pessoas conhecidas aqui como moradoras em Lisboa (Julio Dantas, Bordallo etc.)⁴ O resultado é uma tremenda complicação no correio que você sabe menos difícil do que qualquer correio da Europa.

Mas enfim...

Por que não mandam regularmente pela alfândega tudo de uma vez? Não poderei lançar a revista com 400 números só tendo a receber 1.100!

Um pouco de calma nessa história seria do melhor efeito.

Porque se continuarmos a ter essas complicações inúteis, eu tenho o tempo todo perdido em resolvê-las e não trato da parte literária, mental, moral e econômica – de que é preciso tratar e de que ainda não tratei. Fala ao Bordallo⁵ e regulariza isso aí porque estando vocês certos está certo

o do coração

Paulo

1. “(...) no Brasil havia os réis fracos, que eram a moeda corrente, e os réis fortes, usados nas operações cambiais com o exterior, incluindo Portugal.” ALMEIDA, D. *Centenário da República: a criação da Escola Feminina em Travanca*, 25 mar. 2011. Disponível em: <http://travancaintemporal.blogspot.com.br/2011/03/centenario-da-republica-criacao-da.html>. Acesso em 29 out. 2012.

2. Refere-se ao custo para a retirada da primeira remessa da revista da alfândega, uma vez que a *Atlântida* era impressa em Portugal.

3. Encomenda postal.

4. Os exemplares da segunda edição que deveriam ser distribuídos em Lisboa foram, erroneamente, remetidos para o Brasil.

5. Pedro Bordallo Pinheiro, coproprietário e editor da *Atlântida*. Mostra-se bastante irritado com a desorganização comercial da equipe da *Atlântida* em Lisboa.

ATLANTIDA

DIRECTORES:
JOÃO DE BARROS
*
JOÃO DO RIO

MENSARIO ARTISTICO LITERARIO SOCIAL
PARA O BRASIL E PORTUGAL

REDAÇÃO } EM LISBOA:—RUA BARATA SALGUEIRO, 46
 } NO RIO:—AVENIDA RIO BRANCO, 128

N.º 11/239

Meu caro João.

Bom dia e bons annos - porque s'ó ja' te' vou
chegar em tempo de boas festas.

Escrevi-te com o auxilio do q'ba'd'a, e uma carta
de negocios, e agora com um pouco mais de tempo
vou escrever em detalhe.

A revista deve ser posta a venda a 3 de dezembro.
Qu'ida não saiu da q'ba'd'eza. E e' preciso preparar car-
tas.

As despesas iniciais - pagamto de carbozes 200 x 000
despachos 200 x - annuncios, escriptorio 100 x
mensais, selos, etc ja' me ficaram por cerca
de 1.000.000.



Novembro, 1915

Meu caro João

Bom dia e bons anos – porque esta já lá vai chegar em tempo de boas-festas.

Escrevi-te com o auxílio do Abadie, uma carta de negócio, e agora com um pouco mais de tempo vou insistir em detalhe.

A revista deve ser posta à venda a 3 de dezembro. Ainda não saiu da Alfândega. E é preciso pregar cartazes.¹

As despesas iniciais – pregação de cartazes 200\$000 despacho 200\$ – anúncios, escritório 100\$ mensais, selos etc. já me ficaram por cerca de 1.000\$00.²

É uma fantasia persistente aí a facilidade de colocação das obras portuguesas. Elas custam tanto a colocar como as brasileiras. Corremos o Rio inteiro. Não houve ninguém que quisesse tomar a revista, com as condições do editor.³

Tomei eu a responsabilidade de lançá-la. E conto com este 1º número vender muito, preparar o 2º, arranjar-mos atmosfera, e mandar-te algumas páginas de anúncio.

O principal é mantermos a revista 4 números. Depois tudo será bem – posso garantir.⁴

A impressão da revista é de fato magnífica. Nunca se fez em Portugal-Brasil coisa parecida. Mil bravos, Homem admirável!

Pena é que não pensássemos no N. de Natal com tempo. Eu mandaria coisas muito interessantes dessas festas no Brasil. Ficaré para o ano.⁵

Mando uma sobre o Carnaval com desenhos inéditos dos nossos caricaturistas.

As nossas relações comerciais não podem continuar em cartas mais ou menos alucinadas. Por isso, tenho livros, razões, talões, guarda-livros etc. O nosso Bordallo⁶ receberá tudo do próximo correio em diante, e eu remeto telegraficamente o dinheiro.⁷

Agora, nós.

Venho de S. Paulo, onde estive 15 deliciosos dias.⁸ O nosso querido Oscar muito amigo. Elói ultra-amigo.⁹ E sabes quem será em maio presidente? Altino Arantes!¹⁰

Ele falou-me de você com imenso e grato carinho. Tenho a certeza de que teremos auxílio para a revista e que a tua vinda é um fato.

Talvez venhas em maio, e sigamos depois juntos.

Todos em S. Paulo falam de ti com carinho e admiração.¹¹

Outra coisa:

Nas tuas cartas pareces-me nervoso, polarizado.

Que é isso?

Amor?

Se for coisa mais séria que o vil quibus por exemplo – acho que o Paulo serve para alguma coisa quando é amigo. Peço-te mil desculpas mas consideraria qual que não me utilizasses como eu não hesitaria em utilizar-te caso estejam em aperturas como cá se diz.

Que será?

Esta carta vai escrita aos pedaços. Talvez escape muita coisa. Tenho tanto que te dizer!

Mas o correio é sério. Tenho de terminar. E com uma verdade: a *Atlantida* é uma grande revista: a maravilha!

Do coração

Paulo

1. Escreve, com o auxílio do escritor e jornalista brasileiro Abadie Faria Rosa, uma carta de negócio para a comercialização da primeira edição da *Atlântida*, lançada em 15 de novembro de 1915, em Lisboa. A primeira edição deveria ser posta à venda no Rio de Janeiro no dia 3 de dezembro, mas ainda não havia saído da alfândega. Até aquele momento faltava, pelo comentário de João do Rio, a distribuição dos cartazes de divulgação do periódico.

2. Valores da época, em contos de réis.

3. Ao contrário do que se pensava em Portugal, não estava sendo tão fácil encontrar pontos de venda para a revista com as condições impostas pelos editores, ele mesmo e João de Barros.

4. Acreditava que, se conseguisse verba para lançar quatro edições (anunciantes e assinantes), pagando as despesas com a distribuição e o escritório, a revista estaria garantida.

5. Ele gostaria de ter incluído nesta primeira edição, que saiu em 15 de novembro de 1915, reportagens sobre as festas de final de ano no Brasil.
6. Pedro Bordallo Pinheiro, coproprietário e editor da *Atlântida*.
7. Quer organizar o trabalho, um tanto quanto confuso nesta primeira edição da revista, e promete remeter por telégrafo quantia em dinheiro.
8. Havia passado 15 dias em São Paulo, onde assistiu em 13 de julho à encenação de sua peça *Eva* (1915), com a companhia de Adelina Abranches, no teatro Cassino Antártica.
9. Oscar Lopes e Elói Pontes, escritores brasileiros.
10. Altino Arantes seria presidente do estado de São Paulo de maio de 1916 a maio de 1920.
11. João de Barros visitara o Rio e São Paulo em 1912, onde realizara conferências e fizera contato com o círculo intelectual destas capitais, ciceroneado por João do Rio.

Agora, não.
 Vou ao S. Paulo, onde estão 15 milhões de...
 O meu querido Oscar muito amigo. Eloy e tra
 amigo. E sabe quem será em maio presidente?
 Plínio Quinto!
 Ele falou-me de v. com muito e muito carinho.
 Tenho a certeza q. teremos muitas para a revista
 e q. a tua visita é um facto.
 Talvez verbas em maio, e sigamos depois juntos
 Todos em S. Paulo
 saas.

Outra coisa:
 Nas
 polari
 Sue
 que

ATLANTIDA
 DIRECTORES:
 JOAO DE BARROS
 JOAO DO RIO

MENSARIO ARTISTICO LITERARIO SOCIAL
 PARA O BRASIL E PORTUGAL
 REDACÇÃO { EM LISBOA: -RUA BARATA SALGUEIRO, 46
 NO RIO: -AVENIDA RIO BRANCO, 125

N.º 11/2739

Se for coisa mais seria - o vil quibus por
 exemplo - acho q. o Paulo serve para alguma coisa
 quanto a amigos. Perto de mil exemplos mas con
 sideraria qual q. não me utilisarem como eu
 não hei de ir me utilizar. te esse ~~este~~ ~~este~~
 em aperturas como ca' se diz.
 Que será?

Esta carta vai scripta aos pedacos. Talvez caça
 pe muitas coisa. Tenho tanto q. te dizer!
 Mas o correio é serio. Tenho de terminar. E com uma
 vontade: a Atlantida é uma grande revista e um
 revista!
 Joao do Rio



Saudades - beijos aos
regaros. Repetir p. d. Rachel
e o amor p. a T. do velho Paulo.

N 11/2362
Espero - te realmente logo
mais. Estamos na obra! E a
preço ao preço o preço.

Meu caro João

Recibi os avultos. Estamos a distribuí-los. Já tenho uma
sala na Avenida no escriptorio da Agencia Querciana do novo
Oscar de Carvalho Gervásio. Já tenho envelopes, impressos, car-
tas, folhas de arguente
Uma carta me habello abafentissima e pratica no momento em q. eu voltei
praticamente a escriptorio - 2 folhetos para o Commercio, 1 para o Correio
Paulistano, uma nota diaria no Pra, outra no Paiz fôra os artigos
de sabbato, etc, etc, etc.

E tambem uma propoza de entrar a fazer um levantamento sobre
Os meios vellos da Carrelha organizados em Sociedade dos H. do Livro das
empresas - me. Não responde a marcho.

Escrevi mais este conto do Affonso grande nome, Querciana, etc
A Atlantida tem de ir nome q. seja por seis meses. Fôra um novem
das lances nos entretidos com o teu retrato.

O livro de Marcel tem varias mudancas e alguns minus q. tenham a parte
cidade de um Poeta q. me deu muitos prazeres. Ha um Paralelamente deli-
cioso. Grande parte da tua poesia no Revista de Guama.

Manda-me o d.º? Tu sou um escriptorio perigoso.

Continuarei a escrever. Recibe as outras coisas: Bazar, Oscar, o Chap de Policia
Querciana Real, etc, etc? Envia para os Meios: Gervasio Marcano R. B. Paris
elle collabora.

Hte

Paulo



Novembro, 1915

Meu caro João

Recebi os avulsos. Estamos a distribuí-los.¹ Já tenho uma sala na Avenida² no escritório da Agência Americana do nosso Oscar de Carvalho Azevedo. Já tenho envelopes, impressos, cartazes, talões de assinatura.

Isso custa um trabalho estafantíssimo e prático no momento em que eu voltei freneticamente a escritor: 2 folhetins para o *Commercio*, 1 para o *Correio Paulistano*, uma nota diária na *Rua*, outra no *Paiz* fora os artigos de sábado etc. etc. etc.³

E também custa porque eu estou a desejar um arejamento europeu.

Os meninos-velhos da *Careta*⁴ argamassados em Sociedade dos H. de Letras descompõem-me. Não respondo e marcho.

Arranjei mais este conto do Afranio.⁵ Grande nome, Academia etc.

A *Atlantida* tem de ir nem que seja por seis meses. Agora em novembro lanço mil entrevistas com o teu retrato.

O livro de Manoel tem coisas encantadoras e alguns meninos que lembram a precocidade de um Poeta que era um menino, o Joãozinho.⁶ Há um *Paralelamente* delicioso. Grande êxito da tua poesia na *Revista da Semana*.⁷

Mandei-te o n.º⁸ Eu sou um esquecido perigoso.

Continuarei a escrever. Recebeste as outras coisas: Bilac, Oscar, o Chefe de Polícia Aurelino Leal, Victor Vianna, eu etc.⁹ Escreve daí ao Medeiros: *Avenue Marceau* 28, Paris. Elle colaborará.¹⁰

Até logo

Paulo

Saudades – beijos aos rapazes. Respeitos para D. Rachel e o coração para ti

do velho Paulo

Escrevo-te realmente logo mais. Estamos na obra! E é preciso não perder o vapor.

1. Avisa que recebera os números avulsos da primeira edição da *Atlântida*, de 15 de novembro de 1915.
2. O escritório da *Atlântida* no Rio de Janeiro foi instalado na Avenida Rio Branco 128.
3. Além da *Atlântida*, escrevia simultaneamente para o *Commercio de São Paulo*, o *Correio Paulistano*, *A Rua*, *O Paiz*.
4. Revista *Careta*. Os colaboradores o criticavam por apoiar Gilberto Amado, deputado pinheirista e colunista d' *O Paiz* que assassinara, em legítima defesa, outro escritor, Aníbal Teófilo.
5. Afrânio Peixoto publicou "Judith, ou a gratidão do povo", no n. 2 da *Atlântida*, de 15/12/1915.
6. Comenta que o livro de poesia de Manoel da Sousa Pinto (não indica o título), lembra os textos de João de Barros.
7. Comentário sobre sucesso de poesia de João de Barros na *Revista da Semana*, mas não cita data nem título.
8. Pergunta ao amigo se lhe enviou a edição da *Revista da Semana*.
9. Olavo Bilac publica "Ruth" na edição n. 1 da *Atlântida*, de 15/11/1915, e outros textos em várias edições. A edição n. 2, de 15/12/15, terá os artigos "Brasil-Portugal", de Vitor Viana, "Versos", de Oscar Lopes, e "Bernardo Pereira de Vasconcellos", de Aurelino Leal.
10. Pede que o amigo interceda pela colaboração de Medeiros de Albuquerque, que iria colaborar na edição n. 12, de 15/10/1916.

N 11/2775

Meu caro João.

Esta carta deve-te chegar pelo Natal. Pense pois
os tempos muito curtos de um novo ano nativo, cheio
de glória e de justiça, com as pequenas maravilhas q. são
os Teus filhos, com a tua ilustre esposa.

Su., enquanto te amava, como os meus amigos neste salutar
de ferozes agremios q. cada vez a mais salutar a propensão
q. somos mais bondosos e pacos. Também me parece que me
trego-me um anno mais a favor p. o presente.

Ho. talvez a por ultima vez o Reclama, meu caro resolveu
tomar a paternidade de transpôr publicado, na Noticia e
na Gazeta contra mim!

Meu caro se viveste!

A Plautina tem os factos e os juizios de laudamento.
Como e' merito bem feita, resistiu a todo. A imprensa, como
te mantes firme, acullente - de todos - e as minhas collocaes.
Trabalha nella. Por este paguete talvez meate bastante, talvez
no em annuos. Certo que dois mezes tranquilliza-me quanto
a assignaturas.

O Pondalla e' mais posto do q. nos se agoria?

Ha umas cartas commerciaes q. annuam me temperamento.

Por causa de letras d'ali não resolvei as agencias do



Dezembro, 1915

Meu caro João

Esta carta deve-te chegar pelo Natal.¹ Recebe pois os desejos muito sinceros de um novo ano radioso, cheio de glória e de dinheiro, com as pequenas maravilhas que são os teus filhos, com a tua ilustre esposa.

Eu, enquanto te escrevo como ao único amigo neste saara de ferozes egoísmos que cada vez é mais saara a proporção que somos mais bondosos – penso também um pouco em mim e desejo-me um ano menos sofredor que o presente.

Foi terrível e por último até o Rochinha, meu caro resolveu tomar a paternidade de desaforos publicados na *Notícia* e na *Gazeta* contra mim!²

Mas vai-se vivendo!

A *Atlantida* teve os fatais erros iniciais de lançamento.³ Como é muito bem-feita, resistiu a tudo. A impressão, como te mandei dizer, excelente – de todos. E as invejas colossais. Trabalho nela. Por este paquete talvez mande bastante dinheiro em anúncios. Conto em dois meses tranquilizar-me quanto a assinaturas.

O Bordallo é mais poeta do que nós em negócios?

Há umas cartas comerciais que anunciam esse temperamento.⁴

Por demora de levar daí não resolvi as agências do Norte – porque Bordallo só falava do Sul. Hoje para que o Norte tenha *Atlantidas* é que fiz o Braz Lauria começar a expedição. Depois ele mandará os nomes das casas que recebem no Norte e vocês mandam diretamente para não me dar a despesa de selos e encargos inúteis e inútil demora – porque o Norte pode receber antes de nós até.⁵

Esses inconvenientes fatais (porque se não fossem esses seriam outros) no 3 ou 4 número estarão terminados. Até o 6 n. a *Atlantida* dá lucro e eu estou partindo – porque não posso mais com isto aqui.⁶

Falas-me de colaboração. Providencio. Terás variada colaboração. O Neto⁷ mandou a história dele. Arranjaremos outros. O Guerra Junqueiro⁸ seria sensacional.

Falas em colaboração minha. Mande-te uma coisa dialogada – *Que pena ser só ladrão!*⁹ para o fim da revista e em [...] mandarei outros trabalhos.

E por falar enfim de revista – a infantilidade do Manoel é inqualificável. Só ele viu pouco caso na colocação do pedaço de romance.¹⁰ É neurastenia. Escreveu-me a respeito e vou responder-lhe.

Teu do coração

Paulo

1. Carta enviada em dezembro de 1915.

2. Refere-se à animosidade de muitos literatos contra ele, pois era amigo de Gilberto Amado, pinheirista, que assassinara o deputado Aníbal Teófilo. Salvador Santos e Oliveira Rocha, d'*O Paiz*, também o atacavam por sua simpatia por Gilberto Amado, e seu empenho em lançar a *Atlântida* com apoio de Lauro Müller, ministro das Relações Exteriores, o que os diretores da *Gazeta* consideravam uma deslealdade, pois tal verba de subvenção poderia ser revertida para o jornal. João Lage, dono d'*O Paiz*, onde João do Rio passara a trabalhar em agosto de 1915 após deixar a *Gazeta*, era pinheirista ardente.

3. *Atlântida* foi lançada em 15/11/1915.

4. Refere-se à atitude pouco comercial do escritor português Pedro Bordallo Pinheiro, editor e tesoureiro da revista.

5. Refere-se à expedição da revista para as regiões Norte e Sul do Brasil.

6. Anseia pela lucratividade da revista para que possa voltar à Europa.

7. Estranha afirmação, pois Coelho Neto não chegará a colaborar na *Atlântida*.

8. O escritor português Guerra Junqueiro de fato colaboraria em diversas edições da revista.

9. Publica a peça teatral na quarta edição, de 15/2/1916.

10. Refere-se a alguma reclamação de Manoel de Sousa Pinto.

011/2157

Uma com João

Respondo imediatamente a carta datada de 27 de novembro q. recebe hoje 16 de dezembro, conjuntamente com um telegramma dirigido assim:

Dizem os livros mil reis fortes

Que significa isto?

Seres uma poeta? Um providenciar.

E as receitas, estas lindas. já estão o caso resolvido.

Como não me ficas de minha peça ou 1 auto Sua peça por os latinos!

Com certeza não a receberei.

Temo q. tenha acatado os versos com as tuas originaes.

Já mandei 1 auto de G. Julia; versos de Maria Fantes, Affonso de Almeida e Pereira da Silva, 1 auto de João Luis, versos de Maria de Almeida.

Receberei im?

E' o mensal.

O Netty trabalha na novela. Tinha ram. Meus livros e elle passou um mes parece q. arrefo do commigo.

Porque? Não sei.

Hoje inventar o. Encantado com a Aflautada. Mandar a novela.



011/2377

Não esqueça.

Tracto de arranjar celebrações.

Neste momento escrevo a varias pessoas.

E' tremendamente difficil - para não por meus safozels.

O numero 2° Tem um numero deplex fite com 3. coisas brasileiras. Não e' mais - para o Brasil.

qte' breves.

Perguntes quanto vou?

Tenho mil negocios, mil coisas, mil combates. Talvez esteja de' auto, s' eu to

Em todo caso, se os fizesse quizerem em 1916 passarei uma larga temporada ali.

Reijos de sempre

Boas noites.

Escrevi ao Manuel uma carta muito amiga. Elle vira' q. faz Felice. E' ali porque e' elle recebi commissão official do amiguinho

Chamado Manuel!

Se elle mostrar-te a carta, verás pelo menos o quanto eu quero s' alma e de espirito de pregarante

João.

Com o coração

Paulo



16 de dezembro, 1915

Meu caro João

Respondo imediatamente à carta datada de 27 de novembro que recebo hoje 16 de dezembro,¹ conjuntamente com um telegrama redigido assim:

*Dispenses 500 mil réis fortes.*²

Que significa isso?

Queres essa quantia? Vou providenciar. E ao receberes estas linhas – já estará o caso resolvido.

Como não me falas da minha peça em 1 ato *Que pena ser só ladrão!* Com certeza não a recebeste.

Temo que tenha acontecido isso com outros originais.³

Já mandei 1 conto de D. Julia; versos de Hermes Fontes Affonso de Almeida e Pereira da Silva, 1 conto de João Luso, versos de Mario de Alencar.⁴

Recebeste isso?

É o essencial.

O Neto trabalha na novela.⁵ Faltaram-lhe uns livros e ele passou um mês parece que arrufado⁶ comigo.

Por quê? Não sei.

Hoje encontrei-o. Encantado com a *Atlantida*. Manda a novela.

Não descanso.

Trato de arranjar colaboração. Neste momento escrevo a várias pessoas. É tremendamente difícil – para não por nisso *cafajestes*.⁷

O número 2 tem um sumário esplêndido com 3 coisas brasileiras. Não é mau – para o Brasil.⁸

Até breve.

Perguntas quando vou?⁹

Tenho mil negócios; mil coisas, mil combates. Talvez estejas cá antes d’eu lá.

Em todo caso, se os deuses quiserem – em 1916¹⁰ passarei uma larga temporada aí.

Beijos às crianças.

Bom ano.

Escrevi ao Manoel uma carta muito amiga.¹¹ Ele verá que fez tolice. Escrevi porque dele recebi comunicação oficial do rompimento. Criançada do Manoel!

Se ele mostrar-te a carta, verás pelo menos o quanto eu quero de alma e de espírito ao fulgurante João.

Com o coração

Paulo

1. Carta escrita provavelmente em 1915. Ele faz referência a uma suposta carta e telegrama de João de Barros escritos e endereçados a ele em 27 de novembro, recebidos em 16 de dezembro. No telegrama, João de Barros escreve: “Dispenses 500 mil réis fortes”. Referência a dinheiro para a *Atlântida*? Demonstra uma certa irritação, talvez nervosismo pela estreia da revista.
2. “(...) no Brasil havia os réis fracos, que eram a moeda corrente, e os réis fortes, usados nas operações cambiais com o exterior, incluindo Portugal.” ALMEIDA, D. *Centenário da República: a criação da Escola Feminina em Travanca*, 25 mar. 2011. Disponível em: <http://travancaintemporal.blogspot.com.br/2011/03/centenario-da-republica-criacao-da.html>. Acesso em 29 out. 2012.
3. Em espetáculo no Teatro Trianon, do Rio, em 1915, é encenada *Que pena ser só ladrão!*. Ele afirma que mandou a peça para o amigo (assim como outros originais), provavelmente para obter uma avaliação. Não cita se mandou antes ou depois da encenação.
4. Refere-se a pagamento a Julia Lopes d’Almeida por contribuição na *Atlântida*. A escritora publicou “O último capítulo” na edição n. 3 de 15/01/1916; avisa que já enviou ao sócio na revista luso-brasileira os versos de Hermes Fontes Affonso de Almeida e de Pereira da Silva; pagamento a João Luso por contribuição na revista e versos de Mario de Alencar, filho de José de Alencar.
5. Coelho Neto faz promessas de colaboração, mas, por desavença com João do Rio (devido ao elogio de Figueiredo de Pimentel à peça *A bela madame Vargas*, lançada em 1912 logo após a encenação de *O dinheiro*, de Neto. Este imaginou ter Pimentel escrito a crítica a pedido de João do Rio, o que nunca se comprovou) não chega a mandar artigo para publicação na *Atlântida*.
6. Aborrecido, irritado.
7. Fala da dificuldade em arranjar colaboradores para a *Atlântida*.
8. Refere-se ao sumário da edição n. 2 da *Atlântida*, de 15/12/1915.
9. João de Barros deve ter perguntado, na tal carta de novembro, quando o amigo iria a Portugal.
10. Iria à Europa somente em 1918.
11. Refere-se a carta endereçada a Manoel de Sousa Pinto, incentivador do lançamento da revista, da qual era colaborador, reatando laços. Não explica o porquê do rompimento.

Meu caro João.

Escrevo com 35° à sombra. Mas escrevo logo q. vejo a tua, da tarde de 9 de dezembro. Hoje, 27 de mesmo.

Nas tuas cartas na tua carta, veja que não sei amigo.

Até agora, eu e o Abadia Taurus Viabella de finalmente para a revista, e Taurus foi o máximo, dando as circunstâncias em q. ella nos chegou.

Palas em revista do mez

Em 1º lugar seguirei q. um desejo teu, por maior praticidade, de ter o irregular serviço de viagens, não pôde levar menos de 55 a 40 dias - revista e etc

Em 2º lugar - como iria se pedir modo de mez, se não sabia q. a Atlantida teria suas cartas? se até a revista do 1º numero em principio de dezembro se não sabia nem o Vassallos, nem o programa dos numeros, nem as notas?

Para arranjar as primeiras colaborações, se conversar, cartas fantasias, frei-me (a fita amiti boni!) - se tu quis organizada - Como é a revista?

- Seria feita em Rio de Janeiro

etc.



Os prospectos chegaram. Mandei fazer os insideros e laçadas, a colher em um q. foi por em Brasil e trazer pelos menos uma ou dois artigos de juros.

Depois os cartões com o titulo brevemente chegaram no mesmo dia q. a revista! Não se pode pregar. Foi preciso instalar pra tivamente a revista, dar-me um distribuidor

com as instruções d'ali algum tanto restritamente seguras e com o recibo de pagar não estar existente e serio dos interesses alheios. As despesas subiram.

Trá preciso pagar, se preciso fazer o preço te com capital, se preciso ver os dar pra juizo, se preciso ser práticos. E ali para casar q. a revista chegava e logo arranja va, se tudo.

Podia ser um de haver antes de tu parte minimizar as despesas.

Mas está uma realidade. Tu preciso iniciar te com atropito uma simples. Adiantar do ocasso, mal a ser. promiss correspondentes. Mas está ainda alguns companhos se abrem. Se for o 3º ou 4º numero, regularizei do meu lado, tu do.

Quêdo gostei com o 2º numero se não o receberia, se João de Rio não foi o exatidão como o Pis de Janeiro.

Como deve salvo a Atlantida tem uma exemplos no entual da Agencia Quaranta



27 de dezembro, 1915

Meu caro João

Escrevo com 35° à sombra. Mas escrevo logo que recebo a tua, datada de 9 de dezembro. Hoje, 27 do mesmo.

Não tens razão na tua carta, meu querido amigo.

Até agora, eu e o Abadie¹ temos trabalhado furiosamente para a revista, e temos feito o máximo, dadas as circunstâncias em que ela nos chegou.

Falas em revista do mês.

Em 1º lugar esqueces que um desejo teu, por maior presteza, dado o irregular serviço de vapores, não pode levar menos de 35 a 40 dias – vinda e ida.

Em 2º lugar – como iria eu pedir notas do mês, se não sabia que a *Atlantida* teria essas notas? Se até a vinda do 1º número em princípios de dezembro eu não sabia nem o tamanho, nem o programa dos números, nem os moldes?²

Para arranjar as primeiras colaborações, eu conversei, contei fantasias, fiei-me (e fiz muito bem! –) no teu gênio organizador.

– Como é a revista?

– Seria gênero *Revue de Paris*?³

Etc.

Os prospectos chegaram.⁴ Mande fazer os invólucros e levamos a encher cinco mil que foram por esse Brasil e deram pelo menos uns cem artigos de jornais.⁵

Depois os cartazes com o dizer *brevemente* chegaram no mesmo dia que a revista!⁶ Não os pude pregar. Foi preciso instalar praticamente a revista, dar-lhe um distribuidor com as instruções daí algum tanto matematicamente ingênuas e com o receio de parecer não estar cuidando a sério dos interesses alheios.⁷ As despesas subiram.

Era preciso pagar, era preciso fazer o gerente sem capital, era preciso não vos dar prejuízo, era preciso ser prático. E aí pensavam que a revista chegava e logo arranjava-se tudo.⁸

Podia ser assim – se houvesse antes da tua parte minuciosas explicações.

Mas não houve nenhuma. Tu inicias-te com estrépito uma sinfonia. Através do oceano, mal a ouvi – procurei corresponder. Mas estou ainda alguns compassos em atraso. Só para o 3º ou 4º número, regularizarei do meu lado tudo.⁹

Ainda agora com o 2º número eu não o receberia, se João do Rio não fosse tão conhecido como o Pão de Açúcar. Como deves saber a *Atlantida* tem um escritório no entresol¹⁰ da Agência Americana edifício do *Paiç* 128 Avenida Rio Branco ou Central.¹¹

Mande dizer isso para lá em envelopes marcados.

Pois os despachos vieram em carta sem registro, dirigida ao Sr. P. Barreto, 28 (!) Avenida Central. Foi um milagre virem a mim.¹²

Melhor é vocês imprimirem envelopes com a *adresse* no Rio tendo os dizeres acima. E assim mil pequenas despreocupações de artistas que fazem os guarda-livros andarem às tontas. Eu estou por enquanto guarda-livros. Mas creio que o 1º número – (só parte Sul do Brasil) teve um acolhimento excelente e que vendi os 2.000 exemplares.¹³

As assinaturas prometem.

Os anúncios já deram quase 2 contos fracos. Até maio tenho pelo menos 1.000 assinaturas. E até lá vocês recebem os anúncios de agora e muitos outros.¹⁴

Agora é que vou fazer *a parte brasileira de ação* da revista, a reveladora e a ativa.

Vão alguns artigos de sumidades. Ainda mando um conto. Mas mandarei artigos sensacionais, inquéritos. Terás o que prometi.

Mas não te queixes do Paulo.¹⁵ Eu só não faço o que não é possível. 1º pela *Atlantida* em que temos a vaidade empenhada e que foi derrubadora aqui; 2º porque isso, se nos dá prejuízo agora, vai nos dar lucro; 3º porque é um reclamo.

E super todas as razões porque tu queres e eu atiro-me do Pão de Açúcar até se tu quiseres (o Pão de Açúcar tem agora um excelente bonde aéreo...)

*Fac et spera*¹⁶ como nas capas do [...].

Abraço estrepitoso do teu

do coração

Paulo

1. Abadie Faria Rosa, escritor português e colaborador da revista *Atlântida*.
2. Refere-se ao conteúdo programático da revista, que passou a ter uma seção de notas, “Revista do mês”, decisão a qual João do Rio desconhecia. Como conseguiria conteúdo para a seção se não soubera previamente de sua criação?
3. Ao que tudo indica, João do Rio participou minimamente da definição do projeto editorial da *Atlântida*, nem sequer conhecia o estilo da revista.
4. Prospectos de divulgação prévia da revista, lançada em 15/11/1915 em Lisboa.
5. A propaganda rendeu artigos sobre a revista em periódicos de todo o Brasil.
6. Pelo visto, os cartazes de propaganda da revista chegaram junto com o primeiro número, inviabilizando a distribuição dos mesmos.
7. Tomou o cuidado de não deixar revelar a desorganização aos distribuidores.
8. Quando o primeiro número chegou ao Rio de Janeiro, ainda não havia gerente e distribuidores, segundo o comentário. Parece que faltou instrução do diretor em Lisboa ao diretor do Rio.
9. A carta é um desabafo um tanto quanto zangado, mas sincero e direto.
10. Sobreloja.
11. A influência e fama de João do Rio auxiliaram a divulgação da revista, cujo escritório foi instalado no prédio de *O Paiz*.
12. Despachos com endereço do destinatário errado, equívoco sanado em função da fama de João do Rio, plenamente conhecido em uma cidade ainda relativamente pequena.
13. Apesar da desorganização, consegue uma boa venda da revista.
14. De início consegue boa renda com a venda de anúncios e assinaturas.
15. Pede que o amigo não se zangue com ele.
16. Expressão latina que significa “faz e espera”.

artífices d' o País 128 Quasi Pão Pão
e os seus.

Manda dizer uns para lá em anelloppas
mercados.

Pois os tempellos vieram em carta
sem registos, dirigida ao Sr. P.
Barreto, 28 (!) Rua da Candel.

Pois um vilage novo a mim.

Mellor e vras suplicar anelloppas come
e adms no País ^{tudo} os d'eres, acima
e acim mil pagmas de presumpçõe, d'artífices
q. foram os guarda-livros autorem e todos
e a obra por supranos guarda-livros.

Mes vras q. o 1º numero - (só parte
sul do Brasil) teve um acatamento esse
te a q. vras: os 2.ºs exemplares.

As anotações prossehem
do annuaire já teram quasi 2.º centos f
Até mais tanto pels vras 1.ºs anotaç
e até lá vras, recellm os annuaire
e muitos outros.

Hoje é q. vai fazer a parte de
de seccão da revista, a revista é a
a activa.

Vai alguns artigos de annuaire
humano nos cost. Mas mencionai
narrativas, inqeritos. Terai o



Mas não te queres do Paulo. E só
não faço o q. não é possível. 1º pela
dificuldade em q. tenho a validade angula
ta e q. foi corroborada aqui; 2º por que
vras, se nos dá prejuizo agora, vai nos
dar lug luros; 3º - porque é um vrela
mo.

E super t'as as razões porque tu
queres e eu atiro-me do Pão d' o. Que
car até se tu queres (o Pão d' o
Quem tem gora um excellent bmo esse
Vale el spera como nos eger
do vuerre.

Abraço estrepitoso do teu
do coração

Paulo



João.

Amor da minha querida carta enviada de S. Paulo. Se não a receberes
melhor-a-ás com esta melhor.

Fui lá buscar rapidamente do teu caso. O melhor são os meus. A gente
Rodrigo fizesse. Falei com o Oscar e ficou muito satisfeito:

Virá a S. Paulo, mais farias umas suas empresas de Escola Normal - naturalmente
com as suas: e ensino moderno, a literatura moderna de Portugal, etc.
O governo atribuirá o facto cada empresa. Falei com Oscar 1.000 \$ (forças)
por cada uma.

Amor posso estar aqui Junho - ou me julgas?

Manda dizer se já recebeu a novela de Garcia. Ele é simpaticissimo e farias
novos de a literatura portuguesa.

Aqui no Rio - as coisas continuam feias. Se' pouco eu li alguma vez sobre a
Europa. Imagina q. - se o publico acoller bem a Atlantida - o gorgulho necessaria
seja cada dia o ultimo numero!

São plenas! A vida pela Atlantida! É vital!

João de S. Paulo



Janeiro, 1916

João

Deves ter recebido uma carta minha datada de S. Paulo. Se não a recebeste recebe-la-ás com esta talvez.

Fui lá tratar especialmente do teu caso. O Altino está muito bem conosco. A gente Rodrigues Alves idem. Falei com o Oscar e ficou assim combinado:¹

– Virás a S. Paulo, onde farás umas cinco conferências na Escola Normal – naturalmente coisas como esta: o ensino moderno, a literatura moderna de Portugal etc.

O governo retribuirá a tanto cada conferência. Pensei com Oscar 1.000\$ fraquíssimos² por cada uma.

Assim podes estar aqui junho, ou em julho e agosto.

Manda dizer se já recebeste a novela do Garcia.³ Ele é implicantíssimo e ficará nervoso se a história perde-se.

Aqui no Rio – as coisas continuam ferozes. Só penso em ir repousar um pouco na Europa. Imagina que – se o público acolhe bem a *Atlantida*, o grupinho miserável⁴ espera cada dia o último número!

São fenomenais! A raiva pela *Atlantida*! É incrível!

Do teu

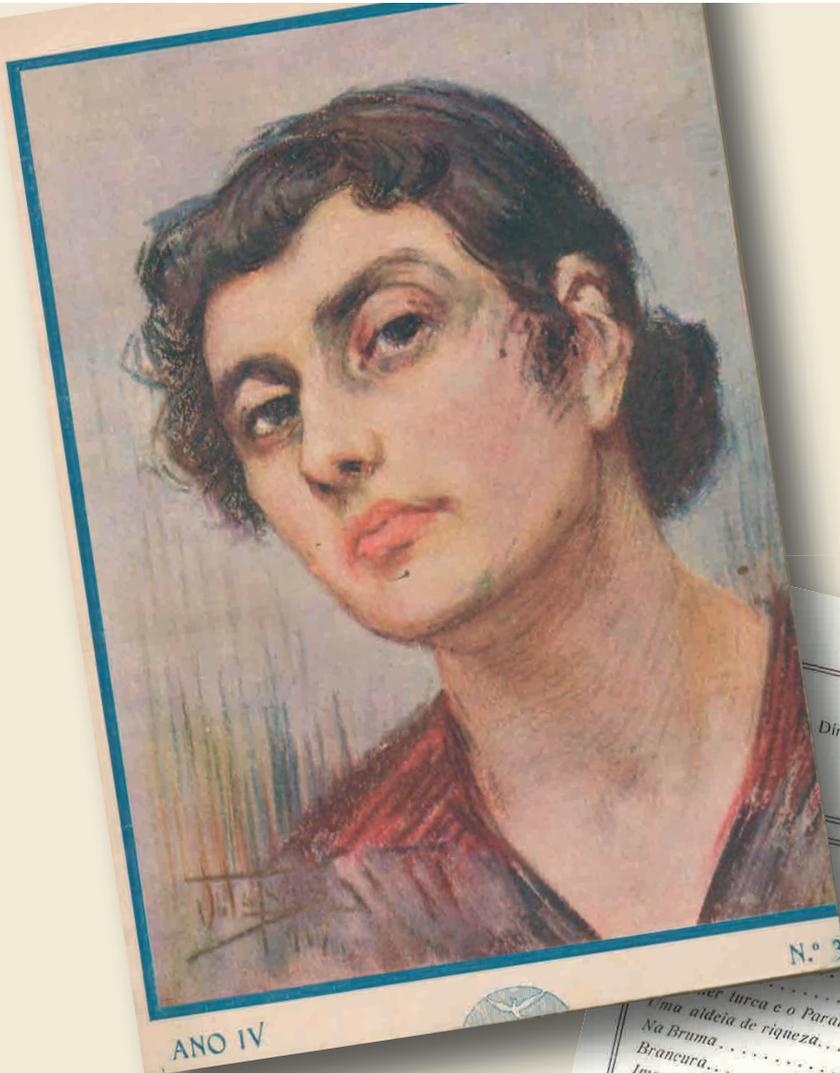
Paulo

1. Em viagem rápida a São Paulo, empenha-se para que o amigo fizesse conferências remuneradas na cidade. Altino Arantes sucedeu Rodrigues Alves na presidência do estado de São Paulo. Oscar Rodrigues Alves, filho do ex-presidente, era secretário de governo na presidência de Altino Arantes em São Paulo. Havia, naturalmente no Rio e em São Paulo, literatos de variadas tendências políticas, e a manutenção de laços de amizade e de influência era questão de sobrevivência financeira.

2. “(...) no Brasil havia os réis fracos, que eram a moeda corrente, e os réis fortes, usados nas operações cambiais com o exterior, incluindo Portugal.” ALMEIDA, D. *Centenário da República: a criação da Escola Feminina em Travanca*, 25 mar. 2011. Disponível em: <http://travancaintemporal.blogspot.com.br/2011/03/centenario-da-republica-criacao-da.html>. Acesso em 29 out. 2012.

3. Garcia Redondo publicou a novela “Corações de mulher” na edição n. 5 da *Atlântida*, de 15/03/1916.

4. Provavelmente referia-se a literatos e políticos jacobinos, grupo político lusófono que rejeitava a aproximação, inclusive, intelectual, do Brasil com Portugal.



Páginas da revista *Atlântida*

ATLANTIDA

Directores: Para o Brasil: JOÃO DO RIO
 Para a França: GRAÇA ARANHA
 Para Portugal: JOÃO DE BARROS
 Director Gerente: NUNO SIMÕES

1916

SUMÁRIO

.....	R.	1916
.....	Graça Aranha	
.....	Camille Mauclair	
.....	Rodrigo Octávio	
.....	Baronne A. de Brimont	
.....	João do Rio	
.....	Jaime de Magalhães Lima	
.....	António Patrício	
.....	Joaquim Manso	
.....	Jaime Cortesão	
.....	Francis de Moimandre	
.....	Barros Queiroz	

..... *Um turca e o Paraíso de Mahomet*.....

..... *Na Bruma*.....

..... *Branca*.....

..... *Importância das «Elites»*.....

..... *Portugal na Grande Guerra — A batalha de Le*.....

..... *Lys*.....

..... *Chronique littéraire — Coup d'œil d'ensemble*.....

..... *O Porto de Lisboa*.....

REVISTA DO MÊS

..... *O mês literário*.....

..... *Crónica artística*.....

..... *Teatros*.....

..... J. M.

..... Manoel de Sousa Pinto

..... B. e M.

NOTÍCIAS & COMENTÁRIOS

..... *Capa de*: Joaquim Lopes.

..... *Desenhos de*: Raul Lino e Alberto de Sousa.

..... *Reprodução de*: Joaquim Lopes.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

..... **PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS**..... 6\$00

..... **PAÍSES DA UNIÃO POSTAL**..... Frs. 25

..... **Número avulso em Portugal** \$60

..... **REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**: 75, Rua Garrett, 75 — LISBOA



N 11/2340

Meu caro João.

Pequena carta.

O teu dinheiro vai. Mandamos pelo mesmo vapor
cento e tantos euros de mil números vendidos. Sabes
como o Brasil é grande. A colheita é decorada nas agra-
rias. Uma milheira foi só de venda avulsa nos pontos da
cidade. Se seces sustentarem 6 números, tendo a
centeira de q. esse dura 1 ano. Responsabilidade - me
pelo resto. Os dois mil vendem-se bem.

A elaboração é q. custa. O agrado do 2º número foi
maior q. o do 1º. Ainda. Condições queridíssimas
quanto a tua viagem - poder estar aqui em junho. Tendo
a centeira no futuro q. não falte como o raposo
Lauris. É definitivo. Poder vir. Pensando em S. Paulo
e no sul.

JOÃO DO RIO



Janeiro, 1916

Meu caro João

Pequena carta.

O teu dinheiro vai. Mandamos pelo mesmo vapor cento e tantos escudos de mil números vendidos. Sabes como o Brasil é grande. A cobrança é demorada nas agências. Esse milheiro foi só de venda avulsa nos pontos da cidade. Se vocês sustentarem 6 números, tenho a certeza de que ela dura 1 ano. Responsabilizo-me pelo resto. Os dois mil vendem-se bem.¹

A colaboração é que custa.² O agrado do 2º número foi maior que o do 1º ainda. Continuas queridíssimo. Quanto à tua viagem – podes estar aqui em junho. Tenho a certeza do Altino que não falha como o raposão Lauro. É definitivo. Podes vir. Pensando em S. Paulo e no Sul.³

Mando-te uma novela do Garcia Redondo.⁴ O começo é um pouco ardente. Não tive tempo de podar cenas incidentes brutais e desnecessárias, mas Garcia é dos 40⁵ e muito lido aqui. Verás o interesse da novela – que não é nem de Flaubert nem do Mirbeau.⁶

Tenho pena da zanga do Manoel. Aquilo é doença.⁷ A tal comediazinha que te mandei só porque não tinha originais com abundância peço-te por tudo colocá-la em último lugar na *Atlantida* no tipo da Revista do Mês.⁸ Ficaria horrível de outro modo.

Como vão os pequenos?

Respeitos à D. Rachel.

Parabéns pelo estouro do embaixador.⁹

Até breve. Coração e saudade do

velho

Paulo

1. Refere-se à venda da segunda edição da *Atlântida*, de 15/12/1915. Havia a venda pelas agências de venda de periódicos para anunciantes e a avulsa, em pontos comerciais. Diz que consegue garantir a venda de dois mil exemplares por edição.

2. Contudo, enfatiza ele, como já havia feito em outras cartas, difícil era conseguir colaboradores.

3. Articula vinda ao Brasil de João de Barros com apoio de Altino Arantes, presidente do estado de São Paulo, e de Lauro Müller, ministro das Relações Exteriores.

4. “Corações de mulher”, novela do jornalista e dramaturgo Garcia Redondo, foi publicada na edição n. 5 da *Atlântida*, de 15/03/1916.

5. Um dos 40 acadêmicos da ABL.

6. Octave Mirbeau, jornalista e escritor francês.

7. Faz referência a algum problema, já comentado em outras cartas, com Manoel de Sousa Pinto, jornalista português amigo de ambos.

8. Trata-se da comédia *A honestidade de Etelvina, amante*, publicada na edição n. 9 da *Atlântida*, de 15/7/1916. João do Rio considera o texto ruim, por isso pede que o amigo publique-o na seção “Revista do Mês”, mas a novela é publicada no corpo da revista, e não na referida seção.

9. Trecho de difícil interpretação.

Mando-te uma novella do Garcia Ribeiro. O começo
é um pouco arduo. Não tive tempo de pôr umas incidên-
tes, humores e occasiões. Mas Garcia é do 40 e muito
lido aqui. Verá o interesse da novella - q. não é nem
de Flaubert nem de Mérimée.

Tenho pena da zanga do Manuel. Aquella é d'outra.

Atta tua comediante q. te mandei é porque não tinha
originaes, e me adunaria para-te por tudo colligadas. em
ultimo lugar na Atlantida no tipo da Revista do Mez.
Dizaria Livrell dentro do mesmo.

Como vão os pequenos?

Respeito a G. Russell

Parabens pelo otimo do subscritor.

Atte' breve. Coração e saude do

velho
Paulo

Pernambuco - 13 - 1916.

meu caro João.

Me são comovido com o seu carta tua. Como me desagrada, tens mais razão do q. de - fazes com os artigos em que me sentas tua. Bem q. de fazes e mesmo bem a minha vida, mas como não continue a ser um juiz atrevido e agora sem lugar certo. Parece haver aqui tudo a um ponto de vista em q. o Brasil inteiro se queira ou não.

A minha Atividade como te disse, de 4° a 9° em todas as partes fixada e com muito mais de me ter paqueto. Mandamos e pagamos de um volume, por este valor se que a ordem de outro volume e pelo Telegrapho te envio este enviado de minha quanto chegar a 5° numero - ja'. Portanto tens de saber tudo q. para o meu fim.

De q. me podes, porque q. eu não me atrevo pedindo colaboração. Sei de quem com mais razão e justiça de Mandarim e quem comente tristemente. O justiceiro está perdido e não mais terá tanta autoridade. Quer saber mas se me lida aborrecido. Quem o outro - por que eu agora não. O pleito de Oliveira de tua mesma carta lida com os seus. O Brasil agora. Os debates ficam parados, de certo com muito de importância. E o Coello Neto - q. me prometteu um livro com o nome de uma lista de arte, todo dia dia q. me mandes.

Quanto aos artigos q. me deixam sempre e mais - até com artigos. Tendo aliq. mandado muita coisa minha colaboração. E tanto melhor - ta de Trabalho de modo a q. possa vir em algum momento ou numero de q. ou de mais aliq. de colaboração brasileira.

Relato q. escreves para a Atividade e informas. Não contes somente - ta e artigos sobre Rodrigues Alves e q. Duvidas de um livro q. faz aqui grande sucesso: a Exatidão.



Fevereiro - 13 - 1916

Meu caro João

Há dois correios não recebo carta tua. Como na desordem, tens mais ordem do que eu – fico nervoso quando me vejo sem cartas tuas. Dirás que eu faço o mesmo. Mas a minha vida, meu caro João, continua a ser um *gulf-stream*¹ e agora sem lugar certo. Preciso arranjar tudo e num período de crise em que o Brasil inteiro se queixa sem dinheiro.

A nossa *Atlantida* como te dizia, do 4º n. em diante estará fixada e com meios aqui de não dar prejuízo. Mandamos o pagamento de um milheiro, por este vapor segue a ordem de outro milheiro e pelo telégrafo de certo – até meados de março quando chegar o 5º número – já o Bordallo² terá em caixa tudo que para cá mandou.

Ao que me parece, julgas que eu não me interesso pedindo colaboração. Sei de alguns cavalheiros como o Justino de Montalvão a quem escreveste diretamente. O Justino está perdido e com insistência desde novembro. Quer escrever mas as mulheres absorvem-no. Assim os outros – por esse ou aquele motivo. O Alberto de Oliveira há três meses anda limando meus versos. O Emilio demora.³ Dos estados ficam parados, decerto com medo da importância.⁴ E o Coelho Neto – que me prometeu um livro sem ter escrito uma linha dele, todo dia diz que vai mandar.⁵

Quanto aos rapazes que me deviam escrever o mês⁶ – adiam sempre. Tenho aliás mandado ainda assim muita colaboração. E conto encher-te de trabalhos de modo a que possas vir em junho deixando os números até o fim do ano cheios de colaboração brasileira.

Acho que escrever para a *Atlântica*⁷ é informar. Nesse sentido mando-te o artigo sobre Rodrigues Alves e as Transcrições de um livro que faz aqui grande barulho: a *Exaltação*.⁸

Espero que não deixes de publicá-los no n. de abril.⁹ O do Rodrigues Alves¹⁰ chegará aqui dias depois dele ter deixado o governo ao nosso Altino Arantes.

Com o coração

Paulo

Beijos aos pequenos.

E o Bilac aí?¹¹

Recebeste um telegrama pedindo receber o José Rodrigues Alves?¹²

1. Corrente de golfo.
2. Pedro Bordallo Pinheiro, responsável pela administração da *Atlântida*.
3. Pelo comentário se pode deduzir que João do Rio se justifica com o amigo sobre o aparente pouco empenho dele para conseguir artigos de colaboradores, como Justino de Montalvão, Emílio de Meneses, Alberto de Oliveira, Coelho Neto.
4. O comentário sugere que escritores pouco renomados dos estados brasileiros temiam ser “menores” para o estilo da *Atlântida*.
5. O escritor Coelho Neto nunca mandou a novela prometida para publicação na *Atlântida* por desavenças com João do Rio. Primeiro, em 1912, devido ao elogio de Figueiredo de Pimentel à peça *A bela madame Vargas*, lançada logo após a encenação de *O dinheiro*, de Neto, que imaginou ter Pimentel escrito a crítica a pedido de João do Rio, o que nunca se comprovou. Desta vez a diferença se deu por conta de Gilberto Amado, jornalista d’*O Paiz*, amigo de João do Rio e deputado pinheirista, que assassinara um desafeto, amigo de Neto, em legítima defesa.
6. Refere-se à seção “Revista do Mês”, em geral com cinco artigos.
7. Por distração, escreve *Atlântica*.
8. Trata-se do ousado romance de Albertina Berta *Exaltação* (1916).
9. João do Rio assinará na edição n. 6 da *Atlântida*, de 15/4/1916, o artigo “O estadista brasileiro Rodrigues Alves”.
10. Francisco de Paula Rodrigues Alves, além de governar o Brasil de 1902 a 1906, foi presidente do estado de São Paulo de 1912 a 1916. Em 1916 assume a presidência do estado Altino Arantes Marques.
11. Pergunta se Olavo Bilac já havia chegado a Lisboa. A *Atlântida* oferecerá um banquete a Bilac, após sessão solene na Academia de Ciências de Lisboa, em 31 de março de 1916.
12. Refere-se a telegrama enviado para que João de Barros recebesse José Rodrigues Alves.

Minha cara João

Meu - te em resposta de Cancunel.

Manda-te um artigo de Xavier Mangue - a mais bela literatura da
Prática. O plano dos estudos meu para here. Temos Boalio, S. Paulo
Rio Negro ali no abito. Carlos Malheiro das X para o Boalio

A Atletista tem uma baseinha. Gostou tremendamente com 1500 francos
e o e' o preço de um livro.

Manda-te telegraphicamente os dois estudos. Conheci S. Paulo, francos e
vivamente entusiasmado. Se ainda for tempo entra a frase de gratidão do
Louro no meu artigo sobre o velho Rodrigues Alves - uma história que
se fala de hesitação, etc. Com uma nota queira ao P. 2, o
meu grande amigo compulso q. se estava desesperado.

Estou vivamente a trabalhar por ti. Isto está uma espécie de par. mas
e' bonito. Mas poderemos arranjar uma paragrafo interessante - q. não te
de' prejudicar. Quanto a minha língua - o quibus a' tudo. Se o Louro me
temer me encalado por um caso seria maravilhoso. Mas não dá. Engraçado
em todo os pontos com veracidade hoje de tudo e um trabalho exhaustivo
o caso de P. 2, que se arranja por e sim - arranjando conjuntamente
para ti. Prepara as conferências.

De S. Paulo com os meus amigos te darei o resultado.

O N. 2 é verdadeiramente importante. Contei com elle - q. ficou com o livro
de Careta. A propósito: lembra-te o convite de colaborar para o
P. 2. E' uma excelente oportunidade. Não podes deixar de ter aqui um jornal

Com o coração e teu França.

Recomendação, de minha parte a G. Pradon e a ti

Recepi as peticões. E estas para com o Manuel?

Fevereiro, 1916

Meu caro João

Escrevo-te em vésperas de Carnaval.

Mando-te um artigo do Xavier Marques – a maior glória literária da Bahia.¹ O plano das cidades será para breve. Teremos Bahia, S. Paulo, Rio talvez aí em abril. Carlos Malheiro Dias e X² para a Bahia.

A *Atlantida* teve uma baixazinha. Acham terrivelmente caro 1.500 francos.³ E é. É o preço de um livro.⁴

Mandei-te telegraficamente os 500 escudos. Consegui 3 contos francos. E vivamente cortei-os. Se ainda for tempo corta a frase desagradável ao Lauro no meu artigo sobre o velho Rodrigues Alves⁵ – uma história em que se fala de hesitação etc. Com um nota agressiva no *Paiz*, o nosso genial amigo compreendeu que eu estava desesperado.

Estou vivamente a trabalhar por ti. Isto está uma espécie de *far-west*. É horrível. Mas poderemos arranjar uma passagem interessante – que não te dê prejuízo.⁶ Quanto à minha viagem – o *quibus*⁷ é tudo. Se o Lauro me desse um consulado por um ano seria maravilhoso. Mas não dá. Escrevo em todos os jornais com verdadeiro nojo de tudo e um trabalho exaustivo.⁸ O caso de Buenos Aires, se arranjar para mim – arranjarei conjuntamente para ti. Prepara as conferências.

Em S. Paulo com os nossos amigos tentarei o assalto.⁹

O Neto é decididamente insuportável. Cortei com ele – que ficará com os literatos do *Careta*.¹⁰ A propósito: recebeste o convite de colaboração para *O Paiz*.¹¹ É um excelente trapézio. Não pode deixar de ter aqui um jornal.

Com o coração o teu Paulo

Recomendações de minha mãe a D. Rachel e a ti

Beijos nos petizes. E essas pazes com o Manoel?¹²

1. Xavier Marques, escritor baiano, publicou o artigo “Evocação” na edição n. 10 da *Atlântida*, de 15/08/1916. Percebe-se que o diretor da revista no Brasil tencionava publicar artigos de escritores de todos os estados do país.

2. Xavier Marques.

3.“(...) no Brasil havia os réis fracos, que eram a moeda corrente, e os réis fortes, usados nas operações cambiais com o exterior, incluindo Portugal.” ALMEIDA, D. *Centenário da República: a criação da Escola Feminina em Travanca*, 25 mar. 2011. Disponível em: <http://travancaintemporal.blogspot.com.br/2011/03/centenario-da-republica-criacao-da.html>. Acesso em 29 out. 2012.

4. Refere-se ao preço do exemplar da revista.

5. Refere-se a Lauro Müller e a comentário inserido no artigo “O estadista brasileiro Rodrigues Alves”, publicado na edição n. 6 da *Atlântida*, de 15/04/1916.

6. Tenta conseguir patrocínio para que o amigo viaje ao Brasil, fato que aconteceria somente em 1920. João do Rio viajaria a Portugal mais uma vez em final de 1918.

7. Dinheiro.

8. Queria voltar à Europa, mas faltava-lhe dinheiro. Almejava um posto diplomático desde a juventude, posto este negado por Rio Branco e que sonhava conquistar, desta vez por intermédio de Lauro Müller, ministro das Relações Exteriores no período.

9. Tentará com seus contatos e influência conseguir para ambos a realização de conferências em Buenos Aires, onde fora muito bem-recebido e fizera diversas conferências, em 1915. Era amigo de Luís Martins de Sousa Dantas, ministro interino das Relações Exteriores do Brasil em 1916.

10. O escritor Coelho Neto nunca mandou a novela prometida para publicação na *Atlântida* por desavenças com João do Rio. Primeiro, em 1912, devido ao elogio de Figueiredo de Pimentel à peça *A bela madame Vargas*, lançada logo após a encenação de *O dinheiro*, de Neto, que imaginou ter Pimentel escrito a crítica a pedido de João do Rio, o que nunca se comprovou. Desta vez a diferença se deu por conta de Gilberto Amado, jornalista d'*O Paiz*, amigo de João do Rio e deputado pinheirista, que assassinara um desafeto, amigo de Neto, em legítima defesa.

11. Mais um jornal brasileiro para o qual João de Barros iria colaborar, por interferência do amigo brasileiro.

12. Pergunta sobre desentendimento com o escritor Manuel de Sousa Pinto. Faz referência a esse racha em diversas cartas desse período.

... quem aqui foram

Que é isso de guerra?

Aqui - a representação foi intencional e colônia apótom...
Desejo da Atlantida: a primeira feita em favor da C. V. Portuguesa foi realizada
sob o patrocínio da Atlantida e eu fiz uma conferência debruçada de aportas plenas
mensalmente. A festa contou com milhares mais de 500 de seus para a Grã Verdade.
de Portugal. Não sei se sabes os jornais em ja. Tu não achas o estabelecimento
de O Paiz - esses aliás muitos me mandam dizer se receber um retrato meus.

Por isso mandei-te um duplicado alguns exemplos de Paiz
dejavava também mandar-te todos os jornais q fazem de ti o titulo de Comunista
de S. Paulo, a Rua, a Epoca, e C da Mantia d aqui tudo reiteradamente
popular, notável Poeta! Mas para esses é citado - com as Comunista e
vê! O futuro celebre porque todos os jornais q se mandam guardar a opra
de um paguete q está de paguete e está vez mais raro.

A guerra mercantil - se se for Viária? Não vias? Requiere!
Então se apresenta lem - a collaborar nos jornais quida ante hoje, 14 - 11 de avril
publica um artigo de do de o pleno través q se acha em Portugal quida. E
La Nación transcreve um artigo com várias referencias e nomes de letras q

apresentava o nome político C'est alors!
Ainda as suas referencias te gratam me por consequencia muito.
Mas a guerra está acabado seu paizo?

Não sabes de nenhum de pleno.
Collaboras para Atlantida se deve mandar a representação da guerra - mas acho q.
os jornais de ti o bastante para fazer um ces afirmador da imensa solidariedade.
Como se está com o Molleiro de as opiniões e future da Revista de Semana e Tudo
violatamente trabalhado pro - Portugal precisa dizer ao Parlamento q é preciso dar -
me um o acreditado equivalente o título de cidadão português honoris! Pelo menos!



19 de março, 1916

Meu caro João

Que é isso de guerra?¹

Aqui a repercussão foi intensíssima. A colônia agitou-se. Fiz o meu dever de diretor da *Atlantida*: a primeira festa em favor da C. V. Portuguesa² foi realizada sob o patrocínio da *Atlantida* e eu fiz uma conferência *delirante*. Agradou fenomenalmente. A festa rendeu uns dinheiros mais de 500 escudos para a Cruz Vermelha. Não sei se recebes os jornais já. Tu não acusas o recebimento do *Paiz*, como aliás nunca me mandaste dizer se recebeste uns retratos meus. Por isso mando-te em duplicata alguns números do *Paiz*.

Desejava também mandar-te todos os jornais que falam de ti: o *Estado*, o *Commercio de S. Paulo*, a *Rua*, a *Época*, o *Correio da Manhã* daqui. Estás ruidosamente popular, notável Poeta! Mas para veres como és citado – corre ao Consulado e vê!³ O Antonio (o meu célebre criado) perdeu todos esses jornais que eu mandara guardar à espera de um pacote – que isso de pacotes é cada vez mais raro.

A guerra incomoda-me no fundo. Virás? Não virás? Responde!

Estou na Argentina bem – a colaborar nos jornais.⁴ Ainda anteontem, 17 – *El Diario* publicou um artigo meu sobre o Altino Arantes⁵ que se acha em Buenos Aires. E *La Nación* transcreveu esse artigo com várias referências ao homem de letras que apresentava o homem político. *C'est chic!*

A ideia das nossas conferências lá agradam-me por consequência muito.

Mas a guerra terá acabado em junho?

Não deixes de escrever ao Altino.

Colaboração para *Atlantida* eu devia mandar a repercussão da guerra – mas acho que os jornais dizem o bastante para fazeres *um eco* afirmador da imensa solidariedade.⁶ Como eu estou com o Malheiro Dias⁷ a organizar o festival da *Revista da Semana* e tenho violentamente trabalhado pró-Portugal precisas dizer ao Bernardino⁸ que é preciso dar-me com o escândalo equivalente o título de cidadão português...

Tratando do assunto *Atlantida* – gerência.

O nosso querido Bordallo⁹ continua querendo uma porção de coisas impossíveis.

– Despesas daí pagas em parte por cá, quando daí não pagam as de cá etc.

– O não recebimento de encalhes

Mil coisas

Ora, para vender a revista temos que abaixar o preço no Brasil para 1\$000 francos.¹⁰ Encalhe tem de existir. Números extraviados e dados também. E quanto a despesas o teu Paulo já desembolsou muito mais de conto de réis.

Só tens que dizer ao Bordallo que infelizmente os decretos não podem ser obedecidos. Mas que eu farei o possível para dar-lhe todos os prazeres.

Quanto aos meus livros e peças

Eu tenho [...]

*A Mulher e os Espelhos*¹¹

*Crônicas de Godofredo d'Alencar*¹²

*Sésamo*¹³

Mas será possível com a guerra imprimi-los aí?¹⁴

Peças – desde que os teatros fecharam – é melhor não pensar agora.

O artigo do Augusto de Castro fi-lo transcrever no *Paiz*, na *Época* e na *Rua*. Estou gratíssimo ao Augusto de Castro pela sua gentileza.¹⁵

Com o coração muito teu

cada vez mais

Paulo

1. A Alemanha declara guerra a Portugal em 11/3/1916.
2. Realizou em março de 1916, em prol da Cruz Vermelha de Portugal, a conferência “Portugal e Brasil”, publicada na *Atlântida*, em francês, somente na edição n. 25, de 15/11/ 1917, pois em 15 de novembro de 1917 a revista torna-se bilíngue (português/francês). João do Rio continuava como diretor no Brasil, João de Barros em Portugal e Graça Aranha ocuparia a partir de novembro o posto na França. Escreveu também reportagem sobre a festa para a Cruz Vermelha Portuguesa na *Revista da Semana*, publicada na edição de 1º/4/1916.
3. João de Barros poderia consultar todos estes jornais brasileiros no consulado do Brasil em Lisboa, e comprovar como seu nome estava sendo citado pela imprensa do Brasil, por empenho de João do Rio.
4. Nos primeiros meses de 1916 ele não estava fisicamente na Argentina, mas colaborava nos jornais de lá.
5. Altino Arantes, político paulistano, presidente do Estado de S. Paulo de 1916 a 1920. Altino, amigo de João de Barros, poderia interceder financeiramente pela vinda do poeta ao Brasil.
6. A Primeira Guerra ocupou muitas páginas da revista, em que se leem artigos e entrevistas, algumas feitas por João de Barros, sobre a atuação de Portugal no conflito mundial. Há estudos que indicam que a Primeira Guerra pode inclusive ter impulsionado o lançamento da revista.
7. Carlos Malheiro Dias era diretor da *Revista da Semana* e João do Rio publicava a coluna “A semana elegante”, sob o pseudônimo José Antônio José. Com a entrada de Portugal na guerra, homens de letras influentes e lusófilos, como João do Rio e Carlos Malheiro Dias, este naturalmente por ser português, trabalhavam intensamente para recolher dinheiro entre os ricos comerciantes da colônia portuguesa no Rio, a fim de auxiliar o país.
8. Bernardino Luís Machado Guimarães (1851-1944). Com a instauração da República Portuguesa, em 1910, foi Primeiro-Ministro dos Negócios Estrangeiros (1910-1911) e o primeiro embaixador de Portugal no Brasil (1913). Foi presidente da República Portuguesa por duas vezes. Primeiro, de 6 de agosto de 1915 até 5 de dezembro de 1917. Mais tarde, em 1925, volta à Presidência da República para, um ano depois, voltar a ser destituído pela revolução militar de 28 de maio de 1926.

9. Bordallo Pinheiro, escritor português editor e tesoureiro da *Atlântida*. Refere-se a problemas gerenciais da revista, como preço do exemplar, encalhe e extravio de exemplares etc.

10. "(...) no Brasil havia os réis fracos, que eram a moeda corrente, e os réis fortes, usados nas operações cambiais com o exterior, incluindo Portugal."

ALMEIDA, D. *Centenário da República: a criação da Escola Feminina em Travanca*, 25 mar. 2011. Disponível em: <http://travancaintemporal.blogspot.com.br/2011/03/centenario-da-republica-criacao-da.html>. Acesso em 29 out. 2012.

11. Contos publicados em vários jornais e reunidos em livro somente em 1919, pela editora Portugal-Brasil, de Lisboa.

12. Crônicas publicadas em diversos jornais e reunidas em livro em 1916, pela Bertrand, de Lisboa.

13. Conferências publicadas em jornais e reunidas em livro pela Francisco Alves, em 1917.

14. O futuro mostraria que sim, *A mulher e os espelhos* e *Crônicas e frases...* foram publicados por editores portugueses.

15. Augusto de Castro, escritor português, colaborador da *Atlântida*. João do Rio conseguiu publicar o artigo de Castro em diversos periódicos, dentre eles *O Paiz*, onde trabalhava desde 1915 e lançara a coluna mundana "Pall-Mall Rio" com o pseudônimo José Antônio José.

Piia de Junceiro, 30 de Maio

N.º 2377
de 1916

Illm. Sr.

Meu caro João.

Ha positivamente um infimo de cartas perdidas e em abazo com a guerra!
Fulgencia q. só bontem recebi tres cartas tuas e o teu ultimo livro - ainda
nao falando de cartas minhas e de uma conferencia q. te mandei (n.º do
Paiz. Por nos mesmos cartos, parece-me q. nao crecho, o Paiz, quanto
dei a tua adresse para a renuncia d'avia.

Manda-me dizer como e' isto.

E depois as respostas!

Flautida e eu. Tantas fizes pela Flautida tudo quanto e' possivel. Como tu
vites as noticias no jornaal. Opimus ha duas partes: a de director e a de
agenciador. Como director, mando-te os artigos (basta, tu ainda ainda coiza
e la' mandei mais tres coizas, inclusive um conto do Alberto d'Almeida)
coloco na revista. Opente ainda nao encontrei na q. queria - foto de ca' com
immensa necessidade de mais e querendo tribuir logo os annunciados, achava
longuissimo o anuncio. Os antiquarios... Cadeiras, a colonia portuguez de Rio.
Tu sou o 1.º (basta parte e' agora!) cavalheiro q. ha'ora em suicididade - fava
coiza de uniao dos dois paizes. Tu ca' - tu ainda com mais antes la' e ainda
hoje o digo meu Pall Mall do Paiz a proposito do teu livro.

Pois bem. A minha conferencia foi retumbante. Os meus artigos, hiper-calamados.
Nao houve uma assinatura, depois do tuos isto.

Tuon em consideracoes matematicas perfeitamente pomes brillantes. Voltando a etrella
te jornaal seu pago numerosamente e tenho obrigacoes varias: Opimus vivo a crescer
e a cavar a vida. Quida uma conceicao redimir a depressa a menos de
tres ou quatro contos. Fulgencia arraijar vites de 30 eue 30 Pias
seu supranjo publico e seu ser amigo do governo!

Rio de Janeiro, 30 de maio de 1916

Meu caro João

Há positivamente um inferno de cartas perdidas e em atraso com a guerra! Imagina que só ontem recebi três cartas tuas e o teu último livro¹ – ainda não falando de cartas minhas e de uma conferência que te mandei (n. do *Paiz*. Por essas mesmas cartas, parece-me que não recebes o *Paiz*, quando dei a tua *adresse* para a remessa diária.² Manda-me dizer como é isso. E depois as respostas!

Atlantida e eu. Tenho feito pela *Atlantida* tudo quanto é possível. Deves ter visto as notícias nos jornais. Apenas há duas partes: a de diretor e a de agenciador. Como diretor, mando-te os artigos (deves ter ainda muita coisa e lá mandei mais três coisas, inclusive um soneto do Alberto d'Oliveira) coloco a revista. Agente ainda não encontrei um que queira – todos de cá com imensa necessidade de massa³ e querendo dinheiro logo. Os anunciantes acham longínquo o anúncio. Os assinantes... Conheces a colônia portuguesa do Rio.⁴

Eu sou o 1º (tanta gente é agora!) cavalheiro que tratou com sinceridade dessa coisa de união dos dois países.⁵ Eu cá – tu ainda com mais ardor lá e ainda hoje o digo num *Pall Mall* do *Paiz*, a propósito do teu livro. Pois bem. A minha conferência foi retumbante.⁶ Os meus artigos hiperaclamados. Não houve uma assinatura depois de tudo isso.

Estou em condições materiais perfeitamente pouco brilhantes. Voltando à *estrela* do jornal sou pago mensalmente e tenho obrigações sérias. Assim, vivo a escrever e a *cavar a vida*. Ainda não consegui reduzir a despesa a menos de três ou quatro contos. Imagina arranjar isso de 30 em 30 dias sem emprego público e sem ser amigo do governo!⁷

Positivamente é uma tragédia permanente. Assim – não posso ir a pedir anúncios e assinaturas para a *Atlantida* aos comerciantes. O Abadie e o Braz Lauria⁸ e todo o público acham caro o preço avulso de 1.500 francos.⁹ E assim a revista não tem um grande surto: era preciso uma parte comercial violenta. Eu não a posso fazer agora como faria em 1908 – porque nessa época com o Calmon e o Nilo¹⁰ depois tínhamos de cara e sem esforço o auxílio de mil ou duas mil libras. E agora não há dinheiro, trata-se do imposto d’hora, e os amigos não estão no poder.

As dificuldades são tão evidentes que não há quem queira aceitar esse trabalho da revista, prometendo eu – grandes comissões.

Numa das tuas cartas, pareces menos justo comigo,¹¹ a propósito da revista. E creio mesmo que pensas a sério na minha *despreocupação* – porque vários cavalheiros d’aqui e de S. Paulo a quem tenho ido pedir trabalhos dizem-me já ter recebido carta tua no mesmo sentido. Ora, é nervoso teu.

Não podes duvidar do meu carinho por ti. Cito-te em todos os jornais, em todas as conferências, em todos os lugares, a todos os amigos. Tenho a preocupação permanente do meu querido João. Não é mais amizade: é um escandaloso amor. E pelos jornais deves ter a prova – se os lês. A *Atlantida*, além de ser um projeto nosso, é uma realidade tua.

Seramente, achas crível que eu pense menos na *Atlantida*?

A esperança porém não morre. Peço para tentar, a ver se arranjo com os estados coisas. De um momento para outro elas vêm. Espero o Dantas ministro¹² e uma vaga promessa de Minas Gerais.

S.Paulo foi *tranchant*:¹³ não deu.¹⁴

Afinal não imaginas como há várias horas estou preocupado a pensar que estejas aborrecido, julgando-me capaz de me não interessar por uma coisa que te interessa.

É a complicação da vida, apenas – insuperável às vezes.

Não sei quanto o Bordallo perde.¹⁵ Eu tenho cá muito mais de conto, vendo as despesas aumentarem de mês para mês. Há uns 15 dias mandamos o pagamento de mais dois milheiros. Por este vapor farei o possível para mandar outros dois.

Agora, tu

A tua presença seria muito bem. O reclamo é permanente. Como te mandei dizer, o Oscar está pela [...] das conferências em S. Paulo. Não falhará – mesmo que eu tenha de ir ao Velho Conselheiro que é meu amigo.¹⁶ Aqui haverá uns dinheiros mesmo.

Quanto a passagens, isso arranjo eu com o Sylvio Romero Filho e o Dantas¹⁷ para te mandarem dar lá, umas cem libras. Demoras dois meses apenas. Garanto-te que a coisa vai e bem.

Telegrafa. Estás logo preparado.

Eu

Não sei se termino os meus dois livros. Em todo caso, se os terminar mando-os.¹⁸ Seria ótimo que a Aura Abranches representasse aí a *Eva*.¹⁹ Só por causa do empresário não a representaram aqui. Ela representa a *Eva* deliciosamente.

E acredita que está cada vez a ter por ti mais amizade²⁰

quem é com o coração

Paulo

1. João do Rio publicou em sua coluna “Pall Mall Rio”, em *O Paiz*, uma resenha do livro *Educação republicana*, de João de Barros, em 30 de maio de 1916.
2. Trecho de difícil compreensão.
3. Dinheiro.
4. Mais uma vez, dá explicações sobre a dificuldade de encontrar anunciantes, mesmo entre a colônia portuguesa, receosa de retaliações, por conta da campanha de alguns brasileiros contra os portugueses. Enfrenta também dificuldade para encontrar agentes, ou seja, vendedores de anúncio. Mas ressalta que faz o possível, inclusive publica artigos da *Atlântida* n’*O Paiz*. A questão é que a revista fora lançada em um período ingrato, em plena guerra mundial.
5. João do Rio enfatiza seu pioneirismo, no Brasil, e de João de Barros, em Portugal, na defesa da aproximação entre os dois países.
6. Realizou em março de 1916 na Cruz Vermelha, em prol da colônia portuguesa do Rio, a conferência “Portugal e Brasil”, publicada na *Atlântida* somente na edição n. 25, de 15/11/ 1917. Publicou reportagem sobre a conferência e o banquete que a sucedeu na *Revista da Semana*, em 1/4/1916.
7. Desabafo de homem de letras que vivia exclusivamente do trabalho em jornais, sem emprego público ou influência política com o governo da ocasião.
8. Abadia Faria Rosa, escritor, colaborador da *Atlântida*, e Braz Lauria, nome não identificado em função da grafia de João do Rio.
9. “(...) no Brasil havia os réis fracos, que eram a moeda corrente, e os réis fortes, usados nas operações cambiais com o exterior, incluindo Portugal.” ALMEIDA, D. *Centenário da República: a criação da Escola Feminina em Travanca*, 25 mar. 2011. Disponível em: <http://travancaintemporal.blogspot.com.br/2011/03/centenario-da-republica-criacao-da.html>. Acesso em 29 out. 2012.
10. Miguel Calmon du Pin e Almeida, engenheiro, foi Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas, do Governo Afonso Pena e depois de Nilo Peçanha; Nilo Peçanha, presidente do Brasil de 1909 a 1910 e vice-presidente de 1906 a 1909. A influência política era garantia de apoio financeiro.
11. Não se tem notícia das cartas enviadas por João de Barros a João do Rio. Deveriam constar de seu acervo, doado por sua mãe, Florência Barreto, ao Real

Gabinete Português de Leitura, contudo não há registro destes documentos, tampouco na Biblioteca Nacional, onde também foram procurados.

12. Luís Martins de Sousa Dantas, político brasileiro, ex-embaixador do Brasil na Argentina, amigo de João do Rio. Em 1916, era Ministro Interino das Relações Exteriores do Brasil.

13. Categórico.

14. Ele certamente pede apoio financeiro dos políticos amigos que estavam em posições de destaque nos estados.

15. Pedro Bordallo Pinheiro, coproprietário, gerente e tesoureiro da *Atlântida*.

16. Oscar Rodrigues Alves, filho do ex-presidente, era secretário de governo em São Paulo e tenta conseguir conferências para João de Barros na capital paulistana. O conselheiro a que se refere é Rodrigues Alves.

17. Silvío Romero Filho, filho do escritor Silvío Romero e mais uma vez Luís Martins de Sousa Dantas, ex-ministro do Brasil e Buenos Aires e, neste ano de 1916, ministro interino das Relações Exteriores, amigo de João do Rio, mandariam dinheiro para João de Barros comprar passagem para ir ao Brasil.

18. Refere-se aos livros *A mulher e os espelhos*, que seria publicado pela editora portuguesa Portugal-Brasil em 1919, e a *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar*, este sim publicado ainda em 1916, pela Bertrand, de Lisboa.

19. Recomendava a atriz portuguesa Aura Abranches, filha de Adelina Abranches, dona de companhia teatro, para representar a protagonista de sua peça teatral *Eva*, representada somente em São Paulo, em 13 de julho de 1915, com muito sucesso. Ele se ressentia de a companhia de Adelina Abranches não ter encenado *Eva* em sua temporada no Rio de Janeiro. Somente em 14 de novembro de 1915 foi apresentada ao público carioca no Teatro Trianon. *Eva* não foi encenada em Lisboa.

20. Sugere o interesse de Aura por João de Barros.

Meu caro João:

Se vou em primeiro lugar a São Paulo: 10
de setembro de 1916.

Suponho, naturalmente, que, se mais do que
deves ter recebido, não te faltou, e se não,
tanto do mesmo para te apresentar a Miss Sobe-
ra e a pequena S. Lúcia. O Miss Sobeira fala
com sempre mas é um rapaz bom. E esta S. Lúcia
tem-te visto e quanto nos conhecemos não tens
nada.

É a presença via indigentemente. Não tens nada
de S. Martinho. Fazer coisas para não ir,
perfeitamente inestáveis.

Com as viagens? Mas não tens a para
que a São Paulo, para partir
há alguma coisa. Mas, brasileiro para
fazer alguma coisa precisa de presença de
quem seja. Quanto arranjamos? Sempre
mais do que se vive para não se ter alguma
coisa no período de três meses.

Quanto à presença de, de repente, de direito
de sustento, etc. - todos os pretensos
nos receber João de Paulo na Póvoa
de Paula, q. mas é há mais gente, e de
quero q. se deixou amarelo, e abria
tudo.

Que hypoteses alguma restaria a gente. É
todas as coisas, mas (as coisas por causa
de não Brasil).

Pelo lado de Alfândega no lado norte
mais necessário. Verão e sempre brasileiro,
muito coisas.

Por exemplo agora mesmo
Alfândega e muito. No lado norte, por causa
de muitos. Não é mais. Contagem. Porquê
Páris

(6)

Não mais isto das provisões como
quero a ideia de Alfândega e muito
por mais q. se me propõem arrumar
este assunto e o outro de melhor, de provisões
etc.

É já depois o outro número. Que muito
q. tanto, dois números de Alfândega!
Um contado pouco pílula. É o facto
Alfândega é ali a involuntária, porque não
sabíamos q. a sua intenção é aqui - onde
está o resto q. se todos relatam.

Quero é o mais. O homem q. me arranja
as provisões, mesmo isto não entendido
por um outro e parece de novo - se por
malícia, sem querer trabalhar. Deito e por
receber provisões - me há dois meses q.
in ver. É a segunda.

Sueto a publicações - mas me falta. Que
me abona as mesmas? Mas se tudo aqui
se querem de dinheiro com q. saem os
originais? O Medeiros e Albuquerque os
verão - me, ninguém - me dos veros. Deito os
também. Eu sou. Mas como exemplo o
meu: um conto mantido em dinheiro
q. saiu pela metade mais cedo da
pois!

Um conto pela metade! No género
pílula e o mesmo q. for de um
sueto e dois quartetos com o con-
forma em baixo. Não havia Mayana
q. segure...

(6)

Meu caro João

Lá vai em primeiro lugar a data: 10 de setembro de 1916.

Depois conversamos. Antes do mais de ti.

Deves ter recebido aí um bilhete que eu escrevi tonto de sono para te apresentar o Dias Sobrinho e a pequena Stella.¹ O Dias Sobrinho fala com exagero mas é um rapaz bom. E ele devia ter-te dito o quanto nos contrariou não teres vindo.

A tua presença era indispensável. Na tua carta de S. Martinho davas razões para não vires perfeitamente insustentáveis.²

As passagens? Mas terias a passagem e 500\$³ para partir.

Aqui adoram-te todos. Mas brasileiro para fazer alguma coisa precisa da presença de quem deseja. Quanto arranjaríamos? Sempre mais do que eu disse para não te dar esperanças no período de crise aguda.

Quanto à recepção do deputado, do diretor da Instrução etc. – todos nós pretendíamos receber João de Barros na Pessoa do Poeta, que não o há maior agora, e do Amigo que só deixou amizades e admirações.⁴

Em hipótese alguma sentirias a *gene*.⁵ E terias dois rútilos meses (ao menos por causa do sol brasileiro).

Pelo lado da *Atlantida* era então ainda mais necessário. Verias e compreenderias muitas coisas.

Por exemplo agora mesmo chegou o número. No caixão puseram duzentos quilos a mais. Contagem. Pesagem. Papéis.⁶

Nem nesses oito dias próximos conseguiremos retirar da Alfândega o número por mais que eu me proponha assinar este mundo e o outro de recibos, depósitos etc.

E já chegou o outro número. De modo que temos dois números na Alfândega! Isso contado parece pilhéria. É o fato. Culpa daí e involuntária, porque não imaginam o que é essa tragédia daqui – onde aliás sabes que eu tenho relações.⁷

Assim é o mais. O homem que me arranjou os primeiros anúncios está sendo sustentado por uma atriz e passeia dizendo-se jornalista, sem querer trabalhar. Outro a quem recorri prometeu-me há dois meses que ia ver. É a angústia.⁸

Quanto a publicações – não me fales. Queres crônicas mensais? Mas se todos aqui se queixam da demora com que saem os originais? O Medeiros e Albuquerque escreveu-me, indagou-me dos versos. Outros também. Eu dou-lhes como exemplo o meu: um conto mandado em dezembro que saiu pela metade meio ano depois!

Um conto pela metade! No gênero pilhéria é o mesmo que dar de um soneto os dois quartetos com o *continua* embaixo.⁹ Não haveria Maupassant que escapasse...¹⁰

Ainda outro dia remeti-te um magnífico artigo do Celso Vieira.¹¹ Que a *Atlantida* não o dê pela metade – é o que eu desejo.

A esses literatos eu pagaria os meses se a *Atlantida* os publicasse. Mas mesmo alguns feitos por mim e pelo Abadie¹² saíam 4 meses depois.

O pessoal fica aturdido...

Assim respondo aos teus dois 1^{os} quesitos.

Tens o n. 3 – proteção dos poderes públicos.¹³ Nem a *Revista da Semana* nem a *Careta* recebem um níquel. Nunca receberam.

Agora então, nestes dois anos do Wenceslau¹⁴ nenhum jornal nem mesmo os diários políticos.

Tens um 4. – Colaboração de todos os grandes nomes? O Alberto de Oliveira levou 5 meses para me dar um soneto. O João Ribeiro prometeu em novembro um artigo e virou jacobino depois. Dos estados aos que pedi por cartas contínuas artigos só obtive respostas amáveis. Na Bahia o Xavier Marques há cinco meses prepara um artigo.¹⁵

Eu sinto que há também acanhamento, receio de não ser extraordinário – para espantar logo a multidão portuguesa.¹⁶

n. 5 – Cada n. da *Atlantida* tem um gritante reclamo – até por avulsos na rua. A notícia que viste no *Paiz* foi *uma das três ou quatro* que saíram.¹⁷

Precisarias estar aqui – se os jornais não te contam a coisa – para ver a crise do Brasil. Não há positivamente dinheiro.

Compreende por mim. A *Gazeta* nunca me pagou o meu ordenado com regularidade. Eram 1.500\$ daqui, dos quais eu dava 1 conto a minha mãe. Sabes o que são 100 libras no Rio: voam, são rodela de papel.

Apesar disso eu fazia três a quatro contos mensais e ia todos os anos à Europa. Ora, a minha saída da *Gazeta*¹⁸ em nada me prejudicou. Vivo em plena evidência e de todos os que escrevem o Bilac e eu somos os aclamados. A *Gazeta* ainda me deve 14 contos.

Imagina agora que há três anos eu não vou à Europa, dispondo das mesmas amizades, dos amigos ministros que me forneciam as 2 e 3 mil libras para passeios. É que positivamente não há.

Se tu fosses ministro aqui não desejarias dar-me um passeio à Europa? Pois o Souza Dantas¹⁹ é no Rio o que tu és em Lisboa: como meu irmão.

Não dá porque não pode, porque não há. Ele mesmo riu com a tua carta cheia do sonho indignado com a realidade.

A gratidão que tem por ti, Dantas, Altino, Oscar²⁰ – é sincera. Mas a possibilidade é 0.

Não fales de Simões Coelho – um pobre homem que escreve sem que ninguém conheça.

Não estás aqui! Não vieste! Precisavas ver o que é um *Krack* americano!

Ainda agora contava ir passar um ou dois meses aí pra descansar. O Dias Sobrinho deve ter-te falado.

Pois...

Fica para dezembro, para janeiro, para quando Deus quiser!

Assim, meu muito querido e cada vez pela saudade mais amado – vendo as contas crescerem, vendo as cartas do Bordallo,²¹ vendo tudo complicado – eu, que sou calmo, de medo, de pavor, recuei.

O meu desejo era dar à *Atlantida* meios de arranjar-se melhor, com um viajante, que me retirasse a parte prática. Não é nem suscetibilidades – *que eu não tenho contigo porque te amo*; nem fuga, porque não abandono os meus amigos. É apenas desejo de impedir desastres que seriam considerados culpa minha – quando não são.²²

Esta carta vai longa. Eu devia dizer-te que, mesmo sem dinheiro passei os 15 dias mais felizes da minha vida no êxtase amoroso, no verdadeiro amor, com uma criatura que é gênio, Bondade divina – tudo. Essa criatura que me olhou que me desejou, que quase me faz secretário humilde foi Isadora.²³ Nunca amei assim! A minha vida está dentro do sol. Meu Deus! Mas é assim o amor? Eu só o senti assim agora aos 35 anos! Foi transfiguração.

E nunca mais poderei amar de tal forma porque não há na Terra outra realização da Perfeição.

Até breve!

Com o coração. Com o espírito

Paulo

11/1/2355

Se tu fores ministro aqui não
desajarias dar-me um paraiso a
Europa? Pois o Souza Bandas é
no Rio e q. tu és na Lisboa: como
meu irmão
Não dá porque não pôde, por que não
há. Elle mesmo não tem a tua carta
deleica do soubo indignado com a
realidade.
q. gratidão q. tem por ti, Bandas,
Altuus, Oscar - é minha. Mas a
possibilidade é' O.
Não fale de Simão, Gênes - um pobre
homem q. quer-se com q. ninguém
escolhe.
Não estás aqui! Não vides!
ajazas ver q. é um Maack
necesso!
tu da agora cantara ir passar
me dois meses ali para do
O dias sobredito deve ter -
Pois...
Vias para o retribuo - para
para quando Deus quiser
meu e meu irmão

11/1/2355

O meu desejo era ter a
Atlantida meus de arrumar - se
melhor, com um viajante, q. me ative
a parte pratica. Não é' meu suscepti-
bilidade - q. eu não tenho comtigo
por que te amo; meu foga, porque
não abandono os meus amigos. E q. meu
desejo de suplicar deus q. seriam
conscienter culpa minha - quando
não são.

Esta carta vai longe. Tu de-
ria dizer-te q. , mesmo sem di-
nhero para os 15 dias mais fili-
ras da minha vida no ex base
amoroso, no verdadeiro amor, com
uma creatura q. é' Jesus, Bandas
de simia - tu és. Na creatura q.
me olho q. me soraja, q. quasi
me faz serotonis humilde foi
Hadora. Nunca souei assim!
q. minha vida está dentro do sol.
Meu pais! Mas é' assim o amor?
Eu não o senti assim agora aos 35-
anos! Foi transfigurado.
E nunca mais poderei amar de
tal forma porque não há na Terra
outra realização da Perfeição.

~~Até~~ Até breve!
Com o coração. Com o espírito
Paulo

1. Escritor Dias Sobrinho e sua esposa Estella visitam Portugal, procuram João de Barros com carta de indicação de João do Rio.
2. Em carta enviada da província de S. Martinho do Porto, Norte de Portugal, João de Barros provavelmente explica porque não irá ao Brasil naquele ano.
3. “(...) no Brasil havia os réis fracos, que eram a moeda corrente, e os réis fortes, usados nas operações cambiais com o exterior, incluindo Portugal.” ALMEIDA, D. *Centenário da República: a criação da Escola Feminina em Travanca*, 25 mar. 2011. Disponível em: <http://travancaintemporal.blogspot.com.br/2011/03/centenario-da-republica-criacao-da.html>. Acesso em 29 out. 2012.
4. João de Barros havia ido ao Brasil em 1912. Parece que haveria uma grande recepção para o poeta, então diretor-geral do Ministério da Instrução Pública de Portugal, caso tivesse ido ao Rio como supostamente planejado. A desistência deu-se, ao que tudo indica, por questões financeiras.
5. Falta de dinheiro.
6. Argumenta que a vinda do amigo e sócio seria importante por causa da *Atlântida*, e que João de Barros veria de perto o funcionamento da revista no Brasil, e compreenderia os problemas com a alfândega, uma vez que a revista era impressa em Portugal e remetida para o Brasil.
7. Atrasos da alfândega deviam acontecer, principalmente por causa da Primeira Guerra. No entanto, mesmo com boas relações e influência, João do Rio ainda assim não conseguia dirimir os problemas.
8. Cita problemas com vendedores de anúncios.
9. Ao que tudo indica, havia problemas sérios com atrasos e mesmo erros graves na edição da revista, o que gerava descontentamento dos homens de letras que publicavam na *Atlântida*.
10. Guy de Maupassant, escritor e poeta francês (1850-1893).
11. Celso Vieira, historiador e escritor brasileiro (1878-1954), publicou vários textos na *Atlântida*.
12. Abadie Faria Rosa, escritor brasileiro.

13. Ressalta que a revista é subsidiada pelos governos do Brasil e de Portugal, o que não acontecia com revistas de igual ou maior prestígio, como a *Revista da Semana* e *Careta*, o que já representava uma grande vantagem.

14. Wenceslau Brás, presidente do Brasil entre 1914 e 1918.

15. Outra pergunta de João de Barros respondida: colaboração na *Atlântida* de grandes nomes das Letras. Alberto d'Oliveria, cônsul de Portugal no Brasil. João Ribeiro, escritor, tornou-se jacobino, ou seja, passou a apoiar a campanha contra os portugueses no Brasil. Xavier Marques, escritor baiano, devia um artigo à *Atlântida*.

16. Há receio, de parte dos escritores, de não agradar o leitor português.

17. Resposta à quinta pergunta: é feita intensa propaganda da revista, inclusive nos grandes periódicos brasileiros, como o carioca *O Paiz*, onde trabalhava e assinava a coluna "Pall-Mall Rio".

18. Sai da *Gazeta de Notícias* e vai para *O Paiz* em 1915. Com a crise financeira por causa de guerra, recebe o ordenado atrasado. O custo de vida alto consome o dinheiro em pouco tempo.

19. Luís Martins de Sousa Dantas, ministro das Relações Exteriores interinamente em 1916.

20. Altino Arantes e Oscar Rodrigues Alves, presidente e secretário de governo do Estado de São Paulo, respectivamente.

21. Bordallo Pinheiro, escritor português, gerente e tesoureiro da *Atlântida*.

22. Vê-se que a revista não ia bem. Pesavam sobre a *Atlântida* diversos entraves: dificuldades com a alfândega, a penosa captação de anunciantes e de vendedores de anúncios, a adesão de colaboradores de renome literário, além da dificuldade de manter uma revista binacional, publicada em Portugal, em plena Guerra Mundial. Isso sem levar em conta questões políticas relativas a um projeto voltado ao fortalecimento da aproximação luso-brasileira, em período de crescente nacionalismo lusófono no Brasil.

23. Uma revelação a que nem mesmo seus biógrafos tiveram acesso, e até então era permeada de suposições, apenas. De fato, apaixonou-se por Isadora Duncan, genial bailarina norte-americana que esteve no Brasil para apresentações no Theatro Municipal, em 1916. Escreveu inclusive diversos artigos n' *O Paiz* sobre sua passagem pelo palco carioca.

Meu caro João

É tal a desorganização das com-
pêns de viagens e não há o facto
os curiosos a alim. inapropiada - q.
resumida de a escolher ou manter os
grupos - porque evidentemente muitos seem
de não têm elegão.

Logo, hontem recibí, autotante - entes tuas.
E se fizeste meus juntamente quanto - a
actuação semanal da Atlantida - fizeste
verdadeiramente aproveito quanto a Boa.
Sua vez tu - se q. sobre desempregados
me - deve ser ali na Europa e cá
na Rio nos vult contos fracos.

Tu deves lo fortes?

É' pavoro!

Que se vai fazer!

Quis des apella vile se q. se quis este
vir curiosos. q. tu preença é utilissima.
O peu está como horível feita de curiosos.
Nã he memoria. de S. Paulo, e Caracas
de Atlantida deu para fazer o equilibrio de
acumular o contos tuos.

Mas ainda agora, a tu preença
seia ute. tu preença deu para preença -
deu para os curiosos. depois, terias curiosos
e meus grupos. Mas se não arranjares
os contos - o q. é fundação - arranje
ria positivamente meu do q. ali,
fez curiosos a reis as e deu deu deu e
deu não tu curiosos, visto tu com
uma representação governamental - terias
qualquer qualis.

Nã he meu utilissima. Não se tu
galeria em tal se por ventura melhor forma
possivel pensar.



Mas o q. se sabe impossivel sem tu
a tu preença, e acho razoavel com me
prestigio.

Podia se combater tauto coisa! sem plac
curiosos varios arranjos. Se se for a S. Paulo
ho deu para tu manterem alguns curiosos -
elles deu deu deu. Touche os politicos e
sabes q. não é por real.

Tu é a outra coisa.

Depois tu de tu curiosos em curiosos alguns
tu, com curiosos deu, curiosos.

Mesmo q. não arranjares um real - q. q.
utilissima uma para nas utilissima.

E agora, como se us de tu como do
meu curiosos, acho meu razoavel q.
tu de me meu de meu.

Tu curiosos, tu curiosos, terias tu de

E terias com curiosos, deu deu com
curiosos meu de 1204.

Porque não vais seu curiosos em curiosos
seu o curiosos de Rio?

Se tu tu a achar uma solução a
meu. Porque tu no meu meu meu
meu os curiosos com gusto foi - é prefe
nível em repouso de - pele meu
com me curiosos q. é tu.



O caso de Atlantida, tanto o
deu em curiosos, deu curiosos pagar
o curiosos meu. Collabor meu val.



Tu não vais para o curiosos. q. meu
meu visto não visto para curiosos
Trabalhei meu. Receio os curiosos
os curiosos não tu meu originais
para de tu.



Meu caro João

É tal a desorganização das companhias de navegação e são tais e tantos os *censors* a abrir correspondência – que desanimava de te escrever ou mandar *originais* – porque evidentemente muitos desses lá não têm chegado.¹

Anteontem recebi, entretanto, cartas tuas. E se fiquei menos descontente quanto à situação econômica da *Atlantida* – fiquei verdadeiramente apavorado quanto ao Poeta. Somando tudo – eu que estou desempregadíssimo² – devo dever aí na Europa e cá no Rio uns vinte contos fracos.³

Tu deves 10 fortes?

É pavoroso!

Que se vai fazer!⁴

Considero aquela crise em que não quiseste vir criminosa. A tua presença é utilíssima. O país está numa horrível falta de dinheiro. Não há mesmo nada. Em S. Paulo o Cardoso de Almeida⁵ deu pra fazer o equilíbrio orçamentário e corta tudo.

Mas ainda agora, a tua presença seria útil. Em primeiro lugar passeavas – bom para os nervos. Depois, terias ovações e mesmo agressões. Mas se não arranjasses 30 contos – o que é fantástico – arranjarias positivamente mais do que aí. Agitaríamos as coisas

e como Altino e Oscar são teus amigos,⁶ vindo tu com uma representação governamental – terias qualquer auxílio.

Não há nisso humilhações. Nem eu te falaria em tal se porventura nelas fosse possível pensar.⁷

Mas o que eu acho impossível sem a tua presença, acho razoável com esse prestígio.

Podia-se combinar tanta coisa! Eram plausíveis vários arranjos. Se eu for a S. Paulo dizer para te mandarem alguns contos – eles negam-se. Conheces os políticos e sabes que não é por mal.

Tu cá é outra coisa.

Depois [...] a tua vinda um outro aspecto, com banquete etc. sociedade.⁸

Mesmo que não arranjes um real – estabelecerás uma pausa nas atribulações. E aqui, como eu uso de ti como do meu coração, acho muito razoável que tu de mim uses *de mêmme*.⁹

Tens casa, tens festas, terás tudo. E terás com certeza, levarás com certeza mais de 120\$.

Por que não vens em dezembro ou janeiro ver o carnaval do Rio?

Eu torno a achar essa solução a única. Acredita no meu bom-senso mesmo no verão com gente fora – é preferível vir repousar cá – pelo menos com um amigo que é teu.

O caso da *Atlantida*, dando o Lauro um pouco, conseguimos pagar o ano inteiro. Colaboração vai.¹⁰

Eu só irei para o ano. A minha vida não está para passeios. Trabalhei muito. Receoso dos *opened by censors* não te mandei originais para evitar.¹¹

Os meus livros são editados aqui. Mando-te o 1º pelo Alcantara Carreira – que soube do êxito da *Eva* aqui.¹² Por que não montam vocês a *Eva* com a Etelvina Serra no Normal, vocês que estão sem repertório?¹³ Por que o Normal não faz peça do repertório a *Mme. Vargas* (representada de verdade) a *Vargas* que a Guerrero tem no seu repertório?¹⁴

Originais meus não mando com medo aos ingleses. Estragam tudo!¹⁵

Mas até janeiro publicarei *Crônicas e frases* (que te mando)

Pall Mall Rio

Sésamo

No tempo de Wenceslau

*A mulher e os espelhos*¹⁶

Edições de 1.000 exemplares do Villas Boas que ficam no Rio, esgotados como o foi a *Eva*.

Vocês podem fazer aí reedições.

Teatro com a *Vargas* e a *Eva* um volume.

Sésamo que tem várias coisas delirantemente portuguesas (é o livro de conferências).

E *A mulher e os espelhos* que é um livro de contos.

Escreve-me, se achares razoável a proposta – naturalmente por partes.

Sésamo por exemplo só sai em fins de dezembro.¹⁷

Eu, se for a Portugal é para fazer algumas conferências e só posso ir no próximo ano – porque não há dinheiro. Quanto ao curso, o Alberto de Oliveira cômulo *trabalhou* tão bem com a vaidade dos acadêmicos e os seus próprios interesses que vai o Miguel Calmon.¹⁸

Esse cidadão é assustadoramente perigoso na sua perene gentileza.
Só os cretinos não o temeriam. E no fundo filho – *boche* e odiando o
Brasil cujo clima o arrasa!¹⁹

Lembranças aos amigos. Respeitos a D. Rachel. Beijos nesses meninos
que há três anos não vejo.

Quanto ao delírio Isadora – foi sublime porque não houve dinheiro.
Imagina tu que ela queria levar-me para New York...

Imprevista sensação aos 35 anos!

Só contando de viva voz!²⁰

Do coração

Paulo

Escreve ou telegrafa o que resolveres quanto ao teu caso.

1. Impossível contar com remessas regulares de correspondência em plena guerra, sem falar na vigilância dos censores sobre as remessas.
2. Em 1917, trabalhava em *O Paiz* e escrevia também para a *Revista da Semana*, mas possivelmente não estava ganhando o quanto precisava para o seu sustento.
3. "(...) no Brasil havia os réis fracos, que eram a moeda corrente, e os réis fortes, usados nas operações cambiais com o exterior, incluindo Portugal." ALMEIDA, D. *Centenário da República: a criação da Escola Feminina em Travanca*, 25 mar. 2011. Disponível em: <http://travancaintemporal.blogspot.com.br/2011/03/centenario-da-republica-criacao-da.html>. Acesso em 29 out. 2012.
4. Refere-se a dificuldades financeiras da *Atlântida*. Pelo visto, os dois estavam seriamente endividados por causa da revista.
5. Cardoso de Almeida, secretário das finanças de São Paulo.
6. Altino Arantes e Oscar Rodrigues Alves (filho do ex-presidente da República Rodrigues Alves), presidente e secretário do estado de São Paulo, respectivamente.
7. Sugere que a vinda ao Brasil do poeta seria lucrativa, pelo prestígio de João de Barros no Brasil. Fala também em agressões, por conta de possíveis retaliações que poderia sofrer de ativistas lusófonos na imprensa.
8. João do Rio faria da vinda do poeta ao Brasil um acontecimento.
9. Da mesma maneira.
10. A *Atlântida* contava com patrocínio do governo do Brasil, daí a expectativa de ajuda financeira da parte de Lauro Müller, ministro das Relações Exteriores do Brasil, naquele momento afastado por motivo de doença.
11. Em período de guerra, a correspondência poderia ser aberta por censores e extraviada, daí o receio de João do Rio de enviar artigos originais para a *Atlântida*.
12. *Eva*, peça de teatro encenada em 1915, no Rio, e publicada no mesmo ano pelo editor Villas Boas.
13. Sugere a montagem da peça em Lisboa, o que não se realizaria.
14. Teatro Normal, atual D. Maria II, em Lisboa. Sugere que a peça entre na programação do teatro.

15. Temia enviar os originais de seus livros, pela falta de cuidado dos censores que verificavam as correspondências, por causa da guerra.

16. Enviava ao poeta *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar*, publicado em 1916, pela Bertrand, de Lisboa. Em 1917 publicaria ainda *Pall-Mall Rio*, pela Villas Boas, do Rio de Janeiro; *Sésamo*, pela Francisco Alves e *No tempo de Wenceslau*, pela Villas Boas. *A mulher e os espelhos* seria publicado somente em 1919, pela Portugal-Brasil.

17. Sugere edição e reedição dos livros dele em Portugal, cerca de mil exemplares por edição, mais uma encenação de *A bela madame Vargas* no teatro e publicação de *Eva* em livro, além de *Sésamo* e *A mulher e os espelhos*.

18. A edição n. 5 (15/03/1916) da *Atlântida* traz a proposta da criação de uma cadeira de Estudos Brasileiros na Universidade de Lisboa, pelo diretor da Faculdade de Letras, Queiroz Veloso. De fato, essa ideia havia sido pela primeira vez levada a público por Alberto d'Oliveira, em palestra na Academia de Ciências de Lisboa, em 1915. Entre outros aspectos, sugeria-se que a cadeira fosse regida por um professor brasileiro que ministraria aulas sobre história política, geografia, literatura e arte brasileiras. Aprovada a lei, em 12 de junho de 1916, a escolha do primeiro professor recaiu sobre o sociólogo brasileiro Miguel Calmon, autor da Lei de Povoamento do Solo, de 1907, vice-presidente da Sociedade Nacional de Agricultura que, impedido pela guerra, não pode assumir o posto. Foram lembrados os nomes de Graça Aranha e de Manuel de Sousa Pinto, mas a cadeira seria aberta somente em 1923, pelo diplomata e historiador Oliveira Lima. Contudo, Manuel de Sousa Pinto é que asseguraria a ocupação regular do cargo até a sua morte, em 1934.

19. Na edição de n. 15 da *Atlântida*, de 15/01/1917, João do Rio publica, na seção "Revista do Mês", uma "Carta do Brasil - Relações luso-brasileiras" sob o pseudônimo de João d'Além. No texto, apoia a criação da cadeira de Estudos Brasileiros e o nome de Miguel Calmon, pois entende a proposta como estratégia para fortalecer as relações intelectuais e comerciais entre as duas nações e dirimir o desconhecimento mútuo que dificultava esse estreitamento (para estimulá-lo, sugere inclusive que, além do curso de estudos brasileiros, fossem elevadas à categoria de embaixadas as representações diplomáticas do Brasil e de Portugal localizadas em ambas as nações). "Irá o ilustre professor brasileiro desfazendo certas lendas que em Portugal ainda existem sobre nós e contribuirá também forçosamente para uma maior aproximação intelectual e econômica em revelando aos portugueses o nosso estado mental", diz ele. Meses antes escrevera uma crônica na coluna "Pall-Mall Rio", de *O Paiz*, sobre a inclusão da cadeira na

Faculdade de Letras: "O curso de estudos brasileiros é bom para nós e é absolutamente necessário para Portugal - para o futuro de Portugal, que fatalmente será ainda mais ligado ao Brasil que o Portugal de agora começa a ser". JOSÉ, José Antonio. "Pall-Mall Rio". O Paiz, 23/06/1916, p. 2.

20. Comenta, como na carta anterior, sobre seu caso de amor com a bailarina norte-americana Isadora Duncan, que esteve no Brasil em 1916.

3

N11/2350

Os meus livros são enviados aqui
 Meus. te o 1º pelo pleantara Carri
 ra - q. ainda do certo da Eva aqui
 Porque não montam voces a Eva com
 a Edilvina Serra no Normal - voces q.
 estão num repertório? Porque o pleor
 mal não faz para o repertório a
 Mica Vargas (representada de vida
 de) a Vargas q. a Juvenes tem no
 seu repertório?
 Originaes meus não me dão um meio
 aos vileses. Estrogam tudo!
 Mas das até pouco publicacoi
 Chances e Praxos (q. te meudo)
Pall Mall Rio
Socorro
No tempo de Waverlan
 q. Muller e os Espellos
 Estão de 1000 exemplares -
 Boas q. ficaram no Rio -
 o foi a uma viagem Eva
 Uma, pôde ser ali na
Theatro com a Vargas e o
Socorro q. tem varias
 te portuguezas
 conferencias)
 q. Muller e os Espellos
 livro de cantos

N11/2350

Eu, se foi a Portugal é para fazer
 algumas conferencias e só como no
 proximo anno - porque não ha dinheiro
 Quanto ao curso - o plehor do Oliveira
 ra comul traballou tão bem com a
 vaidade dos acadêmicos e os seus pro
 prios interesses q. vai o Miguel Calmon.
 Este cidadão é acusticamente peri
 goso na sua pessime gentileza. Só o
 os creturos são o teoriam. E no
 furo fillo - boche a ostiando o Pira
 ni! cujo elia o arrasa!

#

Lembranças aos amigos. Respeito a
 D. Rachel. Beijos meus meus e
 ha trez annos não vejo

X

Quanto ao delirio Gadoira - foi me
 almei porque não houve dinheiro. Que a
 quia tu q. ella queria levar-me para
 New York...
 Suprinda reusação aos 35 annos!
 Só contanto de viva voz!
 Do coração
Paula

meu caro José.

Estáis enfim na Quatzenia! Estas vezes se tentara antes nas vagas
e 4 vezes em inúmeras oportunidades por ti, já havia finalizado por outros. Da
última vez por dois votos. Mas fiquei com o compromisso de levar a
plena e Valente, duas outras vezes
Luzia q. anti-boutem, visto de Pella Horvick, se estava em juízo de Voa
para fazer uma conferência hontem, quando láis por acaso se mente do Tempo.
Da 3ª feira a reunião da Quatzenia! Adira ao literato provinciano q. não
faria mais surpresa, embora eu acabaria por isso de manhã, depois de
Rio de 8 1/2. Telefonei para os homens. Já 4 estava na Quatzenia para
obter os votos dos q. anteriores. Pênia - a quem fizeste hontem ali - entre q.
o trabalho d'Oliveira quer a abertura de Campos. Mas o grande Pênia é
bastante grande para ter medo. Não houve separação de votos. Houve fração nos
partidos. Depois chegou o maravilhoso Pênia de q. deu o nome de Julio Bandas
por oposição atribuído a João de Medeiros. Mas Medeiros q. chegou
muito mais de ter recebido voto e com acatamento o voto dos dois
de q. havia vagas duas
Se fizesse antes de 2 dias por isso com o Medeiros. Valente teria de ir a
tua já. Quanto ao resto a reunião com a chegada do d'Oliveira já tinham
reunido todos.

Não podés imaginar como o Oliveira é amigo do Sportivo.
Nada de teleconferência e reunião na Quatzenia, quando não houver as
eleições, depois o poder não mudou, para q. não se vada logo depois de



29 de julho, 1917

Meu caro João

Estás enfim na Academia! Quatro vezes eu tentara meter-te nas vagas e 4 vezes com incensa simpatia por ti, já havia trabalho por outros. Da última perdeste por dois votos. Mas fiquei com o compromisso de Mario de Alencar e Filinto, duas almas nobres.¹

Imagina que anteontem, vindo de Belo Horizonte,² eu estava em Juiz de Fora para fazer uma conferência ontem, quando leio por acaso da morte do Feijó.³ Era 5ª feira a reunião da Academia! Disse aos literatos provincianos que não faria mais conferência, embarquei no comboio das duas da manhã, cheguei ao Rio às 8^{1/2}, telefonei para os homens. Às 4 estava na Academia para obter os votos dos que entravam. Bilac – a quem fizeste tanto aí – sentia que o Alberto d’Oliveira⁴ queria o Agostinho de Campos. Mas o grande Bilac é bastante grande para ter medo. Não houve espontaneidade. Houve faca aos peitos. Depois chegou o miserável Pedro Lessa que levantou o Julio Dantas por oposição, atribuindo a ideia ao Medeiros.⁵ Mas Medeiros que chegava mostrou nunca se ter lembrado disso e aconselhou o voto aos dois desde que havia vagas duas.

Eu fiz então as 2 propostas com o Mario, Filinto, trazia de casa a tua já. Quando começou a sessão com a chegada do d’Oliveira já tinhas maioria absoluta.

Não podes imaginar como o Oliveira é amigo do Agostinho.

Metido dulçorasamente a mandão na Academia, quando iam proceder às eleições, chegou a pedir cinco minutos para que não se votasse logo depois do seu discurso. Depois o nosso Goulart de Andrade acompanhado do Osorio Duque Estrada levantou a questão do regimento voto secreto ou indicação.⁶ O Osorio aliás votou em ti. E Goulartinho palerma que foi o único dos presentes a não votar (ele e o Pedro Lessa que pôs a cédula em branco depois de ter assinado a lista!) viu mais uma vez que Paulo Barreto tem uma certa vontade.

Às 10 da noite eras declarado *imortal brasileiro!*

O Julio resultou da campanha por ti. Ele sempre aproveita assim na vida onde nós somos *do front*.

Votaram em ti todos que estão *na cabeça* do artigo do Oliveira no *Paiz* de hoje 29 de julho (menos o dito Goulart e o reles Lessa). Deves-lhe agradecimentos. E principalmente a Mario Alencar, Filinto, nobres almas que te indicaram e o Medeiros admirável.

Hoje fiz sair no *Paiz* a notícia do caso. Fiz Oscar telegrafar para Portugal e todo o Brasil. Agora rabisco estas linhas antes de te passar um telegrama.⁷

Tenho sentido imensa falta de cartas tuas.

Será tua a falta ou a conflagração que não me traz o que escrever. Vou falar ao Nilo.⁸

Do coração o

velho amigo

Paulo

Vi que Manoel escreve na *Atlantida*⁹

Ainda bem.

1. O comentário evidencia a intrincada e acirrada disputa por vagas na Academia Brasileira de Letras e as artimanhas políticas para a indicação de candidaturas. Neste ano, lutavam por vagas de sócios-correspondentes os portugueses João de Barros (cadeira 9) e Júlio Dantas (cadeira 7). João do Rio relata o esforço, já realizado quatro vezes, para a vitória do amigo, o que havia feito por outros literatos. Dessa vez, contou com o apoio dos acadêmicos brasileiros Mario de Alencar e Filinto de Almeida. João do Rio era acadêmico desde 1910, quando foi eleito aos 29 anos.
2. Em 1917 vai a Belo Horizonte para a realização de várias conferências.
3. António Feijó, acadêmico português que ocupava a cadeira de número 9.
4. Aberto d'Oliveira, português, sócio-correspondente da ABL (homônimo de outro imortal, o acadêmico brasileiro Alberto de Oliveira), lutava pela candidatura de Agostinho de Campos.
5. Escritor José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934). Cronista, romancista, poeta, teatrólogo, jornalista, conferencista, crítico.
6. Seguindo o modelo da Academia Francesa, a ABL é constituída por 40 membros efetivos e perpétuos. Além deste quadro, existem 20 membros correspondentes estrangeiros. Os imortais são escolhidos mediante eleição por voto secreto. Osório Duque Estrada, Goulart de Andrade e Pedro Lessa são membros da ABL.
7. Pelo comentário, usou toda sua influência para divulgar no Brasil a vitória de João de Barros na ABL.
8. Continua arregimentando forças, principalmente apoio financeiro para trazer o amigo ao Brasil. Em carta anterior comenta que pedirá a Nilo Peçanha que interceda pelo caso.
9. Manuel de Sousa Pinto, escritor português amigo de ambos, torna-se colaborador da *Atlântida*.

111/2758

facto

Vou hoje ao facha ver (pela 5^o vez) na Leão
mãe. Parci dois telegrammas, e passarei varios na
esperança de q. reciba alguns a tempo.

Esta carta é para te dizer q., embora no Quarã, e q. tu ho
faça coisa a fazer nestes mes dias q. possa ser em meo, q. preciso fa
zer antes do Epitafio a re-conferencia. O banquette ficará para depois,
muito depois até.

Segue as editor tenho projecto com as conferencias um livro:

Pela União das Brasileiras

1^o - q. Pergunta

2^o - q. Palavra.

q. 1^a e meu inquerito em o drama de Movimento até a Conferencia. Tem
2^o artigos.

q. 2^a e a Conferencia.

3^a uma brochura de exito fulminante se sair no meo de junho e for bem repa
mada no Brasil. Não ardeas?

Tenho tambem o Novor, q. começa com o artigo sobre João de Barros. Hyper-
bema. É quasi um volume. Seria optimo estar no Brasil antes de la'nes-o q. ma
breve tempo, p'isso.



Dezembro, 1918

João

Vou hoje ao Graça ver (pela 50^a vez) se te levo *massa*.¹ Passei dois telegramas, e passarei vários na esperança de que recebas alguns a tempo.

Esta carta é para te dizer que embarco no *Avaré*,² e que tenho tanta coisa a fazer nesses dias que podem ser um mês, que preciso fazer antes do Eptácio a minha conferência.³ O banquete ficará para depois, muito depois até.

Quanto ao editor tenho pronto com as conferências um livro:

*Pela União Luso-Brasileira*⁴

1^o - A Pergunta

2^o - A Palavra

A 1^a é o meu inquérito com o drama de Monsanto até a Conferência. Tem 20 artigos.⁵

A 2^a é a Conferência.

É uma brochura de êxito fulminante se sair no mês de junho e for bem espelhada no Brasil. Não achas?⁶

Tenho também o *Louvor*,⁷ que começa com o estudo sobre João de Barros. Hiperbem – dá quase um volume. Seria ótimo estar no Brasil antes de lá ires – o que será brevíssimo, penso.

Sensações de Viagem (literatura) está quase terminado. Aliás esse editor poderia compor a “*Mulher turca*”⁸ que é uma das partes.

Por falar nessa Mulher, foi-me impossível obter um número da *Atlantida*. É uma revista em que eu figuro *indeviavelmente* no 1º lugar da capa e que me esquece *escandalosissimamente* na distribuição.⁹

Quero fazer a conferência antes do *Epitácio*. O discurso, depois muito depois.

Escrevo-te porque estou tão nervoso que não posso terminar agora as 5 folhas restantes da Conferência. É o entusiasmo do verbalismo.

Com o coração o teu velho

Paulo

1. Escreve esta carta de Paris, onde estava para cobrir a Conferência de Paz (18 a 20 de jan. de 1919). Levaria para João de Barros pagamento referente à venda de anúncios da *Atlântida* por Graça Aranha, coeditor da publicação a partir de abril de 1919.
2. Vai à Europa como correspondente d'*O Paiz*, em dezembro de 1918, para cobrir a Conferência de Paz, após o fim do armistício. As reportagens foram publicadas nos três volumes de *Na Conferência de Paz*, em 1919.
3. De Paris iria a Lisboa, onde faria a conferência “Pela aproximação luso-brasileira”, no então Teatro Nacional Almeida Garret, em 7 de junho de 1919. Esperava fazer sua conferência antes do discurso de Eitácio Pessoa, chefe da delegação brasileira na Conferência de Paz, que iria a Lisboa a convite do presidente de Portugal Canto e Castro, após a passagem por Paris. Foi oferecido a Eitácio um banquete no Palácio da Ajuda, em Lisboa, e um almoço no Palácio da Pena, em Sintra.
4. De fato, trata-se do livro *Na Conferência de Paz*.
5. As reportagens sobre a Revolta de Monsanto seriam reunidas no segundo volume de *Na Conferência de Paz*, publicado em 1919 pelo editor Villas Boas, no Rio de Janeiro. Os três volumes contêm a cobertura jornalística completa da Conferência. João do Rio escreveu mais de 80 artigos para *O Paiz* enquanto esteve na Europa.
6. A conferência “Pela aproximação luso-brasileira” foi publicada em *Adiante!*, lançado pela Aillaud e Bertrand, em 1919.
7. *Ramo de loiro: notícias em louvor*, publicado pela Aillaud e Bertrand, somente em 1921.
8. *Sensações de viagem*, livro não publicado que certamente incluiria o conto “Uma mulher turca e o paraíso de Mahomet”, publicado no n. 37 da *Atlântida*, de 1919.
9. Faz críticas à distribuição da *Atlântida*. Ele mesmo não recebia a revista!

"A PATRIA"

Diário da Manhã
DIRECTOR—JOÃO DO RIO

Est. Tel. "JORNALPATRIA"

8-Largo da Carioca-8

Telephone C. 542

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro,

N.º 11/2264

Meu caro João.

Ha cerca de 15 annos q. estubo no Rio ha 15 annos e soube
certo - me ha 17 mandam pedir cartas tuas ali para
me solicitar em coisa aqui. Não te admires pois q. souva
logo a João pedido para uma professora na escola portugesa!
É uma amizade util e sobre os oceanos!

O meu pedido é para ~~ser~~ servir um excelente amigo e creio q.
me ajudará de facto. Prometendo eu, já se vê, nunca mais pedir
a João cartas de professoras!

1º a ^{meu} pedido para o Ministerio da Induções.

Junto vai o cartão com o nome da senhora por quem me
empendo. E nestas linhas o coração cheio de saudade

do amigo Teó



Meu caro João

Há cavalheiros que estando no Rio há 15 anos e conhecendo-me há 17 mandam pedir cartas tuas aí para me solicitarem coisas aqui. Não te admires pois que escreva hoje a João pedindo para uma professora na aldeia portuguesa! A nossa amizade rutila sobre os oceanos!

O meu pedido é para servir um excelente amigo e creio que me atenderás de fato. Prometendo eu, já se vê, nunca mais pedir a João coisas de professoras!¹

1º e único e último pedido para o Ministério da Instrução.²

Junto vai o cartão com o nome da senhora por quem me empenho. E nestas linhas o coração cheio de saudade.

do muito teu

Paulo

1. O comentário indica que ambos faziam pedidos para ajudar amigos, tanto no Brasil como em Portugal. Não há registro do cartão com o nome da professora por quem João do Rio intercede, tampouco sabemos o nome do amigo que havia feito o pedido a ele.

2. Pedagogo, João de Barros é nomeado, em 1913, interinamente, Diretor-geral do Ensino Primário de Portugal. Ainda no mesmo ano assume funções de Chefe de Repartição do recém-criado Ministério da Instrução Pública. Em 1914, Secretário-Geral Interino e, em 1919, Diretor Geral do Ensino Primário e Normal e Secretário Geral da Instrução Pública.

Meu caro João.

Por telegramma para a Figueria mandei-te pedir com o máximo
empunho a comenda para Raphael de Paiva - amigo de verdade meu e teu,
Emburgador, membro af. da Quarta Brancaria, uma das notabilidades
nossas, etc, etc.

É' certo pois porque o Alberto de Oliveira, q. th'a prometido, foi
para Lisboa e não lhe tomou a falar ao tal.

No telegramma se dizia q. seria esplendidamente recebido em geral
por aqui. Vou! Vou! O encarregado de negócios q. é' uma
besta foi apenas archi besta quando passou tal telegramma. É



Meu caro João

Por telegrama para a Figueira¹ mandei-te pedir com o máximo empenho a comenda² para Ataulpho de Paiva – *amigo de verdade* meu e teu, desembargador, membro efetivo da Academia Brasileira, uma das notabilidades sociais etc. etc.

É sério isso porque o Alberto d’Oliveira,³ que lha prometera, foi para Lisboa e não lhe tornou a falar em tal.

No telegrama eu dizia que serás esplendidamente recebido em qualquer época. Vem! Vem! O encarregado de negócios que é uma besta foi apenas arquibesta quando passou tal telegrama.⁴ E eu fico aliviadíssimo que, sem nenhuma nota minha, tivesses deliberado não vir. Por ti, meu querido, que eu amo e desejo conservar a alegria, estou furioso. A cada passo com estas festas, banquetes, passeatas etc. lembro-me dos dois meses alegres e bons que passarias!

Mas vê afinal se desencantas essa viagem e deixas de duvidar – do futuro radioso do maior poeta! E sabe que só ontem pela 1ª vez eu li de verdade, com o coração a *Oração à Pátria* e que tu és admirável e grande, esplêndido d’alma e de cérebro.⁵

Da *Atlantida* com uma situação atrapalhadíssima cá graças à incompetência comercial daí escrevi ao Nuno Simões uma grande informação – que dirigi para Deputado Nuno Simões, redação do *Século*.⁶

Repito – erro máximo não ter vindo.

Cada dia que não vier – erro maior.

Vem por uma porção de coisas – uma das quais egoisticamente é eu não poder passar muito tempo sem te ver, sem ouvir o verdadeiro champanhe astral que é o meu dileto amigo, o homem que eu admiro – o Sr. Dr. João de Barros.

E agora sabe:

Todos por cá – que ou de lá ou conhecendo um pouco a tua vida, sabem da história – dizem que não vieste porque aquela senhora não deixou!

Outro dia quase brigo com o quase atual milionário Ruy Coelho.⁷ Sentia-me humilhado e traído – miseravelmente pela lavadeira das fotografias [...].⁸

E com esta ferroada

Manda-te o coração o
velho Paulo

1. João de Barros era natural de Figueira da Foz.
2. Em telegrama, pede ao amigo que se empenhe para que seja oferecida uma comenda do governo português a Ataulfo de Paiva (1867-1955), membro da ABL.
3. Alberto d'Oliveira, político português, sócio-correspondente da ABL, parece que havia prometido uma comenda a Ataulfo de Paiva. Observa-se nas cartas deste período os comentários de João do Rio sobre o pedido de comendas a João de Barros feitos por diversos brasileiros ilustres. E a indignação do jornalista sobre quase todos eles.
4. O comentário sugere que o encarregado de negócios do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal desaconselhara a vinda de João de Barros ao Rio, supostamente por causa da onda de jacobinismo na cidade, o que será melhor elucidado em cartas posteriores.
5. *Oração à Pátria*, livro de poesia de João de Barros publicado em 1917, pela Aillaud e Bertrand.
6. Escritor e jornalista português de *O Século*, de Lisboa, Nuno Simões passa a coproprietário da *Atlântida*, no lugar de Pedro Bordallo Pinheiro, a partir de 1917.
7. Ruy Coelho, português, então um jovem compositor de música erudita, colaborador da *Atlântida*.
8. Manifesta ciúme do amigo por suposta relação extraconjugal de João de Barros.

Meu caro João.

Que pilhéria foi essa? Porque não viste? Comu, as allegas mebesse
 muito, teleguassas, mandai o putau q'ntal. os fotos para ti e dar

8 dias depois - para os momentos da resposta. Ahi acertei o teu.

Putau acertei o Rey Clivanes, um pobre diabo q' me pareceu muito pouco
 bem acerto por ai. O homem falou-me de supposes q' para lá tinham i do
 Terqueto q' não vives - por causa do jacobiismo. Ora isso e' uma burrice.

O jacobiismo e' a o de meia duzia de cafajestes, com o facho alguns q'
 são sempre os mesmos e ja' existiam esse tempo da tua humosa garagan.

Sabes bem q' não te s'ria para vis, se não tivesse a certeza do teu
 acerto. Mandas teu modo. Se quiser, cala um mesmo no verão. Se
 não, para para abril. Mas vou mesmo. Era tua certeza q' não se realisava

e' a negação do putau! Carumba!

Por estas luhias vis q' estou quasi furioso

Se não vives, mandas o putau corrigido para a edição do

Alvas. Já. Já. Já. Tens dois cantos de vis por cada
 mil exemplares. Seres?

Quanto a Atlantida cabou no ar porque te aporava: putau, prede, q' da
 ponte do Epitacio não sei exalles tuo avto. Tu e' q' te amias da
 morte. Putau. Vou trazer da Atlantida.



Agosto, 1919

Meu caro João

Que pilhéria foi essa? Por que não vieste? Como, ao chegar recebesse muitos telegramas, mandei o Antonio¹ guardá-los todos para só os ler 8 dias depois – no momento da resposta. Aí encontrei o teu.

Antes encontrei o Ruy Chianca,² um pobre-diabo que me pareceu muito pouco bem aceito por cá. O homem falou-me de informes que para lá tinham ido desejando que não viesses – por causa do jacobinismo.³ Ora isso é uma burrice. O jacobinismo cá é o de meia dúzia de cafajestes, sem estação alguma, que são sempre os mesmos e já existiam no tempo da tua luminosa passagem.⁴ Sabes bem que não te diria para vir, se não tivesse a certeza do teu êxito. Devias ter vindo. Se quiseres calor vem mesmo no verão. Se não, passa para abril. *Mas vem mesmo.* Essa tua vinda que não se realiza é a negação do *Anteu*?⁵ Caramba!

Por estas linhas vês que estou quase furioso.

Se não vieres, manda o *Anteu* corrigido para a edição do *Alves*.⁶ Já! Já! Já! Terás dois contos de reis por cada mil exemplares. Serve?

Quanto à *Atlantida* estou no ar porque te *esperava*. Acho, porém, que da parte do Epitácio não sai *coelho* tão cedo. Tu é que tomarias de assalto o Altino. Vou tratar da *Atlantida*.⁷

O que fizer comunico pelo telégrafo. Vê se registras aí um *adresse* telegráfico, para não gastarmos inutilmente cinco ou seis palavras. Eu vou agitar o meu que será Barreto – Rio.⁸

A minha volta tem sido um sucesso, Conferência de Pernambuco,⁹ que te mandei – êxito retumbante. Aqui, palmas, aplausos. Não tem faltado nem descomponendas¹⁰ – dos jornalecos. Êxito integral.

Previne os nossos amigos que Arthur Brandão não me dando provas do *Espelho*¹¹ agiu a falsa fé contra mim. O livro está todo errado. No canto *Cleópatra* falta o final!

Continuo com ardentes saudades da Lisboa amada.

Beijos do velho

Paulo

1. Empregado particular de João do Rio.
2. Ruy Chianca, personagem não identificado.
3. Por causa da campanha contra os portugueses impetrada por alguns homens de letras, de imprensa e políticos do Rio de Janeiro, parece que João de Barros suspende sua vinda à cidade, viajando em 1920.
4. A primeira viagem de João de Barros ao Rio aconteceu em 1912. Voltaria somente em 1920, depois em 1922 e 1937.
5. *Anteu*, livro de João de Barros, de 1912.
6. Pede que o amigo mande o original do livro para edição pela Francisco Alves.
7. Fala de angariar apoio entre políticos para auxílio financeiro à *Atlântida*. Refere-se a Epitácio Pessoa, então Presidente da República, e Altino Arantes, presidente do Estado de São Paulo.
8. Aconselha o amigo a criar um endereço postal, para reduzir o custo da correspondência.
9. Em seu retorno da Europa, após cobrir a Conferência de Paz para *O Paiz*, vai a Pernambuco e realiza, na Faculdade de Direito de Recife, em 6/8/1919, a conferência “O Brasil após a Guerra”, publicada no livro *Na Conferência de Paz*, de 1919.
10. Descompostura, repressão, acerba.
11. Queixa-se de problemas na edição de *A mulher e os espelhos*, publicado em 1919 pela editora portuguesa Portugal-Brasil.

João.

Estou ansiosamente à espera dos meus livros, e daquela obra de arte q. se
 ditos fosse a fazer. Quando mandará mi? Ou a' tu mesmo d'apar se sempre
 contra o calor brasileiro a via agua?

Quanto mais effeito na tua evolução de ultima hora, mais a juizo - (paravilla) e' isto!
 Eu do venetilar na palma do t'zar mentes, ora se vai vir naquella q. o admi
 ra e o ama, como o admiro e amo o de João de Rio! O mesmo obra mesmo
 necessariamente a com a sabedoria viada como me d'ica npi doctrinalmente o Ray
 Coelho!

Hoje abri de Mendonça e os Espellos. No conto Onjupquia ha uma pagina com 15
 grafias. E' a lista actualizacao de q. eu queria dizer: abuladas por abuladas
 etc, etc.

Espero q. me volves servando e pedindo q. me envias uns artigos

Não esqueças.

Porque não arranges q'bra com o Quintino José a representação do Brasil - ou
 a reunião especial ha o Brasil?

Brasil oficial ver-te. Tivei com a procharronite, com Uença da Dama
 das Photografias.

Repanda, creve. Procharronite os primeiros todos? Estou a espera de veros
 ta ao meu telegramma p'ntivo, ao Urubé q. entre para a Patris do Rio
Patris q. fundarei com novos estudios.



João

Estou ansiosamente à espera dos meus botões, d'aquela abotoadura que o Leitão¹ ficou a fazer. Quando mandarás isso? Ou és tu mesmo capaz de avançar contra o calor brasileiro e vir agora?

Quanto mais reflito na tua resolução de última hora, mais a julgo – (permite) idiota!² Essa de acreditar no palerma do Cezar Mendes, essa de não crer naquele que o admira e o ama como o admira e ama o Dr. João do Rio! O menino estava mesmo neurastênico e com a cabeça virada como me dizia aqui *docktoralmente* o Ruy Coelho!³

Hoje abri *A mulher e os espelhos*. No canto D. Joaquina há uma página com 15 gralhas. É a total adulteração do que eu queria dizer: *abaladas* por *abauladas* etc. etc.⁴

Espero que me salves escrevendo e pedindo que me escrevam uns artigos.

Não esqueças.

Porque [sic] não arranjas agora com o Antonio José a representação no Brasil – ou a missão especial tua ao Brasil?⁵

Preciso afinal ver-te. Fiquei com a *joãobarrosite*, com licença da Dama das Fotografias.⁶

Responde, escreve. Recebeste os jornais todos? Estou à espera de resposta ao meu telegrama pedindo ao Urrich que entre para a *Patria* do Rio. *Patria* que fundarei com vários dinheiros.⁷

A *Patria* é uma sociedade em comandita que terá 400 ou 500 contos fortes ao câmbio de agora, isto é 900 brasileiros com oficinas próprias, máquinas etc. O programa é formidável.⁸

E Nuno Simões? Como vai o Sonhador Prático? Executa ou não? O Anuário é para dar uma fortuna!⁹

Um beijo que repartirás com o Paulo¹⁰

João do futuro – próximo gênio.

Li outra vez a *Oração à Pátria*¹¹

Tu és um grande homem!

Toda esta minha carta maluca é apenas admiração por ti. Vai cheia de admiração. Poeta! Salve!

escreve

velho Paulo

1. Provavelmente encomendara uma abotoadura a algum joalheiro de Lisboa.
2. João de Barros suspende a viagem ao Rio, supostamente marcada para 1919. Viria ao Rio em 1920.
3. A campanha jacobina do Rio e as notícias recebidas por João de Barros em Portugal teriam desencorajado o poeta a visitar a cidade.
4. Como em carta anterior, refere-se a erros de impressão de *A mulher e os espelhos*, publicado pela Portugal-Brasil, de Lisboa.
5. Sugere que João de Barros arranje um cargo diplomático no Brasil com Antônio José de Almeida, presidente de Portugal de 1919 a 1923.
6. Está com imensa saudade do amigo, sente muita falta dele, pedindo permissão à suposta amante de João de Barros.
7. Irá fundar, em 15/09/20, *A Pátria*.
8. O maior acionista foi o próprio João do Rio, que empenhou sua pequena fortuna para fundar o jornal.
9. Refere-se à publicação de um suposto anuário sob a supervisão do escritor português Nuno Simões, o que não consta em bibliografia deste autor.
10. Paulo, filho mais velho de João de Barros.
11. *Oração à pátria*, livro de poemas de João de Barros, de 1917. João do Rio tinha uma edição com dedicatória do autor.

outubro, 12.

João.

Em resposta a cartas tuas, já está em execução pelo menos duas vezes, quanto recebi as de 12 e 20 de mês passado, com o Quilô. Respondo por intermédio do Cleary.

Sinto q. não tenhas recebido a conferência de Pernambuco. Vê por ali q. o Covais me deu na paz deixa de entregar o q. deve. Eu não os mandei a conferência. Tinha mandado a quantidade de jornais q. foram referidos nas as acts de Pernambuco como a' de S. Paulo, como aos três banquetes q. se teve dos portugueses e dos Italianos. A minha ambição era imitar-te de papel brasileiro, e ver se pertias a culpa e outras coisas. Vê agora q. estás para abril. Mas abril porque? Era agora o momento. A minha hypothese não era, pombalinos: não ganhava dinheiro. Mas pelo menos mais q. ali se certo. E depois não o calor do Brasil. Se naevés de facto de conferências como a do Mar, a duas patrióticas - lus-brasileiras - vem pelo amor de Deus. faltar dinheiro - seu governo, o q. eu acredito q. não se fará. Agora, se deusas, o Quilô deve o governo. Esses gajos ao fim é q. não tem.



12 de outubro, 1919

Outubro, 12

João

Em resposta a cartas tuas, já este mês escrevera pelo menos duas vezes, quando recebi as de 12 e 20¹ do mês passado, com o *Anteu*.² Respondo por intermédio do Chaby.³

Sinto que não tenhas recebido a conferência de Pernambuco.⁴ *Vês por aí que o Correio mesmo na paz deixa de entregar o que deve.* Eu não só mandei a conferência. Tenho mandado a quantidade de jornais que fazem referência não só ao caso de Pernambuco como à de S. Paulo,⁵ como aos dois banquetes⁶ que cá tive dos portugueses e dos italianos. A minha ambição era inundar-te de papel brasileiro, a ver se perdias a cabeça e vinhas mesmo. Vejo agora que adias para abril. Mas abril por quê? Era agora o momento. A única hipótese má era, ponhamos: não ganhares dinheiro. Mas pelo menos mais que aí era certo. E depois vias o calor do Brasil. Se escreves *de fato* 5 conferências como a do Mar, e duas patrióticas – luso-brasileiras – vem pelo amor de Deus. Ganhas dinheiro – sem governos, o que eu acredito que não se dará.⁷

Agora, se demoras, o Altino⁸ deixa o governo. Esses *gajos* no fim é que são bons.

Tenho a tristeza de confessar que o meu estilo epistolar desaparece totalmente quando te escrevo. É por muita coisa a dizer ou por um excesso de afeição saudosa? Decididamente gosto muito do Poeta!

Assim, vai lendo a maluqueira e dividindo, conforme entenderes, certo de que a *1ª parte – a tua vinda, é a principal sempre.*

Gosto imenso que o *Sísifo* venha antes do *D. João*. *D. João* é um grande poema extremamente abstrato no seu exemplo prático e o *Sísifo* é tremendamente exemplar no renovamento do seu símbolo. Depois do grande *Anteu*, continuaste na altitude, a ver como recebiam o filho de *Anteu*, que vê o futuro. A tua *Oração à Patria* e a *Ansiedade* mantêm o calor de fogueira aos ventos. *Sísifo* dirá ao mundo que além de realizar e crer no futuro – é preciso *insistir, insistir, insistir* para mostrar ao mundo o rádio ideológico que há em toda a obra terrena.⁹

Que díptico espantoso, Poeta! E depois que vida exemplar, a tua. Tu és feliz! Tu és feliz porque tens talento e deixas a maior obra latina. D'Anunzio é grande. Mas todos os seus *laudi* augustos não valem, não exprimem o que essas duas colunas solares da *Esperança da Raça* exprimirão para o mundo.

Deves ter recebido o meu telegrama para o Urrich entrar na *Patria*. Essa *Patria*, eu mandei fazer antes os prospectos e só amanhã começarei a arranjar os dinheiros. Arranjarei decerto: são 400 contos daí, portugueses, isto é 800 brasileiros que é preciso levantar.¹⁰

Mas levantarei em 15 dias, ou não penso mais nisso.

Era porém de grande utilidade que os dinheiros do Nuno entrassem na história. Como após uns 10 subscritores de importância eu faço a lista de assinaturas no Ultramarino¹¹ – os subscritores portugueses dão um ar para a colônia aqui – e eu (que na sociedade em comandita – de que sou solidário – garanto com a maquinaria o capital subscrito) farei

por eles do ponto de vista negócios por cá – o que faria se tivesse dado resultado a *Patria* luso-brasileira Lisboa – Rio.

Para o Nuno – ao qual só escrevi falando da lamentável situação da *Atlantida* [estamos a 12 de outubro e só há poucos dias o *Alves não pôs* à venda (ele põe que é melhor não por) o número que eu deixei em Lisboa em julho!]¹² – é utilíssimo isso, pois terá uma base para tratar do Anuário.¹³

Destaquei a pág. 3 para mostrares ao Nuno.

Continuemos.

Ambientes de mesquinhas, meu João, são todos. Podes tu imaginar o ódio que encontrei aqui, as raivas, os despeitos com os meus triunfos! Basta dizer-te que após 2 banquetes das colônias fortes – os brasileiros não tiveram nem a capacidade de fingir necessária a mostrar que não me invejavam. São os literatos do meu país bem iguais aos do teu! Ou piores! Infinitamente piores!¹⁴

Nós não podemos viver fora desses ambientes.

1º - Porque é o que eles querem e é sempre mau satisfazer gente inferior a nós.

2º - Porque é da exasperação do ambiente que nos vem o indireto estímulo, a raiva para produzir, isto é, superá-los escandalosamente.

3º - Porque, *querendo*, acabamos quebrando-os.

Amizades? Mas quando viste amizades na vida? Eu tenho 38 anos e só consegui amar um literato: tu. Graças a Deus que foi um gênio. Os malandrins que nos tratam de *sr. dr.* são melhores porque pelo menos não pretendem negar a nossa inteligência.

E acho que não te deves recusar à vida prática.

Por telegrama já mandei dizer: o *Paiz* paga os teus artigos e receberá a tua colaboração 1 vez por semana a 10\$000 fortes.¹⁵ Escreve não pelo dinheiro, mas pelo público.

E agora no n. 5 a *severidade* para o Andrade.¹⁶

Mostra-lhe

Antes lê o prodígio

Está claro, *mon petit*, que esse dinheiro inteirinho é para vires ao Rio. Teria um grande prazer em ter este ano os livros do Aillaud.¹⁷ Vou ter um enorme trabalho – porque Alves não faz o menor reclamo.¹⁸

Por isso peço que o Aillaud me mande de cada 100 exemplares para distribuir.

A mulher e os espelhos é um sucesso de venda. Mas o miserável Brandão ainda não me mandou as provas do *Rosário da ilusão*¹⁹ e dos outros.

Que fazer?

Há um livro reedição: *Correspondência de uma estação de cura* que agradaria imenso aí. Fala com ele, com a fera.

As edições têm deixado os editados furiosos. O Celso Vieira²⁰ está indignado – o Celso que pôs no *Semeador*²¹ o magistral artigo sobre a *Oração à Patria*,²² artigo que devias mandar transcrever aí.

E até breve – gigolô da Lina... não Cavallière, mas apetecível. Respeitos à Senhora de Âmbar e Rosas²³ – que não soube ver em mim um esteta admirador com tanto amor à beleza que até não tinha ciúmes do *meu* João.

Beijos do velho

Paulo

1. Refere-se a duas cartas enviadas por João de Barros, em 12 e 20 de setembro.
2. *Anteu*, livro de poemas de João de Barros, enviado para publicação pela Francisco Alves, conforme comentado em carta anterior, de agosto de 1919.
3. António Augusto de Chaby Pinheiro (1873-1933), ator português.
4. Em seu retorno da Conferência de Paz, vai a Recife e realiza, na Faculdade de Direito de Pernambuco, em 6/8/1919, a conferência “O Brasil após a Guerra”, publicada no livro *Na Conferência de Paz - do armistício à paz de Guerra*, de 1919.
5. A convite do Circolo Italiano, em 20/9/1919, João do Rio fez uma conferência para a colônia italiana, no Teatro Municipal de São Paulo, sobre a data nacional que marcou o início da unidade da Itália, com a entrada do rei Vittorio Emmanuele II em Roma, em 20 de setembro de 1870.
6. Banquete oferecido a João do Rio pela colônia portuguesa, realizado no Clube Ginástico Português na noite de 6/9/1919, no Rio de Janeiro. Também é agraciado com um banquete oferecido pela colônia italiana em São Paulo, em 15/9/1919.
7. Tenta convencer o amigo a visitar o quanto antes o Brasil, onde poderia fazer conferências por um bom dinheiro, mesmo sem a interferência dos políticos amigos, o que compensaria a viagem.
8. Altino Arantes foi presidente do Estado de São Paulo de maio de 1916 a maio de 1920, e político a quem recorriam frequentemente, pois Arantes era amigo de ambos.
9. Desdobra-se em elogios à qualidade poética do amigo, e a obras já publicadas de João de Barros (*Anteu*, *Ansiedade*, *Oração à pátria*).
10. Comentário sobre o apoio financeiro da colônia portuguesa no Rio e de empresários portugueses para lançar *A Pátria*.
11. Contava com Nuno Simões para conseguir investidores entre o empresariado português, inclusive junto ao Banco Ultramarino, onde pretendia conseguir 10 subscritores de ações do futuro jornal. Escritor e jornalista português de *O Século*, de Lisboa, Nuno Simões passara a coproprietário da *Atlântida*, no lugar de Pedro Bordallo Pinheiro, a partir de 1917.
12. Problemas administrativos da *Atlântida*, principalmente de distribuição no Rio, realizada pela casa editorial Francisco Alves.

13. Citação de difícil compreensão, não aponta a que Anuário se refere.
14. Fala de inveja dos literatos pelo sucesso dele, que acabara de chegar de um longo e produtivo período na Europa, cobrindo a Conferência de Paz, em Paris.
15. “(...) no Brasil havia os réis fracos, que eram a moeda corrente, e os réis fortes, usados nas operações cambiais com o exterior, incluindo Portugal.”
ALMEIDA, D. *Centenário da República: a criação da Escola Feminina em Travanca*, 25 mar. 2011. Disponível em: <http://travancaintemporal.blogspot.com.br/2011/03/centenario-da-republica-criacao-da.html>. Acesso em 29 out. 2012.
16. Trecho de difícil compreensão.
17. Aillaud e Bertrand, editora franco-portuguesa, que publicou *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar* (1916), *Adiante!* (1919) e publicaria *Ramo de loiro* (1921).
18. Reclama que o editor Francisco Alves não faz propaganda das obras que distribui. Por isso pedia ao editor da Aillaud que mandasse livros para ele mesmo distribuir e divulgar.
19. *A mulher e os espelhos* e *Rosário da ilusão* foram lançados pela Portugal-Brasil, dirigida por Arthur Brandão.
20. Celso Vieira (1878-1954), escritor, colaborou na *Atlântida*.
21. *O sementeiro* (1919), livro de Celso Vieira, em que publicou ensaio sobre o livro de poemas de João de Barros.
22. *Oração à pátria*, livro de João de Barros.
23. Refere-se a Lina, suposta amante de João de Barros, não tão bela como a cantora de ópera italiana Lina Cavallieri (1874-1944).

11/1/1902

Meu caro Jacó

Esta carta q. te entregarei no momento devido. Lúiz - Embaixador, quasi me a escrevo, tendo ~~me~~ q. não mais te escreve em Lisboa. Uma telegrama de 19. 19. disse-me ha quinze dias q. estás a partir para o Rio. Queira esta carta a Lezíria.

- Recebeste a missiva folhetim q. te mandei pelo Cleary partido, q. foi a 10 de outubro? Lá te direi mais coisa.

• Parece q. me digas exactamente quando vens

- Parece q. visitas com o Journal sobre os meus livros ainda até anno. Elle não tem nenhum artigo de reviews sobre Journal e Expelleo, não sendo a excellentissima facim a do colosso. E por ficar mais. O Paradiso por outro. me prova a 25 de julho ou de novo. Escrevo em novembro, e Paradiso me uma palavra, me prova.

Ora o Revista de Illustração não pode sair sem revisão minha. E' impossivel.

• Os rapazes da Renascença devem mandar as jornadas a revista. Aqui já o Paiz por portuguez, Paiz ou multo ali falaram. No n.º de hoje - 1.º de novembro Mello, e Revista da Semana publicaram artigos dos rapazes. Tuos se arranja para q. elles venham cá em abril

1º de novembro, 1919

Meu caro João

Esta carta que te entregará o nosso querido Luiz – Embaixador, quase não a escrevo, temendo que não mais te encontre em Lisboa. Em telegrama a Aura Abranches¹ disse-nos há quinze dias que estavas a partir para o Rio.

Assim esta carta é lacônica.

– Recebeste a missiva folhetim que te mandei pelo Chaby² partido daqui a 10 de outubro? Lá te disse várias coisas.

– *Preciso que me digas exatamente quando vens.*

– Peço-te que insistas com o [...] sobre os meus livros ainda este ano. Ele não tem nenhum êxito de livraria como *A mulher e os espelhos*,³ cuja venda e acolhimento têm sido colossais. E por falar nisso o Brandão prometeu-me provar a 25 de julho em Lisboa. Escrevo em novembro e Brandão nem uma palavra, nem provas.⁴

Ora, *O rosário da ilusão*⁵ não pode sair sem revisão minha. É impossível.

– Os rapazes da *Ressurreição*⁶ devem mandar aos jornais a revista. Aqui já *O Paiz* pág. portuguesa, *Paiz* em [...] etc. falaram.⁷ No n. de hoje – 1º de novembro *Malho*, a *Revista da Semana*⁸ publicam artigos dos rapazes. Tudo se arranja para que eles venham cá em abril.

– Tu precisas acentuar a direção do grupo. Aqui o teu prestígio é patente, certo, sem discussões na massa e na escol.

Vou mandar-te o *forte* do Paulo (Alves Editor) que ainda não recebi, apenas por não ter ido lá senão para apressar a edição do doutor *Anteu*.⁹

– Estás colaborador de *O Paiz*, 10\$000 por artigo, isto é, 10 escudos. Mas *pagam mesmo*. Mandarei teleg. os seus atrasados do *Paiz*.¹⁰

– A minha ideia da *Patria* parece que pega. Os capitalistas dão-me de fato. São 500 contos fortes!¹¹ É espantoso! E aí o nosso Nuno?¹² Mas não se decidem, não se faz a *Patria* daí? E quando vem o dinheiro deles para a sociedade aqui?¹³

– A *Atlantida*, Luiz evi-te-a, mandada para o cemitério das publicações idênticas que é o Alves, sem ser vendida nos *pontos*, sem ser distribuída, não existe, não aparece.¹⁴

É tal essa ausência que até agora mesmo no Alves só encontrei o n. que li em Lisboa. E que não me achei com ânimo de escrever uma linha aos jornais. Para que ter trabalho, enganar a vocês e dar reclamos de uma coisa – que ninguém encontra?

Que valeu porém falar em Lisboa, 5,0000 vezes da *administração da Atlantida*. *Assim perdemos uma pequena fortuna em assinaturas e nas subvenções – impossíveis sem que ela apareça.*

– Reclama o meu livro *A mulher e os espelhos* aí.¹⁵

Não vi um artigo só, uma nota além de um reclamo burríssimo do Brandão que põe *A mulher e os espelhos* ao lado daquela estupidez da *Laetitia*, como um rol de roupa suja.¹⁶

Aliás, prometeste isso.

– Não largues Dantas aí para atrapalhar o Brandão.¹⁷

– Esperemos que o caríssimo Fontoura¹⁸ não fique embaixador muito tempo aí.

Como novidade: a *missão* da Júdice dissolveu ontem em Santos.
Brigaram com o Ortigão pelo excesso do reclamo a esposa Cacilda.
Estavam todos ávidos de dinheiro. Imagina tu que eram aqueles
trololós do Ruy ao piano e Cacilda Júdice, Júdice Cacilda entremeados
de um barítono de 2ª ordem – eles aqui em 4 concertos fizeram
15 contos fortes no mínimo, em um mês. Em S. Paulo e Santos
englobados devia ter sido o mesmo.¹⁹

Espero que o interesse de novo os reúna.

Grandes abraços no Dr. Paulo²⁰

Recomendações gerais. *Saudades delirantes de Lisboa*.

Beijos para o Grande Gênio – João de Barros

do velho

Paulo

Ataulfo²¹ delirante

escreveu-te agradecendo

Vem, João!

Vem!

Vem!

1. Aura Abranches, a bela atriz portuguesa, filha de Adelina Abranches, com quem João do Rio tivera um flerte, em 1913.
2. Havia mandado duas cartas ao amigo por intermédio de Luís de Sousa Dantas, diplomata brasileiro, e Augusto de Chaby Pinheiro (1873-1933), ator português.
3. Livro de contos publicado em 1919 pela Portugal-Brasil, editora portuguesa.
4. Arthur Brandão, editor da Portugal-Brasil, está com a prova de outro livro de contos *Rosário da ilusão*, publicado somente em 1921.
5. *Rosário da ilusão* (contos), publicado pela editora Portugal-Brasil em 1921.
6. *Ressurreição*, revista portuguesa.
7. O jornal *O Paiz* tinha uma página com notícias de Portugal, como era comum nos periódicos da época. Provavelmente, o jornal publicou artigos de escritores portugueses colaboradores da *Ressurreição*.
8. *O Malho* e *Revista da Semana*, revistas cariocas.
9. Diz que vai remeter dinheiro devido pelo editor Paulo Ernesto de Azevedo, então um dos proprietários da Francisco Alves, pela edição no Brasil de *Anteu*, livro de poemas de João de Barros lançado em 1912 em Portugal.
10. Garante que vai cuidar para que o amigo receba os atrasados pela colaboração em *O Paiz*.
11. Está prestes a lançar *A Pátria*, mas depende de patrocinadores, inclusive de Portugal. "(...) no Brasil havia os réis fracos, que eram a moeda corrente, e os réis fortes, usados nas operações cambiais com o exterior, incluindo Portugal." ALMEIDA, D. *Centenário da República: a criação da Escola Feminina em Travanca*, 25 mar. 2011. Disponível em: <http://travancaintemporal.blogspot.com.br/2011/03/centenario-da-republica-criacao-da.html>. Acesso em 29 out. 2012.
12. Nuno Simões, colaborador da *Atlântida* que a partir de 1919 passa a ser coproprietário da revista, no lugar de Pedro Bordallo Pinheiro.
13. Aguarda auxílio financeiro de empresários portugueses para lançar o jornal.

14. Problemas com a distribuição da *Atlântida* no Rio, a cargo da editora Francisco Alves, que parece descuidar da distribuição, o que comentara em outra carta. Ou seja, de que adiantava encontrar anunciantes, se esforçar, se a revista não tinha visibilidade?
15. Pede ao amigo que faça reclame, ou seja, propaganda do livro *A mulher e os espelhos* em Portugal.
16. Arthur Brandão, da editora Portugal-Brasil, citou o livro em uma coluna de jornal, mas o colocou no mesmo patamar que outro, considerado por João do Rio de nível inferior.
17. Julio Dantas, escritor português, colaborador da *Atlântida*.
18. Não foi identificado no período embaixador do Brasil em Portugal com tal sobrenome.
19. Comentário sobre concerto de Maria Bárbara Júdice da Costa (1870-1960), cantora lírica portuguesa, e Ruy Coelho, músico erudito português. Comenta em carta do mesmo período que o escritor Ramalho Urtigão tivera um caso com a cantora.
20. Paulo, filho mais velho de João de Barros.
21. Ataulfo de Paiva, amigo de ambos, agradece uma comenda concedida a ele pelo governo português por interferência de João de Barros.

Jacinto.

Recebo hoje uma carta da Cyra de Trancoso, filha de Trancoso q. Tambem te mandou pedir commendas. Tu fizesse o erro de commendar o netinho do Bastuchos, sujeito q. não fara nada a Portugal; e sabes q. eu sou peço commendas para quem tenha sympathia e possa ser util ao mesmo effeito.

Por isso não peço para netinho do diplomacia elegante e Tambem não peço para o Cyro;

Deixa para depois. Exerere-lhe vales resendo, dizendo q. vales fazer, etc. Deficiam-me um pouco! E a parte minha da commenda e' uma annua, e neste a commenda da minha annua antes de ser a paga do meu cargo.

Eu vivi dez annos a viver sobre Portugal para ser de Christo. O netinho do Bastuchos queri nada o Maior Paeta de Portugal em um partido vovaz e e' p'curado por mim.



—

Éda carta tua de ser ap'osto. Tu indaga dos artigos q. deviam sair sobre A. Mulla e os Espellos. E peço te passar os outros uns livros q. estão no pillant, ~~mas~~ principalmente o Ramo de Loui

Peço tambem fazeas as Revistas para me dar - me as provas do Romario de Mello.

Só te commiguias isto.

Por aqui - calor, terremoto, 10, 000 automoveis, ameaça de revolucao contra o Episcopo tuboz, tu' d'ista tua p'ito elle.

Eu - muito a amavel.

Os Brasileiros vão dar-me um bapuzete. Tu achas isto supremamente expuzeto depois do bapuzete de 400 vottas, da colonia portuguesa e da colonia italiana, e eu q. foi morto o proprio entrecastor e sobre Bostari - com impuzza do nome proprio queri do Bostari...

—



Dezembro, 1919

João

Recebo hoje uma carta do Cyro de Freitas Vale¹ dizendo que também te mandou pedir comendas.² Tu fizeste o erro de comendadar o cretino do Bastinhos, sujeito que não fará nada a Portugal; e sabes que eu só peço comendas para quem tenha simpatia e possa ser útil ao nosso esforço.³

Por isso não peço para meninos da diplomacia elegante e *também não* peço para o Cyro.

Deixa para depois. Escreve-lhe valorizando, dizendo que vais fazer etc. Defendamo-nos um pouco! E a promessa da comendada é uma arma, sendo a comendada uma derrota antes de ser a paga de um serviço.

Eu levei dez anos a escrever sobre Portugal para ser de Christo.⁴ O cretino do Bastinhos quase mata o Maior Poeta de Portugal com um pedido voraz e é premiado por isso.

Esta carta tem de ser egoísta. Eu indago dos artigos que deverão sair sobre *A mulher e os espelhos*.⁵ E peço-te passar os olhos nos livros que estão no Aillaud, principalmente o *Ramo de Loiro*.⁶

Peço também falares ao Brandão para mandar-me as provas do *Rosário da ilusão*.⁷

Só tu conseguirás isso.

Por aqui – calor, enervamento. 10.000 automóveis, ameaça de revolução contra o Epitácio talvez, tão idiota tem sido ele.⁸

Eu – neutro e amável.

Os brasileiros vão dar-me um banquete. Eu acho isso supremamente engraçado depois do banquete de 400 talheres da colônia portuguesa e da colônia italiana, em que foi orador o próprio embaixador conde Bostari – com surpresa do nosso próprio querido Dantas...⁹

Estas tiras chegarão aí pelo Natal. É de praxe dar boas-festas.

O meu coração deseja para o Poeta um alegre final de ano e um novo ano ruidoso de glória e de dinheiro, com viagens a Paris e a Roma – depois da visita à luz elétrica do Rio.

do velho

Paulo

saudades imensas. E também saudades de Lisboa, sem tanta luz elétrica, sem 10.000 automóveis, sem tantas avenidas. Mas deliciosa, deliciosamente deliciosa.

1. Cyro de Freitas Vale (1896-1969), advogado e diplomata brasileiro.
2. Comendas, homenagens de Portugal a escritores brasileiros.
3. João do Rio aconselha que o amigo interceda pela oferta de comendas apenas àqueles empenhados na aproximação entre Portugal e Brasil, como os dois “Joões”.
4. João do Rio recebeu Comenda da Ordem Militar de Cristo do governo português, por sua simpatia pelo país e esforço pela aproximação luso-brasileira.
5. Pede ao amigo que escreva nos jornais sobre *A mulher e os espelhos*, lançado pela Portugal-Brasil em 1919.
6. *Adiante!* (1919) e *Ramo de loiro* (1921) foram lançados pela Aillaud Bertrand.
7. Arthur Brandão, da Portugal-Brasil, que lançou *A mulher e os espelhos* em 1919 e *Rosário da ilusão* em 1921.
8. A crítica de João do Rio ao presidente Epitácio Pessoa será incisiva e implacável em 1920/21, em função do teor nacionalista e antilusitano que seria adotado pelo governo.
9. Luís de Sousa Dantas, diplomata brasileiro, amigo de ambos. Havia recebido banquetes das colônias portuguesa e italiana. Segundo Raimundo de Magalhães Júnior, a colônia italiana em São Paulo havia ficado encantada com a série de reportagens que João do Rio escrevera sobre Roma enquanto cobria a Conferência de Paz. Segundo o biógrafo, um homem com tamanho prestígio em colônias poderosas, como a portuguesa e a italiana, poderia galgar a tão almejada vaga no Ministério das Relações Exteriores, que lhe fora negada em 1909 pelo Barão do Rio Branco. Com Epitácio Pessoa no poder, então um aliado político, conseguiria, por fim, o posto onde realmente queria, em sua amada Lisboa? Não.

11 11
N.º 1/2122

Meu querido Jacó.

Emo Branco é perfeitamente louco. Imagina a tua
a minha impressão lendo pela manhã, ao acordar um
teleg. de A. A. em q. se dizia "J. B. subito adque fiza
do recolhido casa; estado grave."

Parece-me um telegrama lido e o proprio António, apesar
da desconfiança do Branco, estava afflicto.

Velozmente dois dias depois a mesma A. A. annunciava q. voltara
ao ministerio. Uff!

E agora passo a varios assumptos meus, graças q. a tua
saude.

- 1º - Mandei longa epistola pelo Chaby e outra pelo
Souza Bastos com livros etc
Em uma d'ellas falava largamente do teu livro. Recolheras
1.000 exentos. Esta' feito. A edicão vai commençar ja'
porque a balnearia tipografica e' cá quasi como
ahi.



Dezembro, 1919

Meu querido João

Esse Branco é perfeitamente louco. Imagina tu a minha impressão lendo pela manhã, ao acordar um teleg. da Aura Abranches em que se dizia “J.B. súbito ataque fígado recolhido casa, estado grave.”

Passei-te um telegrama louco e o próprio Antonio, apesar de desconfiar do Branco, estava aflito.

Felizmente dias depois a mesma Aura Abranches anunciava que voltaras ao ministério.¹ Uff!

E agora passo a vários assuntos menos graves que a tua saúde.

1ª Mandeí longa epístola pelo Chaby e outra pelo Souza Dantas com livros etc.

Em uma delas falava longamente do teu livro. Receberás 1.000 escudos. Está feito. A edição não começou já porque a balbúrdia tipográfica é cá quase como aí.

Não tive o menor trabalho. O Paulo Azevedo² recebeu o *Anteu* e os maiores entusiasmos pelo *Anteu* e pelo autor.

Mas a nota cômica:

Sabes que não havia no Rio *Anteu*. Os exemplares eram vendidos nos *sebos* por mais do preço de novos. Pois encontraram no Alves (hoje

Paulo Azevedo) um velho caixão cheio de *Anteus*. É essa livraria, que jamais deu atenção aos livros que não são editados por ela, que tem hoje a *venda* da *Atlantida*!!!

O Paulo Azevedo combinou comigo recambiar para Portugal o caixão para não fazer mal à *sua* edição. E quanto à *Atlantida* está farto de me dizer que procurem outro.³ Ele aliás é inteligente e amigo.

2ª – *A mulher e os espelhos* é um sucesso escandaloso. O maior sucesso meu. Esgotados todos os volumes que aquele Brandão⁴ mandara ao lado do livro do Gardenia⁵ e [...] baboseiras. Passaram telegrama para que mandasse mais. Mas eu continuo a pedir a você que me consiga as provas do *Rosário da ilusão*.⁶

É impossível que esse livro saia, sem ser revisto por mim.

Esta carta foi começada há 10 dias. Desejei terminá-la para ir com a Judice, mas fiquei doente ligeiramente na véspera da partida da cantora ilustre,⁷ que foi assaz embrulhada aqui pelo Sebastião Ramalho Urtigão.⁸

Vai pois com o Eugenio.⁹

Continuo.

O teu Anteu ainda.

Recebi uma carta tua dizendo querer que os 1.000 escudos ficassem à tua espera. Recebi no mesmo dia telegrama pedindo-os. Mandei-os, também por telegrama e enviei-te outro dizendo que devias encontrar a soma no Banco dos Açores, que é aí o correspondente do *British*, por onde os remeti.¹⁰

Combinado: *Anteu* aparece em abril com a tua chegada.¹¹ Hás de permitir que suprima aquela quase dedicatória. *Anteu* não pode ser dedicado senão à Humanidade. Quando muito à *Patria*, por excesso de gentileza para com essa madrasta dos gênios.

*Eugenio Santos Tavares*¹²

Eugenio combinou com a Aurea¹³ contar-te uma série de pilhérias a meu respeito para te meter ferro. Os dois acreditam que tens um pouco de ciúme da minha amizade e que por isso emburras com a Aurea. O Eugenio, que viveu sempre aqui na colônia, vendo através da colônia, só por último viu a Aurea e ficou *ebloui*¹⁴ pelo gênio aureano. Tinha razão: foi amante da irmã que não tem gênio mas é bonita, em estilo da Saúde: *um bom pirão*.¹⁵

Não me mostres esta carta e prega-lhe a peça de concordar, inclusive com casamento Aurea-Paulo. As pilhérias foram combinadas no Leme, à minha vista. Eu ri imenso.¹⁶

Santos Tavares, como me disseste é um excelente camarada – bom e sincero. É-te muito afeiçoado, com uma gota de ciúme talvez pela tua situação no Brasil.

E se ele soubesse que ela é *apenas* do público! Sabes o que aconteceu com o caixão dos *Anteu* nesses 15 dias? O Paulo pô-lo à venda, e só restam 2 exemplares.

Poeta aureolado!¹⁷

A minha *Patria*.¹⁸

Parei uns dias com a história da *Patria*, porque o cidadão que se me propunha para gerente, não arranjava nada e já dizia que o jornal seria dele. Pela 3ª vez fazer jornal para os outros seria demais.

Tenho que o semear...¹⁹

A situação é esta: subscrição brasileira 1.100 contos já. Subscritores portugueses a meu pedido, assinando só uns 40 contos. O ultramarino recusou e o Português idem²⁰ – ao Mosca que é o tal ex-gerente. Eu ainda não os fui ver. Os telegramas sobre o assunto que recebeste são do Mosca.

Creio que não lograram interessar as esferas financeiras.

Atlantidas

Vi os últimos números com o Malheiro Dias.²¹ Ainda não chegaram nem ao Alves nem a mim.²² Folgo que te decidas a fazer a *Atlantida fazer o Brasil*. Ganharemos dinheiro.

Como está é totalmente impossível.²³

O meu discurso²⁴

Mando-te pelo Eugenio²⁵ 50 exemplares para que me faças o favor de distribuir por Portugal – redações etc. Ficarei agradecidíssimo.

Esta carta vai te encontrar em natal. Boas saídas. Melhores entradas. Um novo ano radioso, com algumas viagens a Paris e à duquesa de Sforza²⁶ depois do abril do Brasil.

Um beijo no Paulo.

Shake-hands ao casal maior

Respeitos a D. Rachel. Abraços ao João de Deus.²⁷

É a fortuna, [...] que a glória já é tua.

Com o coração

Paulo

Releio estas notas. Se eu escrevesse sempre neste lindo estilo só tinha um caminho a seguir: ser reprovado em português e em seguida eleito membro efetivo da Academia Brasileira!²⁸

Mas por falar nisso: pede ao Brandão as provas do *Rosário*!²⁹

Recebi os botões pelo insuperável cretino Bastinhos que me contou a sua contundente ambição de comendas, capaz de levá-lo até à tua casa, até ao teu leito de doente para pedir.³⁰

Esse idiota é um inútil.

Estava-te agradecidíssimo porque no dia da chegada leu a tua condecoração nos jornais.

Porque [sic] fizeste isso? O animal estava contente. “Em Paris Cristo confunde-se com a *Legion*.³¹”

Esses brasileiros, três vezes, estão a estoirar-te. Que te pediu o Rodrigo Octavio? A lua? O arco da Rua Augusta? A presidência? E o Dantas?³²

O diabo é que eles não são nem gratos nem amigos. São a canalha do *venha a nós*.

Essa do Bastinhos comendador de Cristo de Portugal é de escachar.³³

Mas que cavador o patife!

Nos botões falta um de colete. Usam agora 4 botões nos coletes da casaca. Manda-o fazer e trá-lo quando vieres, se não te aborrecer.³⁴

Saudades imensas do

Teu Paulo

1. Comenta que havia recebido telegrama e A. A. (Aura Abranches, a bela atriz portuguesa, filha de Adelina Abranches, com quem João do Rio tivera um flerte), com notícias sobre a saúde de poeta. Provavelmente, um “alarme falso”, conforme mesmo sugeriu o empregado (doméstico) de João do Rio, Antonio.

2. Enviara duas cartas a João de Barros, por António Augusto de Chaby Pinheiro (1873-1933), ator português, e Luís Martins de Sousa Dantas, diplomata brasileiro. Comenta que Paulo Azevedo, editor da Francisco Alves, iria lançar o livro de poemas de João de Barros *Anteu*, no Rio, edição pela qual já recebera um adiantamento.

3. O editor não se interessava mais pela venda da revista, problema que se somava a muitos outros, como financeiro e de distribuição.

4. Arthur Brandão, da editora Portugal-Brasil, que publicou *A mulher e dos espelhos* em 1919.

5. Ironiza o livro de Paulo de Gardênia, pseudônimo de Benedito Costa (1889-1959), publicado pelo mesmo editor.
6. Esse mesmo editor iria lançar *Rosário da ilusão* somente em 1921. João do Rio pede a prova do livro ao amigo, por criticar o excesso de erros nas publicações dele lançadas por essa editora.
7. Maria Bárbara Judice da Costa (1870-1960), famosa cantora lírica portuguesa.
8. O comentário sugere que a cantora teve um caso com o escritor português Ramalho Urtigão, no Rio de Janeiro.
9. A carta foi levada por Eugênio Santos Tavares.
10. Avisa ao amigo que remeteu o pagamento ao poeta referente ao adiantamento do editor da Francisco Alves pela publicação de *Anteu* através do Banco dos Açores.
11. Avisa que o livro seria lançado quando João de Barros chegasse ao Rio, em abril de 1920.
12. Eugênio Santos Tavares, um amigo do círculo social de João do Rio e João de Barros.
13. Provavelmente Aurea Porto Carrero, *socialite* com quem João do Rio, segundo Raimundo de Magalhães Júnior, mantinha um *affair*, e para quem João do Rio mandava muitas cartas, que chamava de folhetins.
14. Deslumbrado.
15. Mulher bonita e sensual.
16. Esse trecho revela que Eugênio Santos Tavares combinara com João do Rio e Aurea Porto Carrero, no Leme (em algum restaurante ou casa de amigo) que inventaria o casamento do jornalista com Aurea, para pôr ciúme em João de Barros, que, avisado, deveria fingir acreditar.
17. João de Barros era bastante respeitado e admirado no Rio de Janeiro, isso foi visto em diversas cartas. Colaborou na *Gazeta de Notícias*, em *O Paiz*, e iria reeditar *Anteu* pela Francisco Alves (comprada por Paulo Azevedo).
18. Ainda iria lançar *A Pátria*, em 15/09/1920. Esta carta é de 1919.
19. Francisco da Luz Mosca seria o tal gerente, que auxiliava João do Rio a angariar subscritores de ações do novo jornal junto aos comerciantes e banqueiros brasileiros e à colônia portuguesa do Rio. Já havia se dedicado demais à *Gazeta* e a *O Paiz*, agora era a vez de montar a própria folha, tinha poder político e influência para tal empreitada, de fato.
20. Banco Nacional Ultramarino e Banco Português.

21. Tinha visto os últimos números da revista *Atlântida* com Carlos Malheiro Dias, então diretor da *Revista da Semana* e também colaborador da revista.
22. A Editora Francisco Alves então era responsável pela venda da revista.
23. Ainda acreditava que seria possível reverter o pouco sucesso da revista, que acabaria em 1920.
24. Refere-se a discurso proferido em 06/09/1919 no teatro Real Clube Ginástico Português para a colônia portuguesa, evento organizado por Carlos Malheiro Dias, colaborador d'*O Paiz*, da *Atlântida*, diretor da *Revista da Semana*. O discurso foi ricamente encadernado e ilustrado.
25. Eugênio Santos Tavares levaria esta carta e o discurso encadernado a João de Barros, que se encarregaria, a pedido de João do Rio, de distribuir o discurso em redações etc.
26. Insinuações sobre uma amante do poeta.
27. Refere-se ao próprio poeta, seu filho mais velho Paulo e a sua esposa, D. Rachel.
28. Ironiza a ABL e sua redação em cartas.
29. Pede mais uma vez que o amigo envie a ele a prova de *Rosário da ilusão*, que seria lançado em 1921 pela Portugal-Brasil.
30. Em outra carta comenta com indignação sobre a atitude de brasileiros que acorriam a João de Barros para pedir comendas e homenagens do governo português, provavelmente a Comenda da Ordem Militar de Cristo, ordem honorífica portuguesa. Quanto aos botões, refere-se a botões encomendados a João de Barros para uma casaca comprada por ele em Lisboa.
31. Ordre National de la Légion d'Honneur, Ordem Nacional da Legião de Honra - Condecoração francesa.
32. Parece que Rodrigo Octavio (1866-1944), fundador da cadeira 35 da ABL, advogado, escritor, e Luís de Souza Dantas (1876-1954), diplomata brasileiro, também pediam ao poeta a Comenda da Ordem Militar de Cristo. Ironiza, pois se João de Barros permitisse, pediriam até o arco da Rua Augusta, monumento de Lisboa.
33. Fender, abrir ou rachar pelo meio, à força.
34. Mais uma vez lembra o amigo de levar para ele o botão da casaca, feito em Lisboa. Essa é uma pequena demonstração da amizade e intimidade entre ambos, e de como era também um homem vaidoso.

Meu querido.

Parci varios dias nem te esquecer
pela balbúndia desordenada dos afazeres
nem sua finalizada. O dia 16 de
de outubro estou para mandar os jornais
com a notícia do lançamento brasileiro
a mim. Depois já mandar com o Paiz
com os tuas chronicas q. aguardam
francamente. E aqui da não mandei nada
d'isso! É' estúpido.

Hoje, 3 de janeiro, recibo os jornais com
o teu estupendo e maravilhoso artigo (o
do teu coração!) o artigo q. o nosso
esforçado Mauro escreveu para o João
de Barros, e todos os outros porta-vozes
da causa.

Immensamente contente!

Vou mandar-te um telegramma dizendo
q. precisas estar cá em meados de
março.

Explico.

Ha aqui, mimos desejo de te ver grande
vel. É' preciso andar e aprovar tan-
to momentos. Ora, em 1.º de maio em
S. Paulo muda o governo. É' impossível
deixar de aprovar o Plano e o
Decreto Rodrigues Alves. Tu precisas
estar em S. Paulo em abril.



O Cavalleto Agosto vem com infinita
vaidade de te ser útil. Elle fará a
auxiliará, o nome esse.

Para q. teulas o teu ambiente - tu q. és
tan socialista furioso e aborrecedorissimo
com o Pall-Mall fiz as pazes com to-
da a gente donde o Agosto está, mais
certos diplomatas. Elles não queriam
outra coisa. Bem-vem-me logo um banga-
le. Serás recebido por Todas, o Poeta
Hiper-Afirmativo!

q' proprioite falei de ti com a Embaixada
triz Maria Luiza. D'ora em diante. Ella
contá ainda ver o João antes de partir
para a Italia - o q. fará em principio
de abril no Príncipe de Viseu.

Portuguez, não podes fallar!

Temos factos...

Ha outros casos, tambem.

Enquanto ao jornal, está' uma barafunda.
Teus 300 outros fizes subscripções.
Mas isso não basta. So' um malina
nã teulo de pagar 600. É' deves
comprehector q. me é' impossível fa-
zer um jornalão.

Éis porque não te mandei as ações. Se
não realisar o jornal, estam, compli-
cadas... e me libra!

Paulina.



3 de janeiro, 1920

Meu querido

Passei vários dias sem te escrever pela balbúrdia desordenada dos afazeres sem finalidade. Desde 16 de dezembro estou para mandar os jornais com a notícia do banquete brasileiro a mim.¹ Depois ia mandar o *Paiz* com as tuas crônicas que agradam francamente. E ainda não mandei nada disso! É estúpido.

Hoje, 3 de janeiro, recebo os jornais com o teu estupendo e maravilhoso artigo (só o teu coração!) o artigo que o nosso enfarruscado Manso escreveu para o João de Barros, e todos os outros porta-vozes da fama.²

Imenso contentamento!

Vou mandar-te um telegrama dizendo que precisas estar cá em meados de março.

Explico.

Há aqui incenso desejo de te ser agradável. É preciso cantar e aproveitar os momentos. Ora, *em 1º de maio em S. Paulo muda o governo*. É impossível deixar de aproveitar o Altino e o Oscar Rodrigues Alves. *Tu precisas estar em S. Paulo em abril*.³

O Carvalho Azevedo⁴ vem com infinita vontade de te ser útil. Ele fará e auxiliará o novo caso.

Para que tenhas o teu ambiente – eu que estou socialista furioso e aborrecidíssimo com o *Pall-Mall*⁵ fiz as pazes com toda a gente desde o Azevedo até o mais cretino diplomata. Eles não queriam outra coisa. Deram-me logo um banquete. Serás recebido por *todas*, ó *Poeta Hiperafirmativo*!

A propósito falei de ti com a Embaixatriz Maria Luiza. Ficou ardente. Ela conta ainda ver o João antes de partir para a Itália – o que fará em princípios de abril no *Principe Udine*.

Português, não podes falhar!

Temos fados...

Há outros casos, também.

Quanto ao jornal, está uma barafunda. Tenho 300 contos fracos subscritos. Mas isso não basta. Só em maquinaria tenho de gastar 600. E deves compreender que me é impossível fazer um jornaleco.⁶

Eis porque [sic] não te mando as ações. Se não realizar o jornal, estamos complicados... e em Lisboa!

Pendência.

Em todo caso, estou sem níquel. Se fizer o jornal, mando as ações. Mas, se não fizer (e o Ultramarino negou-se) tenho de arranjar massa.⁷ Ora, seria uma ideia fazermos uma viagem de conferências pelo Brasil nós dois e seguirmos depois para [...] Paris Sfozza-Roma.

Não achas?

Vou pensar.

Garanto-te que arranjaríamos fortes somas.⁸

O teu livro vai sair quando aqui chegares.⁹ A balbúrdia tipográfica é cá tão feroz como aí. Será aliás esplêndido – pelos toques de caixa, os ribombos do aplauso.

[...] de março)

Maria Luiza

Altino

Oscar

etc.

Com o coração

beijos do

Paulo

Eugênio conheceu pouco os brasileiros e via por consequência as coisas de fora.

Não podemos dar ao jacobinismo de meia dúzia de mariolas a menor importância. A questão é prever propagações de disparates com a campanha em contrário.¹⁰

Terminando:

– Precisas vir, *estar aqui em março*.

etc.

1. Banquete oferecido pela colônia portuguesa do Rio de Janeiro, realizado no Clube Ginástico Português, na noite de 6 de setembro de 1919.
2. Artigo de João de Barros, não cita qual, nem em que jornal foi publicado. Joaquim Manso, jornalista português.
3. Altino Arantes Marques e Oscar Rodrigues Alves, políticos paulistas. Altino Arantes foi presidente do estado de maio de 1916 a maio de 1920. Eram aliados políticos de João do Rio e de João de Barros, por isso era preciso que o poeta viesse ao Brasil antes da mudança de situação em São Paulo.
4. Carvalho Azevedo, diplomata.
5. Parece que volta a se aproximar da elite que se afastara dele desde que sua coluna Pall-Mall Rio n'O *Paiz*, a princípio de grande sucesso, a qual assinava com o pseudônimo João Antônio José, sofrera campanha difamatória, ao ser parodiada por Humberto de Campos no jornal *O Imparcial*, do Rio, com a seção Pelle-Mole de João Antônio João, na qual satirizava João do Rio e toda a elite citada em Pall-Mall Rio.
6. Refere-se a custos e à subscrição de ações para lançar *A Pátria*.
7. Dinheiro.
8. Imagina que, com a vinda do português ao Rio e a viagem dos dois pelo Brasil para a realização de conferências, conseguiria bons contatos e patrocínio para o jornal.
9. Refere-se ao livro de João de Barros *Anteu* (1912), que seria lançado no Brasil pela Francisco Alves.
10. Parece ainda haver receio da parte de João de Barros, em razão de notícias recebidas em Portugal, por intermédio de Eugênio Santos Tavares, de eventual retaliação à presença dele no Rio por grupos de jornalistas, políticos e homens de letras antilusitanos.

NM/2458

Em todo o caso, estou aqui nickel.
Se fizer o jornal, quero as ações.
Mas, se não fizer (e o Ultramarino
aproveite) tenho de arranjar mana.
Ora seria uma ideia fazeremos uma via
gem de conferências pelo Brasil nos
lois e seguirnos depois para França
Paris - Spizza - Roma
Não achas?
Vou passar.
Fazem-te q' arranjaríamos for
sonnas.

O teu livro vai sair quando
chegares. q' baltaria tipo pra f
ca. São Luiz como ali. São
-explu
bos 2. a

NM/2458

Espero conhecer pouco os brasileiros
e via por consequência as coisas
de fora.
Não podemos dar ao jacobinismo de
meia ~~paria~~ ~~maria~~ a mesma
importancia. q' querião a preservar
propagandey de disparetes com a
campanha em contrario.
Não achas?

Parabéns!

- Precisas vir, estar aqui em março

Cartões de correio

Maria Luiza
Rplino
Oscar
etc.

NM/2458

Com o coração
beijos de

Fauzy

Meu caro João

Como o Orbita parte a 23 esta carta já chega
 ra a Lisboa alguns dias depois do teu aniversário. Ora,
 eu começo a escrevê-la, lembrando aquele jantar de intimi-
 dade íntima, em q. tu tinhas ha um anno a tua familia
 e alguns amigos. Mas onde eu sabia q. amava uma creatura
 q. tambem me estimava. Consoladora seria nos tempos em
 q. os amigos duram dois dias! Seria muito desagradavel se
 eu não pudesse manter esta tenura por ti - pelo teu talen-
 to de diamante, pelo teu coração, por tudo quanto em ti e'
 bom, generoso e grande. Parece mais um anno, entretanto, e
 tanto balanco á alma, verifico q. ainda (c'est possible?)
 mais te quero.

Que o 4 de fevereiro seja upleto de felicidade ate 1990.
 (Tu e' de uma familia em q. se morre velho, graças a Deus!)

Janeiro, 1920

Meu caro João

Como o *Orbita*¹ parte a 23 esta carta já chegará a Lisboa alguns dias depois do teu aniversário.² Ora, eu começo a escrevê-la, lembrando aquele jantar de intimidade íntima, em que tu tinhas há um ano a tua família e alguns amigos. Mas onde eu sabia que amava uma criatura que também me estimava.³ Consoladora coisa nos tempos em que os amigos duram dois dias! Seria muito desagradável se eu não pudesse manter esta ternura por ti – pelo teu talento de diamante, pelo teu coração, por tudo quanto em ti é bom, generoso e grande. Passou mais um ano, entretanto, e dando balanço à alma, verifico que ainda (*c'est possible?*)⁴ mais te quero.

Que o 4 de fevereiro seja repleto de felicidade até 1990. (Tu és de uma família em que se morre velho, graças a Deus!)⁵

O Paiz mandou-te pelo Ultramarino os atrasados: 2800.⁶

Recebi os artigos, creio que já agradecei.

Recebi o *Adiante*!⁷ Cheio de gralhas⁸ (horrível!)

O Paiz pede que faças como o S. Thyrso: isto é, que mandes muitos artigos de cada vez para que não haja interrupção como haverá na próxima 5ª feira, por não haver nada teu.

Aí, o Luiz Pereira mandou-me pedir por telegrama a *Eva*.⁹ Dei autorização também por telegrama. O meu jornal, há tantas

dificuldades, que eu desanimo.¹⁰ Recebi um cartão da *Patria* para que eu fosse correspondente. Como? Já saiu a *Patria*?¹¹

Os portugueses são muito meus amigos, mas a colônia é morosa. A começar pelo Ultramarino que não deu um real.¹²

Já expliquei a necessidade de estares cá em março. A questão é S. Paulo. E é preciso que S. Paulo marche. Marchará no fim do Altino.¹³

Não deixes de vir.

E traze conferências feitas – *O Mar. A Solidariedade das Raças após a guerra* etc.

Tens que trabalhar.¹⁴

Com o coração

Paulo

1. *Órbita*, navio, partiria em 23 de janeiro com a carta.
2. Carta do mês de janeiro. No dia 4 de fevereiro João de Barros faria 39 anos.
3. João do Rio esteve de janeiro a julho de 1919 na Europa, para cobrir a Conferência de Paz.
4. “É possível?”.
5. Que belíssima e sincera declaração de amizade. De fato, João de Barros morreria apenas em 1960, aos 79 anos.
6. Avisa ao amigo que o jornal *O Paiz* havia depositado no Banco Nacional Ultramarino esta soma por sua colaboração.
7. *Adiante!* foi publicado em 1919 pela Aillaud Bertrand, Paris-Lisboa, repleto de erros tipográficos.
8. Erro tipográfico que geralmente consiste em uma letra fora de sua posição ou trocada por outra (tipografia).
9. Luiz Pereira, não identificado, pede a João do Rio sua peça *Eva*, de 1915, o que autoriza João de Barros a fazer.
10. Dificuldades, principalmente financeiras, para lançar o jornal *A Pátria*.
11. Faz trocadilho com jornal português de mesmo nome.
12. Mais uma vez, dificuldades para angariar apoio financeiro para lançar o jornal, agora da colônia portuguesa do Rio e do Banco Nacional Ultramarino, que iria subscrever poucas ações do futuro jornal.
13. Trecho de difícil interpretação. Altino Arantes foi presidente do Estado de São Paulo de 1916 a 1920.
14. Sugere que o amigo venha ao Brasil trazendo conferências para serem realizadas no país, atividade que garantia renda e prestígio para os literatos.

João.

Espero - te pelo Baker do Matto, q. vae pra
Europa comprar mactinas. Elle ficou (como fôz a gente
aliás) awaiting João.

Passaram cinco dias da tua partida, e talvez a reunião de q.
te não seja ha um século e q. subitamente acabaste de sair.
Que estado infinito-promissu ao sentimento como se chamarias? É o
sentido assim?

Enfim, não sei mais vae ser esta historia de mais proterius antes
de dois. O mundo conhece-nos, e seria universal q. apparecesse em Roma
ou em Paris - com mais.

Mas - tratando de coisas menos rarias:

Não esqueça, telegraf. de o ~~primeiro~~ Billant receber os dois annos,
para augmentar o Ramo de Louro; assim como de o Brandão marchar
com os meus livros. Vê os livros no Brandão e se, de o Baker
me entrega as provas.

João

Escrevo-te pelo Bakes do *Malho*,¹ que vai à Europa comprar máquinas. Ele ficou (como toda a gente aliás) amando João.

Passaram cinco dias da tua partida, e tenho a sensação de que te não vejo há um século e que entretanto acabaste de sair. Esse estado infinito – próximo ao sentimento como se chamarás? Já o sentiste assim?

Enfim, não sei como vai ser esta história de não podermos andar os dois. O mundo conhece-nos, e seria imoral que aparecesses em Roma ou em Paris – sem mim.

Mas – tratando de coisas menos sérias:

Não esqueças, telegrafa se o Aillaud recebeu os dois ensaios para aumentar *O Ramo de Loiro*;² assim como se o Brandão marcha com os meus livros. Vê os livros no Brandão³ e vê se o Bakes lhe entregou as provas.

Os negócios devem ser tratados para *A Patria*.

É impossível que o Ultramarino não mande. A tomada de títulos pode ser feita aí e paga ao *British* (agência Banco de Portugal) que os mandará daqui aos acionistas.⁴

Dize o que pensa o Freire de Andrade.⁵

Acho o negócio de tal modo que tens de lhe falar diretamente, claramente, negociantemente em meu nome, exigindo massa antes. Se não vier, logo depois de largares o segredo, tenho muita pena, mas, atrapalho o negócio – como se atrapalhou cá o do Malheiro com o Visconde de Moraes – o tal rumo aos campos.⁶

Peço-te que acompanhes o Urrick,⁷ de modo a só telegrafares quando o dinheiro vier. E disse-lhe mesmo que eu peço vir pelo *British* porque receio as delongas do Schmidt no Ultramarino. Manda a Cruz de Cristo e as medalhinhas da casaca – Cristo, Santiago, Coroa d'Italia, S. Maurício.⁸

E escreve-me.

Preciso ter-te escrito estes dois anos, até agosto de 22 em que deves cá – para partirmos sós, juntos em começo de 23, se Deus quiser.⁹

A questão do cacau está atualmente assim:

A costa d'ouro maior produtor.

O Brasil logo abaixo.

S. Thomé – excelência de preparo e qualidade.

Produtores menores.

Pelos dados estatísticos da exportação, vê-se que a produção da Bahia aumenta vertiginosamente. Em dez anos decuplicou. Só tende a aumentar.

Como, além da quantidade sempre maior – o cacau brasileiro é vendido mais em conta – para os produtores de cacau das colônias lusitanas de África – a situação é cada vez mais alarmante.

A chave salvadora está no que disse o Sr. Freire d'Andrade – aliança dos produtores portugueses e brasileiros.¹⁰

Como?

Ele não sabe.

Damos-lhe o meio prático e rápido – o meio único, e para ele fácilimo.

Na Bahia não há grandes produtores, donos de trustes. Há os pequenos e inumeráveis produtores. Esses homens entram pela terra adentro, desbravam, passam fome, plantam e ao cabo de certo tempo vêm trazer ao mercado os seus produtos. São desconfiados e não têm capital. Mas os intermediários da venda – negociantes portugueses honestos têm a sua confiança.

Para obter o acordo deve-se começar já mandando o Ultramarino nesses sítios (duas ou três cidades que lhe indicaremos) carteiras de crédito agrícola, para emprestar com toda a garantia das roças, pequenas somas.

Ao cabo de um certo tempo, os produtores verificando a utilidade e a seriedade do Ultramarino, terão facilidade em assinar com os negociantes portugueses o acordo.

É obra para três anos, começando já.

É preciso é começar já – porque os bancos americanos podem estabelecer ali agências, passando a intermediários consequentemente.

Combinações que João de Barros sabe, podem ser feitas desde já – dependendo de instruções.¹¹

Aí terás ocasião de conhecer o Brasil e de levar uns 50 contos para a Europa (no mínimo)

Beijos ao Paulinho – futuro grande Homem.

Respeitos a D. Rachel

Que o Henrique¹² te aconselhe!

Coração de

Paulo

1. Jornalista de *O Malho* foi o portador desta carta e tinha ido à Europa comprar maquinário para o lançamento de *A Pátria*.
2. Gostaria de acrescentar dois artigos ao original de *Ramo de loiro*: notícias em louvor, que seria publicado pela Aillaud-Bertrand, de Lisboa, em 1921.
3. Arthur Brandão, da editora Portugal-Brasil, que publicaria *A mulher e os espelhos* e *Rosário da ilusão*.
4. Fala sobre a subscrição de ações para lançar *A Pátria*, que seria em parte financiada com recursos do Banco Nacional Ultramarino.
5. Freire de Andrade, economista e Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal.
6. Trecho de difícil interpretação, mas afirma que atrapalharia um suposto negócio de comércio exterior se não recebesse apoio financeiro do governo português.
7. Em cartas anteriores escreve Urrich.
8. Refere-se à comenda recebida por ele em Portugal e a medalhinhas de santos, pormenores da intimidade fraternal que unia os dois.
9. Planeja outra viagem de João de Barros ao Brasil em agosto de 1922 e a ida dos dois juntos à Europa em 1923.
10. Fala sobre temas da entrevista concedida a ele pelo economista português Freire de Andrade durante a Conferência de Paz e publicada em *Na Conferência de Paz III. Algumas figuras do momento*. Rio de Janeiro: Villas Boas & C, 1919, sobre a posição do Brasil e de Portugal no comércio internacional de cacau. Curioso como tratava com claro conhecimento questões referentes ao comércio exterior. A ideia era propor uma aliança entre os produtores brasileiros e portugueses, para fazer frente à produção cacauera das colônias inglesas e alemãs na África. Como sugerido em carta anterior, teriam ele e João de Barros algum negócio referente à plantação e comércio de cacau?
11. Sugere que o Banco Ultramarino de Portugal ofereça carta de crédito aos produtores de cacau da Bahia, a fim de que os comerciantes portugueses intermediários na venda da mercadoria ganhassem a confiança destes produtores e passassem a dominar o processo. Era preciso agir, em vista da concorrência das agências bancárias norte-americanas.
12. Paulo e Henrique, filhos do poeta.

a dentro, trabalharem, para em fim, plantarem e ao cabo de certo tempo
 vem trazer ao mercado os seus productos. São os confiantes e não tem
 capital. Mas os intermediários da venda - negociantes portugueses, muitos
 tem a sua confiança.

Para obter o accordo deve-se começar já montando o Ultramarino sendo
 outros (duas ou tres estadas q. ha vidicarem) cartilhas de credito agric
 la, p. esse exprestar com toda a garantia das roças, pequenas e grandes.

Q. ao cabo de um certo tempo, os productos verificando a utilidade
 e a veridade do Ultramarino, terão facilidade em negociar com os nego
 ciante portuguezes o accordo.

É obra para tres annos, começando já

É preciso é começar já - porque os bancos americanos podem interale
 dar ali agencias, passando e intermediarios consequentemente.

Combinações q. João de Barros sabe, podem ser feitas desde já -
 dependendo de circumstancias.





N11/2728

Meu caro João.

Immensas saudações! Sinceramente! grandes
immensas saudações! Milla Rose tambem. Ella e'
grava, mais grava do q. parecia, mas admira-te.
Este bilhete e' levado pelo Nobre, q. parte depois da
sema de substituição geral da Delegação.

Porque? Toda porque?

Eu desejo q. não haja mais buro. Como podera'
Portugal ir a diante com essa lista?

O motivo da carta e' subno, e' a surpresa deante
do Teleg; ficando q. dentro de dois meses temos a
obra. Como? Dois meses pouco para montar a ma
china elegam. Ha erro? Espero q. me escrevas de
Falles. Eu não tenho tempo de escrever mais.

Vae o artigo do Leite. O outro foi no dia seguinte
ao da tua partida.

Com o amor
F. de Paula



Junho, 1920

Meu caro João

Imensas saudades! Sinceramente: grandes, imensas saudades!¹
Mlle Rose também. Ela é grave, mais grave do que parecia, mas
admira-te. Este bilhete é levado pelo Nobre, que parte depois da cena
de destituição geral da Delegação.²

Porque [sic]? Toda porque [sic]?

Eu desejo que não haja mais brigas. Como poderá Portugal ir adiante
com essa luta?

O motivo da carta é outro, é a surpresa diante do telegrama dizendo
que dentro de dois meses temos a obra. Como? Dois meses nem para
montar a rua [...] chegam. Há erro? Espero que me escrevas de Talhes.
Eu não tenho tempo de escrever mais.³ Vai o artigo do Leite.⁴ O outro
foi no dia seguinte ao da tua partida.

Com o coração

Teu

Paulo

1. João de Barros estivera no Brasil nos meses de abril e maio de 1920.

2. Não explica a que delegação se referia.

3. Trecho de difícil interpretação.

4. Leite de Castro, colaborador da *Atlântida*.

N11/2746



GRAND HOTEL DE LA

ROTISSERIE SPORTSMAN

RUA LIBERIO MADARI 114
RUA DE FALCÃO 12
CASA PADR. 211 - TELEFONE 2255
WELSH ROTISSERIE
S. PAULO

S. Paulo, de _____ de 19__

Mm. Sr.

M. S. S.

João

Juroto pelas colaborações. Um antigo de
cada vez mais antigos. Conserve-me o Quintão José
o Forra Jureiro, o Offense Costa.

Do Jureiro, além do antigo - seria magnífico
se elle me desse (pago já não vê!) um dos seus poemas
místicos. Eu tenho sido tão grato da sua gloria
q. esse hum poeta auxilia na tentativa da
ep. luso-brasi q. é a Patria.

Tudo com urgencia.

Urgentissima urgencia.

Se Não esquecer. Prezados



João

Insisto pelas colaborações. Um artigo de cada mas muitos.¹ Convém-me o Antonio José,² o Guerra Junqueiro,³ o Affonso Costa.⁴

Do Junqueiro, além do artigo, seria magnífico se ele me desse (pago já se vê!) um dos seus poemas inéditos.⁵ Eu tenho sido tão gritador da sua glória que ele bem pode auxiliar essa tentativa de aproximação luso-brasileira que é *A Patria*.⁶

Tudo com urgência

Urgentíssima urgência.

Não esqueças. Responde.

Espero que tenhas acabado com a Maria do Carmo, sem mais prejuízo. Essa senhora fez-te despender 20 contos, ou sejam, 23 mil escudos do dia 3 de maio ao dia 13 de junho.⁷

Porque as contas são estas:

13 contos de S. Paulo, 10 do Rio, 2.500 de Santos, 1.500 da Alves, 1.500 do Mosca, 1 do Lage etc. – para 5 contos de ações e *apenas* ah! criminoso! compra e remessa de 6.500 escudos.

O Bueno Monteiro faria isso mais em conta. E quem sabe se as declarações de dar torres às damas eram que excitar o menino?

Enfim – foi uma Maria cara e que é pena não ter sido a *Maria vai com os outros* desta vez.

Aspecto dinheiro para *A Patria*

O Schmidt⁸ vem convidar-me para almoçar, alarmado com o caso que te contou o Juli Pires. Conversamos. Ele diz que vai falar em Lisboa e também contou que os *roceiros* de S. Tomé não querem ações.⁹

Não é divertido? Esses *roceiros* fizeram-me rir. E eu rio até o fim. O Freire de Andrade¹⁰ deve saber disso. Mesmo porque sabedor ele do segredo, sem mim, eu levanto os *roceiros* de cá na desconfiança – ao menor avanço.

Mas, dessa vez, meu caro João, não são possíveis protelações. Peço-te que te não enterneças e não enfraqueças. A prova é o dinheiro – o dinheiro que há de vir como prova.

Estas páginas (de dentro) falam de dinheiro! Pulemos para fora.

Para dizer-te a saudade grata pelo amor da tua presença nesses dois meses¹¹ bons que já se foram.

Hoje é 27. Talvez chegues hoje a Lisboa.

Já te escrevi 3 cartas.

É namoro. É paixão declarada!

Beija o Paulo petiz

e crê no teu do coração

velho

Paulo

1. Pede ao amigo colaboração de escritores portugueses para *A Pátria*.
2. Antonio José de Almeida, Presidente de Portugal (1919-1923).
3. Guerra Junqueiro, escritor português.
4. Afonso Costa, político relevante da Primeira República que chefiou a Delegação Portuguesa na Conferência de Paz, em 1919.
5. Garantia pagamento para os colaboradores.
6. Deixa clara a missão do periódico que iria lançar em 15 de setembro de 1920.
7. Maria do Carmo Calvet de Magalhães Ribeiro Cardoso (29/6/1893), com quem João de Barros teve uma filha natural, chamada Maria Ana Cardoso, que nasceu em 16 de abril de 1921. Parece que o poeta esbanjara e gastara muito dinheiro com a amante, provavelmente tudo o que recebera de suas colaborações em diários do Rio. Por isso João do Rio contabiliza, com carinho fraternal, o montante gasto pelo poeta.
8. Schmidt, representante do Banco Nacional Ultramarino, a quem recorreu para a subscrição de ações d'*A Pátria*.
9. Trata-se, a meu ver, de articulações para a subscrição de ações d'*A Pátria* por comerciantes portugueses da colônia de S. Tomé e Príncipe. Sabemos que as colônias portuguesas de S. Tomé e Príncipe e Angola eram grandes produtoras de cacau, fazendo concorrência à produção do Brasil. Percebe-se, em outras cartas, a partir da entrevista de Freire de Andrade a João do Rio, publicada na *Atlântida*, que se negociava, no âmbito da política externa de Brasil e Portugal, a união luso-brasileira na venda de cacau, para fazer frente à concorrência das colônias alemãs e inglesas na África. A carta sugere que João do Rio, articulador do fortalecimento do comércio luso-brasileiro no Atlântico Sul, e dos interesses dos banqueiros portugueses no comércio do cacau no Brasil, para fazer frente à concorrência norte-americana, cobra apoio financeiro para *A Pátria*.
10. Freire de Andrade, economista, Ministro das Finanças de Antonio José de Almeida.
11. Em 1920, João de Barros visitou nos meses de abril e maio o Brasil.

Meu caro João

Debo de passar um telegramma a respeito da
colaboração urgente para A Pátria, q. sai a 15
de agosto, antes dessa data, e nos primeiros tempos
pelo menos preciso de colaboradores varios em artigos
curtos de 1 columna - literatos, economistas, politicos,
militares. Pelo menos 1 vez cada.

O artigo do Getúlio José é essencialissimo

O artigo do Juazeiro é ultra necessario

Preciso tambem de photographias, albumes, o maior ma-
terial de informaçao portugueza q. obtiveres.

Um com urgencia.

Com muita urgencia.

Conto q. não me desapares, nessa esia.



Junho, 1920

Meu caro João

Acabo de passar um telegrama a respeito da colaboração urgente para *A Patria*, que sai a 15 de agosto,¹ antes dessa data, e nos primeiros tempos pelo menos preciso de colaboradores vários em artigos curtos de 1 coluna – literatos, economistas, políticos, militares. Pelo menos 1 vez cada.²

O artigo do Antonio José é necessaríssimo.

O artigo do Junqueira é ultranecessário.³

Preciso também de fotografias, álbuns, o maior material de informação portuguesa que obtiveres.

Isso com urgência.

Com muita urgência.

Conto que não me desampares nessa coisa.

Estou à espera dos homens do cacau.⁴

Nem uma palavra, e precisamente há 15 dias que estás em Lisboa.

Onde esses homens?

Não se faz nada?

Responde a tudo isso e perdoa o meu nervosismo. Estou como tu, há dois anos. Chegou a minha vez. É o caso da *Patria*.

Do velho

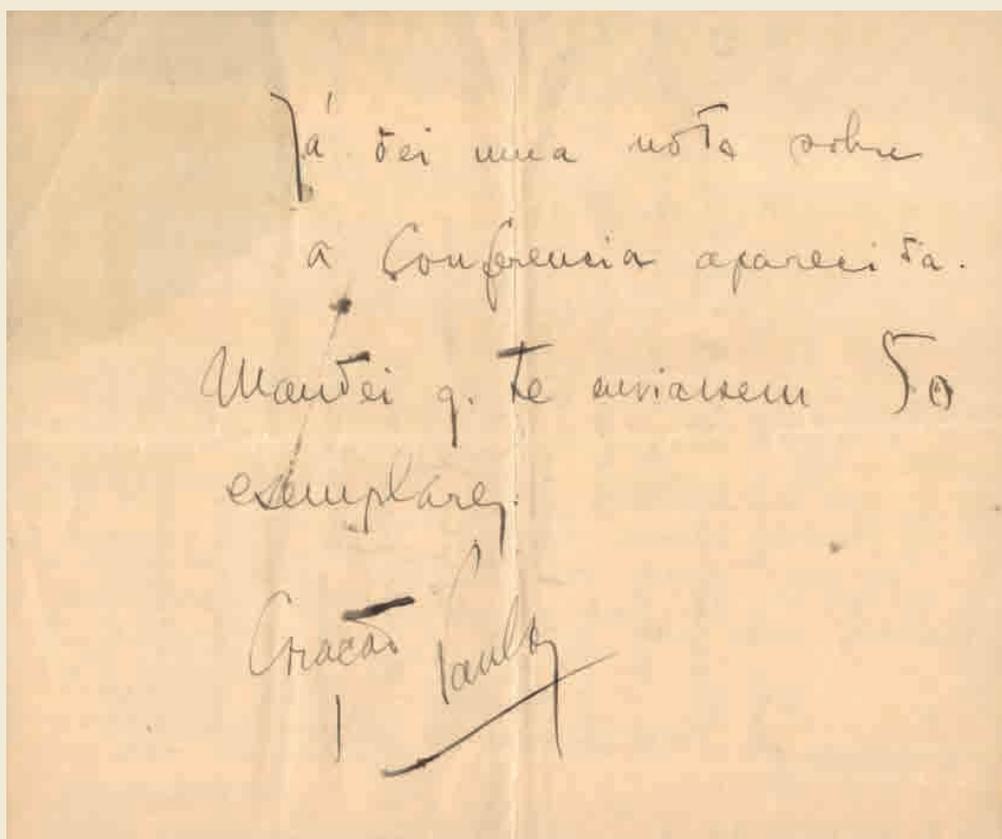
Paulo

Já dei uma nota sobre a Conferência aparecida.

Mandei que te enviassem 50 exemplares.⁵

Coração

Paulo



Já dei uma nota sobre
a Conferência aparecida.
Mandei q. te enviassem 50
exemplares.
Coração
Paulo

1. O jornal seria lançado um mês depois, em 15/09/1920.
2. Mostra-se desesperado para conseguir colaboradores entre homens de letras portugueses para o jornal *A Pátria*.
3. Como em outra carta, pede artigos de Antonio José de Almeida, presidente de Portugal, e do escritor Guerra Junqueiro.
4. Mais uma vez, referência à sua intervenção pela união luso-brasileira no comércio exterior de cacau, produzido na Bahia, São Tomé e Príncipe e Angola, a fim de fazer frente à concorrência das colônias inglesas e alemãs na África. Em carta do mesmo período sugere que o Banco Nacional Ultramarino instale agências na região produtora brasileira oferecendo cartas de crédito aos pequenos produtores de cacau, antes que os bancos norte-americanos o fizessem.
5. Provavelmente refere-se ao artigo publicado em *O Paiz*, em 15/06/1920, “João de Barros”, uma despedida do poeta português, que regressara a Lisboa.

N.º 11/2743

João

Recebi, após 2 cartas tuas telegra-
ficas, uma carta corleio e uma carta elo-
nica - (alias, excellentissimo antigo).

Respondo por partes.

4 tua vida

O ambiente exaltado do tempo para João
Referências admiráveis. Não há uma nota
discrepante

grava a tua vida como gente de companhia

1º Desmerece a aureola, mesmo porque tem de
trabalhar a partir de então, e é impossível obter
também para isso um po de memórias das sedas
a cantarem o hino.



10 de agosto, 1920

João

Recebi, após 2 cartas tuas *telegráficas*, uma carta correio e uma carta crônica – (aliás, excelentíssimo artigo).¹

Respondo por partes.

A tua vinda

O ambiente esplêndido sempre para João. Referências admiráveis. Não há uma nota discordante.

Apenas a tua vinda como agente de companhia

1ª Desmerece a auréola, mesmo porque tens de trabalhar a passar ações e é impossível bater tambor para isso nem pôr os meninos das escolas a cantarem o hino.

2ª e importante

É que tu não passas títulos, não tens paciência, nem temperamento, nem feitio. Para passeio – bem. Vem. Para títulos, só se houvesse que os passasse por ti. E, por aqui, não vejo ninguém.²

*Caso dos 50 contos*³

Conforme disseste, passei tremendo telegrama ao Augusto Soares.⁴ Hoje dia 10 de agosto, ainda não recebi resposta. Nem recebo decerto.

Deixemos essas fantasias, não achas?

Para que cansarmo-nos em vão?

A esperança é o mais fatigante dos trabalhos.

Patria

Tenho todas as máquinas. *Afinamos* as linotipos. Talvez saíamos no dia 20.⁵

Guerra Junqueiro

Com o Junqueiro, a questão é ir-lhe a casa e tomar-lhe seja o que for.⁶

Colaboradores

Deves dizer que os artigos serão todos *pagos*.⁷

Doença tua

Precisas não te enervares. Vives demais. Que história é essa de professor do liceu de novo?⁸

A história dos *duzentos escudos* é coisa do Mosca,⁹ que te quer fazer jornalista noticiarista. Eu nem sabia.

Acho o procedimento daí assaz difícil. Só.

Quanto à zanga – vem só da colaboração ainda não chegada meses depois da tua ida.¹⁰

Beija o Paulo.¹¹

Saudades do

velho

Paulo

Invejas

Não tem importância. Só nos fazem trabalhar mais. Viste o discurso do Epitácio chamando os portugueses compatriotas d'além-mar? Tenacidade! Somos nós os autores.¹²

Contrariedades

Tem tido muitas. Uma, a maior, é arranjar dinheiro às pílulas. 1, 3, 5 contos por dia, quando preciso ferozmente. Sabes que o Mosca é *conversa, garganta*. Eu é que vou *cavar*.

Imagina a tortura!

Porque, antes do jornal sair, ninguém tem medo...¹³

1. Não informa a que artigo se refere.
2. Trecho de difícil compreensão.
3. Trata-se de um empréstimo para *A Pátria*? Comentário de difícil interpretação.
4. Augusto Soares, poeta e teatrólogo.
5. *A Pátria* é lançado em 15/09/1920.
6. Pede ao amigo que consiga a colaboração de Guerra Junqueiro para o jornal.
7. A colaboração em *A Pátria* seria paga.
8. João de Barros, além de poeta, era pedagogo e professor escolar.
9. Luiz Mosca ajudou João do Rio a conseguir auxílio financeiro para lançar *A Pátria* e tornou-se sócio-gerente do jornal.
10. Justifica-se por alguma carta em que deve ter se mostrado zangado com o amigo.
11. Paulo, filho mais velho de João de Barros.
12. Ironiza o presidente da República, Epitácio Pessoa, que em discurso para os pescadores de Póvoa de Varzim, no Palácio do Catete, chama-os de compatriotas, apesar de ter executado lei que exigia a naturalização compulsória destes pescadores sob pena de extradição do país. N'A *Pátria*, João do Rio assumirá posição radicalmente contrária à nacionalização.
13. João do Rio que, de fato, conseguirá dinheiro para montar o próprio jornal, sendo inclusive seu maior acionista. Segundo ele, Luiz Mosca pouco trabalhou nesse sentido.

11/2/45

2º importante

É q' tu não penses títulos, mas
teus pensamentos, com temperamento, com fôr-
ta. Para pensar - bem. Para falar,
de se houverem quem os pense por ti, e
por aqui, não seja ninguém.

Casa dos 50 cantos

Conforme tu lês, parece bem mais tempo
no Hospital Gross. Hoje dia 10 de
agosto, ainda não recebe resposta. Não meches
a isto.

Meus meus fantasias, não sejas?

Parceira amarelo-nos tu não

A imprensa é o mais fatigante de trabalhar.



11/2/45

Pátria

Tenho todas as condições. Aplico-me a
lutar por. Tenho também os dias 20.

Guerra Império

Chão e Juvenis, a quebra é o u-lka a
casa e tomar-lhe seja o q' for.

Collaborators

Essas líria q' os artigos são foto paper

Exercício

Pracisa ser a verdade. Mas
de mais. Sua língua é uma de profeta de
Lyca de novo?



11/2/45

A história dos concatos, reuniões e
caso de Uliessa, q' tu não podes pensar
te autimista. Eu não sabia.

hales o procedimento d'ali com o p'p'.

Se!

Susante a razão - ou se tu colabora
em coisa mais abjeta mais depois da
tua vida.

Reje Paulo.

Santidade de

Valle Paulo



Pista

11/2/45

Parafra

Até tua importância. É o que se
meu contraindo mais. Viste e descom-
to. Espanto abacando os portajos, com
p'nturas, d'esse modo? Torna-lhe! Sou
má os outros.

Condensação

Tu te de acordar. Mas a a razão
é arranja também os p'nturas. 1, 2, 3,
contos por dia, que se p'ntura p'ntura
Saber q' o Moraa - condensação p'ntura
Eu é q' um recon.

Império a T'ntura!

Porque, até do qual não, ninguém tem mais...



011/2114

Meu caro João.

Pensei q. tínhas um tempo
e tempo para te escrever. Fato é
um inferno. Começamos o jornal com
os provisórios 40 contos e eu bre-
vemente suspens-me vivo para pagar
papel.

Come o papel a 600% e bobagem
e uma ~~stima~~ tiragem de 40 000
exemplares, vendendo a 70 reis um jar-
nal de 10 pagis q. me fica só um
papel por 110 reis - o meu prejuizo
diário é de 2.400% 000. Apenas.

Haveria a materia paga Mas o Mosca
boiou como diário ou roverso de francatura.
Não sabe nada, cumpla-se tudo - é um
inferno! É culpa-me da tua lauro do
o jornal precipitado - a grande obra,
etc.



Novembro, 1920

Meu caro João

Pensei que tão cedo não teria tempo para te escrever. Isto é um inferno. Lançamos o jornal com os providenciais 40 contos e eu brevemente empenho-me vivo para pagar papel.¹

Com o papel a 600\$ a bobina e uma tiragem de 40.000 exemplares, vendendo a 70 réis um jornal de 10 páginas que me fica só em papel por 110 réis – o meu prejuízo diário é de 2.400\$000. Apenas. Haveria a matéria paga. Mas o Mosca² *boiou* como dizem os *poveiros* da Guanabara.³ Não sabe nada, complica tudo – é um inferno! E culpame de ter lançado o jornal precipitado – *a grande obra etc.*

O jornal não podia deixar de sair em setembro no caso dos *poveiros*, para entrar de cara contra essa gente ignóbil que é a jacobinista.⁴ O êxito é colossal.

A Patria é o jornal que vende mais hoje no Rio.

O caso da agressão foi muito conveniente.⁵ Eu mostrei a essa canalha um prestígio imediato e imenso – sacudindo Câmara, Senado, Supremo etc.

Claro que o ódio, o despeito dos *chers confrères*⁶ manifesta-se hidrófobo. Tenho sido insultado em todos os tons. Eu sou o Bolo-Pacha,⁷ vendido aos portugueses.

Tu que sabes...

Que ignóbeis seres!

Mas com isso tive compensações: a 1ª é a onda de simpatia que me vem daí, do meu querido Portugalzinho; a 2ª é a de ver que os poveiros e eu demos o tiro nos *cavadores*, sustentando a colônia, o repouso da colônia.

Agora vai ser menor a fúria. Já os jornais fazem reclamos à chegada do Albino Forjaz!⁸

Faço o traço de separação para dizer que recebi com desvanecimento uma carta do teu pai. Tão bom e tão longe da infâmia diuturna!

Esta história de jornal é uma inferneira. Estou rebentado de trabalho. E com imensas saudades de ti.

Tu és o meu elixir de vida: – o meu Gênio Animador.

Basta saber que estás perto para saber que estou contente. Por isso talvez tenha ciúmes. E se eu não compreendia isso diante da beleza de ânfora dionísica da Bertha – a Bertha compreendia...⁹

Pedi-te perdão por telegrama – das minhas cartas nervosas. No fundo – burrice e ciúme. A amizade, só um sujeito disse o que ela é: o autor de um romance, o 2º da série publicada sob a direção do Henry Regnier. Lê

E desculpe. Porque afinal com 4 [...] eu só tenho uma criatura que eu [...] muito digno de todo o meu coração, da minha amizade: – tu.

Com esta declaração em regra – peço-te que não me abandones e escrevas até o Centenário.¹⁰

Do velho

Paulo

1. Refere-se ao lançamento do jornal dele, *A Pátria*, em 15/9/1920. Jornal de oposição ao governo de Epitácio Pessoa e de combate à onda lusófoba no Rio de Janeiro. Segundo Raimundo de Magalhães Júnior, o maior subscritor de ações do jornal foi o próprio João do Rio.
2. Francisco Hugo da Luz Mosca, que assumiu o cargo de diretor-gerente, pouco auxiliou João do Rio a mobilizar recursos para fundar o jornal.
3. Pescadores poveiros, portugueses originários de Póvoa de Varzim, constituíam a colônia de pesca mais poderosa do Rio, principalmente na Baía de Guanabara. João do Rio lançara o jornal assumindo posição contrária à naturalização obrigatória dos pescadores, exigida pelo governo de Epitácio e levada à execução pelo capitão-de-fragata Francisco Villar, diretor da Inspetoria de Pesca.
4. Logo nos primeiros números do jornal, João do Rio assume posição contrária à nacionalização da pesca e à obrigatoriedade de naturalização dos pescadores poveiros, determinadas pelo governo de Epitácio Pessoa. Argumentava que a lei fora executada de forma violenta e que a naturalização obrigatória era uma medida injusta e lusófoba.
5. João do Rio foi agredido por oficiais da Marinha em um restaurante no Centro do Rio, por artigo publicado em *A Pátria* a favor dos pescadores poveiros. Publicou o fato na edição de 4/10/1920 de *A Pátria*, com o título “O caso da agressão”. O caso foi abordado por diversos deputados na Câmara do Rio. Jornais como *O Paiz* e *A Noite* rechaçaram a investida dos militares contra João do Rio, assim também como Rui Barbosa e Monteiro Lobato.
6. Queridos confrades, companheiros.
7. Aventureiro francês acusado de espionagem e condenado à morte.
8. O jornal manteve a oposição ao governo, o que rendeu a venda de muitos exemplares e a simpatia da colônia portuguesa. Com o arrefecimento do caso dos poveiros, a imprensa já noticiava a chegada do escritor português Albino Forjaz de Sampaio, o que revelava que a onda lusófoba perdia força.
9. Trecho de difícil interpretação.
10. Refere-se ao Centenário da Independência do Brasil, que seria celebrado em 1922 com muitas festas, para as quais João de Barros viria ao Brasil. Em outras palavras, pedia que o amigo não parasse de escrever-lhe cartas.

João

Esse homem chamado Juliano Torres, q.
 tu hevi conhecido, vai para a Europa no Decado e
 a passagem foi comprada até Lisboa. Dize-me
 neste momento q. o Salvador Santos da Costa tambem
 vai. E' preciso saber qual' a gentileza dos portugueses
 a essa gente q. os chama seu raço, mas q. não trépida
 em metter ali da maneira mais ignora.

Vale aos javas e impede os intemperados experimentos da
 Virgília, não era amada Libia Mas não conheces q. se
 ella vive, q. se de' guardada a suas tumbas.

Não te mantes d'olhos aberta, porque foi declarada a
 arde no Thesouro do Heredito até o colunato dos negros
 Logo q. elle chegar, morto.

Mas, se não viches ali de casa e tiveres alguma de alguma
 coisa - Telegrapho Munitari e q. poder.



João

Aquele horrendo mulato chamado Antônio Torres,¹ que tu bem conheces, vai para a Europa no *Deseado* e a passagem foi comprada até Lisboa. Dizem-me neste momento que o Salvador Santos da *Gazeta* também vai. É preciso evitar qualquer gentileza dos portugueses a essa gente que os insulta sem razão, mas que não trepidará em mentir aí da maneira mais cínica.²

Fala aos jornais e impede os intempestivos engrossamentos da Virginia, move essa amada Lisboa. Mas não consintas que se abra bico, que se dê guarida a esses tunantes.³

Não te mandei dinheiro ainda, porque foi declarada a crise no Tesouro do Hercílio até o recebimento dos impostos. Logo que ele chegue, mando.

Mas, se não receberes aí do cacau e tiveres urgência de alguma coisa – telegrafa. Mandarei o que puder.⁴

Não tenho livro algum a publicar. *A Patria*, e principalmente a loucura delirante do Mosca⁵ tomam-me o tempo todo. Esfalfam-me,

arruinam-me a saúde e a algibeira. É correr para encher um saco furado. E ela vende-se tremendamente: é o 1º jornal em tiragem.

O jacobinismo, como eu previra, está mais ardente do que nunca, e com todas as infâmias e hipocrisias imagináveis. O Eptácio é bem um pulha. Dois dias antes de sair o jornal assegurava-me que interviria na questão dos poveiros.⁶

E falhou, o malandro.

Para o sr. João do Rio ter o nome em várias ruas de Portugal!

A alegria com o que os jornais aí dizem e com os telegramas que recebi – é o consolo aos dissabores nacionais.⁷

Como perdi a *adresse* do Norberto peço que lhe entregues o bilhete junto.⁸

Escrevo mais amanhã

do velho Paulo

1. Antônio Torres nasceu em Diamantina, em 1885. Ordenado padre aos 22 anos, abandonou a batina e seguiu para o Rio de Janeiro, onde se empregou em *O Paiz* como repórter e redator, em 1912. Trabalhou ainda na *Gazeta de Notícias*, em *A Notícia*, colaborou com artigos e crônicas no *Jornal do Commercio*, em *A Noite*, na *Última Hora*, em *A Crítica* e no *Correio da Manhã*. Em 1918, por intermédio de Nilo Peçanha entrou para o Itamaraty, sendo nomeado embaixador em Londres, em 1920. Membro da ASN, Torres tinha ojeriza aos portugueses, como também a todos que defendiam a aproximação entre o Brasil e Portugal, motivo pelo qual foi implacável contra João do Rio (movido também por preconceitos de raça, apesar de ser mulato, e pelo fato de Paulo Barreto ser homossexual). Em *Verdades indiscretas* (1920), em que recolhe crônicas publicadas na imprensa, e no livro *As razões da Inconfidência* (1925) instilará todo o seu ódio aos portugueses e neles fará ataques ferinos e terríveis a João do Rio. Segundo seu biógrafo, Raul de Sá Barbosa, o ódio ao português seria explicado por diversos motivos: a cor do autor; o fato de ser natural de Minas e o trabalho nas redações de jornais do Rio, “submetidas àquele tempo a uma lei não escrita: falar mal de tudo menos da Igreja Católica e de Portugal”. SÁ BARBOSA, Raul de. *Antônio Torres: uma antologia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002, p. 236.

2. Salvador Santos, dono da *Gazeta*, e Antônio Torres iriam a Lisboa pelo navio *Deseado*.

3. Quem ou o que anda à tuna; vadio, vagabundo.

4. Promete remessa proveniente da venda de cacau, provavelmente algum negócio que também envolvia João do Rio, fato não identificado em suas biografias.

5. Francisco da Luz Mosca era o diretor-gerente de *A Pátria*, a quem João do Rio sempre critica.

6. Ao que parece, Epitácio garantira a intervenção em defesa dos poveiros, o que não aconteceu, pois acabaram abandonando o Brasil em repúdio à naturalização obrigatória.

7. É reverenciado em Portugal pelo lançamento de *A Pátria*. Daí a brincadeira com a sugestão de receber um nome de rua em Lisboa. Receberia, em 1950, um busto na praça Rio de Janeiro, no bairro Alameda, homenagem de João de Barros.

8. Pede a João de Barros que encaminhe um bilhete a um amigo comum.



Hotel Avenida

FRANCISCO TELLES
AVENIDA

NO PAIS INCORPANTE DO BRAZIL
INSTALACAO MODERNA
TELEPHONE E AGUA CORRENTE NOS QUARTOS
SITUACAO CENTRAL

Avenida
Rio Branco, 152-162
RIO DE JANEIRO

Janeiro

N 11 / 2757

A espera do Valladarez, escrevo-te
esta breve epistola - para perguntar: vem
como sempre ou não!

Qui, após Tel. da Virginia Americana
houve movimento geral sympathia. Varios
jornal, deram o teu retrato, entre os qual
a farela



João

À espera do Valladares,¹ escrevo-te esta breve epístola para perguntar: vens como cônsul ou não?

Aqui, após telegrama da Virgínia Americana houve movimento geral simpatia. Vários jornais deram o teu retrato, entre os quais a *Gazeta*.²

O interessante – quanto à campanha jacobina³ é que os defensores dos portugueses – aí em Portugal passaram a descompor todos os brasileiros chamando-nos de macacos e dizendo que nos civilizaram.

Se nós somos os mesmos, idênticos e comuns, isso é burrice. Mas, se não somos – é difícil civilizar com o *visconde* de S. João da Madeira, o V. de Moraes⁴ etc.

O resultado é que os jacobinos ficaram furiosos, expulsaram o Mario Monteiro (o Mario à altura de um príncipe!) e espalharam notícias terroristas de empastelamentos e pancadaria.⁵

A essa voz o Visconde de Moraes ofereceu de cara uma casa ao Villar⁶ para a pesca!

A essa voz o Malheiro Dias, com toda aquela pesporrência histórica de *aiglon*⁷ de todos os heróis falecidos de Portugal, lascou um pesporrente artigo na *Revista* verberando quantos andam inventando que há jacobinismo no Rio!

Esse heroísmo de quem teria um banquete desfeito à vaia se não fosse eu – deve agradar.⁸

Com que gente nos metemos nós, meu João!

Passei-te vários telegramas sobre o caso Itajahy. Não sei se recebeste. Respondi ao teu despacho cumprindo as ordens. Seria a salvação, se isso vem agora.⁹

Escrevo a seguir outra carta.

Shake-hands aos meninos

Respeitos a sra. D. Rachel.

[...]

Paulo

1. Francisco Valladares, deputado, apoiou a oposição de João do Rio no caso da naturalização obrigatória dos poveiros.

2. Notícia publicada na *Gazeta de Notícias* apontava para uma possível indicação de João de Barros ao Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro.

3. A campanha jacobina no Rio atravessava o Atlântico, e gerava também a antipatia de portugueses para com os brasileiros.

4. João do Rio ironiza a suposta civilidade de portugueses ilustres, entre eles o Visconde de Moraes, rico comerciante da colônia portuguesa no Rio de Janeiro.

5. Havia ameaça de atentado e do fechamento de jornais que fossem considerados amigos dos portugueses. O nacionalismo dos anos 1920, caracterizado pelo endurecimento de associações políticas, se manifestava como um movimento sindical e militante, cujo objetivo era apontar e combater os males do Brasil, entre eles a presença portuguesa na capital e sua representatividade política (principalmente na imprensa, onde muitos proprietários de folhas eram portugueses) e econômica, por sua força e preponderância comercial no Rio de Janeiro.

6. Poderoso empresário da colônia portuguesa do Rio, Visconde de Moraes ofereceu, segundo o jornalista, uma casa ao comandante Frederico Villar, chefe da Inspetoria de Pesca que executara a lei de naturalização obrigatória dos pescadores poveiros, para que fosse instalada a sede da Inspetoria.

7. Filhote de águia. Em sentido figurado, aquele que traz em si promessas de talentos elevados.

8. Carlos Malheiro Dias, português, diretor da *Revista da Semana*, havia sido vaiado pelos jacobinos em um banquete realizado dois anos antes, em junho de 1918, e acabara sendo defendido por João do Rio, que escreve um perfil sobre ele n' *O Paiz*, em 29 de junho de 1918. Critica Malheiro Dias pelo episódio.

9. Trecho de difícil interpretação.

"A PATRIA"

Diário da Manhã
DIRECTOR - JOÃO DO RIO

Ed. Tel. "JORNALPATRIA"

S. Largo da Cartoça-8

Telephone C. 5122

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro,

N.º 11/2418

Meu caro João.

Tira esta semana de fevereiro dois parcos: melho tuas cartas tuas. Não sei o q. mas é mas deidi, talvez mais um 2^o acto das peças q. se prezam: - amo-te!

Cada vez mais. É maravilhoso. É verdadeiro.

Comei duas ou três - arrachado de trabalhos; fizesse arte! Serio da gheia, jornalista, arte de jornal e q. tem de ser.

A Patria é o maior arte jornalístico do Brasil em todos os tempos. Circulação formidavel (maior q. o do Correio da Manhã) outros dados, impreconizadas, embora já de duas ou tres peças.

Como previa - a campanha contra o jacobinismo chegou a tempo.

Tudo maravilhoso. Tudo a catalheido o desvair nas hostes de mas patatas. Partindo o Affonso Celso - a pillaria dos malandros e dos malboitos miseráveis.

Mas me colossal esforço patriótico traz-me a remia e a agonia.

Com o papel a dois mil reis e bobeira potes viajar o prejuizo diario q. a grande terçeira me dá. Não durou com a piecupa q. de arrancar dinheiro, já hipotetizai as casas. Que do a patria.



Meu caro João

Tive esta semana de fevereiro dois prazeres: recebi duas cartas tuas. Não sei o que isso é mas decididamente como nos 2^{os} atos das peças que se prezam: – amo-te!

Cada vez mais. É escandaloso. E verdadeiro.¹

Como deves ter visto – arrebento de trabalho. Adeus arte! Servo da gleba, jornalista, arte de jornal é que tem de ser.²

A *Patria* é o maior êxito jornalístico do Brasil em todos os tempos. Circulação formidável (maior que a do *Correio da Manhã*) autoridade, descamponendas, autora já de duas ou três greves.³ Como previa – a campanha contra o jacobinismo chegou a tempo. Tenho neutralizado tudo⁴ e estabelecido o desvairo nas hostes desses patetas. Partindo o Affonso Celso – a pilhéria dos malandros e dos [...] murchará. Mas esse colossal esforço patriótico traz-me a ruína e a agonia. Com o papel a 100 mil réis a bobina podes imaginar o prejuízo diário que a grande tiragem me dá. Não durmo com a preocupação de arranjar dinheiro. Já hipotequei as casas. Tudo a pedir.⁵

Apesar do êxito retumbante, é o *êxito catastrófico*, porque os viscondes da colônia, o Banco da Financial e outros não só não me dão, como nem letras me aceitam.⁶

E dizer que eu presto a esses malandros um serviço que nem vendidos eles me pagariam, que eu os salvei no momento em que nem à rua poderiam vir!⁷

Recorri a telegramas para arreliar-te: porque o nosso jacobino Eugenio fez questão que eu te falasse, *pois eras muito ouvido e atendido*. Como agora veio-lhe o ciúme?⁸

Espero uma grossa soma daí. É a esperança. Se recebesse 150 contos salvar-me-ia com estoque de papel até maio e então não precisaria de mais nada, tendo estabelecido o equilíbrio.⁹

Porque no futuro Parlamento, o jornal da situação tem de ser *A Patria*.¹⁰

Conto contigo e não te mando títulos porque ficaria desfalcado nas assembleias e sem maioria são capazes de me tomar o jornal que tem meus 200 contos.¹¹

Só se essa gente aceitar recibos dos títulos em meu poder – o que me parece fantasia.

O Sergio que fundou aqui a Renascença está editando muitos brasileiros. Tem me mandado livros e a *Aguia*. Lá encontrei uma agressão idiota a ti. Mas decididamente Portugal e Brasil são muito parecidos. Porque [sic] essa gente quer resistir aí ao brilho do sol?¹²

Escreva-me.

Conto contigo.

Beijos no Paulo.

Que saudade da tua companhia. E amanhã fazes 24 anos!¹³

Coração do

Paulo

3 de fevereiro 1921

1. O comentário evidencia um traço da personalidade do escritor, um homem explícito em seu sentimento, revelando a grande e sincera amizade que nutria por João de Barros. Cercado de inveja e preconceito, sofrendo por anos perseguições implacáveis, antiéticas, como nos casos de Humberto de Campos e Antônio Torres, verdadeiros algozes, contava com o apoio de um amigo verdadeiro.
2. Que belo comentário sobre o exercício da profissão.
3. Exagero ou não, é fato que lançara *A Pátria* francamente em oposição ao governo, após a expulsão dos pescadores portugueses de Póvoa de Varzim que negavam a naturalização compulsória. Sem dúvida, o debate acirrou os ânimos de lusófilos e lusófobos, e ajudou a vender o jornal estreante.
4. Agora, em seu próprio jornal, podia combater os que para ele estavam obstruídos por concepções equivocadas e pouco críticas sobre a realidade nacional, ao propagarem injustamente a perseguição aos pescadores portugueses e promoverem um nacionalismo xenófobo.
5. Nota-se aí o desespero do jornalista para manter um jornal de oposição ao governo federal e que ainda apoiava a colônia portuguesa. Acaba hipotecando as casas, a sua, na Vieira Souto, e a de sua mãe, na Prudente de Moraes, em Ipanema.
6. O “Banco da Financial”, que pelo visto não colaborou financeiramente com João do Rio, era a Agência Financeira do Rio de Janeiro, organismo oficial português criado em 1887, e regulamentado em 1901, que canalizava para Portugal as remessas dos portugueses residentes no Brasil.
7. Queixa-se da falta de apoio financeiro dos banqueiros portugueses, a quem sempre defendera contra o jacobinismo, principalmente neste início dos anos 1920, quando se acirra o nacionalismo e o antilusitanismo.
8. Trecho de difícil interpretação. Mais uma vez, a falta da carta enviada por João de Barros, que poderia ajudar a esclarecer o comentário, deixa dúvidas e lacunas.
9. Trata-se de algum negócio que poderia render uma grande soma.
10. A carta deixa clara a oposição d' *A Pátria* ao governo de Epitácio Pessoa, esforço que seu diretor esperava não precisar repetir quando mudasse a situação (o jornalista contava que Nilo Peçanha, a quem o jornal apoiava, ganhasse as eleições, mas faleceu antes do pleito, vencido por Arthur Bernardes).

11. Como o jornal fora negociado em bolsa, se mandasse ações que lhe pertenciam a João de Barros colocava em risco sua posição acionária frente aos demais acionistas. Além do mais, havia apostado sua fortuna n'*A Pátria*.

12. O escritor português António Sergio editava a revista *A Águia*, periódico da Renascença Portuguesa, movimento cultural surgido após a proclamação da República portuguesa, em 1910 (António Sergio instalou, no Rio, oficinas da Renascença Portuguesa). João do Rio também comenta, com indignação, a crítica negativa de Sergio à obra do poeta João de Barros em uma das edições de *A Águia* (sua indignação se dava por considerar injusta a crítica a um literato como João de Barros, a quem tanto o Brasil e Portugal deviam pelas iniciativas em prol da aproximação fraterna entre as duas repúblicas). Vale ressaltar que esta importante revista luso-brasileira buscou manter vivos os laços culturais entre as duas repúblicas e nela colaboraram escritores do Brasil e de Portugal, assim como na *Atlântida*.

13. Ironia de João do Rio, pois João de Barros faria 40 anos em 4 de fevereiro de 1921.

"A PATRIA"

Diário de Manhã
DIRETOR - JOÃO DO RIO

Est. Tel. "PATRIARCA"

S. Largo da Carioca - 8
Telefone C. 411
RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro.

N.º 11/2718

Apesar de o seu estrebante, e de certos catastrophicos, porque os vizinhos da colônia, o Brasil da Pátria, e outros, não são mais os de antes, como não estão os seus membros, e disse q. de parte a parte, e os membros, e os membros q. não poderiam vir! Resolvi a telegrammas para a família, pois as suas visitas me

no Suisa faz
do e atendi.

Sapere uma gran
beira 150 e
mais e
o apetite
Porque no
de ser
Conto
os falca
me sou

"A PATRIA"

Diário de Manhã
DIRETOR - JOÃO DO RIO

Est. Tel. "PATRIARCA"

S. Largo da Carioca - 8
Telefone C. 411
RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro.

N.º 11/2718

Só se sua gente aceitar recibos dos títulos em meu poder e q. me possa fundar.

O Sergio q. fustou aqui a Revolução está ali, e os membros brasileiros. Tem me mandado cartas e o "Quia" de encontrar uma grevada idêntica a tu. Mas está também em tu e Brasil, em muito preciso. Porque sua gente quer voltar ali as bridas do sol?

Encerra-me.

Comto carinho
Beijos ao Dourado.

Que mande da tua companhia. E amarela faces 24
anos!

Comto carinho
Paulo

} de fevereiro - 1921

"A PATRIA"

Diário da Manhã
DIRECTOR - JOÃO DO RIO
Ed. Tel. "JORNALPATRIA"

S. Largo da Carioca - 8
Telephone C. 5422
RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro,

11/1/21

alv. 1 - 1921.

Meu caro João:

Devia escrever-te há 30 dias. Mas tive de ir a S. Paulo cuidar de negócios (não sou o governo mas sou os meus negócios particulares) e ali perdi quasi um mez de tempo nervoso por 40 contos sem nos do papel.

Os meus telegrammas sobre a fabrica a q. Portugal teve não pedido dos irmãos Koster - de Santa. Catharina. Não ganharamos com isso um pavo.

Vejo nas tuas cartas aflição pelo aspecto q. tem o caso Parasit - Portugal. Mas, João, quando o Epitácio manda construir uma casa para a Feição Nacionalista, eu acho q. ali fazem bem em desperdiciar.

Epitácio - não desperdiciaram como costumam.

V. sabe o q. fizeram?

Fizeram o officialto de Christó ao unico deputado D.



Rio de Janeiro, abril – 1921

Meu caro João

Devia escrever-te há 30 dias. Mas tive de ir a S. Paulo cavar dinheiro (não com o governo mas com os meus amigos particulares) e aí levei quase um mês de desespero nervoso por 40 contos necessários ao papel.¹

Os meus telegramas sobre a fábrica a que Portugal deve são pedido dos irmãos Konder – de Santa Catarina. Nós ganharíamos com isso um pouco.²

Vejo nas tuas cartas aflição pelo aspecto que toma o caso Brasil-Portugal. Mas, João, quando o Eptácio manda construir uma casa para a Ação Nacionalista, eu acho que aí fazem bem em desesperar. Apenas – não desesperam como convinha.³

Você sabe o que fizeram?

Deram o oficialato de Cristo⁴ ao único deputado jacobino da Câmara – o que apresentou a indicação para considerar a Ação, órgão de utilidade pública. Quanto a comendas – os jacobinos têm se regalado. Espero a do Delamare.

Só as tuas são de amigos.

E ainda assim... O Hercilio por exemplo oficiou ao Ministro da Agricultura dizendo que só lhe convém imigração italiana e alemã. E pensar que esse homem mandou chamar João de Barros para pedir imigrantes portugueses!

Escrevo ao Antonio José⁵ uma carta colocando a questão do nacionalismo no seu verdadeiro pé. Espero que ele te tenha falado.

O meu jornal é um retumbante êxito. Jamais se viu coisa igual no Brasil quanto à tiragem.

Vende mais que o *Jornal do Brasil* e o *Correio*.

Mas a minha agonia de dinheiro é fantástica. Imagina que em 31 de maio tenho um vencimento de 140 contos e a 31 de julho outro. Ao todo 380 contos! Onde arranjar esse dinheiro?

A colônia, após aqueles 70 contos iniciais – parou. Os comendadores dizem que o governo pode vir a saber. E outro dia um colchoeiro não quis dar o anúncio – porque podia comprometer-se.⁶

Olha que a luta pela aproximação é tremenda. Em um aceno estou quase branco. Levei uma rodada feroz.⁷

Esta carta é desalinhavada. Estou fatigadíssimo. Manda dizer se tens recebido os meus telegramas. Recordo-me de que a 8 de abril faz um ano em que tive a felicidade de te ter cá.

Que pena não termos dinheiro para vivermos juntos a passear! Realizaríamos os dois uma estupenda obra de Beleza e de Fé.

Beija o Paulinho.

[...] do

velho Paulo

1. Mantinha o esforço para angariar recursos para *A Pátria*, recorrendo a amigos.

2. Trecho de difícil interpretação referente a algum negócio do interesse de ambos.

3. O presidente Epitácio Pessoa mandara construir uma sede para a Ação Social Nacionalista, e a tornara órgão de utilidade pública. A ASN, da qual Epitácio era membro, era presidida por Afonso Celso. A sessão inaugural da ASN, realizada no dia 13/2/1920, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), foi aberta por Afonso Celso, em discurso eloquente em prol da nacionalização por completo do Brasil. À mesa da sessão estavam presentes Alcebiades Delamare Nogueira da Gama, diretor e redator da revista *Gil Blas*, e Álvaro Bomcar da Cunha, chefe da Propaganda Nativista, outra associação política nacionalista, e fundador da revista *Brasiléia*, ambos periódicos nacionalistas e lusófonos. Fazia também parte do grupo o jornalista e ex-seminarista de Diamantina, Antônio Torres, bem como Epitácio Pessoa.

4. Condecoração do governo português.

5. Revela a estreita relação que mantinha com Antonio José de Almeida, presidente de Portugal (1919-1923), para quem pelo visto escreveu sobre as exacerbações antilusitanas dos nacionalistas lusófonos no Rio. O curioso é que, anos antes, em 1919, João do Rio e João de Barros se empenharam pela visita de Epitácio Pessoa a Portugal, o que de fato ocorreu no mesmo ano. Em *Memórias: a intervenção de João do Rio, e também a minha na visita de Epitácio Pessoa a Portugal, em 1919*, João de Barros detalha a articulação de ambos, durante a viagem de João do Rio à Europa para cobrir a Conferência de Paz, como correspondente d'*O Paiz*, para efetivar a visita do estadista brasileiro a Lisboa. Considero que este episódio reforça a ideia de que o esforço dos dois amigos pela aproximação luso-brasileira seguiu um “roteiro” imaginário sustentado por um ideário político, iniciado com a *Atlântida* e continuado em *A Pátria*.

6. Os portugueses ricos e mesmo os simples comerciantes começavam a recear o apoio ao jornal que os defendia, temendo perseguições. Mais uma vez tomara para si uma luta solitária.

7. A constante oposição tornara-se visivelmente desgastante, fatigava-lhe a mente e debilitava sua saúde.

VII/2750

João

O commandante Leite de Castro
mandou-me por enfado uns papéis
secretos da Missão, q. te mandei pelo
Nobre, pensando q. eram o artigo.
É tão grave a coisa q. te telegraphiei
suspellido a publicação
Por q. só mandei os artigos papéis por
um portador. É grave.

O artigo do Leite de Castro, o verdadeiro
segue. Li o tele do Sévi. Estou a 4
de abril. Que será? Tu és hyper mysterioso
É a tua volta? Ella seria bendita.
Cada vez amo-te mais velloso João



João

O comandante Leite de Castro mandou-me por engano uns papéis secretos da Missão, que te mandei pelo Nobre, pensando que eram o artigo.

É tão grave a coisa que te telegrafei suspendendo a publicação.

Peço que só mandes os papéis por um portador. É grave.

O artigo do Leite de Castro, o *verdadeiro* segue. Li o tele do *Sévi*. Estou a 4 de abril. Que será? Tu és hipermisterioso. É a tua volta? Ela seria bendita.¹

Cada vez amo-te mais

velho Paulo

1. Esta carta, quase um telegrama, deixa uma série de dúvidas. O general do Exército brasileiro José Fernandes Leite de Castro remete, por engano, papéis secretos a João do Rio, em vez de um artigo, para ser publicado em jornal não especificado, o que faz o jornalista enviar um telegrama de urgência para João de Barros, a fim de suspender a publicação. Do que trataria tão secreta e perigosa missão envolvendo o Exército brasileiro e que caiu nas mãos de João do Rio erroneamente? A frase final de despedida deixa ver a tremenda saudade que João de Barros deixara no amigo. Comenta também que recebera um telegrama que sugeria um possível retorno em breve de João de Barros ao Brasil (estivera nos meses de abril e maio de 1920 no Rio, e retornaria somente em abril de 1922, para o Centenário da República, quase um ano após a morte de João do Rio, em 23 de junho de 1921).

TELEPHONE
2795

GRAND
DE LA

Rolissen



TYR MICHEL

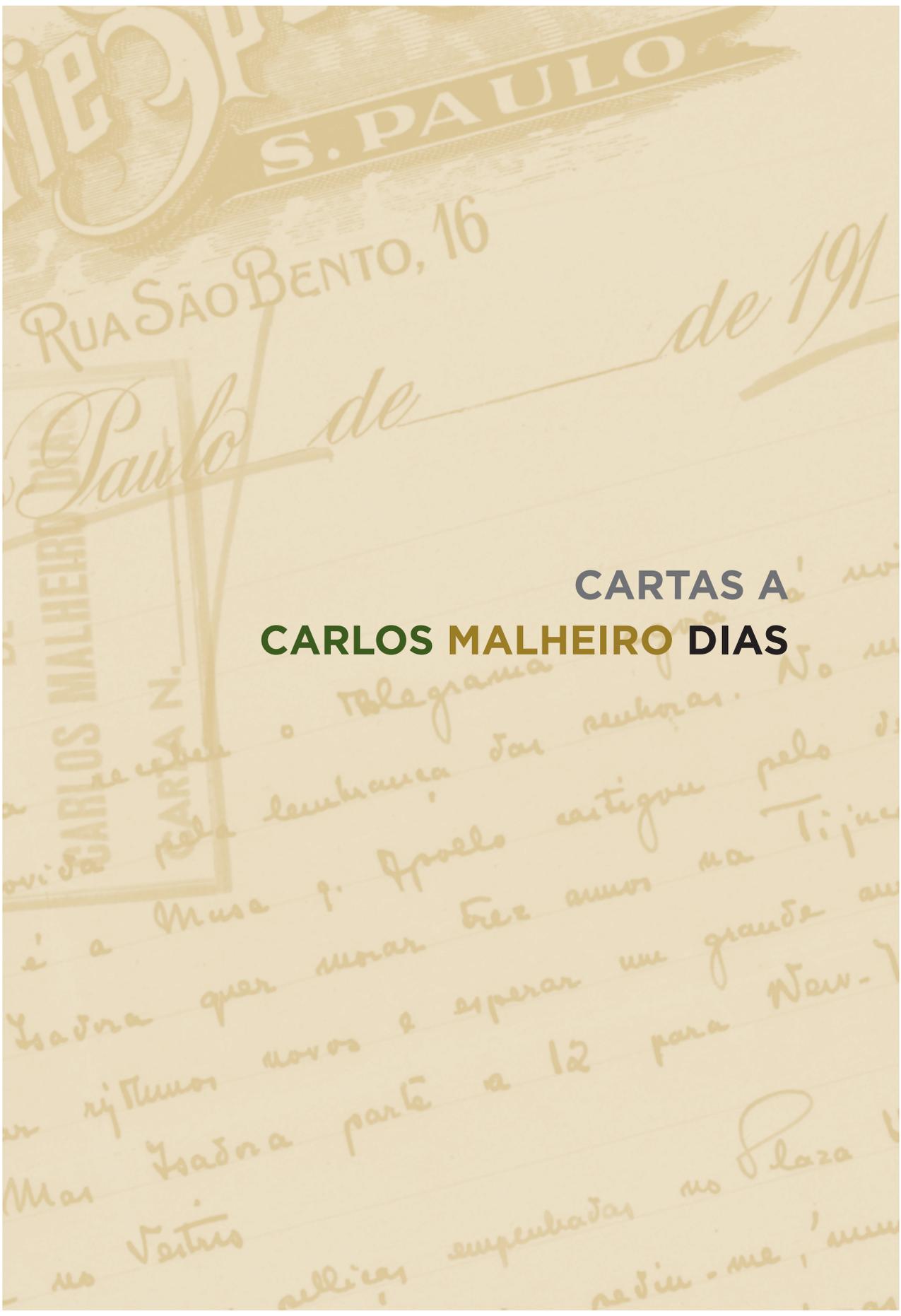
J. PASIEUR

POSTAL
571

São

QUIN

Meu querido Malheiro
Sua complicações! Y a For
e ficou realmente
Ludora - (pobresinha por que
ser mãe) - no momento
sua verde, vi ao mar, e
ilicará a arte.



**CARTAS A
CARLOS MALHEIRO DIAS**

ARQUIVO
DE
CARLOS MALHEIRO DIAS
Dell'1895-1
CARTA N.

Meu caro amigo.

Faço-me aluzar de vobos, e de vobos de mim. Não fizo para
libra. E muito tempo sem me lembrar Portugal, mas agora
muito longe, mas quero se a minha obrigação de fazer para
a Gaceta e quero se Portugal e foz.

Seu para tempo e ali passara tempo, e agora se descomente
com o Gido Giza a respeito de vobos, e eu abicari de
bontade de Carlos peduto. Me o foz de me abicari uma
rapta subitane com o Rey. De resto, meu alle com S. Major
tudo a Racha de vobos de vobos um desidido de vobos e os abo
se mais e se mais foz de Portugal. Não?

De um lado a sua abicari de vobos e de vobos, mas passara um tempo
por me ver Portugal, de vobos e de vobos. Abicari de vobos
mei para subitane de vobos de vobos de vobos, e de vobos.

- foz de vobos e de vobos de Portugal, e de vobos de vobos?

E qual o vobos e de tempo - e de vobos e de vobos para sempre
fobos. De vobos de vobos e de vobos de vobos de vobos e de vobos
vobos de vobos de vobos e de vobos de vobos, e de vobos de vobos
para de vobos e de vobos de vobos de vobos de vobos.

- fobos de vobos e de vobos de vobos, de vobos de vobos?

Meu caro amigo

Acabo de chegar de Londres, e devo partir 5^a feira para Lisboa. A minha demora nesse encantador Portugal não será muito longa, mas impõe-se a minha obrigação de fazer para a *Gazeta* o inquérito *Portugal d'Agora*.¹

Nesse pouco tempo que aí passarei podemos conversar decisivamente com o Silva Graça a respeito da revista,² e eu abusarei da bondade de Carlos pedindo-lhe o favor de me arranjar uma rápida entrevista com o Rei. De resto, nem ele nem S. Majestade a Rainha deixarão de ouvir um brasileiro da cidade que os adora mais que as mais fiéis de Portugal.³ Não?

Li em Londres a sua crônica em que a todos nós passa um sabonete por não ver Portugal, bem e com vagar. Agradecido ao qualificativo, não posso entretanto deixar de perguntar-lhe, posto que em segredo:

– Acredita V. que com dez anos de Portugal, o Baptista veja alguma coisa? A questão não é de tempo é de espírito e de sentimento para compreender. Da Vinci dizia que um homem sensível vê num dia o que o vulgar não vê num século, e o Jerome K. Jerome, a quem fui cumprimentar quando cheguei a Londres, dizia-me, como se fala a um discípulo:

– Acredita você que a maioria dos londrinos tenha visto Picadilly?

Vou para o Brasil com grandes disposições. Ao aparecimento dos meus últimos volumes,⁴ Coelho Neto, falando de Balzac, intimou-me

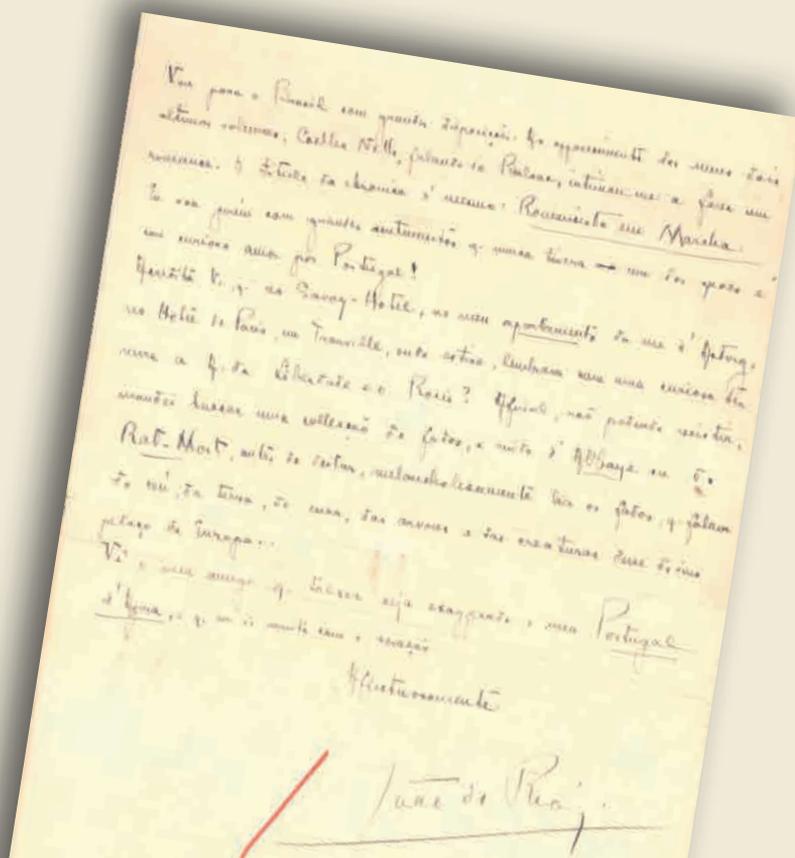
a fazer um romance. O título da crônica é mesmo: *Romancista em Marcha*. Eu vou porém com grandes sentimentos que nunca tivera um dos quais é um curioso amor por Portugal!

Acredita V. que no Savoy-Hotel, no meu *apartamento* da rue d'Astorg, no Hotel de Paris, em Trouville, onde estive, lembrava com uma curiosa ternura a A. da Liberdade e o Rocio?⁵ Afinal, não podendo resistir, mandei buscar uma coleção de fados, e vindo d'*Abbaye* ou do *Rat-Mort*, antes de deitar, melancolicamente lia os fados, que falam do céu, da terra, do mar, das árvores e das criaturas desse divino pedaço da Europa...

Vê o meu amigo que talvez seja exagerado o meu *Portugal d'Agora*, e que eu vi muito com o coração.

Afetuosamente

João do Rio



Vou para o Brasil com grande disposição. As impressões das minhas viagens
anteriores, a Bahia, o Rio, o Recife, o Porto, o Rio de Janeiro, a fazer um
romance. O título da crônica é mesmo: *Romancista em Marcha*.
Eu vou porém com grandes sentimentos, e um amor por Portugal!
Acredita V. que no Savoy-Hotel, no meu *apartamento* da rue d'Astorg,
no Hotel de Paris, em Trouville, onde estive, lembrava com uma curiosa ternura
a A. da Liberdade e o Rocio? Afinal, não podendo resistir,
mandei buscar uma coleção de fados, e vindo d'*Abbaye* ou do
Rat-Mort, antes de deitar, melancolicamente lia os fados, que falam
do céu, da terra, do mar, das árvores e das criaturas desse divino
pedaço da Europa...
Vê o meu amigo que talvez seja exagerado o meu *Portugal*
d'Agora, e que eu vi muito com o coração.

Afetuosamente

João do Rio

1. Possivelmente esta carta foi escrita de Paris, na volta de Londres e a caminho de Portugal. Trata-se de sua primeira viagem à Europa, em final de 1908, início de 1909. No retorno a Lisboa – seu ponto de chegada na Europa – escreverá as reportagens que publica na *Gazeta de Notícias* com o título de *Portugal d'agora*. Somente após a segunda ida a Portugal, em 1910, presenciando a República portuguesa recém-constituída, e Lisboa em ebulição, escreve novas reportagens, publicando então o livro homônimo em 1911.
2. Já estava em andamento o projeto de criação da *Atlântida*, que, entretanto, seria lançada somente em 1915.
3. Não se tem registro de entrevistas feitas por João do Rio, nesse período, com o rei D. Manuel II e a rainha de Portugal D. Augusta.
4. Em 1909 já publicara *As religiões no Rio* (1904), *O momento literário* (1905), *A alma encantadora das ruas* (1908), e naquele mesmo ano lançaria *Era uma vez...* (1909) e *Cinematographo* (1909).
5. Avenida da Liberdade e Rossio, locais famosos de Lisboa. Desde os primeiros textos fica claro que se apaixonou pela capital portuguesa, o que as ótimas reportagens de *Portugal d'agora* comprovam.

"A PATRIA"
QUINTA DE MARÇO
DIRETOR JOÃO DO RIO
RUA TOMBALPAZ
8 - LARGO DA CARIOCA - 8
RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro.

24/12/1912

Meu querido Carlos,

Perdoa o delirante!

Luiziana q. eu tive pela 1ª vez
vive uma crise habitual no Duz. Quasi
sempre! Não é conveniente fazer esperar os
Príncipes. Mas pode-se combater com o perdoar
dos Príncipes, quanto o motivo é justificante.

Uma 1ª desculpa

frutar o mea-culpa.

Apresenta-se sempre, sempre, mais uma vez
é pedir-te uma coisa grave.

Ex-corte

velho Paulo

ARQUIVO
DE
CARLOS MALHEIRO DIAS
CARTA N.

Meu querido Carlos

Perdoa o delirante!

Imagina que eu tive pela 1ª vez na vida uma crise habitual no Diniz.
Quase morro! Não é conveniente fazer esperar os Príncipes.¹
Mas pode-se contar com o perdão dos Príncipes quando o motivo é justificado.

Vou lá amanhã.

Gritar o *mea-culpa*.

Agradecer – sempre, sempre, mais uma vez

E pedir-te uma coisa grave.

ex-corte

velho Paulo

1. Ainda em Lisboa, tencionava entrevistar o príncipe D. Luiz de Orléans e Bragança e sua esposa D. Maria Pia de Bourbon. D. Luiz havia tentado desembarcar no Rio de Janeiro em 1907 e fora impedido em razão do banimento da família imperial, fato que gerou grande repercussão nos jornais da época e João do Rio registrou na coluna “Cinematographo” da *Gazeta de Notícias*. O comentário indica que alguma indisposição impediu João do Rio de comparecer ao encontro. A entrevista não consta do Catálogo Bibliográfico do jornalista.

JOÃO DO RIO

24/12/53-2

meu caro Mendelero - Acabo de chegar de S. Paulo. Tive v. sarra
das de razão. A culpa é toda desta minha sabedoria e do excesso de tra-
balho. Tendo provas de ter livros a rever, tendo de escrever para vários por-
tos e ainda mais grave: tendo de ganhar a minha vida (com a literati-
ra não se ganha, só se vive) - tive a minha sabedoria lançada. Como lhe ti-
verei mandado "matéria" com a diacronia grande, peço q. estivesse até ao
fim do mês. É ali a confusão
Havelin, ao ler a Revista em S. Paulo, pelo Savana q. escrevera por alguns
empregados: citar em falta de dois dias com vossas. Hoje, ao chegar
substituo a sua gentilíssima carta.

ARQUIVO
CARLOS MENDELERO DIAS
CAMA N.

Meu caro Malheiro – Acabo de chegar de S. Paulo. Tem você carradas de razão. A culpa é toda desta minha cabeça e do excesso de trabalho. Tendo provas de três livros a rever, tendo de escrever para vários pontos e ainda mais grave: tendo de ganhar a minha vida (com a literatura não se ganha, sabe você bem) tive a minha cabeça baralhada. Como lhe tivesse mandado “matéria” com adiantamento grande, pensei que estivesse até ao fim do mês. Daí a confusão.¹

Ontem, ao ler a *Revista* em S. Paulo, pela *Semana* que escrevera por último compreendi estar em falta de dois dias com vocês. Hoje, ao chegar encontro a sua gentilíssima carta.

Meu caro Malheiro, mil desculpas ainda uma vez e um pedido muito sincero: consinta que deixe de fazer parte da *Revista*.

Há um mês estou para lhe o fazer: há um mês hesito. Mas desde que o nosso caro Arthur resolveu mais trabalho (segundo vejo da sua carta) confesso-me incapaz de os seguir, tanto mais quanto serei forçado a ir à Europa, dentro de quarenta dias...²

Na vida de jornal – ou dono ou colaborador, só colaborador. Sempre que você ordenar, terei o maior prazer em ser – como fui vários meses – o grato colaborador da *Revista*.

E comunique você ao nosso Arthur a irrevogável decisão de quem é seu com o coração e com o espírito.³

Paulo

1. Em bilhete, atribui ao excesso de trabalho uma falha no envio de matérias para a *Revista da Semana*. Ao voltar de viagem, encontra uma carta de Malheiros cobrando dele colaboração em atraso. Malheiro Dias era diretor da revista, e João do Rio colaborava com reportagens com o pseudônimo Joe e assinava, como José Antônio José, a coluna “A semana elegante”. Trabalhou no periódico de fevereiro de 1916 a janeiro de 1917.

2. Curioso comentário, pois encerra sua colaboração na *Revista* em janeiro de 1917, mas embarcará para a Europa como correspondente de *O Paiz* para cobrir a Conferência de Paz, em Paris, somente em dezembro de 1918.

3. Com delicadeza e sinceridade, pede seu desligamento como colaborador da *Revista da Semana*.

241295-3

ARQUIVO
CARLOS MALHEIRO DIAS
CARA N.º

Meu querido Carlos.

Hanteu as 6 horas lembro-me do fragor e da tua promessa: Fizer-me a hora da partida.

Telephono 1313 sul. Sain' já. Branco parte 5 da manhã.

JOÃO DO RIO

Chego Paiz dez horas, após telephonar Rotmeria

Só meia hora depois dão-me o recado: 10 1/2 em barque. Vou a Porto. Estão lá 1 hora. Vejo o

Branco. Vejo meu Branco q. retira as malas Nata do Malheiro

Toro hoje 1313 sul. Creada. Manda-me a perar. Levou o phone 10 meu f...;

Mas onde estás tu? Onde Malheiro? Onde?!

Sem data

Meu querido Carlos

Ontem às 6 horas lembro-me do Araguay e da tua promessa: dizer-me a hora da partida.

Telefono 1313 sul. Saiu já. Barco parte 5 da manhã.

Chego *Paiz* dez horas, após telefonar Rotisserie. Só meia hora depois dão-me o recado: 10 ½ embarque. Vou ao Porto. Estou lá 1 hora. Vejo o Brandão. Vejo Mme. Brandão que retira as malas.

Nada de Malheiro.

Toco hoje 1313 sul. Criada. Manda-me esperar. Levo com o fone 10 minutos...

Mas onde estás tu? Onde Malheiro? Onde?!

No receio de não te encontrar para te dar um abraço de boa viagem e de felicidade rabisco estas linhas pedindo o favor de lewares estas duas cartas.

Um abraço

Outro abraço

Mais outro

E vá Malheiro pelo menos com uma certeza a da grande estima em que tem Carlos Malheiro Dias, o seu¹

Paulo

1. Um bilhete rápido após tentativa frustrada de encontrar Malheiro ainda no porto, antes do embarque no navio *Araguaya*, de volta a Lisboa. Deixa então esse bilhete na casa do escritor, pedindo que Malheiro Dias levasse duas cartas dele para algum destinatário em Lisboa. Explica que havia telefonado, mas não conseguira encontrá-lo. Deixara assim a encomenda, na esperança de que ele ainda tão tivesse partido.

N.º veio de mãe te encaminhar para
te dar um abraço de boa viagem e de
felicidade - talvez estas linhas perfumadas,
favor te levarem estas tuas cartas.

Um abraço,

Outros abraços,

Mais outros

E vá Malheira pelo menos com uma carteira
a de grande estufa em q. tem Carlos Malheir
no Rio, o seu

Paulo

"A PATRIA"

Diário da Manhã
DIRECTOR—JOÃO DO RIO

Ed. Telog. "JORNALPATRIA"

8-Largo da Carioca-8

Telephone C. 5422

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro,

Ville 1734



Meu caro Mr. Malheiro
Também me foi passada uma apelação - lida
Miss Toledo, mãe de Demétrio e lida
e Miss Agnes de Mesquita, a filha de
Sr. Medeiros e Albuquerque.
O q. ellas vão solicitar, solicito em - nome de
força p. meu

em - nome

Carlos

Sem data

Meu caro Malheiro

Tenho muito prazer em apresentar-lhe Mme. Toledo, mãe de Demétrio de Toledo, e Mme. Agres de Mendonça, a ilustre irmã de Medeiros e Albuquerque.

O que elas vão solicitar, solicito eu – como se fosse para mim.

ex-corte

Paulo¹

1. Um pequeno bilhete de recomendação.

24/11/85. 5

Meu caro Carlos

ficava a agradecer-te muito a me mandasses
dizer se a' prosa sair na Revista dos Trabalhos do
Norte. Mas de facto para sair

Pose muito bem a tua gentileza querer adiar uma negativa - e neste
caso, meu querido Carlos! a prosa é do Norte (Recife, Santa Bar-
reto, Torres, Jaraguá!) e eu eris uma iniciada, pensando elle q. é
desatenação.

Manda dizer se prosa sair, se nas mesmas sabbato proximo.

É; se a ti me a mão, se se me mandas aquella vocabulata
literaria ou Albertina Bertha.

Com o coração

Paulo

Meu caro Carlos

Ficava a agradecer-te muito se me mandasses dizer se é possível saírem na *Revista* esses trabalhos do Norte? Mas *de fato para sair*.

Pode muito bem a tua gentileza querer adiar uma negativa – e neste caso, meu querido Carlos! O poeta é do Norte (Recife, Dantas Barreto, tiros, Garanhuns!...) e eu crio uma inimizade, pensando ele que é desatenção.

Manda dizer se pode sair, se sai mesmo sábado próximo.

E, se a tiveres à mão, vê se me mandas aquela encabulada literatura da Albertina Bertha.¹

Com o coração

Paulo

1. Albertina Bertha, romancista. Este bilhete revela uma característica da personalidade de João do Rio: a generosidade. Para ajudar um amigo, pede a Malheiro Dias que aceite o artigo para publicação na *Revista da Semana*. Fez isso ao longo da carreira para auxiliar jovens escritores, fato comprovado por seus biógrafos. Publicaria uma resenha sobre o romance *Exaltação*, de Bertha, n' *O Paiz*, em 12 de fevereiro de 1916.



TELEPHONE
2795

GRAND HÔTEL
DE LA

Rotisserie Sportsman

S. PAULO

RUA SÃO BENTO, 16

CAIXA POSTAL
571

São Paulo de _____ de 1911

ARQUIVO
DE
CASOS MALHEIROS
PARA N.

Meu querido Malheiro

Sua complicações! Te adivinha escreves o telegrama agora a noite e fizes realmente comovido pela lembrança das auloras. No momento Hadra - (proberinha porque é a Musa q. Apollo castigou pelo desejo de ser mãe) - no momento Hadra quer passar tres annos na Tíjira, numa casa verde, vi ao mar, criar ritmos novos e esperar um grande amor a q. ella sacrificará a arte. Mas Hadra parte a 12 para New-York, onde tem um contracto. Sague no Vestris

Ho de mais, seu dinheiro, com as pedras suspensas no Plaza Hotel e sem nunca ter dançado em festas de candidata - ella pediu-me, 'umme bilhete muito camarada, q. eu falare a V. para junto das auloras não succo tran amão o perdai por não poder receber os prestio generosissimo e tão nobre.

Suero q. conhece pessoalmente Hadra q. sabe V. uma das grandes intelli genias romissis raras no mundo. Simta-feira no Rio hei de pol-or em contacto. Hadra é uma pequena pega, cuja alma tucka devoto annos no tempo de Phisias e de Pericles.

Dahi até meu bilhete q. pade duas coisas

- 1º - ser só, absolutamente só para o Malheiro
 - 2º - dizer q. Malheiro conserva a atmosphera da sympathy por Hadra, quantando segredo sobre o assunto anabilissimo
- Se ella não foi no Vestris talvez seja possível.

Com o coração Paulo

Meu querido Malheiro

Que complicação! Isadora recebeu o telegrama agora à noite e ficou realmente comovida pela lembrança das senhoras. No momento Isadora (pobrezinha porque é a Musa que Apolo castigou pelo desejo de ser mãe) no momento Isadora quer morar três anos na Tijuca, numa casa verde, ir ao mar, criar ritmos novos e esperar um grande amor a que ela sacrificará a arte. Mas Isadora parte a 12 para New York, onde tem um contrato. Segue no *Vestris*.¹

Ao demais, sem dinheiro, com as peliças empenhadas no Plaza Hotel e sem nunca ter dançado em festas de caridade – ela pediu-me, num bilhete muito camarada, que eu falasse a você para junto das senhoras não encontrar senão o perdão por não poder aceder ao pedido graciosíssimo e tão nobre.

Quero que conheça pessoalmente Isadora que sabe você uma das grandes inteligências sensíveis raras no mundo. Quinta-feira no Rio hei de pô-los em contato. Isadora é uma pequena grega, cuja alma tinha servido anos no tempo de Phídias e de Péricles.

Daí este meu bilhete que pede duas coisas

1º - ser só, absolutamente só para o Malheiro.

2º - desejar que Malheiro conserve a atmosfera da simpatia por Isadora, guardando segredo sobre o convite amabilíssimo.

Se ela não for no *Vestris* talvez seja possível.

Com o coração²

Paulo

1. A genial bailarina norte-americana Isadora Duncan (1887-1927) esteve no Rio em 1916 para apresentações no Theatro Municipal. Em carta a João de Barros, João do Rio revela que tivera um caso com a bailarina, por quem se apaixonou. Em suas memórias, Gilberto Amado conta que Isadora dançara nua na Cascatinha da Tijuca, tendo por testemunhas somente ele e João do Rio. A bailarina havia perdido seus dois filhos em um acidente, em 1908.

2. Ao que tudo indica, Malheiro pedia a João do Rio que intercedesse por um encontro de Isadora com senhoras da sociedade, o que nega com extrema delicadeza, sugerindo que Malheiro encontre Isadora sozinha, caso ela não tivesse já embarcado no navio *Vestris* para a América.



Programa da Temporada de Isadora
Duncan no Theatro Municipal, 1916

30/1918

ARQUIVO
DE
CARLOS MALHEIRO DIAS
CARTÃO

Meu caro Carlos

Estou em Poços - onde vim curar a neurasthenia e a
gordura. Recomendável porque aqui há o sol q. não
há tempo para a cura.

Há de receber um retrato em este bilhete. Lembrei-me da Re-
vista. O assunto é popular e da leitura. O nome q. não come
é plausível. Há para um artigo. Mantei redobrado certo de
q. os leitores da Revista terão a primeira da coisa.

Com saúdo de amigo

a criação do

João de Araújo

Meu caro Carlos

Estou eu em Poços – onde vim curar a neurastenia e a gordura.
Lamentável porque aqui tudo é tão *estação* que não há tempo para a cura.¹

Hás de receber um retrato com este bilhete.² Lembrei-me da
Revista. O assunto é popular e dá leitores. O homem que não come
é fenomenal. Dá para um estudo. Mandei retratá-lo certo de que os
leitores da Revista terão a *primeur* da coisa.

Com saudade amiga

o coração do

João do Rio

1. Viaja a Poços de Caldas, Minas Gerais, para tratar de sua frágil saúde. Curioso é que a temporada é tão movimentada que acaba por transformar a experiência no livro *Correspondência de uma estação de cura* (1918).

2. Mandara de Poços de Caldas uma foto para ser publicada na *Revista da Semana* sobre pessoas em regime alimentar para tratamento. Como não registra a data, torna-se difícil identificar a reportagem, uma vez que não foi publicada na coluna social que assinava.

BIBLIOGRAFIA

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos*. Tomo II, 1920-1935. Rio de Janeiro, 2006.
- ALMEIDA, Cristiane d'Avila Lyra. *João do Rio a caminho da Atlântida: por uma aproximação luso-brasileira*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2010.
- AZEVEDO, Manuela de. *Cartas a João de Barros*. Lisboa: Livros do Brasil, s/ data.
- BARROS, João de. *A aproximação luso-brasileira e a paz*. Paris: Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1919.
- _____. *Adeus ao Brasil*. Lisboa: Livros do Brasil, s/data.
- _____. *A energia brasileira*. Porto: Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1913.
- _____. *Alma do Brasil*. Rio de Janeiro: *A Noite*, 1937.
- _____. *Brasil*. s/data, s/ed.
- _____. *Caminho da Atlântida: uma campanha luso-brasileira*. Lisboa: Livraria Profissional Editora, s/ data.
- _____. BNP, Esp. N11, ACPC, 1985.
- _____. *Heróis portugueses no Brasil*. Lisboa: Aillaud e Lello, 1922.
- _____. *Hoje, ontem, amanhã*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1950.
- _____. *Memórias: a intervenção de João do Rio e também a minha na visita de Epiácio Pessoa a Portugal, em 1919*. s.d.; s.l.; 10 f; aut.
- _____. *Palavras ao Brasil*. Rio de Janeiro: *A Noite*, 1936.
- _____. *Portugal maior (Conferência)*. Com uma saudação de João do Rio. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1920.
- _____. *Portugal, terra do Atlântico*. Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1923.
- _____. *Presença do Brasil: páginas escolhidas (1912-1946)*. Lisboa: Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1946.
- _____. *Sentido do Atlântico*. Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand, 1921.
- _____. *Vida vitoriosa*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1943.

- BOAVIDA, Maria Filomena; FRAZÃO, Fernanda. *Pequeno Dicionário de Autores de Língua Portuguesa*. Lisboa: Amigos do Livro Editores, 1983.
- CARVALHO, José Murilo de. “Brasil: nações imaginadas”. In: *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, pp. 236-43.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COUTINHO, Afrânio, SOUZA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. 2. ed. rev., ampl., atual. e i. sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/ DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001.
- COUTO, Ribeiro. “Prefácio”. In: BARROS, João de. *Presença do Brasil: páginas escolhidas (1912-1946)*. Lisboa: Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1946, p. XIX – XXXIV.
- DIAS, Carlos Malheiro. *A mulata*. Pref. Alexandre Pinheiro Torres, do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Cardiff. Lisboa: Arcádia, 1975.
- _____. *Carta aos estudantes portugueses*. Lisboa: Portugal-Brasil Limitada Sociedade Editora, 1922.
- _____. BNP, Esp. D4, ACPC, 1988.
- _____. *Portugal-Brasil: discursos pronunciados no banquete em homenagem ao illustre escriptor brasileiro Snr. Paulo Barreto*, 1919.
- _____. “Relações luso-brasileiras: quimeras e realidades”. In: *Lusitânia: Revista de Estudos Portugueses*. Fascículo 1, janeiro de 1924. Lisboa: oficinas gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa (pp.193-207).
- _____. *Rumo à terra*. Rio de Janeiro: Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, 1917.
- GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio: vielas do vício, ruas da graça*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.
- _____. *João do Rio*. Rio de Janeiro: Agir, 2005 (Nossos Clássicos).
- GOMES, Renato Cordeiro, GAZOLLA, Ana Lucia Almeida, SILVA, Edson Rosa da et al. Cap. 41: Historic Displacements in Twentieth-Century Brazilian Literary Culture. In: VALDÉS, Mario J. and KADIR, Djelal (ed.). *Literary Cultures of Latin America: a Comparative History*. Vol. III: Latin America Literary Culture: Subject to History. Part Four: Literary Culture in the Twentieth Century. Section I: Historic Displacements. Oxford, New York: Oxford University Press, 2004. pp. 471-502. (vol. III: 753p.).

- KNOPFLI, Francisco. "Aliança Lusófona". In: *Brasil e Portugal: 500 anos de enlaces e desenlaces*. Rio de Janeiro: Revista Convergência Lusíada 18 – vol. 2, 2001, p. 140.
- LESSA, Carlos (org.). *Os lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MAGALHÃES JR., Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PAIVA, Janise de Souza. "Atlânticamente Atlântida: em busca de mares já navegados". In: *Convergência Lusíada* 18.
- RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19*. Belo Horizonte: Editor UFMG, 2008.
- RAMOS, Maria Bernardete, SERPA, Élio, PAULO, Heloisa (Org.). *O beijo através do Atlântico: o lugar do Brasil no Panlusitanismo*. Chapecó: Argos, 2001, p. 380.
- REGO, A. da Silva. *Relações luso-brasileiras (1882-1953)*. Lisboa: Edições Panorama, 1966.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. "*Cabras*" e "*Pés-de-chumbo*": os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro, 1889-1930. Dissertação de mestrado. Niterói, UFF, 1987.
- _____. "Antes sem pão do que sem pátria: o antiportuguesismo nos anos da década de 1920". In: *Brasil e Portugal: 500 anos de enlaces e desenlaces. Convergência Lusíada*, n. 18, 2001.
- RIO, João do. *Portugal d'agora*. Paris: Garnier, 1911.
- _____. *Sésamo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917.
- _____. *No tempo de Wencesláo...* Rio de Janeiro: Villas Boas & C., 1917.
- _____. *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar*. Rio de Janeiro: Villas Boas & C., 1916.
- _____. *Adiante!* Paris-Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1919.
- _____. *Ramo de loiro – notícias em louvor –*. Paris-Lisboa: Aillaud e Bertrand, s/d.
- _____. *Na Conferência de Paz. 3v.* Rio de Janeiro: Villas Boas & C, 1919.
- _____. *Fados, canções e danças de Portugal*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1909.
- _____. *Cinematographo: crônicas cariocas*. Porto: Lello & Irmão, 1909.
- _____. *Vida vertiginosa*. Paris: Garnier, 1911.

- RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: uma biografia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- _____. *João do Rio: catálogo bibliográfico*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1994.
- _____. *João do Rio: vida, paixão e obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ROEDEL, Hiran. “Comunidade portuguesa na cidade do Rio de Janeiro: mobilidade e formação de territórios”. In: LESSA, Carlos (org.). *Os lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 117-143.
- SÁ BARBOSA, Raul de. *Antônio Torres: uma antologia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.
- SARAIVA, Arnaldo. *O modernismo brasileiro e o modernismo português: subsídios para seu estudo e para a história das suas relações*. Porto: s. ed., 1986.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- TORRES, Antonio. *As razões da Inconfidência*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1957.
- VELLOSO, Monica Pimenta. *Levantamento da revista Brasiléia*. Fundação Getúlio Vargas. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Projeto Brasiliana, 1978.
- _____. *Levantamento da revista Gil Blas*. Fundação Getúlio Vargas. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Projeto Brasiliana, 1978.
- VILLAR, Frederico. *A missão do cruzador José Bonifácio: a nacionalização da pesca e a organização dos seus serviços (1919-1923)*. Biblioteca Militar, vol. LXXXV. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1945.

PERIÓDICOS:

A Pátria (1920/1921)

Atlântida (1915/1916/1917/1918/1919/1920)

Gil-Blás (1918)



ESTE LIVRO FOI PRODUZIDO NO ANO DE 2013
E IMPRESSO NA GRÁFICA DUO PRINT,
COM ARQUIVOS PARA CTP FORNECIDOS PELA FUNARTE

Há neste livro, disputando a atenção do leitor e se complementando, duas constantes: a obsessão do cronista João do Rio e a persistência da pesquisadora Cristiane d'Ávila. Ele, procurando a todo custo implantar o seu projeto de uma aliança luso-brasileira; ela, investigando durante mais de quatro anos, aqui e em Portugal, um aspecto inédito da bibliografia do cronista: as cartas que ele enviou a dois colegas portugueses dos quais se tornou amigo, os jornalistas e escritores João de Barros e Carlos Malheiro Dias. Eles foram seus parceiros na luta pela aproximação dos dois países num momento de forte antilusitanismo, ou seja, de afirmação da nossa identidade nacional pela negação da herança cultural portuguesa.

Do Prefácio de Zuenir Ventura

ISBN 978-85-7507-152-0



9 788575 071526

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

BRASIL
PAIS BICO E PAIS COM SABEDOR